**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL**

RENATO VIANA BOY

**Procópio de Cesareia e as disputas entre romanos e bárbaros
na *Guerra Gótica*: da “Queda de Roma” ao período de
Justiniano**

**São Paulo
2013**

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL**

RENATO VIANA BOY

**Procópio de Cesareia e as disputas entre romanos e bárbaros
na *Guerra Gótica*: da “Queda de Roma” ao período de
Justiniano**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social, do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Doutor em História.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Cândido da Silva

**São Paulo
2013**

RENATO VIANA BOY**Procópio de Cesareia e as disputas entre romanos e bárbaros
na *Guerra Gótica*: da “Queda de Roma” ao período de Justiniano****Banca Avaliadora**

Prof. Dr. Marcelo Cândido da Silva – USP (Orientador)

Profa. Dra. Neri de Barros Almeida – UNICAMP (Arguidora)

Prof. Dr. Carlos Augusto Ribeiro Machado – UNIFESP (Arguidor)

Profa. Dra. Leila Rodrigues – UFRJ (Arguidora)

Prof. Dr. Pedro Paulo Abreu Funari – UNICAMP (Arguidor)

Prof. Dr. Marcelo Rede – USP (Suplente)

Profa. Dra. Maria Cristina Correia Leandro Pereira – USP (Suplente)

Profa. Dra. Rossana Alves Baptista Pinheiro – UNIFESP (Suplente)

Profa. Dra. Ana Paula Torres Megiani – USP (Suplente)

Prof. Dr. Júlio César Magalhães de Oliveira – UEL (Suplente)

Para meus pais Frederico e
Célia, minha irmã Márcia e meu
irmão Juninho (*ad infinitum*) e
para Aline

Agradecimentos

Estas são as únicas páginas em todo o trabalho nas quais não preciso seguir rigorosamente as normas da ABNT, que não preciso fundamentar meus argumentos e pensamentos em fontes e bibliografia, que não será objeto de avaliação e que, talvez, venha a merecer menor atenção do leitor. Mas isso não a torna mais fácil de redigir, por toda a carga emocional que ela carrega.

Agradeço primeiramente aos familiares. Pai, mãe e Márcia, obrigado pelo apoio, carinho e compreensão nos muitos momentos de ausência. Juninho, quanta saudade...

À Aline, companheira leal de cada momento. Agradeço não apenas pelo amor, carinho e atenção durante os anos de dedicação ao doutorado, nos quais suas conquistas e sucessos me serviram de inspiração, mas por todo o caminho que estamos percorrendo juntos desde a graduação. Sua presença em minha vida foi, e continua sendo, fonte de muita energia para seguir sempre em frente. A você, meu agradecimento e meu amor.

Ao Professor Marcelo Cândido da Silva, orientador e mestre, pelo rigor, franqueza e perfeccionismo com que tratou esta pesquisa e, acima de tudo, pela confiança em mim depositada.

Ao Laboratório de Estudos Medievais da USP, que promoveu importantes discussões nas quais as principais reflexões deste trabalho foram colocadas à prova e possibilitou o surgimento de novas abordagens e questionamentos nesta pesquisa.

Ao Professor Celso Taveira, que me apresentou, ainda na graduação, as primeiras possibilidades de pesquisa sobre um tema tão pouco explorado pela historiografia brasileira. Ao longo de toda a minha formação, seus conselhos e

dedicação me serviram como um grande exemplo de profissionalismo e paixão pelo trabalho.

Aos professores Néri de Barros Almeida e Carlos Augusto Machado, pela leitura atenta, críticas e sugestões a este trabalho em sua fase de Qualificação, possibilitando o lançamento de novas perspectivas sobre o tema.

Aos funcionários da Secretaria de Pós-Graduação em História, em especial ao Osvaldo, pela atenção, profissionalismo e eficiência que sempre demonstraram em seu trabalho.

Aos meus tios Ângela e Helvécio, e primas Ariane e Rosiane, que abriram as portas de sua casa para me receberem quando cheguei à São Paulo e as mantiveram abertas ao longo de todo esse tempo.

Aos amigos do C-609, Daniel, Ivan e Nilton. Amizades verdadeiras que espero que se perpetuem pelos anos.

Aos amigos feitos na FFLCH/USP Verônica, Karen, Bruna, Marcelo Ferrassin, Diego, Vinícius: minha gratidão às eternas horas de conversas, acadêmicas ou não, sempre encerradas com boas risadas. A este último, devo a importante auxílio com o Abstract.

Ao Pablo, amigo de longa data, irmão de todas as horas. Agradeço a amizade e desejo sucessos.

Ao casal de historiadores fluminenses Victor e Sílvia. A quantidade de nossas conversas diminuiu em relação ao período do mestrado, mas a qualidade continua elevada. Agradeço sempre as palavras de incentivo destes dois.

Agradeço à CNPq, que financiou a execução desta pesquisa.

Cabe ao historiador esta função mediadora: comunicar pelo texto escrito o “calor”, restituir “a própria vida”. Mas não nos devemos iludir: esta vida que ele tem por missão instilar é a sua própria vida. E nisto ele tem tanto mais êxito quanto mais sensível se mostra. Deve controlar suas paixões, mas sem estrangulá-las, e tanto melhor desempenhará seu papel se deixar-se aqui e ali levar por elas. Longe de afastá-lo da verdade, elas têm todas as possibilidades de aproximá-lo mais ainda. À história seca, fria, impassível, prefiro a história apaixonada. Inclinar-me-ia mesmo a considerá-la mais verdadeira.

DUBY, Georges. **A História continua**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993. Pp. 61-62.

Resumo

A *Guerra Gótica* é uma narrativa composta em três livros, que fazem parte da coleção *História das Guerras*, de Procópio de Cesareia (490-562). Estes livros contêm relatos das campanhas enviadas pelo imperador bizantino Justiniano (527-565), com o objetivo de retomar para o Império o domínio sobre seus antigos territórios na Pérsia e no mundo mediterrânico, então sob autoridade de governos bárbaros. Estas guerras ficaram historiograficamente conhecidas como as guerras de “Reconquista”. As narrativas de Procópio se iniciam com a descrição da gradual perda do poder imperial na Itália em favor dos bárbaros em 476, que a historiografia consagrou como a “Queda de Roma”. Entretanto, Procópio não descreve esse processo como sendo a “queda” do Império, tão pouco fala das guerras de Justiniano como uma luta pela “Reconquista”. Mesmo assim, seus textos foram amplamente utilizados para estruturar e consolidar tais conceitos. Nossa proposta é analisar como o historiador interpretou as disputas pelo poder na Itália, travadas entre romanos e bárbaros, no período da deposição de Rômulo Augusto e no governo de Justiniano, contribuindo, assim, para a discussão de problemas historiográficos como os acima citados.

Palavras-Chave: Procópio de Cesareia, História das Guerras, Império Bizantino

Abstract

The Gothic War is a narrative composed in three books, which are part of the collection *History of the Wars* written by Procopius (490-562). These books contain accounts of the campaigns sent by the Byzantine Emperor Justinian (527-565), with the goal of regaining for the Empire the dominion over its former territories in Persia and the Mediterranean World, then under the authority of barbarian governments. These wars are historiographically known as the wars of "Reconquest". The narratives of Procopius begin with the description of the gradual loss of imperial power in Italy in favor of the barbarians in 476, which the historiography has consecrated as "Fall of Rome". However, Procopius did not describe this process as the "fall" of the Empire, neither wrote about the wars of Justinian as a fight for the "Reconquest". Even so, his texts were widely used to structure and consolidate these concepts. Our proposal is to analyze how the historian has interpreted the struggle for power in Italy, fought between romans and barbarians in the period of the deposition of Rômulo Augusto and the government of Justinian, thus contributing to the discussion of historiographical problems as mentioned above.

Keywords: Procopius, History of the Wars, Byzantine Empire

Sumário

Introdução		12
Capítulo 1	Procópio de Cesareia: trajetória e experiências do historiador na composição da <i>História das Guerras</i>	30
1.1	A experiência de Procópio de Cesareia nos campos de batalha da Guerra Gótica	31
1.2	O estilo clássico na composição da <i>História das Guerras</i>	40
Capítulo 2	<i>A Guerra Gótica</i> : história e historiografia	56
2.1	Aspectos historiográficos da <i>História das Guerras</i>	56
2.2	A tradição manuscrita da <i>Guerra Gótica</i>	82
Capítulo 3	Deposição de Rômulo Augusto e as guerras do século VI: apreensões de Procópio sobre a “Queda de Roma” e a “Reconquista” de Justiniano	105
3.1	As disputas pelo poder político na Itália do século V: historiografia e documentos	106
3.1.1	O problema historiográfico da “Queda de Roma”	107
3.1.2	A deposição de Rômulo Augusto e ascensão de Odoacro na <i>Guerra Gótica</i>	115
3.1.3	Comparação de relatos: a visão de Jordanes	119
3.2	A “Guerra de Reconquista” em Procópio de Cesareia	125
Capítulo 4	Os bárbaros na <i>Guerra Gótica</i>	139
4.1	Os godos segundo Procópio de Cesareia	139
4.1.1	A questão religiosa	146
4.1.2	A questão militar	155
4.2	Os francos: um caso emblemático entre os bárbaros	167

Considerações finais	177
Documentos e Bibliografia	186

Introdução

Desde o século XVIII que a chamada “Queda de Roma” intriga os historiadores e suscita os mais acalorados e controversos debates no que diz respeito aos significados, consequências e interpretações sobre o que teria se passado com o Império Romano no ano 476, quando o então Imperador Rômulo Augusto foi deposto por Odoacro. Os primeiros grandes trabalhos que se dedicaram a refletir sobre essa temática foram elaborados por Montesquieu, na obra *Grandeza e decadência dos romanos*, de 1777, e a obra ainda hoje tida como um marco historiográfico no assunto, escrita por Edward Gibbon, *Declínio e queda do Império Romano*, publicado entre 1776 e 1788.¹

Desde então, as discussões em torno dos eventos passados em 476 e, principalmente, de suas consequências políticas e culturais para a Europa Ocidental, nos conduzem a caminhos variados nas interpretações e possibilidades de compreensão desse processo. Afinal, as causas para a perda do poder imperial na Itália estariam ligadas a um enfraquecimento político e militar interno ou teriam tido nas chamadas invasões bárbaras o seu fator determinante?

Na tentativa de buscar uma resposta para perguntas como esta, duas correntes historiográficas se destacaram na primeira metade do século XX. Uma delas, que tem em historiadores como Ferdinand Lot² um de seus principais expoentes, acreditava na ideia de uma crise que teria tido seu início ainda no século III. Por esta via de explicações, o Império já se encontraria demasiado enfraquecido no século V, permitindo às ondas de populações bárbaras terem colocado um fim sobre uma estrutura

¹ Nesta pesquisa, estas obras foram consultadas a partir das seguintes edições: GIBBON, Edward. **Declínio e queda do Império Romano**. Tradução: Maria Emília Ferros Moura. Lisboa: Difusão Cultural, 1995, e MONTESQUIEU. **Grandeza e decadência dos romanos**. Tradução: Gilson César de Souza. São Paulo, Germape, 2002.

² LOT, Ferdinand. **O fim do mundo antigo e o princípio da Idade Média**. Lisboa: Edições 70, 1991 (primeira edição: 1927).

política e militar que há muito não mais podia se defender. É a interpretação que a historiografia consagrou como a tese da “morte natural” do Império.

Um dos principais nomes a propor uma reavaliação desta tese foi Andre Piganiol, que pensava nos acontecimentos de 476 não em termos de uma “morte natural”, mas sim de um verdadeiro “assassinado” do Império.³ Para esta corrente da historiografia, encabeçada por Piganiol, as chamadas “grandes invasões”, efetuadas por diversas populações bárbaras, teriam pressionado as fronteiras imperiais entre os séculos IV e V, sendo, assim, as principais responsáveis pela perda do poder imperial em seus domínios ocidentais.

Mas as discussões em torno das causas da “Queda de Roma” não foram a única grande preocupação dos historiadores em torno dos acontecimentos do ano 476. Outro amplo debate sobre a questão lida com as consequências sociais e políticas da deposição de Rômulo Augusto. Ela teria mesmo significado o fim do Império Romano no Ocidente? Este acontecimento pode ser compreendido como um momento de grande ruptura nas formas de organização política e social das sociedades europeias que, a partir do século V, não mais se encontravam sob o julgo do Imperador romano? Ou seria mais prudente nos pautarmos sobre uma via de continuidade, perceptível tanto na manutenção de algumas instituições do período imperial, quanto na própria existência do Império, então centralizado em Constantinopla?

A importância dessas reflexões não se resume a compreender as causas e consequências de um importante acontecimento envolvendo o poder imperial romano no Ocidente europeu. Mais do que isto, a historiografia consagrou à chamada “Queda de Roma” um papel de divisor de águas, ou melhor, de eras, na História Ocidental. É o evento que tradicionalmente representa um marco cronológico, indicando

³ PIGANOL, Andre. *L'Empire Chrétien (325-395)*. Paris: P.U.F., 1947.

pedagogicamente o que seria o fim do “Mundo Antigo” e o início da “Idade Média”. É ainda um ponto referencial para as discussões em torno de melhores definições para os conceitos de Antiguidade Tardia ou Alta Idade Média.

Foi este cenário de discussões e debates historiográficos que nos impulsionou a refletir sobre este tema, tão polêmico e, ao mesmo tempo, tão dinâmico em suas possibilidades de análise. Não era nossa intenção inicial buscar validar uma das correntes historiográficas já existentes em detrimento de outra, ou propor um olhar diferenciado e inovador sobre uma temática tão amplamente discutida. O propósito desta pesquisa era poder verificar o que os acontecimentos que a historiografia consagrou como sendo a “Queda de Roma” ou o “Fim do Império Romano no Ocidente”, teriam significado para um historiador bizantino do século VI, Procópio de Cesareia (490-562).

Procópio havia sido encarregado de narrar as campanhas militares enviadas pelo então imperador Justiniano (527 – 565), que visavam recuperar o controle político do Império sobre seus antigos domínios na fronteira oriental, no norte da África e na Península Italiana.⁴ Para o sucesso de tal empresa, o imperador enviou seus exércitos primeiramente contra os persas em 527, confiando o comando das tropas ao general do Oriente, Belisário. Posteriormente, nas fronteiras ocidentais, as tropas romanas obtiveram sucesso em território africano, derrotando ali as forças vândalas, em 534. No ano seguinte iniciou-se uma campanha contra os ostrogodos na Península Itálica, onde só depois de quase vinte anos de combates, o estrategista Narses comandou a vitória sobre

⁴ Quando falamos aqui do Império Romano ou dos romanos no período da Antiguidade Tardia, estamos nos referindo ao Império historiograficamente conhecido como *Bizantino*, a parte oriental da antiga Roma, de tradição grega. Preferimos essa nomenclatura em nosso trabalho por entendermos que os contemporâneos de Justiniano e Procópio de Cesareia (cuja obra se constitui na fonte principal desse estudo) não chamavam a si próprios por *bizantinos*, mas por *romanos*. As referências à *Bizâncio* na fonte tratam exclusivamente da capital Constantinopla, e não das fronteiras políticas imperiais como um todo. A referência ao termo *Império Bizantino* como algo diferenciado em relação à antiga Roma é uma construção historiográfica ocidental posterior, que encontra seus primeiros registros na Europa do século XVI.

a resistência inimiga. O auge desse processo de vitórias e estabelecimento do controle político imperial se deu quando o exército de Justiniano desembarcou na região da Espanha e, interferindo em querelas locais, ocuparam a parte sudoeste da Península Ibérica, em 554. Naquele momento, o norte da África, a Itália e parte da Península Ibérica voltavam a estar, pelo menos temporariamente, sob controle político do Império Romano.⁵

Os registros feitos por Procópio de Cesareia formam hoje as mais completas descrições destes combates. Estas foram organizadas em oito volumes: dois deles dedicados a *Guerra Persa*, outros dois à *Guerra Vândala*, três à *Guerra Gótica* e um oitavo e último volume, no qual o historiador faz um apanhado geral das cerca de duas décadas de combates entre romanos e “bárbaros”. Os oito livros foram reunidos sob o título de *História das Guerras* (intitulada *Υπερ Των Πολεμων* em grego e traduzida para o latim como *De Bellis*) e publicados entre os anos de 551 e 554. Embora o historiador tenha escrito sobre as três frentes de batalha em volumes separados, a numeração dos livros não representa, necessariamente, a ordem nas quais as narrações foram escritas, ou mesmo uma sequência cronológica dos acontecimentos.⁶ Apesar de ser um documento utilizado para o estudo do governo de Justiniano, o foco principal das descrições de Procópio são as guerras pela retomada do controle imperial sobre suas antigas fronteiras, e não uma história política geral do período. É uma escrita de História de tipo secular, concebida a partir de eventos militares contemporâneos ao seu autor.

Além da *História das Guerras*, Procópio de Cesareia ainda tem outras duas importantes obras escritas sobre o período do governo de Justiniano em Constantinopla.

⁵ Cf. OSTROGORSKY, Georg. **História del Estado Bizantino**. Tradução de Javier Facci. Madri: Akal, 1984. Sobre as chamadas Guerras de Justiniano, ver também MASS, Michael. **Age of Justinian**. Cambridge, 2005, John F Haldon,. **Byzantium in the seventh Century**. The Transformation of a Culture. Cambridge University Press, 1997, J. A. S. EVANS, **The Age of Justinian**. The circumstances of imperial power. **Greece & Rome**. 2nd Ser., Vol. 17, No. 2 (Oct., 1970), pp. 218-223.

⁶ Há períodos em que duas frentes dos combates se sobrepuseram no tempo. Cf. EVANS, J. A. S. Justinian and the Historian Procopius. **Greece & Rome**. Vol. 17, No. 2 (Oct., 1970). p. 221.

Uma delas foi a público pela primeira vez em 558⁷, intitulada *Das Construções* (em grego Περι Κτισματων, traduzida para o latim como *De Aedificis*). Trata-se de um panegírico dedicado à exaltação do Imperador Justiniano através de suas obras públicas na capital, em especial a reconstrução da igreja de Santa Sofia. A outra, que se tornou conhecida somente no século XVII, foi postumamente intitulada *História Secreta* (do grego Ανεκδοτα, e *Historia Arcana* em latim). Comparada com as obras anteriormente citadas, este é um trabalho diferenciado do historiador. Ao contrário das outras duas, que foram publicadas em vida pelo historiador, e que apresentavam um caráter oficial e um ponto de vista visivelmente favorável a Justiniano, na *História Secreta* Procópio não poupou críticas à política das guerras imposta pelo Imperador. Além disso, o historiador atacou diretamente não apenas Belisário, o general das tropas romanas, e sua esposa, Antonina, como também o próprio casal imperial, Justiniano e Teodora.

Dentre a produção historiográfica de Procópio de Cesareia, selecionamos a *História das Guerras* como nosso documento central de análises. E entre os oito livros que compunham a coleção, elegemos os três dedicados à Guerra Gótica como as fontes principais de nossas pesquisas. O acesso a estes textos é aqui realizado através da edição publicada pela The Loeb Classical Libray, de Londres, que possui uma versão bilíngue grego-inglês dos textos de Procópio, traduzidos por H. B. Dewing e G. Downey, que vieram a público pela primeira vez em 1914.⁸ Esta tradução e publicação tomou como referência a edição de Jacob Haury dos manuscritos da *História das Guerras*, da série Taubner, de Leipzig, constituída entre os anos 1905-1913.⁹

⁷ CATAUDELLA, M. R. *Historiography in the East*. In: MARASCO, Gabriele. (Org.). **Greek and Roman Historiography in Late Antiquity. Fourth to Sixth Century A.D.** Leiden: Brill, 2003. p. 404.

⁸ Cf. PROCOPÍUS. **Hystory of The Wars**. Vol. I. English translate by H. B. Dewing. London: Havard University Press. Cambridge, Massachusetts, London. 1996.

⁹ Essa obra ocupava dois dos quatro volumes da série *Bibliotheca scriptorum graecorum et latinorum*, sendo o primeiro volume referente aos livros I-IV da *História das Guerras*, e o segundo cobrindo os livros V-VIII. Cf. KALLI, Maria K. **The Manuscript Tradition of Procopius' Gothic Wars**; A

A justificativa para tal seleção de autor e obra (ou, neste caso, de parte da uma das obras de Procópio) se deve ao fato de ser nestes volumes específicos que o historiador apresenta suas narrativas sobre a deposição de Rômulo Augusto na Itália e a consequente ascensão do Odoacro¹⁰ ao poder. Estes volumes também estão repletos de passagens nas quais Procópio tece suas descrições das populações bárbaras com as quais as tropas romanas teriam travados seus combates, justificando o ataque a estes grupos com o argumento de que estas eram as populações responsáveis pelo rompimento da unidade romana nas regiões em disputa.

As demais produções de Procópio não se inserem diretamente em nossas preocupações nesta pesquisa por motivos diferentes. O livro *Das Construções* não diz respeito diretamente às problemáticas propostas para este trabalho, ou seja, não traz narrativas relacionadas à perda do poder imperial na Itália e, conseqüentemente, também não articula as crises e disputas pelo poder no governo de Justiniano com a ascensão de governos caracterizados como bárbaros em antigas possessões do Império Romano.

Já a *História Secreta* não consta entre os documentos principais desta pesquisa por outras razões. Primeiramente, estes textos também não estão diretamente preocupados em relacionar a perda de poder do Império em suas antigas possessões territoriais com a atuação de populações bárbaras. Além disto, a obra, relacionada ao período de governo de Justiniano, apresenta ainda uma peculiaridade que tornava impossível a sua utilização dentro dos propósitos aqui estipulados: o fato de estes textos não terem circulado entre os leitores romanos bizantinos contemporâneos a Procópio e ao Imperador Justiniano. Isto nos impede, por exemplo, de verificar a importância e o

reconstruction of family y in the light of a hitherto unknown manuscript (Athos, Lavra H-73). München, Leipzig: K. G. Saur, 2004. p. 5.

¹⁰ Odoacro é classificado por Procópio apenas como “um certo homem entre os romanos(...)”, um dos guarda-costas do imperador.” Cf. PROCOPIUS. *De Bello Gothico* V. i. 4. Já Jordanes, na *Getica*, refere-se a Odoacro como “rei dos turcilingos”. Cf. JORDANES, *Getica*. XLVI. 242.

lugar historiográfico da obra dentro do contexto específico das crises e disputas pelo poder entre romanos e bárbaros no século VI. A obra, apesar de ter tido algumas passagens abordadas nesta pesquisa, não está inserida entre os principais textos a serem analisados aqui.

Nos textos da *Guerra Gótica*, selecionados como os documentos centrais deste trabalho, tanto as descrições da perda do poder imperial em 476, quanto as caracterizações, na maior parte das vezes depreciativas, dos godos enquanto uma população bárbara inimiga do Império, parecem estar articuladas com os objetivos de Justiniano com as guerras. Nossa hipótese inicial era que as narrativas das *Guerras* não se prestavam simplesmente a uma descrição dos eventos decorridos nas batalhas, mas também (e principalmente) se propunham a tecer um bem fundamentado embasamento ideológico que tornassem justificadas as incursões militares das tropas romanas no século VI. Tal hipótese se alicerçava numa possível adesão do historiador ao projeto imperial, percebida pela sua relação de grande proximidade com a alta hierarquia política e militar do Império, uma vez que o historiador fora enviado junto às tropas militares pelo próprio Imperador Justiniano, na condição de Conselheiro particular do general Belisário. Esta posição de Procópio junto aos combates será por nós discutido no primeiro capítulo desta pesquisa.

As narrativas de Procópio sobre a deposição de Rômulo Augusto e as descrições dos bárbaros como uma população diretamente responsável pelas crises que envolviam o controle sobre o poder político na Itália, estabeleciam as bases argumentativas que justificavam o envio de tropas e os pesados investimentos imperiais para recuperar o poder sobre suas antigas fronteiras. Estes territórios eram descritos

como regiões governadas por populações não-romanas, que teriam tomado o poder do Imperador pelo uso da força.¹¹

Partindo das questões acima mencionadas, a proposta deste trabalho era desenvolvermos uma pesquisa arquitetada para analisar as narrativas da *Guerra Gótica* à luz do problema historiográfico da “Queda de Roma” e da dos bárbaros como responsáveis diretos pelos acontecimentos de 476. Pensávamos num exame da fonte como um documento construído num contexto de crise e disputas pelo poder imperial na Itália, no século VI, mas que nos permitisse a sua análise a partir do prisma das problemáticas acima citadas.

Uma vez compreendidos os propósitos das descrições de Procópio na *Guerra Gótica* e os limites que seu comprometimento com os objetivos de Justiniano impunham às descrições por nós analisadas, nos propusemos ainda um segundo objetivo. Acreditávamos ser possível desenvolver um estudo através do qual pudessemos verificar a hipótese de que a obra de Procópio pudesse ter servido na consolidação da imagem historiográfica, construída nos séculos XIX e XX, da “Queda” do Império no Ocidente.

Entretanto, durante o trabalho de leitura da historiografia sobre o tema e da documentação selecionada, os objetivos previamente traçados revelaram-se demasiado extensos, comprometendo a própria possibilidade de execução das propostas estabelecidas. A intenção de desenvolvermos um estudo sobre o lugar historiográfico da *Guerra Gótica* nas discussões sobre a “Queda de Roma”, somados a uma análise dos usos desse documento por uma diversificada e extensa bibliografia sobre o tema, apresentava-nos um trabalho de proporções tais que, dificilmente, poderiam ser encerrados nos limites de uma tese de doutorado.

¹¹ As formas pelas quais Procópio relata a tomada do poder na Itália por Odoacro serão discutidas no capítulo 4 desta pesquisa.

Neste cenário, havia um grande risco de que os recortes temáticos, cronológicos ou mesmo historiográficos por nós estabelecidos, pudessem nos conduzir a uma superficialidade, tanto nos pressupostos de seleção de autores, quanto nos próprios apontamentos da pesquisa. Pela diversidade de abordagens e discussões que o tema suscita, uma seleção da bibliografia com a qual deveríamos dialogar, por mais criteriosa que pudesse ser, certamente excluiria importantes obras e autores, ou apresentaria ao leitor um debate carente de análises mais detalhadas e consistentes.

Nesta etapa de reavaliação dos objetivos do trabalho, o exame de qualificação teve um papel fundamental no direcionamento da pesquisa. Os questionamentos apresentados aos objetivos iniciais deixaram claros os problemas que mencionamos acima. Entretanto, as críticas e, principalmente, as sugestões apresentadas ao texto funcionaram como guias que nortearam os caminhos que o trabalho seguiria a partir de então.

Um dos principais questionamentos apresentados aos eixos centrais do trabalho se pautava no impacto que a *História das Guerras* poderia representar nos debates sobre a queda Rômulo Augusto. Os oito livros da coleção eram, sem dúvida, um documento imprescindível para as pesquisas relacionadas à História do Império Bizantino no século VI, no período do governo de Justiniano. Porém, esses textos carregavam o mesmo peso historiográfico quando se tratavam de discussões sobre o problema da “Queda de Roma”? Procópio de Cesareia teria tido um papel decisivo, de fato, nos rumos tomados pelos debates sobre a construção, desconstrução e reconstrução de uma imagem historiográfica que está em discussão há mais de dois séculos? E, por fim, abordar um debate tão extenso seria mesmo uma tarefa viável para ser executada nesta pesquisa?

Não se tratava de propor uma substituição completa do escopo documental, mas sim de revisar e redirecionar as formas e os objetivos pelos quais os textos passaram a ser inquiridos. A sugestão proposta, que foi por nós acatada, dizia respeito a valorizar, como sendo essencial na pesquisa, uma chave de leitura que, até então, era tratada como secundária no trabalho.

Partindo da premissa de que os escritos de Procópio de Cesareia eram um testemunho fundamental para os estudos dos acontecimentos passados no Império no século VI, o foco da pesquisa deveria tratar o documento a partir deste princípio. Isso não significa que suas descrições sobre a deposição de Rômulo Augusto e suas consequências imediatas no século V, ou a responsabilidade que o historiador outorgava aos povos ditos bárbaros neste processo devessem ser definitivamente abandonadas. No entanto, as análises deveriam concentrar-se, a partir de então, no fato de Procópio ser um autor contemporâneo a Justiniano. Por isto, deveríamos valorizar, em seus textos, as preocupações que eram próprias ao período em que o historiador escreveu a *História das Guerras* e o seu lugar historiográfico para os séculos V e VI.

Neste sentido, a proposta central deste trabalho sofreu algumas alterações em relação ao plano inicial. Primeiramente, mantivemos o objetivo de analisar tanto as descrições de Procópio referentes à deposição de Rômulo Augusto na Itália quanto as suas descrições e caracterizações dos povos ditos “bárbaros”, em especial os godos, tidos como os principais responsáveis pelas crises e disputas pelo poder na Península Itálica. Mas a originalidade dessa proposta passou a estar no fato de analisarmos tais narrativas a partir das perspectivas e objetivos próprios do historiador quando da produção de sua obra, durante o período das guerras promovidas pelo imperador Justiniano. Esta nova abordagem do tema relegava a um segundo plano aquilo que, a princípio, era pensado como o eixo central do trabalho: a pesquisa sobre os usos de

Procópio por uma historiografia contemporânea na construção da imagem historiográfica da “Queda de Roma” e barbarização do Império.

Entre as perspectivas e objetivos próprios de Procópio, que passaram a merecer maior espaço no trabalho, destacam-se uma reflexão sobre a questão do gênero histórico escolhido pelo autor, sua ligação com os antigos modelos clássicos e seus objetivos e limites dentro das políticas imperiais de Justiniano, às quais Procópio estava submetido ao longo dos anos de escrita e publicação da *História das Guerras*.

A partir destas novas diretrizes, o trabalho foi reorganizado sob um novo planejamento de execução. Os três livros da *Guerra Gótica* continuaram sendo os documentos principais da pesquisa, considerando as problemáticas iniciais, embora a chave de leitura tenha se alterado. Os demais volumes da *História das Guerras* (sobre a *Guerra Persa* e a *Guerra Vândala*) foram aqui tomados como documentos secundários, permitindo-nos apresentar apontamentos mais concretos no que diz respeito à posição do historiador junto ao exército romano e algumas de suas descrições das populações godas. Da *História Secreta*, apenas algumas poucas passagens foram aqui trabalhadas, com o objetivo de dialogar com a *História das Guerras*, dentro das problemáticas acima propostas.

A estes livros, acrescentamos outras duas importantes obras da historiografia clássica que, como veremos no capítulo 2, teriam servido como os principais modelos para que Procópio compusesse a *História das Guerras*: as *Histórias* de Heródoto e *História da Guerra do Peloponeso* de Tucídides.¹² Por fim, outra obra

¹² Para esta pesquisa, trabalhamos com as seguintes edições destas obras: HEREDOTUS. **HISTORIES**. (ΗΡΟΔΟΤΟΥ ΙΣΤΟΡΙAI), Herodotus. English translate by A. D. Godley. London: Havard University Press. Cambridge, Massachusetts, London. 1966; e TUCIDIDES. **ΘΟΥΚΥΔΙΔΟΥ ΙΣΤΟΡΙΩΝ**. **History of the Poleponnesian War**. English translate by Charles Forster Smith. London: Havard University Press. Cambridge, Massachusetts, London. 1988.

que classificamos como documento secundário é a *Getica*, de Jordanes.¹³ Esta será utilizada para traçarmos um paralelo entre as descrições dos acontecimentos de 476, e seus primeiros desdobramentos no campo político, elaboradas por Procópio e por Jordanes. A escolha da *Getica* como documento comparativo à *Guerra Gótica* nesta temática se justifica pelo fato de ambas terem sido publicadas em Constantinopla no mesmo período. Desse estudo comparativo, acreditamos ser possível marcar, de maneira mais clara, as singularidades das descrições apresentadas por Procópio e como o historiador de Cesareia compreende os acontecimentos de 476, visto que este, ao contrário de Jordanes, não veria esse processo resultando numa “Queda” ou no “Fim” do Império Romano no Ocidente.

A partir destas novas diretrizes de pesquisas, o trabalho foi aqui organizado da seguinte maneira. Primeiramente, iniciamos nosso texto buscando compreender qual seria o lugar de Procópio, enquanto autor dos principais textos que nos servem como documentos. A intenção nestas discussões iniciais é problematizar a posição a partir da qual o historiador compôs suas narrativas das guerras. O posto de Conselheiro do general Belisário, ao mesmo tempo em que oferecia ao historiador a possibilidade de testemunhar as ações das tropas romanas nos campos de batalha, também impunha a ele limites que o impediam de construir suas descrições e narrativas com grande liberdade para expressar, explicitamente, suas opiniões e críticas ao governo imperial, ou mesmo ao comandante dos exércitos.

Uma vez discutido o ponto de onde Procópio teceu suas narrativas, nos dedicaremos a entender os caminhos que fizeram com que o historiador optasse por construir suas descrições e argumentos para a *História das Guerras* sob uma estrutura de narrativa histórica clássica antiga. Sendo um autor cristão do século VI, chama nossa

¹³ JORDANES. **Getica**. The Gothic History of Jordanes. In English version with a Introduction and a commentary. By Charles Christopher Mierow. Princeton: Princeton University Press; London: Humphrey Milford; Oxford University Press, 1915.

atenção o fato de Procópio ter preterido um estilo de escrita de História de tipo Eclesiástica e Universal, comum aos historiadores cristãos de seu período, para registrar os acontecimentos por ele testemunhados nas guerras segundo modelo de historiadores clássicos antigos.

O estilo de escrita de Procópio segue como uma das preocupações do capítulo seguinte da pesquisa. Dedicado a uma reflexão sobre aspectos historiográficos da obra, esta segunda seção se dedica ao estudo sobre a importância do gênero historiográfico, escolhido e justificado pelo historiador para a escrita das *Guerras*, e sobre o estilo de escrita utilizado por Procópio. A problemática aqui está na tentativa do historiador em tratar de um tema no qual o Cristianismo, com seus princípios e dogmas, aparece como um dos argumentos que caracterizam os godos como uma população bárbara e herética, o que os apresentava como um inimigo a ser combatido na Itália.¹⁴ A questão está no fato de esta temática ter sido trabalhada por Procópio dentro de uma estrutura clássica de escrita de uma História política e militar, inspirada em antigos historiadores gregos, como Heródoto e Tucídides. O que torna o caso da *História das Guerras* especial é justamente essa tentativa de articular, dentro de uma estrutura de clássica antiga, uma temática que é própria dos séculos V e VI. Desta forma, podemos afirmar que Procópio seguia uma abordagem narrativa em sentido contrário à produção historiográfica predominante no período, qual seja, a de tipo Eclesiástica e Universal.

Outra questão que nos preocupa neste capítulo é a abordagem que dedicamos a Procópio de Cesareia como um testemunho do governo de Justiniano no século VI. Isto porque a edição mais antiga que se tem notícia da *História das Guerras* data do século XIII. Ou seja, existe uma lacuna de sete séculos entre a publicação dos textos de Procópio e o manuscrito mais antigo ao qual o pesquisador tem acesso hoje.

¹⁴ Esse argumento, pelo qual Procópio de Cesareia aproximava a ideia do “bárbaro” à do “herético”, será trabalhado a partir de excertos da *História das Guerras* no capítulo 4.

Uma vez que pretendemos analisar a *História das Guerras* e, mais especificamente, a *Guerra Gótica*, a partir das preocupações e problemáticas próprias ao período das guerras na Itália, é necessário que nos preocupemos em responder, ou pelo menos apontar caminhos para esclarecimentos, sobre algumas questões que esta documentação nos coloca. Primeiramente, por que um documento da era de Justiniano só teria merecido uma preocupação com reedições e preservação sete séculos após sua publicação? Quais as motivações para que, passado todo esse tempo, a *História das Guerras* tivesse voltado a ser uma obra de interesse entre os leitores bizantinos? E, principalmente, como um documento cuja edição mais antiga se situa na era dos Paleólogos, pode servir como um testemunho historiográfico para os problemas colocados nessa pesquisa, diretamente relacionados ao período de governo de Justiniano?

Acreditamos que um estudo sobre a tradição manuscrita da *História das Guerras* nos permitirá não apenas ter acesso a uma reflexão mais consistente sobre as questões acima propostas, como também (e principalmente), contribuirá para demonstrar ao leitor que o trabalho com a *História das Guerras*, através das edições com as quais lidamos hoje, são perfeitamente viáveis aos propósitos de análise aqui apresentados.

Sobre este segundo capítulo, cabe a nós esclarecermos uma questão. Se esta pesquisa tem seu foco centrado na construção de uma obra do século VI, como um testemunho do período, analisada a partir de problemáticas que se situam no momento de sua escrita, como avançar na análise da tradição manuscrita até o século XIII? Como justificar esse avanço no recorte temporal?

Não se trata de uma mudança de perspectiva ou de extrapolar os limites do recorte cronológico da pesquisa. No caso do estudo da tradição manuscrita do

documento, a proposta é verificar a viabilidade de aplicação das problemáticas propostas para um documento, cuja edição mais antiga não é contemporânea ao período de sua publicação. Nesta pesquisa, nos propusemos a tomar a *Guerra Gótica* como narrativas das crises e tensões políticas do Império no século VI, tratando desde as disputas pelo poder na Itália até a uma fundamentação dos ataques aos bárbaros como inimigos e responsáveis por estas crises e conflitos com os romanos. Portanto, é necessário verificarmos se as questões aqui propostas para análise podem ser direcionadas a uma edição relativamente distante do período que seu autor testemunhou, e quais seriam os limites de um trabalho desta natureza.

Acreditamos que este tópico, da maneira como se apresenta no trabalho, poderá demonstrar que as reflexões aqui propostas são pertinentes ao material que possuímos das *Guerras*. Além do mais, como teremos a oportunidade de verificar, a edição de Jacob Haury, que é a base da publicação que tomamos como fonte para esta pesquisa, é a mesma que serviu também à grande maioria dos autores com os quais dialogamos em nossas discussões.¹⁵

Os capítulos três e quatro são dedicados a um estudo das descrições da *Guerra Gótica* que nos permitem compreender qual é a percepção de Procópio de Cesareia em relação às disputas, travadas entre as tropas romanas e bárbaras, pelo poder político na Itália. Os conflitos que aqui nos interessam se situam entre a deposição de

¹⁵ Entre os trabalhos que, assim como nós, tiveram a edição de Jacob Haury como fonte principal para o estudo da *História das Guerras*, citamos como exemplo: CATAUDELLA, M. R. *Historiography in the East*. In: MARASCO, Gabriele. (Org.). **Greek and Roman Historiography in Late Antiquity. Fourth to Sixth Century A.D.** Leiden: Brill, 2003; PAZDERNIK, Charles F. *Procopius and Thucydides on the Labor of War: Belisarius and Brasidas in the Field*. **Transactions of the American Philological Association**. Vol. 130. Emory University, 2000. pp. 149-187 e SCOTT, Roger. **Byzantine Chronicles and the Sixth Century**. Londres: Variorum/Asghate, 2012. Também lembramos que foi esta edição de Haury que serviu como modelo para a tradução da obra para diversas línguas, como inglês, francês, alemão, romeno e espanhol. Cf. KALLI, Maria K. **The Manuscript Tradition of Procopius' Gothic Wars**; A reconstruction of family y in the light of a hitherto unknown manuscript (Athos, Lavra H-73). München, Leipzig: K. G. Saur, 2004. p. 7.

Rômulo Augusto, em 476, até as guerras promovidas pelo Imperador Justiniano para retomar o controle sobre a Península, em meados do século VI.

No terceiro capítulo, procederemos a uma análise das descrições de Procópio da deposição Rômulo Augusto. Iniciado com um balanço historiográfico sobre a questão da “Queda de Roma”, a proposta desta seção é verificar o que Procópio relata em relação às disputas imperiais na Itália na segunda metade do século V e quais as motivações, descritas pelo historiador, para as campanhas militares enviadas por Justiniano contra os godos. Afinal, para Procópio, 476 representa o fim do Império Romano no Ocidente? Os objetivos de Justiniano na região estavam alicerçados sobre a ideia de uma “Reconquista” territorial? Nossa hipótese é de uma resposta negativa para as duas questões. Assim sendo, pretendemos nos posicionar junto a uma historiografia sobre o tema, demonstrando qual seria a percepção de Procópio, presente na *Guerra Gótica*, para as disputas pelo poder na Itália entre os séculos V e VI, uma vez que o historiador não pauta suas narrativas nem pelas ideias de fim do Império Romano, nem de uma “Reconquista” territorial com Justiniano. Acreditamos, e tentaremos demonstrar pelo documento, que Procópio narra as guerras contra os godos em termos de reorganização de uma das instâncias de atuação do poder imperial na Itália, que teria se estremecido com a ascensão de Odoacro, mas que não teria se rompido definitivamente em 476.

Ao estudo das passagens da *Guerra Gótica* propomos também uma comparação com os relatos de Jordanes sobre o mesmo evento, na obra *Getica*.¹⁶ A escolha deste livro se justifica porque seu autor também descreveu os mesmos acontecimentos que Procópio, na mesma época (a obra foi publicada provavelmente no ano 550) e na mesma cidade, Constantinopla. A comparação entre as duas obras para

¹⁶ JORDANES. **Getica**. The Gothic History of Jordanes. In English version with a Introduction and a commentary. By Charles Christopher Mierow. Princeton: Princeton University Press; London: Humphrey Milford; Oxford University Press, 1915.

esta temática realçará as especificidades da visão de Procópio sobre os acontecimentos narrados.

Por fim, o quarto e último capítulo irá refletir sobre uma questão diretamente relacionada à seção anterior: Se os bárbaros não foram os responsáveis pela “Queda” do Império Romano no Ocidente, como apresentamos em nossa hipótese, qual a justificativa para os ataques de Justiniano aos godos no século VI? Tendo em mente a posição a partir da qual Procópio construiu suas narrativas, a de Conselheiro do general Belisário, o historiador precisava fundamentar, com argumentos sólidos, todo o investimento do Império nas campanhas militares, em especial as da Itália, que duraram quase vinte anos. Neste sentido, se, por um lado, os godos não são descritos com os responsáveis pela “Queda de Roma”, por outro, eles são caracterizados por Procópio como os principais agentes do rompimento do equilíbrio nas relações de poder entre Constantinopla e a Itália, entre a segunda metade do século V e a primeira do VI.

Por ocupar um posto oficial junto aos exércitos romanos, Procópio apresenta aos leitores uma justificativa para os ataques aos godos, caracterizando-os como populações bárbaras, que possuíam práticas de culto consideradas heréticas pelos romanos e que eram militarmente mal organizados e mal equipados para os combates. O elemento “bárbaro” será aqui analisado à luz das discussões sobre a construção de um tipo de identidade, que foi histórica e socialmente elaborada na *Guerra Gótica*. Acreditamos que essas caracterizações dos bárbaros, e em especial dos godos, somadas às descrições de Procópio em relação à deposição de Rômulo Augusto e a posterior desarticulação nas relações entre Constantinopla e a Itália, poderiam servir como fundamento à construção da narrativa de guerras tidas como historicamente legítimas e ideologicamente justificadas.

A partir destes apontamentos, este trabalho tem por objetivo principal analisar qual o significado que as crises e tensões nas disputas pelo poder na Itália apresentam na *Guerra Gótica*. Uma vez que Procópio não parte da premissa de que o Império tivesse deixado de existir em 476, propomos aqui um estudo sobre o como o historiador interpretou a ascensão de Odoacro ao poder na Itália e quais os fundamentos ideológicos que justificavam o envio de tropas imperiais contra os godos, enquanto populações bárbaras, para a recuperação do controle político sobre o antigo centro do poder imperial romano, durante o governo de Justiniano.

CAPÍTULO 1:

PROCÓPIO DE CESAREIA: TRAJETÓRIA E EXPERIÊNCIAS DO HISTORIADOR NA COMPOSIÇÃO DA *HISTÓRIA DAS GUERRAS*

Antes de iniciarmos nossos estudos sobre as problemáticas aqui propostas para a obra *História das Guerras* e, mais especificamente, sobre a *Guerra Gótica*, faz-se necessário refletirmos sobre dois importantes fatores que exerceram grande influência sobre Procópio de Cesareia na composição de suas narrativas. O primeiro diz respeito à experiência do historiador nos campos de batalha, acompanhando as tropas romanas junto ao general Belisário, do qual era Conselheiro particular. O segundo trata dos parâmetros de uma historiografia em estilo clássico de escrita, dos quais o historiador se utiliza na produção de seus textos.

Nosso objetivo nestes dois tópicos é, primeiramente, problematizar como o posto ocupado por Procópio junto ao exército bizantino, além de possibilitar que o historiador testemunhasse grande parte dos eventos que foram por ele registrados nas *Guerras*, poderia também interferir nas escolhas do historiador na composição final de seus textos. Na sequência, pretendemos compreender os caminhos que conduziram Procópio a uma escrita baseada nos modelos clássicos antigos de História, escolhidos pelo historiador, em detrimento da produção de uma História de tipo Eclesiástica (como aquela produzida por Eusébio de Cesareia), comum aos historiadores cristãos do século VI.

A partir destas discussões, pretendemos analisar o trabalho de construção das narrativas de uma das três seções da *História das Guerras*, a *Guerra Gótica*, partindo, para tanto, de duas vias de análise: a primeira diz respeito às relações estabelecidas pelo historiador com o poder imperial e militar durante o período de

elaboração da *História das Guerras*, e como essa relação teria, de alguma forma, interferido na construção das narrativas do historiador. Já a segunda pretende compreender por que Procópio teria predileções pelos modelos clássicos para a escrita de seus registros dos combates na Itália.

Acreditamos que esta análise inicial nos permitirá, nos capítulos seguintes, trabalhar sobre as descrições das populações bárbaras, em especial os godos, e as narrativas das disputas pelo poder na Península Itálica, atentando-nos para estes dois importantes aspectos na constituição da obra: a vinculação das narrativas de Procópio com os preceitos do estilo clássico de escrita da História e o comprometimento do historiador com a política imperial em suas narrativas. Tal comprometimento será analisado tendo como base a proximidade de Procópio, tanto com o Imperador Justiniano, quanto com o general Belisário.

1.1- A experiência de Procópio de Cesareia nos campos de batalha da Guerra Gótica

Para a elaboração da *História das Guerras* e, mais especificamente, da *Guerra Gótica*, Procópio seguiu junto às tropas nas campanhas militares, tendo sido enviado pelo próprio imperador, com o intuito de testemunhar e registrar os eventos que seriam objetos de suas narrativas. Pelo menos nos primeiros anos da Guerra Gótica, o historiador parece ter-se mantido junto ao general e comandante das tropas romanas na Itália, Belisário, atuando como Conselheiro particular deste. Quando dizemos que Procópio esteve nos primeiros anos junto a Belisário, estamos nos referindo mais especificamente ao período intercalado entre os anos 527, ano em que Belisário foi nomeado comandante das tropas romanas em Daras, na fronteira oriental, e 540, durante

a Guerra Gótica. Como veremos adiante, nesse ano o historiador teria saído da Itália e regressado a Constantinopla, juntamente com o próprio general.

O primeiro passo para procedermos a uma análise dos textos de Procópio é buscarmos compreender quais seriam os objetivos principais do historiador ao escrever a *História das Guerras*. Neste sentido, devemos salientar que a produção historiográfica de Procópio de Cesareia (com exceção da *História Secreta*) tinha como propósito exaltar os feitos militares e políticos do período do governo de Justiniano. Ao se dedicar à narrativa das guerras promovidas pelo imperador no século VI, Procópio parecia crer que contemplaria ali os mais importantes registros históricos de sua época. O próprio autor afirma isso no primeiro livro da *História das Guerras*: “É evidente que nenhum feito mais importante ou mais grandioso está para ser encontrados na história que aqueles os quais tem sido documentados nessas guerras”¹⁷

Procópio julgava-se, ainda, privilegiadamente habilitado para o registro de tão importantes acontecimentos. Isso se devia justamente ao fato de o historiador ocupar, durante as guerras, o posto de Conselheiro particular do general Belisário, estando assim numa posição de testemunha visual dos acontecimentos a serem por ele descritos. Nas palavras do próprio autor, era essa posição de testemunha que deveria conferir maior grau de veracidade e confiabilidade a suas histórias:

Além disso, ele [Procópio falando de si próprio] não tinha dúvidas de que era especialmente competente para escrever a história daqueles eventos, se não por outra razão, porque caiu para sua sorte, quando foi apontado conselheiro do general Belisário, estar próximo de praticamente todos os eventos a serem descritos.¹⁸

¹⁷ PROCOPIUS. *De Bello Persico* I. i. 6. “κρείσσον δέ οὐδε ἢ ἰσχυρότερον τῶν ἐν τοῖσδε τοῖς πολέμοις τετυχηκότων γε ὥς ἀληθῶς τεκμηριοῦσθαι βουλομένῳ φανήσται.”

¹⁸ PROCOPIUS. *De Bello Persico* I. i. 3. “καὶ οἱ αὐτῷ ξυηπίστατο πάντων πάλιστα δυνατοῦ ὦν τάδε ξυγγράψαι κατ’ ἄλλο μὲν οὐδέν, ὅτι δὲ αὐτῷ ξυμβλούῳ ἡρημέῳ βελισαρίῳ τῷ στρατηγῷ σχεδὸν τι ἅπασι παραγενέσθαι τοῖς πεπραγμένοις ξυνέπεσε.”

Ainda no mesmo volume das *Guerras*, ao narrar o início das investidas contra os persas, Procópio descreve o contexto no qual Belisário fora nomeado comandante das tropas romanas, em meio aos confrontos na fronteira oriental:

Uma invasão também foi feita próximo à cidade de Nisibis por outra tropa romana, sob comando de Libelarius da Trácia. Esse exército retirou-se abruptamente, embora ninguém tenha vindo contra eles. E por causa disso, o imperador rebaixou Liberalus dessa função e nomeou Belisário comandante das tropas em Daras.¹⁹

E, na sequência, o historiador reafirma sua posição junto ao comandante das tropas romanas: “Foi naquele momento [527] que Procópio, que escreve essa história, foi escolhido como seu [do comandante Belisário] conselheiro.”²⁰

Estas duas passagens são emblemáticas no que tange à relação de proximidade de Procópio de Cesareia, tanto com Justiniano, quanto com Belisário. O Imperador era quem havia nomeado Belisário o novo comandante das tropas imperiais, comandante este de quem o historiador era muito próximo, pelo posto por ele ocupado ao longo dos combates. Estas relações, que aproximam Procópio de uma hierarquia política e militar no período em que compôs os textos das *Guerras* nos permitem pensar que, em grande medida, estamos diante de narrativas construídas e articuladas para servirem aos objetivos de Justiniano em suas lutas contra populações bárbaras. Em outras palavras, acreditamos que a *História das Guerras* e, em especial, a *Guerra Gótica*, teriam sido construídas com um ponto de vista favorável ao Imperador Justiniano e ao general Belisário. O fato de Procópio ter reservado a outro conjunto de

¹⁹ PROCOPIUS. *De Bello Persico* I. xii. 23-24. “εἰσέβαλε δὲ καὶ ἀμφὶ πόλιν Νίσιβιν ἄλλη Ρωμίων στρατιά, ἥς Λιβελάριος ἐκ Θράκης ἤρχεν. οἱ φεύγοντες εὐθυωρόν τήν ἀναχώρησιν ἐποιήσαντο, καίπερ οὐδενός σφίσιν ἐπεξιόντος. διό δὴ Λιβελάριον μὲν παρέλυσσε τῆς ἀρχῆς βασιλεύς, Βελισάριον δὲ ἄρχοντα καταλόγων τῶν ἐν Δάρας κατεστήσατο.”

²⁰ PROCOPIUS. *De Bello Persico* I, xii. 24. “τότε δὴ αὐτῷ ξύμβουλος ἤρέθη Προκόπιος ὃς τάδε ξυνέγραψε.”

textos, a *História Secreta*, que não foram publicados em vida pelo historiador, suas principais críticas ao Imperador e ao general, corroboram com esta hipótese.

Além de testemunhar grande parte dos acontecidos em combate, o posto de Conselheiro presumia, entre suas obrigações, que o historiador devesse escrever as cartas e discursos do general, fazendo inclusive cópia delas.²¹ Isto nos leva a crer que muitos desses escritos reproduzidos nas *Guerras* possam conter o texto completo das referidas cartas e discursos. Entretanto, é curioso percebermos que, mesmo sendo conselheiro do general, não é comum encontrarmos, na *História das Guerras*, ocasiões nas quais Procópio aparece dialogando diretamente com Belisário. Num desses raros momentos, encontramos uma proposta do historiador sendo acatada pelo general nos campos de batalha. Procópio sugere que os comandos de voz durante as batalhas fossem substituídos por dois tipos diferentes de trompetes, como faziam os antigos generais: um tocado pela cavalaria, ordenando aos soldados irem à luta, e outro, tocado pela infantaria, ordenando o recuo das tropas. Belisário então acatou tal sugestão.²² Não sabemos com segurança, porém, se as intervenções de Procópio junto às decisões do comandante foram, de fato, pouco frequentes ou se, por algum outro motivo que desconhecemos, elas mereceram pouco espaço em sua obra.

Entretanto, Procópio não foi testemunha ocular de todos os eventos que narrou na *Guerra Gótica*. Disso resulta que, mesmo em trabalhos dedicados exclusivamente ao estudo das *Guerras*, ou, sendo mais específico ainda, em pesquisas focadas em uma das três seções, como é o caso aqui, encontramos importantes variações na forma como Procópio aborda seu objeto ao longo de seus textos. Um exemplo trata do que Averil Cameron chama de “mudança de entusiasmo” do historiador ao longo de sua escrita. Segundo a autora, de um excitamento jovial percebido nos primeiros anos

²¹ Cf. TREADGOLD. Warren. **The Early Byzantine Historians**. Londres: Palgrave Macmillan, 2010. p. 216.

²² Cf. PROCOPIUS. **De Bello Gothico**. VI, xxiii, 23-28.

da Guerra Gótica, Procópio passa a um estado de desapontamento com Belisário e de resignação.²³ Um acontecimento que marca essa virada do historiador no tratamento do seu objeto é o fato de ele provavelmente ter saído da Itália junto com Belisário, por volta do ano 540, quando o general fora chamado novamente à defesa da fronteira oriental, e de ter permanecido em Constantinopla pelos anos seguintes da guerra:

E o imperador, não tanto por ter sido persuadido por aquelas difamações como porque a Guerra Médica estava já pressionando-o, chamou Belisário a voltar tão rápido quanto possível, a fim de tomar o campo contra os persas (...).²⁴

Numa passagem na qual o historiador narra a grande peste de Constantinopla, em 542, Procópio afirma claramente que estava na capital do Império nesse período, e não na Itália:

E essa doença sempre teve seu início na costa e de lá foi para o interior. E no segundo ano ela alcançou Bizâncio [Constantinopla] no meio da primavera, onde aconteceu de eu estar residindo naquela época.²⁵

Por não ter estado presente na Península Itálica ao longo da década de 540, Procópio teria elaborado suas histórias, referente a esses anos de combates, a partir não de seu testemunho próprio, mas por informações fornecidas por terceiros, não claramente explicitados ou identificados na obra.

²³ Cf. CAMERON, Averil. **Procopius and the Sixth Century**. Londres: Duckworth, 1996. p. 7. Essa opinião referente a uma mudança de um entusiasmo inicial de Procópio na *Guerra Gótica* para um desapontamento e até mesmo uma decepção a partir da década de 540 é compartilhada por outros pesquisadores. Como exemplos, citamos CATAUDELLA, M. R. *Historiography in the East*. In: MARASCO, Gabriele. (Org.). **Greek and Roman Historiography in Late Antiquity. Fourth to Sixth Century A.D.** Leiden: Brill, 2003. Pp. 392-393 e p. 413; KALLI, Maria K. **The Manuscript Tradition of Procopius' Gothic Wars**; A reconstruction of family y in the light of a hitherto unknown manuscript (Athos, Lavra H-73). München, Leipzig: K. G. Saur, 2004. p. 2; SCOTT, Roger. Justinian's new age and the Second Coming. In: _____. **Byzantine Chronicles and the Sixth Century**. Londres: Variorum/Asghate, 2012. p. 20.

²⁴ PROCOPIUS. **De Bello Gothico**. VI, xxx, 2. “βασιλεύς δέ οὐχ ὅσον ταῖς διαβολαῖς ταύταις ἀναπισθίεις, ἀλλ’ ὅτι οἱ ὁ Μηδικὸς πόλεμος ἐνέκειτο ἤδη, Βελισάριον μὲν ὡς τάχιστα μετεπέμψατο, ὅπως ἐπὶ Πέρσας στρατεύσειεν (...).” Ressaltamos aqui que, o fato ao qual Procópio se refere na citação acima como “difamações” se refere a sua narrativa imediatamente anterior ao trecho citado, na qual o historiador afirmava que oficiais do exército imperial haviam caluniado Belisário, acusando-o de tirano (τιραννίδα) junto ao imperador.

²⁵ PROCOPIUS. **De Bello Pérsico**. II, xxii, 9. “ἀρξαμένη δέ αἰεὶ ἐκ τῆς παραλίης ἡ νόσος ἦδε, οὕτω δὴ ἐς τὴν μεσόγειον ἀνέβαινε χώραν. δευτέρω δέ ἔτει ἐς Βυζάντιον μεσοῦντος τοῦ ἥρος ἀφίκετο, ἐνθα καὶ ἐμοὶ ἐπιδημεῖν τηλικαῦτα ξυνέβη.”

Warren Treadgold aponta que Procópio, provavelmente, teria a intenção de publicar a coleção *História das Guerras* por volta do ano 540. Entretanto, desde 541 muitos importantes eventos continuaram a ocorrer (como a peste em Constantinopla, citada no trecho acima, e a própria continuidade dos conflitos entre romanos e godos na Itália), obrigando-o a adiar a data de sua publicação.²⁶ Por não ter testemunhado diretamente a maior parte dos eventos decorridos na Itália ao longo desta década, suas narrativas acabaram sendo bem menos detalhadas e sua compreensão dos eventos menos sutil, em comparação com as narrativas dos primeiros anos da Guerra Gótica.²⁷

Essas alterações, embora significativas, não anulam o fato de Procópio de Cesareia ter se inserido nas campanhas imperiais junto aos objetivos militares de Justiniano, o que tornava a escrita das *Guerras* ajustada aos propósitos políticos do Imperador. Anthony Kaldellis corrobora essa ideia ao comparar Procópio com Agatias (historiador bizantino do século VI, posterior a Procópio), afirmando, no entanto, que este último teria encontrado “relativa liberdade” para tecer suas críticas a Justiniano, uma vez que o imperador já havia morrido quando este historiador escrevera sobre seu governo. Já Procópio, por seu turno, quando publicou a *História das Guerras*, não só o Imperador, mas também o general Belisário ainda eram vivos.²⁸ E, ainda segundo Kaldellis, por conta de sua educação clássica, Procópio não estaria suficientemente preparado para lhe dar um governo classificado pelo autor como um “tipo de tirania.”²⁹

Ao contrário da *História Secreta*, por exemplo, onde Procópio não poupa críticas nem à política expansionista do Império, nem mesmo à pessoa do Imperador e

²⁶ Cf. TREADGOLD, Warren. **The Early Byzantine Historians**. Londres: Palgrave Macmillan, 2010. p. 185.

²⁷ Além de Warren Tradgold, essa sugestão de saída do historiador da Itália nesse período, juntamente com as consequências disso para a construção de sua narrativa, são também trabalhadas por CAMERON, Averil. **Procopius and the Sixth Century**. Londres: Duckworth, 1996. p. 136.

²⁸ Cf. KALDELLIS, Anthony. **Procopius of Caesarea: Tyranny, History, and Philosophy at the End of Antiquity**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2004. p. 20.

²⁹ Cf. KALDELLIS, Anthony. **Procopius of Caesarea: Tyranny, History, and Philosophy at the End of Antiquity**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2004. p. 14.

de sua esposa Teodora, na *História das Guerras* o historiador apresenta um nível muito sutil de críticas. Essa sutileza e descrição no teor de suas críticas certamente estão ligadas ao posto ocupado pelo historiador junto ao general Belisário. Entretanto, Averil Cameron, historiadora especialista no estudo da historiografia bizantina do período da Antiguidade Tardia, acredita que algumas críticas a Justiniano, colocadas nas falas e ações de outros indivíduos, poderiam estar ligadas às suas próprias críticas e opiniões pessoais em relação ao governo imperial. Um exemplo pode ser visto na *Guerra Persa*, quando relata as observações do persa Mermeroes:

E Mermeroes observou, por meio de um insulto, que o o romano era digno de lágrimas e lamentações, pois tinham chegado a tal estado de fraqueza que tinham sido incapazes, por qualquer plano, de capturar cento e cinquenta persas indefesos.³⁰

É importante salientarmos que, mesmo que tais críticas fossem, de fato, compartilhadas por Procópio, como sugeriu Cameron, estes relatos faziam parte do trabalho de registro do historiador. Além do mais, quando nos debruçamos numa leitura mais cuidadosa da *Guerra Gótica*, é possível encontrar nela algumas críticas sutis a Justiniano na voz do próprio historiador. Essas passagens encontram-se principalmente no livro VII, referente justamente aos eventos passados nos anos 540. Nelas o historiador as faz diretamente, sem valer-se das falas ou ações de outros personagens. Um exemplo é encontrado quando Procópio afirma que, apesar dos constantes ataques dos érulos à Trácia e ao Ilírico, o Imperador sempre pagava a eles um tributo sem maiores resistências:

Então, sempre que mensageiros dos érulos são enviados a Bizâncio [Constantinopla], representando muitos homens que estão saqueando

³⁰ PROCOPIUS, *De Bello Pérsico*. II, xxx, 17. “ὁ τε Μερμερόης ἐπιτωθάζων δακρύων τε καὶ θρήνων ἄξιαν ῥωμαίων τὴν πολιτείαν ἔφασκεν εἶναι, οἷς γε δὴ ἐς τοῦτο ἀσθενείας περιεστήκει τὰ παράγματα, ὥς πεντήκοντά τε καὶ ἑκατὸν ατειχίστους Πέρσας μηδεμιᾶ μηχανῇ ἐξελεῖν δεδυνῆσθαι.”

súditos romanos, eles recolhem toda a sua contribuição do Imperador sem a menor dificuldade e as levam para a casa.³¹

Outro exemplo é percebido quando o historiador descreve a chegada dos exércitos imperiais, trazendo consigo alguns godos e suas riquezas, conquistados na Itália. No trecho abaixo, Procópio acusa Justiniano de ter negado a Belisário os triunfos da Guerra Gótica por “inveja”, apesar das conquistas do general:

Mas ao receber a riqueza de Teodorico, uma notável visão em si mesma, ele apenas enviou para os membros do Senado para ver pessoalmente no palácio, estando com inveja por causa da magnitude e esplendor dos empreendimentos; e ele nem as trouxe para fora, diante do povo, nem fez para Belisário o acordo do habitual triunfo, como tinha feito quando ele voltou da vitória sobre Gelimar e os vândalos.³²

Como visto, tentar definir de maneira clara os trechos na *História das Guerras* nos quais Procópio teria apresentado seus questionamentos ao governo de Justiniano, velados sobre falas e ações de outros indivíduos, é uma tarefa complexa e que exigiria, sem dúvida, um estudo comparativo destas narrativas com os escritos da *História Secreta*. Por outro lado, apesar da liberdade restrita que o historiador possuía na construção da *História das Guerras*, é possível encontrarmos Procópio descrevendo de maneira mais crítica algumas posturas do Imperador, sem que isso se configurasse numa explícita atitude de deslealdade ao governo imperial. Tal postura encontrava sua justificativa no compromisso assumido pelo historiador com o relato daquilo que

³¹ PROCOPIUS. *De Bello Gothico*. VII, xxxiii, 14. “ήνίκα οὖν Ἐρούλων ἐς Βυζάντιον πρέσβεις σταλεῖεν, τούτων δὴ τῶν ἀνδρῶν, οἱ τοὺς Ῥωμαίων κατηκόους λήζονται, τάς συντάξεις ἀπάσας πρὸς βασιλέως κεκομισμένοι πόνῳ οὐδενὶ ἀπαλλάσσονται.”

³² PROCOPIUS. *De Bello Gothico*. VII, i, 3. “τόν δέ Θεουδερῖχου πλοῦτον ἀξιοθέατον ὄντα δεξάμενος ἐν Παλατίῳ τοῖς μὲν ἐκ βουλῆς ἐν παραβύστῳ θέαμα προῦθηκεν, ἐπὶ τῷ ὄγκῳ τῶν πεπραγμένων φιλοτιμούμενος, οὔτε δέ ἐς τὸν δῆμον ἐξηνεγκεν οὔτε τὸν θρίαμβον Βελισαρίῳ παρέσχετο, ὥσπερ ήνίκα Γελίμερά τε καί Βανδίλους νενικηκώς ἦλθε.”

considerava ser uma narrativa da “verdade” histórica, apresentada no primeiro capítulo da *Guerra Persa*, o primeiro livro da *História das Guerras*.³³

A combinação de todos estes fatores (uma guerra longa à qual o historiador não testemunha presencialmente por completo, decepções com os desfechos dos combates a partir da década de 540, críticas às ações políticas e militares de Justiniano), faz com que os livros da *Guerra Gótica*, entre aqueles que compõem a *História das Guerras*, ofereçam ao leitor um objeto mais complexo. Tal apontamento se deve ao fato de as guerras na Itália terem oferecido aos exércitos de Justiniano maiores obstáculos e dificuldades, durante um tempo mais prolongado do que aqueles vividos pelos romanos contra os persas ou os vândalos. Essa opinião, apresentada primeiramente por Cameron, é compartilhada por Treadgold, que diz ser a *Guerra Gótica*, também devido à sua complexidade, o “trabalho mais maduro de Procópio.”³⁴

Além das questões ligadas à própria temática e à experiência de Procópio de Cesareia nos campos de batalha italianos, outro fator faz, não apenas da *Guerra Gótica*, mas de toda a *História das Guerras*, um objeto de estudos ainda mais especial e excêntrico: o fato de seu autor ter estruturado suas narrativas num estilo clássico antigo de escrita da História. Alguns possíveis caminhos que podem ter conduzido o historiador a optar por este modelo de escrita serão apontados a seguir. Entretanto, um estudo sobre os paradigmas utilizados por Procópio para a construção destes textos, inspirados principalmente em Heródoto e Tucídides, se procederá com maior detalhamento no capítulo 2 deste trabalho.

³³ Uma discussão sobre a ideia de “verdade” na *História das Guerras* será abordada no capítulo II desse trabalho.

³⁴ Cf. Cf. CAMERON, Averil. **Procopius and the Sixth Century**. Londres: Duckworth, 1996. P. 207 e TREADGOLD, Warren. **The Early Byzantine Historians**. Londres: Palgrave Macmillan, 2010. p. 204.

1.2- O estilo clássico na composição da *História das Guerras*

Este tópico é dedicado a algumas reflexões críticas que nos permitam avaliar as motivações que levaram Procópio a construir suas narrativas das guerras num estilo clássico antigo, e não em um modelo de História Universal e Eclesiástica, comuns aos historiadores cristãos do seu período. Pretendemos verificar como as referências a um estilo de escrita da História clássica teriam influenciado Procópio na estruturação das sessões que compuseram, posteriormente, a *História das Guerras*.

Ressaltamos, desde já, que não pretendemos aqui elaborar uma tese comparativa que envolva a produção historiográfica de Procópio e outros historiadores dos séculos V e VI, como Jordanes e Orósio, ou um estudo entre as suas histórias e as crônicas bizantinas, como as de Malalas, também escritas no século VI sob o governo de Justiniano. Qualquer exercício de análise que apresente estas intensões exigiria um trato com um escopo documental muito superior ao aqui selecionado, demandando um trabalho de proporções grandiosas, que escapam aos limites pensados para esta pesquisa.

Também não está entre as propostas desta pesquisa uma análise voltada a toda a produção historiográfica de Procópio, a saber, os livros a *História das Guerras*, as *Construções* e a *História Secreta*. Um estudo nesse sentido nos levaria a encontrar como que três autores distintos, pois, como visto na Introdução deste trabalho, cada um de seus livros foi escrito em um estilo diferente, variando entre uma história militar, um panegírico e uma obra de injúrias ao Imperador e ao general Belisário. Sobre essa questão, Averil Cameron sugere que a diversidade nas formas utilizadas por Procópio para a produção de seus textos estivesse diretamente relacionada a diferentes respostas do historiador em relação às mudanças de cunho pessoal ou às circunstâncias políticas com as quais havia se deparado nos anos de sua produção. Nesse sentido, os três

grandes trabalhos de Procópio podem ser compreendidos como representantes de três diferentes abordagens sobre o governo de Justiniano, a partir de percepções e propósitos distintos do historiador, que se via inserido em uma posição oficial junto ao exército romano e que, por esta razão, uma liberdade completa para expressar-se em seus textos não era possível.³⁵

Portanto, para um estudo do conjunto da obra de Procópio de Cesareia, há que se analisar, para cada caso, a posição do historiador em relação ao objeto de suas narrativas, suas intenções pessoais e políticas, além das implicações que sua formação intelectual teria exercido sobre sua produção historiográfica. Estas são tarefas que estão imbrincadas ao trabalho de pesquisadores que se dediquem a um estudo de grande fôlego sobre o Império Bizantino no século VI, sobre a chamada “Era de Justiniano”, ou ainda aqueles que, como Averil Cameron, buscaram estabelecer relações e pontos de confluência entre as três grandes obras procopianas.

Não buscamos aqui uma comparação entre os diversos “Procópios” possíveis em cada um de seus livros. Nosso esforço está em compreender as escolhas específicas de Procópio para a composição da *História das Guerras*, para que, na sequência, possamos refletir sobre os problemas historiográficos pontuais, propostos neste trabalho para o conjunto de textos selecionados. Tais problemas lidam com reflexões a cerca da construção da imagem da “Queda de Roma” e também dos “bárbaros” como responsáveis diretos pelas crises e disputas pelo poder sobre a Itália, nos séculos V e VI.

Assim, pensamos nossa pesquisa a partir de pretensões bem menos ambiciosas. As problemáticas às quais dedicaremos os capítulos seguintes se restringem a pontos específicos das narrativas de Procópio, não ao estudo do governo de Justiniano

³⁵ Esse é um caminho apontado em CAMERON, Averil. **Procopius and the Sixth Century**. Londres: Duckworth, 1996. p. 2.

como um todo ou sobre a produção historiográfica completa do historiador. Circunscrevemos nosso foco de análises em torno das descrições de Procópio sobre os combates entre romanos e godos na Itália. Por isso, nosso escopo documental principal (mas não único) se concentra sobre os livros V, VI e VII da *História das Guerras*, que são dedicados à *Guerra Gótica*. São nestes volumes que se concentram as descrições do historiador sobre os godos enquanto bárbaros a serem combatidos e derrotados no século VI, além de também permitirem uma reflexão sobre problemas historiográficos como a questão da chamada “Queda de Roma” ou da “Guerra de Reconquista” de Justiniano.

Dessa forma, a análise aqui proposta sobre a opção de Procópio pelos modelos clássicos de escrita da História, será desenvolvida com o objetivo de compreender o estilo de escrita utilizado pelo historiador para proceder à suas narrativas, preterindo a uma historiografia comum ao século VI, de tipo Eclesiástica e Universal.³⁶ A importância de se entender como Procópio conheceu e os motivos pelos quais teria escolhido escrever em estilo clássico nos permitirá entender, entre outras coisas, porque o historiador iniciou suas descrições das guerras por pontos específicos da História do Império propriamente dita, e não recorrendo a um tempo bíblico, como o *Gênesis* por exemplo, ou aos primórdios da História Imperial.

O fato de Procópio não se reportar ao longínquo período de Criação do Mundo, cujas referências estariam na Bíblia, não significa que não estejamos diante de um historiador cristão do século VI, como discutiremos no capítulo seguinte. Entretanto, apesar de cristão, os trabalhos dedicados ao estudo de aspectos historiográficos das obras de Procópio ressaltam sempre a estreita ligação da *História das Guerras* com o estilo de escrita dos antigos gregos clássicos. Entre as obras e

³⁶ Essa diferenciação entre um modelo clássico de escrita da História e aquele de tipo Eclesiástico e Universal serão mais detalhadamente explorados no capítulo 2 desse trabalho.

autores desse estilo de escrita, há dois que se sobressaem como as principais referências para Procópio e com as quais é possível traçar um maior número de paralelos: as *Histórias*, de Heródoto, e a *História da Guerra do Peloponeso*, de Tucídides, ambas do século V a.C. Existe uma extensa bibliografia dedicada ao estudo dessa relação entre a escrita de Procópio de Cesareia e, em especial, da *História das Guerras*, e as obras de Tucídides e Heródoto. Nestes estudos, não encontramos discussões que coloquem em xeque essa relação historiográfica, sendo esta afirmação quase que um consenso entre os historiadores.³⁷ Os paralelos que podem ser traçados entre os textos de Procópio e as obras dos dois antigos historiadores estão presentes em diversas passagens das *Guerras*.³⁸

Procópio teria tomado contato com esses antigos modelos de História clássica muito provavelmente em Cesareia, na Palestina, terra natal do historiador. Sua cidade de origem é conhecida por informações extraídas de seus próprios textos. Além de apresentar-se como sendo “de Cesareia” (Καίσαρευς), sabemos ainda que se trata da Cesareia Palestina por algumas passagens de sua obra. Um exemplo é encontrado

³⁷ Entre os autores que se dedicaram à questão, citamos como exemplo ADSHEAD, K. *The Secret History of Procopius and its Gênesis*. In: **Byzantium**. Tome LXIII. Bruxelles: Boulevard de l'Empereur, 1993. p. 13, JENKINS, Claude. *Procopiana*. **The Journal of Roman Studies**. Vol. 37. 1947. P. 77, DOWNEY, Glanville. **Paganism and Christianity in Procopius**. *Church History*. Vol. 18, No. 2. Washington: Dumbarton Oaks. Junho de 1949. EVANS, James Allan Stewart. *Justinian and the Historian Procopius*. **Greece & Rome**. 2nd Ser., Vol. 17, No. 2 (Oct., 1970), p. 89, BROW, Peter. **The World of Late Antiquity. AD 150-750**. New York & London: W. W. Norton & Company, 1971. pp.139 e 180, CATAUDELLA, M. R. *Historiography in the East*. In: MARASCO, Gabriele. (Org.). **Greek and Roman Historiography in Late Antiquity. Fourth to Sixth Century A.D.** Leiden: Brill, 2003. pp. 405-408, KALDELLIS, Anthony. **Procopius of Caesarea: Tyranny, History, and Philosophy at the End of Antiquity**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2004. pp. 17-61.. ,TREADGOLD. Warren. **The Early Byzantine Historians**. Londres: Palgrave Macmillan, 2010. p. 217.

³⁸ Uma comparação completa entre passagens da *História das Guerras* e os textos de Heródoto e Tucídides seria por demais extenso e fora dos propósitos desse trabalho. Entretanto, citamos os casos seguintes apenas a título de exemplo. No primeiro, a forma como Procópio descreve os sucessores de Belisário na Itália como responsáveis pela perda da causa imperial por defenderem interesses pessoais, assim como Tucídides fala dos sucessores de Péricles em Atenas. Para comparar, veja **PROCOPIUS**. VII. i. 16-17 e **PROCOPIUS**. VII. i. 23-24, e **TUCIDIDES**. II. lxxv, 5-6. Outro exemplo pode ser visto quando Procópio narra o apelo de um embaixador gépida por uma aliança com Justiniano contra os lombardos quase que nas mesmas palavras que Tucídides narra o apelo do embaixador dos corcíreus por uma aliança com os atenienses contra os coríntios. **PROCOPIUS**. VII. xxxiv. 25-26 e **TUCIDIDES**. I. xxxii. 1. Um último caso é o elogio de Procópio a Belisário em **PROCOPIUS**. VII. i. 1-2, que em vários aspectos remete ao elogio de Tucídides a Péricles em **TUCIDIDES**. II. lxxv.

quando o historiador se refere às ordens de Justiniano contra os que praticavam alguma doutrina rejeitada pelo Cristianismo. O trecho seguinte foi retirado da *História Secreta*:

E quando uma lei semelhante imediatamente passou a tocar também os Samaritanos, uma grande confusão se precipitou sobre a Palestina. Agora todos os moradores da *minha Cesareia* e de todas as outras cidades (...) adotaram o nome de cristãos no lugar daquele que então traziam e por essa pretensão, conseguiram derrubar o perigo que resultava dessa lei (grifo meu).³⁹

A cidade de Cesareia, de fundação helênica, era famosa por sua biblioteca, rica em obras de Orígenes, e que foi organizada por Pânfilo, professor daquele que viria a ser um dos principais historiadores da Igreja, Eusébio de Cesareia. A cidade manteve-se como grande centro intelectual até o século IV. Existem menos evidências sobre sua grandeza e de sua biblioteca no século VI. Entretanto, é muito provável que Procópio tenha tido ali, ao longo do processo de sua formação, acesso a toda uma tradição clássica de grande riqueza intelectual,⁴⁰ o que lhe permitiu expressar-se a partir de paradigmas não usuais para historiadores cristãos contemporâneos a Justiniano. Para Anthony Kaldellis, Procópio foi um dos últimos seguidores do pensamento clássico no Império, que optou pelos cânones desse estilo historiográfico para compor uma narrativa dedicada a temas referentes à política e às guerras.⁴¹

Se, por um lado, é possível definir com clareza seu local de nascimento, o mesmo não se pode dizer quando buscamos informações mais precisas sobre sua família. Entretanto, os estudiosos de sua obra concordam que Procópio era oriundo de uma família de destacada posição junto a uma aristocracia cristã de Cesareia. Averil Cameron, por exemplo, levanta essa hipótese a partir das críticas, que seriam típicas

³⁹ PROCOPIUS. *Anecdota*. xi. 25. “Νόμου δε τοῦ τοιοῦτο καὶ ἀμφὶ τοῖς Σαμαρείταις ἀντίκα τεθέντος ταραχὴ ἄκριτος τὴν Παλαιστίνην κατέλαβεν. ὅσοι μὲν οὖν ἐν τῇ Καισαρείᾳ τῇ ἡμῇ κἂν ἄλλαις πόλεσιν ὄκουν, (...) ὄνομα Χριστιανῶν τοῦ σφίσι παρόντος ἀνταλλαζάμενοι τῷ προσχῆματι τούτῳ τὸν ἐκ τοῦ νόμου ἀποσεισασθαι κίνδυνον ἴσχυσαν.”

⁴⁰ Cf. CAMERON, Averil. *Procopius and the Sixth Century*. Londres: Duckworth, 1996. p. 4.

⁴¹ Cf. KALDELLIS, Anthony. *Procopius of Caesarea: Tyranny, History, and Philosophy at the End of Antiquity*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2004. pp. 15-18.

desse grupo social, presentes na *História Secreta*, onde o historiador trata da questão dos pesados impostos e outras demandas do governo que afetavam diretamente essa camada da população. Cameron aponta ainda que as críticas apresentadas pelo historiador em suas obras foram escritas em consonância com valores desse grupo social. Além disso, a autora afirma também que o tipo de história que encontramos nas *Guerras* (secular, clássica, concentrada em narrativas políticas e militares) só poderia ter sido produzido por um autor oriundo dessa camada da população bizantina.⁴²

Warren Treadgold também se apoia na educação clássica recebida por Procópio como indicador de seu pertencimento a uma família das mais ricas e proeminentes de Cesareia.⁴³ M. R. Cataudela fala que todas as evidências (entre elas, a formação do historiador e sua proximidade com o Imperador Justiniano e com o general Belisário) nos levam a crer que Procópio era, de fato, proveniente de uma família de grandes proprietários e senadores bizantinos.⁴⁴

O fato de o historiador ser oriundo de uma família aristocrática e abastada, que iniciou seus estudos em uma cidade que conservava, ainda no século VI, uma tradição intelectual voltada à leitura dos antigos gregos clássicos, certamente teria exercido sua influência sobre o historiador na composição de suas narrativas das guerras. O cruzamento das informações sobre as origens geográficas e sociais de Procópio são fundamentais para compreendermos, na sequência deste trabalho, como os

⁴² Cf. CAMERON, Averil. **Procopius and the Sixth Century**. Londres: Duckworth, 1996. pp. 5-6.

⁴³ Cf. TREADGOLD, Warren. **The Early Byzantine Historians**. Londres: Palgrave Macmillan, 2010. p. 176. O autor ainda destaca uma menção de Procópio nas *Construções* V.7.14. a um erudito, chamado Procópio de Edessa, que provavelmente seria um parente do historiador das *Guerras* e que foi governador da província de Prima, na Palestina, o que confirmaria a proeminência da família de Procópio de Cesareia. Treadgold levanta a hipótese de o governador de Prima ser o pai do historiador de Cesareia, visto que a época em que ambos viveram tornaria essa possibilidade verossímil. Cf. Cf. TREADGOLD, Warren. **The Early Byzantine Historians**. Londres: Palgrave Macmillan, 2010. pp. 176-177.

⁴⁴ Cf. CATAUDELLA, M. R. Historiography in the East. In: MARASCO, Gabrielle. **Greek & Roman Historiography in Late Antiquity. Fourth to Sixth Century A.D.** Leiden and Boston: Brill, 2003. p. 392.

modelos de escrita de uma historiografia clássica antiga teriam sido absorvidos pelo historiador.

Foi sobre modelos clássicos de escrita da História, e partindo de questionamentos políticos típicos do seu grupo social, que Procópio articulou a organização de suas narrativas e críticas ao governo de Justiniano nas *Guerras*. Para a composição de seus textos, o historiador teria vislumbrado, nos relatos de guerras feitos por Heródoto e Tucídides, um modelo para a construção de sua obra sobre as guerras de Justiniano.

Num plano geral, é possível dizer que Heródoto foi tomado por Procópio como modelo de escrita da História por descrever os grandes acontecimentos contemporâneos ao historiador, para que estes fossem lembrados na posteridade. Já as referências à Tucídides estão mais diretamente ligadas aos anos de composição da *Guerra Gótica*, nos quais, a exemplo do historiador ateniense, Procópio que se dedicou ao registro de combates militares por ele testemunhados, na maior parte do tempo, junto às tropas imperiais. No entanto, o claro exercício da *mimesis* de Procópio na *História das Guerras* em relação ao trabalho de Tucídides não faz de suas narrativas um mero trabalho de retórica. Não é uma questão de pura imitação de um modelo tucididiano, como pode se supor à primeira vista, mas sim uma busca do historiador em construir, numa estrutura narrativa clássica antiga, os registros de guerras que foram contemporâneas e testemunhadas por ele no século VI.⁴⁵

Ao verificarmos os modelos de escrita da História tomados por Procópio nas *Guerras*, uma questão se coloca ao pesquisador: por que Heródoto e Tucídides se sobressaem entre os autores clássicos como aqueles que teriam sido as suas principais influências historiográficas? Uma hipótese para a pergunta se apoia numa questão

⁴⁵ Cf. CATAUDELLA, M. R. *Historiography in the East*. In: MARASCO, Gabrielle. **Greek & Roman Historiography in Late Antiquity. Fourth to Sixth Century A.D.** Leiden and Boston: Brill, 2003. p. 406.

temática. Nas *Histórias*, Heródoto orienta seus registros tendo como eixo os conflitos travados entre os gregos e populações asiáticas, em especial, os persas. Já Tucídides tem como tema central de suas narrativas a guerra entre poleponésios e atenienses. Ou seja, Procópio encontrava nesses dois historiadores não apenas um estilo de escrita da que reportava a seus primeiros parâmetros de escrita da História, mas também porque comungava com ambos o mesmo tema que deveria servir de eixo para suas narrativas: a questão da guerra.

Procópio preocupou-se em dar às guerras de Justiniano um tratamento semelhante àquele que havia absorvido tanto de Heródoto quanto de Tucídides. Por conta da ligação do historiador com um estilo clássico de escrita e pelos autores por ele tomados como modelo, Procópio preteriu um registro narrativo, comum aos historiadores bizantinos do período, de uma História de tipo Eclesiástica e Universal. Ao contrário, a *História das Guerras* apresenta uma clara preocupação com o registro de batalhas dos exércitos imperiais das quais o historiador tivesse, em maior ou menor grau, testemunhado. Não se trata de uma tentativa de compor um registro mais completo sobre o governo de Justiniano, suas ações políticas e realizações (o que foi relegado as outras obras do historiador), mas sim de uma narrativa centralizada na descrição dos eventos militares passados entre os exércitos comandados por Belisário e, no caso da *Guerra Gótica*, as populações godas na Península Itálica. Em outras palavras, os registros da *História das Guerras* se destinavam exclusivamente ao relato de acontecimentos que, em sua maioria, eram contemporâneos ao historiador e estavam relacionados às guerras entre romanos e bárbaros, não se estendendo a um passado

bíblico distante ou a uma História política geral do Império, como era comum nas narrativas de tipo Universal e Eclesiástica.⁴⁶

Não é demais lembrar que, apesar de ter sido educado na cidade da Cesareia, conhecida por sua biblioteca, rica em obras clássicas, e de ter-se utilizado de uma estrutura narrativa clássica para a composição da *História das Guerras*, Procópio é um historiador cristão do século VI e, como tal, apresenta em seus textos preocupações e problemáticas que são próprias de sua época. Os objetivos do historiador estariam diretamente relacionados à glorificação e preservação da memória dos eventos militares passados durante o período de governo de Justiniano, por ele vivenciado e testemunhado durante os anos de elaboração de seus textos. Tais objetivos estão presentes logo nas primeiras linhas do primeiro livro da *História das Guerras* (ou seja, da *Guerra Persa*). Segundo o próprio autor, suas narrativas deveriam servir como um registro dos eventos classificados como de “singular importância” para o Império. Em outras palavras, tratavam-se de acontecimentos que o historiador compreendia, desde o momento de sua concepção, como conquistas que mereceriam lugar de destaque na memória das futuras gerações romanas e que, por isto, deveriam ser registradas para não se perderem ao longo do tempo. Algumas das primeiras linhas da *História das Guerras* dizem respeito exatamente a esse propósito:

Procópio de Cesareia tem escrito a história das guerras às quais Justiniano, Imperador dos Romanos, empreendeu contra os bárbaros do Oriente e do Ocidente, relatando separadamente os eventos de cada uma, a fim de que o longo curso do tempo não possa oprimir os feitos de singular importância por falta de um registro e, assim, abandoná-los ao esquecimento e eliminá-los totalmente.⁴⁷

⁴⁶ Um estudo comparativo entre os preceitos historiográficos adotados por Procópio de Cesareia na *História das Guerras* e aqueles comuns às narrativas históricas tidas como Eclesiásticas e Universais será tratado no capítulo II desse trabalho.

⁴⁷ PROCOPIUS. *De Bello Persico* I. i, 1. “Προκόπιος Καισαρὺς τοὺς πολέμους ξυνέγραψεν οὓς Ἰουστινιανὸς ὁ Ῥωμαίων βασιλεὺς πρὸς Βαρβάρους διήνεγκε τοὺς τε ἔωους καὶ ἔσπερίους, ὥς τῇ αὐτῶν ἑκάστῳ ξυνηνέχθη γεγέσθαι, ὥς μὴ ἔργα ὑπερμεγέθη ὁ μέγας

Essa passagem exemplifica o que é afirmado, por exemplo, por Anthony Kaldellis, quando este diz que Procópio se utilizava de antigos paradigmas historiográficos, adaptando-os para responder a novos questionamentos, novas circunstâncias, contemporâneas ao historiador.⁴⁸ Aqui, como os antigos gregos clássicos, o historiador pontua seu recorte temático e temporal na questão das guerras, sem se comprometer com uma História geral do Império, por exemplo. Ao mesmo tempo, os eventos que seriam a partir de então narrados, se iniciam num passado não muito distante de seu próprio tempo e das guerras que havia testemunhado.

Isso significa que, apesar de seguir modelos gregos antigos para a construção de suas narrativas, a obra de Procópio deve ser entendida como um produto de sua própria época, como um importante testemunho historiográfico de um conturbado período de tensões militares e transformações políticas nas relações entre a capital do Império, Constantinopla, e os antigos domínios romanos. Nestes territórios, a atuação do poder político imperial era constantemente ameaçada pela presença e atuação de governos descritos como bárbaros. Em outras palavras, na *História das Guerras* e, para esta pesquisa especificamente, na *Guerra Gótica*, encontramos Procópio de Cesareia se utilizando de um modelo clássico antigo de escrita da História, do qual era leitor desde os seus primeiros anos de estudos em Cesareia, para apontar respostas a problemas contemporâneos ao historiador e ao objeto principal de suas narrativas.

Essa relação entre o clássico e o contemporâneo na escrita da *História das Guerras* também foi objeto de análise de Averil Cameron. Para a autora, essas questões

αἰων λόγου ἔρεμα χειρωσάμενος τῇ τε λήθῃ αὐτὰ καταπρόηται καὶ παντάπασιν ἐξίτηλα θῆται.(...)”

⁴⁸ Cf. KALDELLIS, Anthony. **Procopius of Caesarea: Tyranny, History, and Philosophy at the End of Antiquity**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2004. p. 15.

aparecem no texto de Procópio formando como que uma mescla entre, por um lado, a visão tradicionalista e conservadora do historiador e, por outro, a busca por seguir um modelo de uma escrita de História antiga clássica. Ou seja, para Cameron, o que as *Guerras* apresentam é uma sutil combinação entre o pessoal e o imitativo, entre o tradicional e o contemporâneo em Procópio.⁴⁹ Além disso, a autora acredita ainda que a escrita das *Guerras* apresentava uma visão de Procópio que teria sido condicionada não apenas pelo estilo clássico escolhido pelo historiador, como também pelo conteúdo das narrativas, próprio a uma História de tipo secular.⁵⁰

Cameron afirma ainda que, além da visão que é própria aos romanos de formação helênica e do grupo aristocrático ao qual pertencia Procópio, sua abordagem é ainda típica de alguém que estaria intimamente envolvido com as ações militares do período. Ela refere-se ao posto de Conselheiro do general Belisário, ocupado por Procópio durante as guerras. Entretanto, a autora acredita que a narrativa das *Guerras* como um todo seria fruto principalmente da visão pessoal de Procópio, não necessariamente de sua posição junto ao exército imperial durante as campanhas.⁵¹

É esse constante diálogo entre o clássico e o contemporâneo que faz da *História das Guerras* um documento diferenciado entre os testemunhos do período de governo de Justiniano. Sua especificidade reside exatamente no fato de seu autor ter buscado articular, dentro de uma estrutura de clássica antiga de escrita, uma temática que é própria aos séculos V e VI. Tal proposta deve ser destacada também pelo fato de se pautar sobre uma abordagem narrativa que seguia em sentido contrário à produção historiográfica predominante no período, qual seja, a de tipo Eclesiástica e Universal. Em se tratando de uma temática diretamente relacionada a um Império cristão, narrando

⁴⁹ Cf. CAMERON, Averil. **Procopius and the Sixth Century**. Londres: Duckworth, 1996. p. 45.

⁵⁰ Cf. CAMERON, Averil. **Procopius and the Sixth Century**. Londres: Duckworth, 1996. p. 24.

⁵¹ Cf. CAMERON, Averil. **Procopius and the Sixth Century**. Londres: Duckworth, 1996.. pp. 137 e 207.

conflitos militares entre os exércitos romanos e tropas tidas como bárbaras e heréticas (o que ameaçava diretamente a unidade cristã do Império), num período e região onde eram predominantes as narrativas de tipo Eclesiásticas, chama a atenção uma produção historiográfica sobre uma temática contemporânea estruturada sobre pressupostos estilísticos clássicos.

Por conta disso, as descrições feitas por Procópio que serão aqui mais minuciosamente exploradas, referentes às batalhas travadas entre os exércitos imperiais e os godos na Itália e as caracterizações destes últimos como bárbaros inimigos a serem combatidos e derrotados pelos comandados de Belisário, apresentam essa peculiar característica ao pesquisador. Sendo assim, problemas historiográficos como os propostos aqui, que lidam com as discussões sobre as crises do exercício do poder imperial na Itália e o combate aos bárbaros godos como os principais agentes dessas crises, poderão ser estudados a partir de um documento composto num prisma estilístico singular e único em relação à produção historiográfica comum ao período. Se, por um lado, as problemáticas lançadas nessa pesquisa estão já em discussão há mais de um século, por outro, entendemos que revisitar a questão a partir das particularidades que compõem a estrutura dessas narrativas, aliada a uma atenção especial aos objetivos do historiador com suas histórias, é um trabalho que ainda está aberto a novas abordagens.

Não pretendemos nos alongar nas discussões acerca da relação entre o estilo clássico da *História das Guerras* e dos problemas contemporâneos a Procópio em nossa análise. Elas nos servirão tão somente para melhor compreendermos os pressupostos historiográficos aos quais esses livros se prendiam em sua composição. Sobre essa relação, esta pesquisa toma com especial atenção os estudos de Cameron, acima

apontados, que dedicou toda uma obra ao estudo da produção historiográfica de Procópio de Cesareia.⁵²

Entretanto, acreditamos ser possível ponderar algumas conclusões da historiadora. A primeira delas diz respeito ao ponto de referência do historiador sobre os fatos narrados. Pensamos que nos relatos sobre as disputas pelo controle poder imperial na Itália e nas descrições sobre as populações bárbaras presentes nas *Guerras*, Procópio apresenta não apenas sua visão pessoal ou aquela do grupo aristocrático ao qual pertencia. Somado a isso, consideramos as suas narrativas como uma construção narrativa inserida junto ao projeto do imperador Justiniano de retomar o controle político sobre as antigas fronteiras imperiais, tanto no Ocidente quando nas fronteiras com a Pérsia. Poderíamos dizer que tratam-se mesmo de textos comprometidos com tal projeto político e militar.

Neste sentido, acreditamos que a posição ocupada por Procópio de Cesareia como Conselheiro do general Belisário durante a Guerra Gótica teria exercido também uma influência fundamental nas formas pelas quais o historiador iria, ao longo de toda a obra, narrar as disputas pelo poder imperial na região da Península Itálica, como também nas suas descrições e caracterizações das populações bárbaras com as quais os exércitos imperiais tiveram contato ao longo das campanhas. Escrevendo como um membro das campanhas militares enviadas aos campos de batalha, Procópio teceu suas narrativas a partir de um ponto de vista favorável ao Império em relação às populações bárbaras. Alguns excertos da *História das Guerras* nos indicam essa preocupação do historiador em não se posicionar de maneira contrária aos objetivos de Justiniano. Por exemplo, Procópio fala da Itália como uma terra “nossa” (ἡμετέραν) – dos romanos –

⁵² Trata-se do já citado livro *Procopius and the Sixth Century*.

quando se refere à tomada do controle político sobre a Península pelos godos.⁵³ Além disso, classifica os povos godos como grupos bárbaros “hostis” (πολεμίων)⁵⁴, “tiranos” (τυραννίδας)⁵⁵ ou “intrusos” (ἐπηλύδων)⁵⁶. Por outro lado, ao tratar das tropas romanas, Procópio as descreve como bem armadas e organizadas⁵⁷, que tinham em Belisário um comandante leal aos objetivos imperiais.⁵⁸ Estas passagens serão cuidadosamente analisadas no capítulo 4 deste trabalho.

Conhecer um pouco sobre as formas pelas quais Procópio teria apreendido sobre os modelos clássicos de escrita da História, além e refletir sobre o lugar histórico a partir do qual os textos procopianos foram produzidos, nos permite trabalhar as questões aqui propostas a partir da perspectiva e dos objetivos próprios de seu autor durante os anos de composição de suas narrativas. Procópio foi aos campos de batalha das guerras para documentar os combates dos exércitos imperiais, estando nesse momento em um posto oficial, que o impedia de documentar os conflitos a partir de um ponto de vista que não fosse pró-romano. Não discordamos por completo de opiniões, como as de Walter Goffart, que afirmou que Procópio não teria traçado um retrato fidedigno do passado no que tange à ascensão de Odoacro ao poder em 476, mas que suas narrativas teriam sido editadas de acordo com seus objetivos.⁵⁹ No entanto, não estamos à procura uma narrativa do que seja “real” ou “verdadeiro” em Procópio. Nosso

⁵³ Cf. PROCOPIUS, **De Bello Gothico**. V. v. 8.

⁵⁴ Cf. PROCOPIUS, **De Bello Gothico**. V. i. 27.

⁵⁵ Cf. PROCOPIUS, **De Bello Gothico** VI. vi. 15.

⁵⁶ Cf. PROCOPIUS, **De Bello Gothico** V. i. 4.

⁵⁷ Cf. PROCOPIUS, **De Bello Gothico**. VIII. xxxii, 14. Nesta passagem, Procópio afirma que a superioridade dos exércitos romanos frente aos bárbaros se baseava, entre outras características, no fato de estas se apresentarem para as lutas em “perfeita ordem” (ἐὺκοσμίᾳ).

⁵⁸ A lealdade de Belisário ao Império foi bastante destacada por Procópio no livro VI da *Guerra Gótica*, nas passagens nas quais relata as negativas do general em aceitar o governo da Itália, a ele oferecido pelos godos, por manter-se fiel aos juramentos de não usurpar o poder que acreditava pertencer a Justiniano naquele período. Referências a esta proposta goda e, especialmente, as recusas de Belisário, são encontradas em passagens como PROCOPIUS, **De Bello Gothico**. VI. xxix, 18-20, VI. xxix. 27 e VI. xxx. 28.

⁵⁹ Cf. GOFFART, Walter. **Barbarians and Romans**. A.D. 418-584. The techniques of accommodation. New Jersey: Princeton University Press. 1980. Pp. 69-70.

objetivo aqui é desenvolver uma análise sobre as descrições dos godos enquanto bárbaros inimigos e sobre as disputas pelo poder imperial na Itália atentando-nos para algumas especificidades em sua composição, tais como suas orientações estilísticas e um possível comprometimento do historiador com os objetivos políticos e militares de Justiniano.

Dessa forma, a análise dos problemas propostos neste trabalho pretende abordar os três volumes da *Guerra Gótica*, atentando, para além de questões estilísticas na composição da obra, principalmente para o lugar social e político ocupado por seu autor. Estaremos atentos para as implicações que alguns elementos da trajetória do historiador podem ter exercidos na composição de suas narrativas das batalhas, como, por exemplo, o posto de Conselheiro ocupado junto ao general Belisário, sua origem aristocrática ou seus estudos sobre as obras dos antigos historiadores gregos.

As disputas entre romanos e bárbaros são delimitadas, na *Guerra Gótica*, tendo por balizas cronológicas a deposição do Imperador Rômulo Augusto, em 476, e a guerra contra os godos propriamente dita, durante do governo de Justiniano. As narrativas de Procópio destes conflitos, aliadas às descrições que a obra nos oferece dos inimigos a serem combatidos, devem ser aqui abordadas tendo como ponto de partida a trajetória do historiador nos campos de batalha e suas referências estilísticas para a composição de sua escrita.

O classicismo grego, no qual o texto das *Guerras* se apresenta, era um estilo de construção historiográfica do qual Procópio não apenas tinha grande conhecimento, mas do qual extraía seus principais modelos para a elaboração de sua obra. Além disto, acreditamos na hipótese de que tais narrativas e descrições teriam sido articuladas pelo historiador a uma busca por fundamentar ideologicamente as ações dos exércitos imperiais na Itália. Tal hipótese se assenta no fato de Procópio, durante os anos de

composição da *História das Guerras*, ocupar um posto oficial junto às tropas romanas. Esta posição política e militar do historiador, certamente, não permitia a ele exprimir abertamente qualquer crítica e opiniões pessoais contrárias à política militar de Justiniano. Também é por conta de sua posição durante as campanhas que os textos da *Guerra Gótica* apresentam as narrativas dos conflitos e as descrições dos bárbaros que estivessem em consonância com os objetivos do Imperador, servindo como embasamento teórico para os ataques romanos. Tal fundamentação apresentava por base questões históricas, ligadas às disputas pelo poder na Itália desde Odoacro e Rômulo Augusto, e de caracterizações das populações bárbaras, que as colocavam em grau de inferioridade em relação aos romanos. Estes dois pontos serão analisados nos capítulos 3 e 4 deste trabalho.

CAPÍTULO 2:

A GUERRA GÓTICA: HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA

Após as primeiras reflexões sobre aspectos da trajetória de Procópio de Cesareia e da posição por ele ocupada no período das guerras de Justiniano, propomos nesse capítulo uma análise de cunho historiográfico sobre a *História das Guerras*. Dedicaremos aqui especial atenção à análise de questões ligadas ao gênero historiográfico, escolhido e justificado por Procópio em seus próprios textos, e como o historiador elaborou suas narrativas das guerras numa estrutura de escrita clássica da História (e não Eclesiástica). Este capítulo traz também um estudo crítico sobre a tradição manuscrita do documento e as possibilidades de trabalhar as problemáticas propostas nessa pesquisa a partir das edições que possuímos hoje.

2.1- Aspectos historiográficos da *História das Guerras*

O gênero historiográfico, escolhido e justificado por Procópio de Cesareia para a escrita da *História das Guerras*, além do estilo clássico de suas narrativas, será nossos objetos de análise nas próximas páginas. A problemática à qual nos dedicaremos incide sobre a relação entre o tema que Procópio se propôs a narrar e o estilo clássico como estrutura de suas narrativas. É importante salientar que as guerras do século VI encontravam no Cristianismo, com seus princípios e dogmas, um dos argumentos que caracterizavam os godos como bárbaros e arianos, fazendo desta uma população identificada como inimiga, devendo ser combatida e derrotada. Esse recurso ao Cristianismo como argumento legitimador dos ataques de Justiniano aos godos na Itália será tratado com maior detalhamento no capítulo 3 dessa pesquisa.

Evidentemente que este não era o único argumento utilizado por Procópio para fundamentar os ataques dos exércitos imperiais na Itália. Entretanto, salta aos olhos o fato de esta temática ter sido trabalhada por Procópio dentro de uma estrutura clássica de escrita de uma História política⁶⁰ e militar, inspirada nos antigos gregos Heródoto e Tucídides. O que faz da *História das Guerras* um caso especial, como vimos no capítulo 1, é a apresentação de uma temática e um testemunho que são próprios dos séculos V e VI, porém articulados dentro de uma estrutura narrativa clássica antiga. Além disso, este estilo de escrita da História era destoante da produção historiográfica de tipo Eclesiástica e Universal, predominante entre os historiadores cristãos do período.

Assim, é oportuno refletirmos sobre os motivos que levaram Procópio de Cesareia a optar por um estilo de escrita da História que se diferia da corrente de produção historiográfica de sua época. Algumas questões conduzirão essa análise, entre elas: para além de sua formação helênica, que outras motivações estilísticas teriam levado o historiador a optar pelo classicismo em lugar da História de tipo Eclesiástica ou Universal? Haveria algum tipo de incoerência no tratamento de um tema no qual se percebe uma forte presença de preceitos cristãos, embora fosse escrito numa estrutura narrativa clássica antiga? Quais seriam os objetivos e os interesses imperiais na produção desses textos? Refletir sobre essas questões é fundamental para que possamos conhecer melhor os caminhos percorridos por Procópio na elaboração de um documento

⁶⁰ O termo “político” é aqui entendido segundo as definições tomadas do conhecido *Dicionário de Política*, de Norberto Bobbio. Nele, o autor afirma que o termo é “comumente usado para indicar a atividade ou conjunto de atividades que, de alguma maneira, têm como termo de referência a *pólis*, ou seja, o Estado”, sendo uma atividade que está “estritamente ligada ao poder.” Em nossos estudos, ainda seguindo as definições do *Dicionário de Política*, acreditamos que uma análise do conceito de *política* para o objeto ao qual nos dedicamos (a *História das Guerras*) deva implicar uma abordagem pelo viés de uma relação de *poder* dentro de uma determinada comunidade, o Imperio, na qual um indivíduo, ou um grupo muito restrito, exerce o domínio sobre os meios legítimos que os permitem obter aquilo que Bobbio chama de uma “vantagem” sobre os demais. É um tipo de relação de poder de homem sobre outros homens. Cf. BOBBIO, Norberto. *Política*. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. Brasília : Editora Universidade de Brasília, 1998. p. 954.

que hoje é tido como um dos mais destacados para o estudo do governo de Justiniano. Mais do que isso, esse exercício nos permitirá ainda verificar como a escolha sobre o gênero historiográfico e os interesses imperiais na elaboração da *História das Guerras* interferiram nas descrições de Procópio dos godos e sobre as disputas pelo poder na Itália do século VI.

Um primeiro caminho para buscar resposta às questões acima é tentar entender os objetivos aos quais se prestava a escrita das *Guerras*. É possível encontrarmos o próprio autor da obra fazendo referências ao que se tinha como alvo principal com a produção desses textos. E isso está presente logo nas primeiras linhas do primeiro livro da coleção (ou seja, da *Guerra Persa*). Segundo Procópio, suas narrativas deveriam servir à memória dos grandiosos eventos que o próprio historiador testemunhava, podendo servir de exemplo a outros homens que se encontrassem em situação semelhante no futuro:

Ele considera que a memória desses eventos seria uma grande coisa e muito útil para os homens, tanto do tempo presente quanto das gerações futuras, caso o tempo devesse colocar os homens sob uma tensão similar.⁶¹

Na avaliação do historiador, os eventos que eram descritos nas *Guerras* não apenas teriam a função de fazer um registro histórico daquilo que, tanto ele e, mais provavelmente, o imperador Justiniano, pensavam ser as realizações mais importantes e grandiosas de sua época⁶². Mais do que isso, estas seriam também histórias que teriam ainda utilidade para outros homens, servindo como exemplo para o planejamento de ações futuras:

⁶¹ PROCOPIUS. *De Bello Persico* I. i, 1. “ (...) ὥνπερ τήν μνήμην αὐτος ὥετο μέγα τι ἔσεσθαι καί ξυνοῖσον ἐς τὰ μάλιστα τοῖς τε νῦν οὔσι καί τοῖς ἐς τό ἔπειτα γενησομένους, εἴ ποτε καί αὖθις ὁ χρόνος ἐς ὁμοίαν τινά τοὺς ἀνθρώπους ἀνάγκην διάθαιτο.”

⁶² Veja referência a essa afirmativa de Procópio em PROCOPIUS. *De Bello Persico* I. i. 6, na página 32, nota de rodapé 17.

Para os homens que se propõem a entrar numa guerra ou estão se preparando para algum tipo de luta possam se beneficiar da narrativa de uma situação similar na história, na medida em que esta divulga o resultado final alcançado pelos homens em dias passados numa luta de mesmo tipo e prenunciar, pelo menos para aqueles que são mais prudentes no planejamento, qual o resultado que os eventos presentes provavelmente terão.⁶³

A proposta de narrativas que servissem de exemplo às novas gerações, um tipo de registro da história como a “mestra da vida”⁶⁴, com valor pedagógico, remete-nos ao modo de escrita de Heródoto. Para este historiador, a história não apenas serviria como registros dos eventos contemporâneos, mas também como exemplo a ser seguido em caso de situações semelhantes vivenciados pelos homens em tempos futuros. Esse objetivo fora explicitado no prólogo da obra *Histórias*, do historiador de Helicarnasso, publicada em torno do ano 440 a.C:

Esta é a descrição da(s) História(s) de Heródoto de Helicarnasso, com o fim de que nem as ações dos homens possam ser esquecidas, nem os grandiosos e maravilhosos trabalhos, que tem sido feitos pelos Helenos e pelos Bárbaros, possam perder sua reputação e, especialmente, possam ser lembrados por aqueles que travam guerra uns com os outros.⁶⁵

Tucídides, outro autor que também foi tomado como modelo de escrita e estilo por Procópio, é mais um que inicia suas narrativas, na *História da Guerra do Peloponeso*, identificando-se com seu nome e sua origem, apresentando na sequência a temática de suas narrativas:

⁶³ PROCOPIUS. *De Bello Persico* I. i, 2. “τοῖς τε γάρ πολεμῆσειουσιν καὶ ἄλλως ἀγωνιούμενοις ὄνησιν τινα ἐκποδίζεσθαι οἷα τέ ἐστὶν ἡ τῆς ἐμφοροῦς ἱστορίας ἐπίδειξιν, ἀποκαλύπτουσα μὲν ὅποι ποτὲ τοῖς προγεγενημένοις τὰ τῆς ὁμοίας ἀγωνίας ἐχώρησεν, αἰνισσομένη δὲ ὅποιαν τινὰ τελευτὴν τοῖς γε ὡς ἀριστα βουλευομένοις τὰ παρόντα, ὡς τὸ εἰκός, ἔξει.”

⁶⁴ Tomamos aqui a concepção de história como a *magister vitae* da obra *De Oratore*, de Cícero, do século I a.C.. Apesar usarem do mesmo princípio, da História como sendo concebida para servir de exemplo para gerações futuras, lembremos que nem Procópio e muito menos Heródoto, que escreveu quatro séculos antes de Cícero, adotaram tal terminologia para classificar o estilo de escrita da história e seus textos.

⁶⁵ HERODOTUS. *Historiai*. I. 1. “Ἡροδότου Ἀλικαρνησέως ἱστορίας ἀπόδεξις ἥδε, ὡς μῆτε τα γενόμενα ἐξ ἀνθρώπων τῷ χρόνῳ ἐξίτηλα γένονται, μῆτε ἔργα μεγάλα τε καὶ θωμαστά, τὰ μὲν Ἕλλησι τα δε βαρβάροις, τὰ τε ἄλλα καὶ τε ἄλλα καὶ δι ἣν αἰτιὴν ἐπολέμησαν ἀλλήλοισι.”

Tucídides de Atenas escreveu a guerra dos poleponésios e atenienses, como fizeram uns contra os outros. Começou a narração logo a partir da eclosão da guerra, tendo prognosticado que ela haveria de ganhar grandes proporções e que seria mais digna de menção do que as já travadas, porque verificava que, ao entrar em luta, uns e outros estavam no auge de todos os seus recursos e porque via o restante do povo helênico enfileirando-se de um e de outro lado, uns imediatamente, outros pelo menos em projeto.⁶⁶

Mais adiante, Tucídides também coloca a importância da sua obra no futuro, na possibilidade de o conhecimento de eventos antigos poderem servir como orientação em situações semelhantes:

E para o auditório, o caráter não fabuloso dos fatos narrados parecerá talvez menos atraente; mas se todos quantos querem examinar o que há de claro nos acontecimentos passados e nos que um dia, dado o seu caráter humano, virão a ser semelhantes ou análogos, virem sua utilidade, será o bastante. Constituem mais uma aquisição para sempre que uma peça para um auditório do momento.⁶⁷

Apesar de as obras de Heródoto e Tucídides terem servido como modelo de escrita clássica a Procópio, de ambas se iniciarem por apresentação do seu autor e de sua proveniência, e por se proporem a servir de exemplo para situações semelhantes no futuro, os dois historiadores apresentam uma diferença sutil em suas propostas iniciais de narrativa, que não pode ser ignorada. Heródoto introduz suas *Histórias* com os termos *ιστορίας απόδεξις* para dizer que vai ali “expor suas pesquisas, suas investigações.” Já Tucídides utiliza o verbo *ξυνέγραψε* para afirmar que vai “escrever” a história das guerras às quais se propõe a registrar.

⁶⁶ TUCIDIDES. ΘΟΥΚΥΔΙΔΟΥ ΙΣΤΟΡΙΩΝ. I. i. 1. “Θουκυδίδης ὁ Ἀθηναῖος συνέγραψε τὸν πόλεμον τῶν Πελοποννησίων καὶ Ἀθηναίων ὡς ἐπολέμησαν πρὸς ἀλλήλους, ἀρξάμενος εὐθύς καβισταμένου καὶ ἐλπίσας μέγαν τε ἔσεσθαι καὶ ἀξιολογώτατον τῶν προγεγενημένων, τεκμαιρόμενος ὅτι ἀκμάζοντές τε ἦσαν ἐς αὐτὸν ἀμφοτέρωτεροι παρασκευῇ τῇ πάσῃ καὶ τὸ ἄλλο Ἑλληνικὸν ὄρων ξυνιστάμενον πρὸς ἑκατέρους, τὸ μὲν εὐθύς, τὸ δὲ καὶ διανοούμενον.”

⁶⁷ TUCIDIDES. ΘΟΥΚΥΔΙΔΟΥ ΙΣΤΟΡΙΩΝ. I. xxii, 4. “Καὶ ἐς μὲν ἀκρόασιν ἴσως τὸ μὴ μυθῶδες αὐτῶν ἀτερπέστερον φανεῖται. ὅσοι δὲ βουλήσονται τῶν τε γενομένων τὸ σαφὲς σκοπεῖν καὶ τῶν μελλόντων ποτε αὐθις κατὰ τὸ ἀνθρώπινον τοιούτων καὶ παραπλησίων ἔσεσθαι, ὠφέλιμα κρίνειν αὐτὰ ἀρκούντως ἔξει. Κτῆμά τε ἐς αἰεὶ μᾶλλον ἢ ἀγώνισμα ἐς τὸ παραχρῆμα ἀκούειν ξυγκείται.”

Embora haja semelhanças na tradução para as modernas línguas latinas, os dois termos no grego apresentam diferenças substanciais, que foram trabalhadas por François Hartog. Como destaca Hartog, o termo ἀπόδεξις, utilizado por Heródoto, “pertence ao mundo da oralidade”, ou seja, uma composição para ser publicada oralmente, para ser lida a um público.⁶⁸ Já Tucídides substitui o verbo ἀπόδεξις por ξυνέγραψε, que significa “escrever”, “escrita conjunta”. Tal mudança, segundo Hartog, teria por objetivo ultrapassar os limites efêmeros da oralidade, consolidando e preservando a narrativa para além do momento de sua transmissão oral.⁶⁹

Nesse ponto, salientamos o posicionamento e a escolha de vocabulário feita por Procópio. Ao introduzir a *História das Guerras*, o historiador de Cesareia se aproxima do modelo de Tucídides, inserindo seus textos no mundo da escrita propriamente dita, mais que da oralidade, na qual se encontra Heródoto. Como citado anteriormente, Procópio também se comprometeu a “escrever” (ξυνέγραψεν) a história das guerras, para que estas pudessem servir aos homens que, no futuro, estivessem diante de conflitos e campanhas militares semelhantes. Essa escolha não parece ter sido gratuita, uma vez que, como Tucídides na *Guerra do Peloponeso*, Procópio pensava que suas narrativas devessem ter alguma utilidade como exemplo para situações futuras semelhantes. Em outras palavras, seus textos não deveriam se

⁶⁸ HARTOG, François. **O espelho de Heródoto**. Ensaio sobre a representação do outro. Tradução Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999. p. 286. É importante salientar que Hartog aborda a obra de Heródoto não como pertencendo unicamente ao mundo da oralidade. O autor destaca elementos, no prólogo mesmo das *Histórias*, onde Heródoto se coloca como um oponente à tradição épica oral de Homero. Em outras palavras, não se trata de uma obra que se aproxima da *Ilíada* e da *Odisseia* pela apresentação do historiador. Ao contrário, Hartog apresenta um Heródoto que se distancia dessa tradição. Cf. HARTOG, François. **O espelho de Heródoto**. pp. 286-287.

⁶⁹ HARTOG, François. **O espelho de Heródoto**. Ensaio sobre a representação do outro. Tradução Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999. p. 294. Ao trabalhar essa diferenciação entre ἀπόδεξις e ξυνέγραψε, Hartog questiona que todo esforço de recusa à oralidade de escritos, como os de Tucídides, não conseguem escapar totalmente à ela, visto que sua destinação normal é ser lida diante de um público. Cf. HARTOG, François. **O espelho de Heródoto**. p. 294.

perder na efemeridade de uma narrativa oral, mas que deveriam perdurar para benefício de um prudente planejamento para uma luta de mesma natureza em tempos futuros.

Estes são os primeiros, mas não os únicos elementos que indicam uma escrita das *Guerras* de Procópio inspirada não em modelos de História Eclesiástica, mas sim nos modelos clássicos antigos, como os citados acima. Entretanto, ressaltamos que, apesar do estilo clássico, Tucídides e Heródoto não comungam de opiniões homogêneas no que diz respeito à escrita da História. Nesse ponto, a diferenciação entre os verbos ἀπόδεξις e ξυνέγραψε é um exemplo que se destaca. Em suas narrativas, Tucídides chega a tecer críticas ao que seria um “abuso” da oralidade, feito por Heródoto, ao tratar de acontecimentos e povos do passado de maneira por ele considerada imprudente.⁷⁰ Portanto, o fato de Procópio tomar esses dois historiadores como modelo para a composição de sua *História das Guerras* não significa que ambos mantiveram o mesmo padrão de escrita. Mais justo seria dizer que Procópio se inspirou em dois importantes historiadores que escreveram sobre um tema semelhante, as guerras, mas em momentos diferentes e que, apesar das importantes diferenciações, mantiveram um estilo clássico de escrita da História.

Para além do trato com a guerra como objeto de estudos, o historiador Anthony Kaldellis aponta para outra hipótese que aproximaria Procópio do modelo de escrita dos clássicos Heródoto e Tucídides. Segundo Kaldellis, ter sido composta para um público que, além da contemporaneidade do historiador, também se localiza na posteridade, transcendendo sua própria época e sociedade, Procópio teria escolhido o estilo clássico por acreditar que este fosse um tipo de escrita que resistiria ao tempo e fosse compreensível a futuros leitores. Como essa forma de escrita formava uma ponte

⁷⁰ Cf. HARTOG, François. **O espelho de Heródoto**. Ensaio sobre a representação do outro. Tradução Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999. p. 295. Heródoto é o principal, mas não o único alvo de críticas dessa natureza por Tucídides.

cultural entre a época de Procópio e autores clássicos do passado, o historiador talvez pudesse acreditar que esse estilo provavelmente serviria também para uni-lo a leitores de épocas vindouras.⁷¹

Não descartamos essa hipótese completamente como válida. Entretanto, não encontramos na *História das Guerras* qualquer indício de que Procópio acreditasse que somente uma escrita da História em estilo clássico viesse a resistir ao tempo e, assim, pudesse manter sua utilidade para gerações futuras. A escolha do gênero historiográfico, sobre a qual trataremos a seguir, foi defendida pelo historiador como a mais pertinente aos propósitos da produção da obra. Mas o historiador não explicita, em nenhum momento, que essa narrativa devesse ser feita exclusivamente em estilo clássico para responder aos seus anseios, e os do próprio Imperador Justiniano, de construção de obra cujos registros resistissem ao tempo.

Nesse sentido, a nossa hipótese é de que a tomada dos clássicos Heródoto e Tucídides como modelo das narrativas de Procópio se devesse mais a outros fatores, tais como as referências helênicas do historiador na Palestina e o fato de os dois historiadores citados também terem as guerras como o objeto principal de suas narrativas. Pensamos ainda que Procópio não se reportou a uma história de tipo Eclesiástica ou Universal por se preocupar com o registro de batalhas das quais ele tinha, em maior ou menor grau, sido testemunha. Em outras palavras, os registros da *História das Guerras* se destinavam exclusivamente ao relato de acontecimentos que, em sua maior parte, eram contemporâneos ao historiador, não se estendendo a um passado bíblico distante, como era comum nas narrativas históricas de tipo Universal.

É devido à importância que o historiador creditava aos fatos que se propunha a narrar que Procópio escolheu o gênero historiográfico para seus registros.

⁷¹ Cf. KALDELLIS, Anthony. **Procopius of Caesarea: Tyranny, History, and Philosophy at the End of Antiquity**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2004. p. 19.

Segundo ele, seus textos deveriam estar pautados pelo que acreditava ser a mais verdadeira e completa narrativa possível, devendo apresentar ao leitor inclusive as falhas das quais teve ciência. Nesse sentido, segundo o historiador, somente a escrita de uma narrativa de natureza histórica seria capaz de contemplar os fatos por ele testemunhados com o devido rigor que a veracidade que tais relatos mereciam. Sobre esse ponto, diz Procópio:

Era sua convicção que enquanto a inteligência é própria para o retórico e a inventividade ao poeta, só a verdade é apropriada à História. De acordo com esse princípio, ele [Procópio] não tem escondido as falhas nem mesmo do seu mais íntimo conhecimento, mas tem escrito com completa precisão tudo o que aconteceu desse assunto (...).⁷²

Esse trecho é emblemático, pois ele remete a uma concepção na qual o historiador concede a possibilidade de um relato verdadeiro exclusivamente à narrativa de natureza histórica. Nesse sentido, uma primeira observação a ser considerada incide sobre a concepção de “verdade”, proposta pelo historiador. A questão que se coloca aqui é: o que Procópio considera uma narrativa verdadeira dos fatos? Esse questionamento se fundamenta no fato de suas críticas mais severas e abertamente declaradas ao governo de Justiniano não terem sido expressas na *História das Guerras*, mas sim em outro conjunto de textos que formaram, posteriormente, a *História Secreta*. Essas críticas não se destinavam somente ao imperador Justiniano, mas também à imperatriz Teodora e mesmo ao general Belisário. Sendo assim, podemos ainda questionar: a que princípios de “completa precisão” o historiador obedece ao selecionar a forma e os conceitos com os quais serão descritos os acontecimentos das guerras por ele narrados?

⁷² PROCOPIUS. *De Bello Persico* I. i. 4-5. “πρέπειν τε ἡγεῖτο ῥητορικῇ μὲν δεινότητα, ποιητικῇ δὲ μυθοποιαν, ξυγγραφῇ δὲ ἀληθειαν. ταῦτα τοι οὐδὲ του τῶν οἱ ἐξ ἄγαν ἐπιτηδείων τά μοχθηρά ἀτεκρύψατο, ἀλλὰ τά πᾶσι ξυνενεχθέντα ἕκαστα ἀκριβολογούμενος ξυνεγράψατο, (...)”

Na busca por um caminho para esclarecer tais questões, encontramos em Warren Treadgold uma ideia do que poderia ser considerado “verdade” nas palavras de Procópio. Certamente, o historiador de Cesareia não estava se comprometendo com uma narrativa que poderíamos classificar como “correta” ou “fidedigna” dos fatos. O que Treadgold propõe é que essa concepção teria, em Procópio, ligação direta com a percepção de um julgamento considerado por ele como sendo justo, em relação aos acontecimentos dos quais tratava.⁷³ Treadgold sugere ainda que, nessas linhas, Procópio pretendesse acalmar possíveis suspeitas de deslealdade ao imperador, que viessem à tona por conta de algumas críticas à política imperial que certamente surgiriam, explícita ou implicitamente, ao longo da obra.⁷⁴ Para outro estudioso de Procópio de Cesareia, Anthony Kaldellis, não há como ignorar a dimensão literária dos escritos historiográficos desde os historiadores antigos. Entretanto, esse compromisso com uma narrativa que se propunha a ser “verdadeira” estabeleceria uma diferença entre narrativas do que pode ser considerado “fato” e aquelas que lidavam com a “ficção”.⁷⁵

Em nossa pesquisa, também consideramos esse compromisso de Procópio com uma narrativa “verdadeira” das guerras ligada à ideia de “justiça”, como propôs Treadgold. Por outro lado, acrescentamos que a ênfase dada a uma narrativa comprometida com o rigor nas descrições do que foi testemunhado ou conhecido pelo historiador remete a um comprometimento que também Tucídides apresentou no livro I da *História da Guerra do Peloponeso*:

⁷³ Cf. TREADGOLD, Warren. **The Early Byzantine Historians**. Londres: Palgrave Macmillan, 2010. p. 213.

⁷⁴ Cf. TREADGOLD, Warren. **The Early Byzantine Historians**. Londres: Palgrave Macmillan, 2010. p. 213.

⁷⁵ Cf. KALDELLIS, Anthony. **Procopius of Caesarea: Tyranny, History, and Philosophy at the End of Antiquity**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2004. p. 6. O autor alerta que mesmo os historiadores antigos sabiam que a ‘verdade’ poderia ser representada em formas literárias e que diferentes ‘verdades’ poderiam ser descritas de um mesmo evento. Eles também teriam consciência de que os fatos isolados em si não tem sentido, mesmo que sejam verdadeiros; o que importava, de fato, eram as ideias e interpretações que eram construídas deles, ou seja, sua compreensão histórica propriamente dita. Cf. *Ibid.* pp. 6-7.

E quanto às ações praticadas na guerra, decidi registrar não as que conhecia por uma informação casual, nem segundo conjectura minha, mas somente aquelas que eu próprio presenciara e depois de ter pesquisado a fundo sobre cada uma junto de outros, com a maior precisão possível. Muito penoso era o trabalho de pesquisa, porque as testemunhas de cada uma dessas ações não diziam o mesmo sobre os mesmos fatos, mas falavam segundo a simpatia por uma ou outra parte ou segundo as lembranças que guardavam.⁷⁶

O entendimento de uma narrativa tida como “verdadeira” ligada à ideia de uma descrição “justa”, passa pelo ideal de “exatidão” ou “precisão”, termo que ambos os historiadores utilizaram em seus textos. É possível que Procópio tenha tomado esse alerta com relação à precisão de seus relatos da obra de Tucídides, inclusive utilizando nele o mesmo termo (ἀκριβεία). Entretanto, Procópio se distingue por acrescentar à “exatidão” de seus escritos o ideal de “verdade” (ἀλήθειαν). Ou seja, é um relato que se compromete a ser rigoroso na exatidão e na veracidade do que foi narrado. É visando alcançar esse grau de confiabilidade de seus textos que Procópio enfatizou o seu desejo de escrever uma *História* sobre as guerras de Justiniano, visto que este, diferentemente da retórica ou da poesia, seria o único gênero no qual tal comprometimento poderia ser efetivamente pretendido.

O destaque dado aqui à escolha do gênero histórico para a narrativa das *Guerras* se faz relevante, pois é fundamental que conheçamos melhor os preceitos e os objetivos seguidos pelo historiador na concepção de sua obra para, então, procedermos a um estudo mais sistemático do documento. A partir desses apontamentos, podemos afirmar que, em nosso estudo, tanto das descrições dos godos enquanto populações bárbaras, quanto no que diz respeito às disputas pelo poder político na Península Itálica no século VI, nos dedicaremos à análise de textos cuidadosamente elaborados para

⁷⁶ TUCIDIDES. ΘΟΥΚΥΔΙΔΟΥ ΙΣΤΟΡΙΩΝ. I. xxii, 2-3. “τα δ’ ἔργα τῶν πραχθέντων ἐν τῷ πολέμῳ οὐκ ἐκ τοῦ παρατυχόντος πνιθανόμενος ἡξίωσα γράφειν οὐδ’ ὥς ἐμοὶ ἐδόκει, ἀλλ’ οἷς τε αὐτὸς παρῆν καὶ παρα τῶν ἄλλων ὅσον δυνατὸν ἀκριβείᾳ περὶ ἐκάστου ἐπεξελθών. Ἐπιπόνως δὲ ἠύρισκετο, διότι οἱ παρόντες τοῖς ἔργοις ἐκάστοις οὐ ταῦτα περὶ τῶν αὐτῶν ἔλεγον, ἀλλ’ ὥς ἐκατέρων τις εὐηθείας ἢ μνήμης ἔχοι.”

serem recebidos como sendo as mais “verdadeiras” e “precisas” descrições de tudo aquilo que o historiador teria testemunhado durante os conflitos.

Como dito, apesar de se comprometer a escrever uma História sobre as guerras de Justiniano, Procópio não seguiu os preceitos do modelo de narrativa histórica que prevaleciam entre os historiadores cristãos do século VI. Aliás, como Deborah M. Deliyannis nos chama a atenção, nesse período a História não se constituía num campo específico de estudos, sendo comumente considerada um ramo da retórica ou dos estudos de gramática.⁷⁷ Sendo assim, não encontraríamos, no século VI, o tipo identificado com o “historiador profissional”. Essa observação não se aplicaria apenas para os séculos da chamada Antiguidade Tardia, mas poderia ser estendida ao longo de todo o período medieval.⁷⁸ Como consequência desse fator, os chamados “textos históricos”, ou seja, aqueles dedicados a acontecimentos e temáticas ligadas ao passado e presente, seriam compostos por um leque amplo de tipos documentais de diferentes naturezas, cada qual com seus estilos próprios de escrita, sem um grande modelo ou padrão a ser seguido. Como exemplo dessa diversificada natureza documental, Deliyannis cita os anais, exegeses, poemas, biografias (incluindo aqui as vidas de santos), panegíricos, documentos oficiais, além de outros trabalhos que visavam manter vivos alguns registros específicos sobre o passado.⁷⁹ Não era incomum encontrar certos autores combinando, num mesmo texto, duas temáticas ou estilos diferentes de escrita, como os acima mencionados.⁸⁰

⁷⁷ Cf. DELIYANNIS, Deborah Mauskopf (Org). **Historiography in the Middle Ages**. Leiden-Boston: Brill, 2003. p. 1.

⁷⁸ Cf. DELIYANNIS, Deborah Mauskopf (Org). **Historiography in the Middle Ages**. Leiden-Boston: Brill, 2003. p. 6.

⁷⁹ Cf. DELIYANNIS, Deborah Mauskopf (Org). **Historiography in the Middle Ages**. Leiden-Boston: Brill, 2003. p. 6.

⁸⁰ Cf. DELIYANNIS, Deborah Mauskopf (Org). **Historiography in the Middle Ages**. Leiden-Boston: Brill, 2003. p. 6.

Isso não significa dizer que não tenha havido, no período, um gênero de tipo historiográfico. Apesar de todas essas variáveis nos modelos de escrita de textos referentes ao passado, os historiadores modernos buscaram agrupar os textos que mantinham determinadas semelhanças em sua composição, seguindo os mesmos padrões estilísticos e metodológicos. Estes passaram a ser posteriormente considerados em conjunto como um gênero. No Ocidente latino, segundo Deliyannis, a história de tipo “Universal” seria o tema mais difundido, encontrando em Eusébio de Cesareia o seu primeiro grande exemplo e que veio a se tornar um modelo para outros autores.⁸¹

Esse tipo de história Universal, entre historiadores cristãos, é definido por Michael I. Allen como tipos de narrativas que visavam abranger todo o mundo habitado (a ideia helenística de *oikoumêne*), iniciando no momento da Criação Divina, tendo como fundamento os relatos bíblicos combinados com algumas evidências não religiosas. Concordando com Delyiannis, Michal Allen também ressalta a importância de Eusébio de Cesareia como o grande exemplo desse tipo de escrita para a escrita da história também entre autores latinos. Segundo Allen, a transmissão e aplicação das ideias e métodos de Eusébio foram importantes para determinar formas e também conteúdos da maior parte do caminho trilhado pelos historiadores dedicados a escrever uma narrativa de tipo universal.⁸² No mesmo texto, o autor retoma um trabalho de J. N. D. Kelly (*Jerome: His Life, Writings, and Controversies*, de 1975), para afirmar que, tanto para Eusébio de Cesareia como para aqueles que seguiram seus princípios de escrita de uma História Universal (como Jerônimo), as narrativas bíblicas se imbricavam com questões políticas contemporâneas, como a crença de que os

⁸¹ Cf. DELIYANNIS, Deborah Mauskopf (Org). **Historiography in the Middle Ages**. Leiden-Boston: Brill, 2003. p.11. A autora afirma claramente que Eusébio teria sido o “criador” desse gênero historiográfico.

⁸² Cf. ALLEN, Michael I. Universal History 300-1000: origins and Western Developments. In: DELIYANNIS, Deborah Mauskopf (Org). **Historiography in the Middle Ages**. Leiden-Boston: Brill, 2003. p. 20.

propósitos divinos só se concretizariam sob a égide do Império Romano.⁸³ Assim, percebamos que a ideia de uma escrita da História de tipo Universal estava intimamente ligada à concepção de uma História teleológica cristã, não se estendendo a autores não cristãos, como Amiano Marcelino.

Essas constantes referências às passagens bíblicas nos textos de História não se devia apenas ao fato de o Império ser oficialmente cristão desde o século IV ou porque a Igreja possuía, já nesse período, uma estrutura hierárquica que se fazia presente nos mais diversos territórios do Império. Para além disso, Deborah M. Deliyannis nos chama a atenção para um outro fator, talvez ainda mais consistente para uma análise, que também aproximaria as narrativas de História do período com referências religiosas cristãs: o fato de o Cristianismo, assim como o Judaísmo, possuir seus fundamentos principais registrados em textos de natureza histórica e biográfica. Para a autora, historiadores como Procópio de Cesareia teriam herdado, além de uma tradição clássica de escrita da História, também uma tradição de narrativas históricas que fundamentavam as crenças cristãs.⁸⁴

Não pretendemos aqui desenvolver uma extensa e detalhada análise sobre a produção historiográfica desse período da Antiguidade Tardia, pois certamente, essa reflexão exigiria uma dedicação extensa e concentrada, que poderia resultar ou no nosso afastamento das preocupações centrais dessa pesquisa, ou num tipo de reflexão que venha a se revelar como superficial e carente de densidade analítica. Entretanto, esses breves apontamentos sobre o panorama da produção historiográfica na qual Procópio de Cesareia se inseria no século VI nos será útil para entendermos como o historiador elaborou suas narrativas (e em especial para nossa pesquisa, suas descrições sobre os

⁸³ Cf. ALLEN, Michael I. Universal History 300-1000: origins and Western Developments. In: DELIYANNIS, Deborah Mauskopf (Org). **Historiography in the Middle Ages**. Leiden-Boston: Brill, 2003. p. 25.

⁸⁴ Cf. DELIYANNIS, Deborah Mauskopf (Org). **Historiography in the Middle Ages**. Leiden-Boston: Brill, 2003. p. 1.

godos e as disputas pelo poder na Itália) combinando de maneira singular as preocupações próprias de sua época, de pensar e escrever a História, com sua formação helênica e uma estrutura clássica de tratar o tema. É essa mescla entre o classicismo da forma e as constantes referências ao Cristianismo que fazem da *História das Guerras* um documento especial em relação à historiografia do século VI, pois ela representa um rompimento com a tradição de narrativa de uma História que pode ser classificada como Universal e Eclesiástica. Nesse sentido, as descrições que serão aqui objetos de nossas análises possuem um caráter peculiar, pois tratam de uma temática que é do século VI, com suas preocupações e pressupostos próprios, embora tenha sido composta dentro de uma estrutura clássica antiga de narrativa.

Uma primeira diferenciação da *História das Guerras* em relação à produção da escrita da história de tipo Eclesiástico e Universal pode ser encontrada logo nas primeiras linhas de cada uma das três seções nas quais a obra foi dividida. Nenhuma delas, nem mesmo o livro I sobre a *Guerra Persa*, se inicia pelas narrativas referentes à Criação do mundo, como era comum entre estes modelos de narrativas. A *Guerra Persa* foi aberta com as descrições do tema e dos objetivos que o historiador se propôs a registrar, além de introduzir alguns aspectos referentes às diferenças entre os exércitos e as armas de tempos passados, comparados com o seu presente. Em seguida, o historiador adentra nas narrativas da guerra propriamente dita, procedendo às descrições das relações entre o Império Romano e os persas no século V, por ocasião da morte do imperador romano Arcádio, em 408, e sua sucessão pelo seu filho Teodósio II.⁸⁵ A *Guerra Vândala* é introduzida com a morte do imperador Teodósio, em 395, e a subsequente divisão do poder imperial entre seus dois filhos, Arcádio no Oriente e Honório no Ocidente.⁸⁶ Por fim, a *Guerra Gótica* apresenta em sua primeira parte as

⁸⁵ Cf. PROCOPIUS. *De Bello Persico*. I.i-ii.

⁸⁶ Cf. PROCOPIUS. *De Bello Vandalico*. III. i.

narrativas da ascensão de Odoacro ao poder na Itália e deposição de Rômulo Augusto, culminada no ano 476.⁸⁷

Assim, tanto a introdução da *História das Guerras* presente no primeiro livro, quanto as introduções de cada uma das três seções em separado, se encontram claramente distanciadas das narrativas bíblicas da Criação do mundo, localizando-se em pontos específicos do passado do próprio Império. Acreditamos que essa forma de introdução dos textos represente um primeiro indício de que a história pretendida por Procópio fosse de caráter essencialmente político e militar, não pertencendo ao modelo de narrativas de tipo Eclesiástico e Universal comuns no período. Daí sua ligação muito mais estreita com modelos antigos clássicos de escrita da História, como Heródoto e Tucídides do que, por exemplo, com Eusébio de Cesareia, que tanto cronológica quanto geograficamente, era um exemplo mais próximo de Procópio.⁸⁸

Isso não significa que o historiador estivesse completamente alheio a qualquer influência do pensamento cristão na composição de suas narrativas. Aliás, um dos fundamentos apresentados por Procópio ao longo de toda a *Guerra Gótica* se baseava justamente no fato de se tratar de uma campanha militar de um Império cristão na luta contra uma população bárbara ariana (e, assim sendo, herética).⁸⁹ Sendo Procópio um historiador cristão, a serviço de um imperador também cristão, registrando os feitos dos exércitos imperiais numa guerra que tinha um de seus fundamentos na

⁸⁷ Essas narrativas referentes à deposição de Rômulo Augusto e ascensão de Odoacro ao poder na Itália, historiograficamente conhecida como a “Queda de Roma”, merecerão uma análise detalhada no capítulo 3.

⁸⁸ Lembremos aqui que Procópio não foi o primeiro a se interessar pela escrita de uma história política e militar, que não tinha seu início com descrições do livro do Gênesis como o princípio de tudo. Como exemplo, citamos também Eunapius, historiador do século IV, que inicia suas narrativas da história do Império Romano com passagens referentes à acontecimentos próximos ao ano 270. Outro exemplo seria Olimpiodorus, historiador do século V, embora este tenha afirmado que não escrevia especificamente uma história, mas sim material para a história. Cf. LIEBESCHUETZ, Wolf. Pagan historiography and the decline of the Empire. In: MARASCO, Gabriele. (Org.). **Greek and Roman Historiography in Late Antiquity. Fourth to Sixth Century A.D.** Leiden: Brill, 2003. pp. 177-205.

⁸⁹ Uma discussão aprofundada da relação entre *barbárie* e *arianismo* na *Guerra Gótica*, além de discussões sobre como as guerras de Justiniano foram tratadas por Procópio como um combate entre um Império cristão de um lado, e um exército herético de outro, serão objetos de análises no capítulo 4 dessa pesquisa.

defesa do Cristianismo contra o arianismo dos godos, não é de se estranhar que encontremos referências a pensamentos e crenças de natureza religiosa em sua escrita.

Nesse ponto, surge uma questão: como afirmar que o estilo clássico antigo (poderíamos dizer pagão?) de Procópio na *História das Guerras* não entraria em contradição com a presença constante de referências ao Cristianismo nas suas narrativas? Ou ainda, por que essa combinação, incomum aos contemporâneos do historiador, não foi percebida como problemática ou incoerente entre seus primeiros leitores? Visto que o estilo clássico não era o modelo padrão de escrita da História no século VI, é importante que entendamos como Procópio compôs suas descrições, articulando, numa estrutura narrativa antiga, as preocupações próprias de sua época. Essa reflexão nos permitirá compreender as descrições da *História das Guerras* como registros de um tipo muito peculiar de escrita no período que, embora distante da tradição de tipo Universal, tratava de um tema onde o Cristianismo era presença constante.

Para entender melhor a questão, tomemos de empréstimo uma ideia colocada pela historiadora Averil Cameron num antigo artigo intitulado “The ‘Scepticism’ of Procopius” e numa passagem de seu livro *Procopius and the Sixth Century*, que nos parece ser esclarecedoras sobre o assunto. A autora não coloca em questão problemas na relação entre a crença pessoal de Procópio e os modelos clássicos tomados pelo historiador para a composição da *História das Guerras*.⁹⁰ Entretanto, ela afirma que é possível observar o que ela considera uma dificuldade, que seria própria do século VI, em lidar com aquilo que considera verdadeiras contradições e tensões da vida contemporânea no que diz respeito à relação entre elementos advindos de uma cultura dita pagã e outra cristã. Isso refletiria no que a autora chama de uma “justaposição dos

⁹⁰ Cf. CAMERON, Averil. The “Scepticism” of Procopius. **Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte**. Vol 15. n. 4. Alemanha: Novembro de 1966. pp. 466-482.

opostos”,⁹¹ que não se restringia unicamente ao estilo da escrita e questões temáticas, mas seria perceptível mesmo nas terminologias utilizadas pelo historiador. E, nesse quesito, um exemplo que salta aos olhos são as constantes referências feitas ora a uma intervenção da *Providência Divina* nos combates, ora à *Fortuna* (τιχη). Vejamos como essas referências se apresentam na *História das Guerras*.

Num exemplo, retirado da *Guerra Persa*, Procópio afirma que a cidade de Apamea, na Pérsia, teria sido salva das ações do rei Cosroes devido a uma intervenção divina, estando esta acima mesmo da ação dos exércitos: “Mas Deus, como tem sido dito, preservou Apamea”⁹² Em outro, da *Guerra Vândala*, o historiador afirma que nada do que Deus decide pode ser impedido pelo conhecimento dos homens: “Para o que tem sido decidido por Deus nunca pode ser impedido por uma decisão do homem.”⁹³ Procópio indica ainda o caminho para que o exército romano conquistasse a proteção divina nos combates: “Pela aliança com Deus seguem naturalmente aqueles que propõe a justiça, e um soldado que é mal-disposto para seu governante não sabe como se tornar um bravo homem.”⁹⁴

Nesses poucos exemplos, percebemos em Procópio a existência de uma relação sua de subserviência em relação ao Deus cristão. Este exerceria seu poder para defender exércitos e controlar o destino dos acontecimentos. Essa presença constante de Deus em sua narrativa, intervindo nos desdobramentos dos combates, é descrita pelo historiador como a representação de uma força atuante nas batalhas, que toma parte e até mesmo decide os rumos dos conflitos.

⁹¹ Cf. CAMERON, Averil. *Procopius and the Sixth Century*. Londres: Duckworth, 1996. p. 7.

⁹² PROCOPIUS. *De Bello Persico*. II xi. 28. “ἀλλ’ ὁ θεός, ὥσπερ εἴρηται, Ἀπάμειαν διεσώσατο.”

⁹³ PROCOPIUS. *De Bello Vandalico*. III. iv. 9. “τά γάρ τοῦ θεοῦ ἐς βουλήν ἤκοντα οὐκ ἄν δύναιτο ἀνθρώπου γνώμη κωλύτᾳ εἶναι.”

⁹⁴ PROCOPIUS. *De Bello Vandalico*. III. xix. 6. “ἥ τε γάρ τοῦ θεοῦ ξυμμαχία τοῖς τά δίκαια προστεινομένοις προσγίνεσται πέφυκε, καί στρατιώτης τῷ κρατοῦντι δύσνους ἀνδραγαθίξεσθαι οὐκ ἐπίσταται.”

O mesmo pensamento apresentado por Procópio em relação a Deus também aparece na *História das Guerras* na voz de outros personagens dos combates, sugerindo que as ideias expostas pelo autor em relação às suas crenças religiosas fossem também comungadas pelos seus contemporâneos romanos e também alguns de seus aliados. Entre estes, encontramos um dos principais personagens de suas narrativas: o general Belisário. Na *Guerra Vândala*, após dois massagetas (aliados romanos) terem assassinado um de seus companheiros, o comandante reuniu-os junto ao exército, que discutia sobre questões referentes às possíveis punições pelo ocorrido. Extraímos o seguinte trecho da fala de Belisário, transcrita por Procópio:

Mas vós, que muitas vezes têm conquistado um inimigo não inferior a vós pela força do corpo e bem dotado de valor, vocês que tem muitas vezes tentado sua força contra seus oponentes, vocês, eu penso, não são ignorantes que, enquanto são homens que sempre fazem o combate em ambos os exércitos, é Deus quem julga o combate como parece melhor para Ele e confere a vitória na batalha. Agora, assim sendo, é apropriado considerar boas condições físicas, práticas em armar e todas as outras provisões da guerra menos convenientes que a justiça e as coisas que pertencem a Deus.⁹⁵

A crença num Deus supremo, com poder de decisão sobre o desfecho dos combates, também aparece nas falas de soldados que foram compiladas por Procópio. No primeiro livro da *Guerra Gótica*, o historiador descreve as tentativas dos godos de

⁹⁵ PROCOPIUS. *De Bello Vandalico*. I. xii. 13-14. “ὕμεῖς δέ, οἱ πολλάκις μὲν νενικήκατε πολεμίους οὔτε τοῖς σώμασιν ἐλασσομένους καὶ πρὸς ἀνδρίαν ἱκανῶς πεφυκότας, πολλάκις δέ τῶν ἐναντιῶν ἐν πείρᾳ γενένησθε, οὐκ ἀγνοεῖτε, οἶμαι, ὥς μάχονται μὲν ἐξ ἑκατέρας ἀεὶ στρατιᾶς ἄνθρωποι, βραβεύει δὲ ὁ θεὸς ὅπως ποτὲ αὐτῷ δοκεῖ καὶ τὸ τοῦ πολέμου δίδωσι κράτος. ὅτε τοίνυν ταῦτα οὕτως ἔχει, τήν τε τοῦ σώματος εὐεξίαν καὶ τήν ἐν τοῖς ὅπλοις ἐπιμέλειαν καὶ τήν ἄλλην τοῦ πολέμου παρασκευήν περὶ ἐλάσσονος προσήκει τοῦ τε δικαίου καὶ τῶν εἰς θεὸν ἠκόντων ποιεῖσθαι.”

Essa não é a única vez na qual encontramos o general romano colocando o destino dos combates submisso à vontade divina. Na *Guerra Gótica*, Belisário falava aos demais comandantes romanos na Itália (estando entre estes Narses, um dos mais destacados nessas guerras). Próximo de encerrar seu discurso, o general repassa aos comandados as seguintes ordens: “Eu declaro, então, como minha opinião que uma parte do exército deve ser enviada para Ligúria e Milão, mas que o resto deve imediatamente proceder contra Auximus e o inimigo lá, em ordem de realizar tudo o que Deus permitir; (...).” PROCOPIUS. *De Bello Gothico*. VI. xviii. 22. “φημί τοίνυν ἐγῶγε χρῆναι μοῖραν μὲν τοῦ στρατοῦ ἐς Λιγυρίαν τε καὶ Μῆδιόλανον στέλλεσθαι, τοὺς δὲ λοιπούς ἐν μὲν τῷ παραντίκᾳ ἐπὶ τε Αὐξιμον καὶ τοὺς ἐκείνη πολεμίους χωρεῖν, ὅας ἂν ὁ θεὸς διδῷ πράξοντας.”

atacar as fortificações romanas, próximo ao ano 537, enquanto Belisário comandava a defesa. Em meio a preocupações com as derrotas da sua cavalaria em batalhas anteriores e o número menor de soldados em relação aos inimigos, dois de seus guardas pessoais, um certo Principius, da Pisídia, e Tarmutus, um isáurico, vieram falar com o general. Para concluírem suas preocupações, dizem os dois homens a Belisário:

Já que nós também não estamos montados [a cavalo], como estão também essas tropas, nós devemos fazer nossa parte em ajuda-los a suportar o ataque da multidão dos bárbaros, cheios de esperança de que nós devemos infligir sobre o inimigo qualquer castigo que Deus possa permitir.⁹⁶

Assim como nas palavras de Belisário, a fala dos dois soldados subordinados ao general também transparece a crença de que os rumos tomados pelas batalhas dependiam, além das forças de cada exército, também da vontade de Deus. Devemos lembrar que a avocação de intervenção dos deuses nos destinos das batalhas era uma prática recorrente desde a Antiguidade. Entretanto, no século VI, essas referências à busca por uma proteção ou intervenção divina nas campanhas militares faziam alusão sempre ao Deus cristão.

Existe uma extensa documentação desse período, de gêneros variados, que remetem a essa prática. Apenas a título de exemplo, podemos citar as *Novellae* de Justiniano, texto de natureza administrativa e legislativa, publicados pelo imperador em 535. Na passagem abaixo, após a vitória sobre os vândalos e a conquista de Cartago, Justiniano ordenou o pronto pagamento dos impostos com o seguinte argumento:

Nós, não consentindo a diminuição do território do Império Romano, temos recuperado toda a Lídia, reduzindo os vândalos à servidão e, *com a ajuda de Deus*, esperamos alcançar resultados ainda maiores,

⁹⁶ PROCOPIUS. *De Bello Gothico*. V. xxviii. 27. “πεζοί γάρ καί ἡμεῖς τό τῶν βαρβάρων πλήθος ξύν αὐτοῖς οἶσομεν, ἐλπίδα ἔχοντες ὅας ἂν ὁ θεός διδῷ τοὺς πολέμιους ἐργάσασθαι.”

para cuja realização, entretanto, os impostos devem ser prontamente pagos sem diminuição do tempo determinado (grifo meu).⁹⁷

Em outro documento, agora de natureza narrativa, o monge Cosmas Indicopleustes⁹⁸, que era contemporâneo de Procópio e de Justiniano, descreveu a relação de proteção e pertencimento do Império Romano aos desígnios divinos:

O Império dos Romanos, assim, *participa da dignidade do Reino do Senhor Jesus Cristo*, vendo que transcende, tanto quanto pode estar nesse estado de existência, qualquer outro poder, e permanecerá invicto até a consumação final, pois ele [o profeta Daniel] disse que não será nunca destruído (grifo meu).⁹⁹

Mais do que se referir ao Deus cristão como um protetor e interventor em favor dos exércitos imperiais, como fizeram Procópio e as *Novellae* de Justiniano, Cosmas destaca que a própria existência e poder do Império fariam parte de um plano divino superior, o que lhe conferiria a supremacia sobre qualquer outra organização política na terra.

Assim como nos documentos acima, a *História das Guerras*, mesmo seguindo um estilo de escrita mais próximo dos antigos Heródoto e Tucídides que de autores cristãos, também é carregada com inúmeras referências a relações de submissão da população romana do período aos desígnios divinos e uma busca constante pela proteção do Deus cristão.

Na *Guerra Gótica*, a primeira referência a Deus é emblemática. Nela, Procópio se reporta a uma das mais complexas discussões dogmáticas sobre a natureza divina, mas se utiliza de uma construção retórica claramente inspirada em Heródoto, o que exemplifica essa já citada relação entre a temática e o estilo de escrita das *Guerras*.

⁹⁷ JUSTINIANUS. **Novella** 8.10.2. No prefácio do mesmo documento, Justiniano enumera as conquistas de seus exércitos e, mais uma vez, faz referência à presença de Deus no desfecho dos combates: “Agora, com o auxílio de Deus, o território público está ampliado e ambos as margens do Danúbio estão ocupadas por cidades sujeitas ao nosso Império, Viminacium, Recidua e Letterata, situadas do outro lado do Danúbio, estão sujeitas à nossa dominação (grifo meu). JUSTINIANUS. **Novella** 11, prefácio.

⁹⁸ A obra em questão é a *Topografia Cristiana*, publicada em 550, na qual o monge Cosmas Indicopleustes apresenta mapas e descrições dos trajetos entre o Império e a Índia no século VI.

⁹⁹ COSMAS. **Topografia Cristiana**. II. 75.

Trata-se de uma passagem onde Procópio menciona a chegada de dois sacerdotes de Constantinopla, Hipatius de Éfeso e Demétrio, da Macedônia, à cidade de Roma. Os dois sacerdotes foram enviados para participar das discussões sobre o dogma cristão referentes à natureza de Deus, tema que, nas palavras do próprio historiador, era objeto de discórdias e controvérsias entre os cristãos.¹⁰⁰ Nesse ponto da narrativa, Procópio esclarece para o leitor que tem conhecimento desses debates, mas prefere não discutir sobre o tema:

Para esse ponto em disputa, embora eu o conheça bem, eu não devo, por nenhum meio, fazer menção a ele; pois eu considero um tipo de tolice insana investigar a natureza de Deus, questionando de que tipo é. Pois o homem não pode, penso eu, apreender nem mesmo os negócios humanos com precisão, muito menos aquelas coisas que pertencem à natureza de Deus. Para mim, portanto, devo manter um discreto silêncio acerca dessa matéria, com o único objetivo que a velha e venerável crença não possa ser desacreditada.¹⁰¹

O argumento utilizado por Procópio para justificar a sua recusa em discutir tal questão é simples e direto: não promover um debate que conduza a “velha e venerável crença” a questionamentos. E conclui: “Para mim, de minha parte, não direi nada sobre Deus, exceto que Ele é inteiramente bom e tem todas as coisas em Seu poder.”¹⁰² Esse exemplo poderia nos levar a pensar que o historiador se preocuparia mais com a preservação das crenças e dogmas do Cristianismo do que com discussões e questionamentos a seu respeito.

Entretanto, esse assunto é tão complexo quanto fundamental, não apenas no que diz respeito às discussões sobre preceitos dogmáticos do Cristianismo, mas também porque uma reflexão mais detalhada sobre essa questão poderia conduzir o historiador a

¹⁰⁰ Cf. PROCOPIUS. *De Bello Gothico*. V. iii. 5.

¹⁰¹ PROCOPIUS. *De Bello Gothico*. V. iii. 6-7. “τά δέ ἀντιλεγόμενα ἐγὼ ἐξεπιστάμενος, ὡς ἥκιστα ἐπιμνήσομαι. ἀπονοίας γάρ μανιώδους τινός ἡγοῦμαι εἶναι διερευνᾶσθαι τὴν τοῦ θεοῦ φύσιν, ὅποια ποτέ ἐστιν. ἀνθρώπῳ γάρ οὐδε τὰ ἀνθρώπεια ἐς τό ἀκριβές οἶμαι καταληπτὰ, μή τί γε δὴ τὰ εἰς θεοῦ φύσιν ἦκοντα. ἐμοί μὲν οὖν ταῦτα ἀκινδύνως σεσιωπῆσθω μόνῳ τῷ μὴ ἀπιστεῖσθαι τὰ τετιμημένα.”

¹⁰² PROCOPIUS. *De Bello Gothico*. V. iii. 8. “ἐγὼ γάρ οὐκ ἂν οὐδέν ἄλλο περὶ θεοῦ ὁτοῦν εἴποιμι ἢ ὅτι ἀγαθός τε παντάπασιν εἶν καὶ ξύμπαντα ἐν τῇ ἐξουσίᾳ τῇ αὐτοῦ ἔχει.”

discussões a respeito também do arianismo, praticado pelas populações godas, visto que esse era um dos argumentos no qual Procópio fundamentava os ataques dos exércitos imperiais. Além do mais, a negação de Procópio em discutir princípios dogmáticos do Cristianismo não entra em desacordo com o propósito inicial do historiador, que seria basicamente escrever a história das guerras de Justiniano, e não uma história geral do período.

E, para justificar o fato de não se adentrar por um tema tão importante e, ao mesmo tempo, tão complexo para o Cristianismo, Procópio se utiliza de um recurso retórico que se assemelha a um de seus modelos clássicos, Heródoto. No segundo livro das *Histórias*, ao descrever as festas religiosas egípcias nas quais porcos eram sacrificados, o autor afirma que há uma história contada pelos egípcios, sobre a qual, diz: “Eu a conheço, mas não acredito ser conveniente relatá-la.”¹⁰³

François Hartog, no livro em *O espelho de Heródoto*, afirma quando Heródoto diz que não vai escrever ou dizer sobre alguma questão, especialmente questões religiosas, ele esclarece antes de tudo que tem conhecimento das explicações, do tema, embora não os aborde. Segundo Hartog, esse posicionamento do historiador visa transmitir um modo de “fazer-se crer: eu sei mais do que digo, (...) eu sei, mas não escrevo”.¹⁰⁴ Percebemos em Procópio a mesma fórmula diante de uma questão de natureza divina para o Cristianismo, como visto no exemplo acima: “Para esse ponto em disputa, embora eu o conheça bem, eu não devo, por nenhum meio, fazer menção a ele”.¹⁰⁵

Portanto, o fato de Procópio não dedicar muito espaço à reflexão sobre aspectos dogmáticos do Cristianismo, para além da declarada intenção de proteger a

¹⁰³ Herodotus. *Historiai*. II. 47. “ἐμοὶ μέντοι ἐπισταμένῳ οὐκ εὐπρεπέστερός ἐστι λέγεσθαι.”

¹⁰⁴ HARTOG, François. **O espelho de Heródoto**. Ensaio sobre a representação do outro. Tradução Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999. p. 292.

¹⁰⁵ Vide nota de rodapé 101.

“velha e venerável crença”, recorre a um de seus modelos clássicos para uma construção retórica que permite ao historiador não se enveredar por uma complexa e perigosa discussão. Além disso, tal recurso retórico permite ao historiador não se distanciar de seus objetivos principais, sendo coerente com os propósitos primeiros de seus registros.

Apesar das inúmeras referências aos Cristianismo nas narrativas da *História das Guerras*, também não é raro encontrarmos o historiador referindo-se à Fortuna, termo originário da tradição clássica, que os antigos historiadores gregos utilizavam para se referir a uma força superior aos homens que se acreditava atuar como guia no destino dos acontecimentos humanos. No último livro da *Guerra Gótica*, Procópio apresenta uma reflexão sobre como compreende as formas pelas quais a Fortuna atua sobre os homens:

Nesse ponto da narrativa ocorre-me de comentar a maneira pela qual a Fortuna faz o jogo sobre os negócios humanos, não sempre visitando os homens da mesma forma ou mantendo-os com o mesmo olhar, mas mudando com as mudanças do tempo e lugar; e ela joga um tipo de jogo com eles, mudando a posição da pobre infelicidade de acordo com as variações do tempo, lugar ou circunstâncias, (...).¹⁰⁶

As referências feitas por Procópio à Fortuna, termo de origem não-cristã, ao narrar uma guerra que tem como um de seus fundamentos a luta de um Império cristão contra populações bárbaras arianas, pode parecer um cruzamento conflitante ou até mesmo contraditório. Entretanto, o século VI em Bizâncio é um período onde as heranças da cultura clássica antiga ainda estavam vivas, e onde o Cristianismo se

¹⁰⁶ PROCOPIUS. *De Bello Gothico*. VIII. xxxiii. 24. “Εναῦθα μοι τοῦ λόγου ἔννοια γέγονεν ὄντινα ἡ τύχη διαχλευάζει τὰ ἀνθρώπεια τρόπον, οὐκ ἀεὶ κατὰ παρὰ τοὺς ἀνθρώπους ἰοῦσας οὐδὲ ἴσοις αὐτοὺς ὀφθαλμοῖς βλέπουσα, ἀλλὰ ξυμμεταβαλλομένη χρόνῳ καὶ τόπῳ, καὶ παίζει ἐς αὐτοὺς παιδιάν τινα παρὰ τὸν καιρὸν ἢ τὸν χώρον ἢ τὸν τρόπον διαλλάσσοις τὴν τῶν ταλαιπώρων ἀξίαν, (...)” Há ainda outros exemplos na *Guerra Gótica* onde Procópio recorre à Fortuna para a explicação de determinados eventos. Por exemplo, No segundo livro da *Guerra Gótica*, ao narrar a tomada de Auximus pelos romanos, Procópio afirma: “Foi aqui que os romanos encontraram um pedaço de boa fortuna que fez perfeitamente claro que a própria Fortuna foi quem determinou o curso dos eventos em ambos os lados.” PROCOPIUS. *De Bello Gothico*. VI. xxviii. 2. Mais adiante, ainda no mesmo volume, ao falar da chegada de Belisário à cidade de Ravena, conclui o historiador: “Pela fortuna o trouxe para a situação a qual eu devo agora descrever”. PROCOPIUS. *De Bello Gothico*. VI. xxix. 41.

constituía como uma religião suficientemente forte na cultura imperial, justificando sua presença na escrita de Procópio.¹⁰⁷

De fato, esse é um reflexo ambiente de tensões e contradições do período, ao qual Averil Cameron se referiu como representando uma “justaposição de opostos”. Entretanto, essa aproximação entre o estilo clássico e as inúmeras referências ao Cristianismo em Procópio, identificada em todas as seções da *História das Guerras*, não parece ter sido recebidas pelos contemporâneos do historiador como uma contradição ou problema. Gleanville Downey, há mais de meio século, já havia sugerido que, entre os bizantinos do século VI, não parece ter havido uma distinção clara entre elementos que a historiografia moderna tradicionalmente classifica como pagãos ou cristãos. Nesse sentido, para o homem comum do período, não haveria contestação alguma nas explicações para eventos através da Fortuna, mesmo se tratando de uma população cristianizada.¹⁰⁸

Para o caso da *História das Guerras* em especial, Cameron afirma que as referências à Providência Divina e à Fortuna se constituem apenas em registros das impressões do historiador diante dos fatos testemunhados,¹⁰⁹ sendo complicada qualquer tentativa de encontrar em Procópio uma via de conciliação entre as concepções de um classicismo secular com uma temática que envolve preceitos cristãos.¹¹⁰ Segundo

¹⁰⁷ Sobre esse ponto, há na bibliografia sobre o tema o que poderíamos chamar de um consenso historiográfico: o fato de o historiador se utilizar de modelos gregos clássicos de escrita da história não parece colocar em dúvida questões ligadas à sua religiosidade cristã. Como exemplos desses estudos, citamos aqui a própria CAMERON, Averil. **Procopius and the Sixth Century**. Londres: Duckworth, 1996., DOWNEY, Gleanville. **Paganism and Christianity in Procopius**. *Church History*. Vol. 18, No. 2. Washington: Dumbarton Oaks. Junho de 1949. pp. 89-102, PAZDERNIK, Charles F. Procopius and Thucydides on the Labor of War: Belisarius and Brasidas in the Field. **Transactions of the American Philological Association**. Vol. 130. Emory University, 2000. pp. 149-187, JENKINS, Claude. Procopiana. **The Journal of Roman Studies**. Vol. 37. 1947. pp. 74-81.

¹⁰⁸ Cf. DOWNEY, Gleanville. **Paganism and Christianity in Procopius**. *Church History*. Vol. 18, No. 2. Washington: Dumbarton Oaks. Junho de 1949. pp. 94-98.

¹⁰⁹ Cf. CAMERON, Averil. The “Scepticism” of Procopius. **Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte**. Vol 15. n. 4. Alemanha: Novembro de 1966. p. 12.

¹¹⁰ Cf. CAMERON, Averil. **Procopius and the Sixth Century**. Londres: Duckworth, 1996. p. 30. Seguindo a proposta de Downey, onde não haveria distinção clara no período para aquilo que a historiografia moderna classifica como sendo “pagão” ou “cristão”, pensamos que não haveria, de fato,

a autora, as referências à Fortuna, não apenas em Procópio, mas também em historiadores eclesiásticos, se devem muito mais à linguagem herdada dos escritores clássicos do que uma visão de causa histórica por parte do historiador.¹¹¹

Concordamos com Downey e Cameron, acreditando que a combinação de um estilo clássico e uma temática que envolve conceitos cristãos não se constituía num problema para a apreensão da obra pelos contemporâneos de Procópio. A possível contradição ou incoerência pela utilização de referências a terminologias clássicas e cristãs na escrita de Procópio se faz presente a partir de uma perspectiva de leitura moderna ou contemporânea. Entretanto, tal distinção não é aplicável nem ao meio no qual a obra foi produzida, nem ao público a quem primeiro se destinava. Mesmo distante da tradição de escrita de uma História Eclesiástica de tipo Universal, Procópio cuidou de demonstrar que os fundamentos para os ataques aos godos na Itália estavam também articulados à defesa da fé cristã.

As questões sobre a produção da *História das Guerras* aqui discutidas nos permitem compreender a que princípios historiográficos a escrita de Procópio de Cesareia se submetia para relatar as disputas pelo poder imperial na Itália e as descrições dos bárbaros godos durante os conflitos. A partir desses apontamentos, é possível entender a obra a partir de preocupações próprias do autor no século VI, distanciando nossa análise dos usos feitos desse documento pela historiografia dos séculos XIX e XX na consolidação de imagens historiográficas tais como a da “Queda de Roma”, “Restauração” e “barbarização do Império”.

qualquer tentativa de conciliar dois campos que, tanto para o historiador quanto para seus leitores contemporâneos, não se encontravam distanciados e claramente separados.

¹¹¹ Cf. CAMERON, Averil. **Procopius and the Sixth Century**. Londres: Duckworth, 1996. p. 35.

2.2- A tradição manuscrita da *Guerra Gótica*

Apesar de os livros I a VII da *História das Guerras* terem sido publicados todos em conjunto, no ano 551, esses parecem terem sido compostos ao longo dos anos das campanhas militares acompanhadas, presencialmente ou não, por Procópio de Cesareia. O pesquisador Warren Treadgold sugere que, num plano inicial, o historiador pensou em organizar suas narrativas em doze livros, que seriam publicados em conjunto no ano 540. Por essa primeira proposta, uma provável divisão implicaria em dois livros sobre a *Guerra Persa*, quatro sobre a *Guerra Vândala* e outros seis sobre a *Guerra Gótica*. Outra possibilidade, também salientada por Treadgold, seria a divisão da obra em seis livros.¹¹²

Entretanto, após o ano de 540, outros importantes eventos continuaram a acontecer no Império, como a grande peste do início da década e, principalmente, a continuação dos conflitos na Itália, que durariam até por volta do ano 553.¹¹³ Obviamente, os novos registros de Procópio o obrigaram a uma reorganização na divisão da obra em livros, que foram publicados em 551, num total de sete volumes: dois sobre a *Guerra Persa*, dois sobre a *Vândala* e três sobre a *Gótica*. Além destes, um oitavo volume fora publicado posteriormente, no ano 554, contendo um apanhado geral dos combates.

Como dito na Introdução, as guerras contra persas, vândalos e godos foram apresentadas separadamente uma das outras por Procópio, embora, em certos períodos, elas tenham se sobreposto no tempo. Por conta dessa divisão da obra em três seções praticamente independentes, que conta ainda com um oitavo volume publicado a

¹¹² Cf. TREADGOLD, Warren. **The Early Byzantine Historians**. Londres: Palgrave Macmillan, 2010. p. 185.

¹¹³ No caso da *Guerra Gótica*, as descrições dos acontecimentos passados até o ano 540 parecem se encerrar no que veio a ser o começo do livro VII (mais precisamente, em VII, i, 22), com descrições que apontavam uma série de virtudes do general Belisário, como o fato de ser um homem fiel à esposa, corajoso, de justo julgamento, frio, de sábias decisões nas guerras, além de ressaltar o seu poder, autoridade e comando sobre os soldados e suas conquistas nas campanhas do século VI.

posteriori, pensamos ser não apenas possível, mas também legítimo o estudo das diferentes seções da obra em separado, como aqui proposto. Mais do que isso, verificamos que a própria transmissão dessas narrativas em suas diversas reedições também não se deu maneira uniforme para todos os volumes. Verificamos que as diversas cópias que formam a tradição manuscrita da *História das Guerras* não podem ser reunidas numa única linhagem de cópias e reedições do documento.

Atualmente, são conhecidas duas famílias diferentes de manuscritos na tradição manuscrita dos oito volumes das *Guerras*: uma primeira voltada para os quatro primeiros livros da coleção, ou seja, aqueles referentes à *Guerra Persa* e *Guerra Vândala*, e uma segunda referente à sequência entre os livros V e VIII, compostos pela *Guerra Gótica* e o volume final de 554. Felizmente para o nosso caso, os livros V-VII, que compõem a *Guerra Gótica* (nosso documento principal de estudos nessa pesquisa), estão todos inseridos dentro da mesma família de manuscritos, o que nos possibilita a análise da transmissão e reproduções das narrativas de nosso principal documento em um único conjunto. Portanto, é sobre um estudo dessa segunda família de manuscritos das *Guerras* que dedicaremos as próximas páginas desse trabalho.

Uma reflexão sobre a tradição manuscrita da *Guerra Gótica* será aqui trabalhada tendo como referencial a estruturação dos manuscritos propostas por Jacob Haury, no início do século XX. Analisaremos também a proposta de uma nova genealogia dos documentos, apresentada por Maria K. Kalli, a partir da inclusão de um antigo códice não considerado por Haury. A inserção desse códice, que será aqui tratado pela sigla *Ath*, à tradição manuscrita dos livros V-VIII da *História das Guerras*, obrigaria o pesquisador a uma nova estruturação da relação entre os manuscritos conhecidos. Essa é a temática sobre a qual trataremos de maneira mais detalhada nas páginas seguintes. Ressaltamos de antemão que as informações referentes aos códices

utilizados para traduções e edições modernas e contemporâneas das *Guerras* seguirão aqui as siglas adotadas por Jacob Haury, reproduzidos por Maria K. Kalli na obra *The Manuscript Tradition of Procopius' Gothic Wars*, que tomamos aqui como estudo base para esse tópico.¹¹⁴

O estudo dessa tradição manuscrita se justifica pelo fato de a edição elaborada por Jacob Haury ter servido de modelo para as traduções em diversas línguas ao longo do século XX¹¹⁵, além de terem sido esses os textos utilizados por uma consagrada historiografia sobre o governo de Justiniano, à qual também nós recorreremos nessa pesquisa. Daí a importância de se tentar entender melhor como os textos de Procópio de Cesareia teriam chegado até Haury e quais os manuscritos ao qual ele teve acesso para compor sua edição.

A tradução inglesa do trabalho completo das *Guerras* apareceu pela primeira vez na coleção publicada pela Loeb (Londres), traduzidos por H. B. Dewing e G. Downey, entre os anos 1914 e 1940. A edição da Loeb seguiu os textos publicados por Haury na coleção Taubner. São os livros dessa edição inglesa que nos servem como principal documento nessa pesquisa, em especial os volumes 3-5, que trazem uma versão bilíngue dos livros V-VIII da *História das Guerras*.¹¹⁶

A primeira edição impressa das *Guerras* que se tem notícia foi publicada por David Hoeschel, *Historiarum Procopii Libri*, em 1607, utilizando-se para tanto dois códices diferentes para os livros I-IV: um do século XVI, o *Monac.* gr. 48 (m), e outro

¹¹⁴ KALLI, Maria K. **The Manuscript Tradition of Procopius' Gothic Wars**; A reconstruction of family y in the light of a hitherto unknown manuscript (Athos, Lavra H-73). München, Leipzig: K. G. Saur, 2004.

¹¹⁵ Como exemplos, temos a tradução francesa de D. Roques, *La guerre contre les Vandales, livres III-IV* (Paris, 1990), as alemãs de O. Veh, *Procopius von Caesarea* (Munique, 1970) e *De Bello Gothico* (Munique, 1978), a romena *Procopius din Caesarea, Razboiul cu Gotii*, de H. Mihaescu (Bucareste, 1963) e a espanhola *Historia de las guerras, Procopio de Caesarea, introducción, traducción y notas*, de F.A.G. Romero (Madri, 2000).

¹¹⁶ A edição dos livros de Procópio de Cesareia publicados pela Loeb são divididos em sete volumes. O primeiro contem os livros da *Guerra Persa*, o segundo da *Guerra Vândala*, os volumes 3, 4 e 5, contêm a *Guerra Gótica* e o livro VIII da *História das Guerras*, o sexto é dedicado à *História Secreta* e o sétimo e último volume contém a obra *Das Construções*.

do século XVII, o Pr. Gr. 1700 (o). Para os livros V-VIII, o autor utilizou os códices Monac. gr. 87 (n), do século XVI, e o Par. gr. 1701 (o), do XVII.¹¹⁷ Essa edição havia sido precedida por três traduções dos documentos para o latim. São elas as de Leonardo Aretinus Brutus, *De bello Italico adversus Gothos*, que traduziu os livros V-VIII de um manuscrito não especificado, publicando-os em 1470; o segundo é de Chirstophorus Persona, *Procopius de Bello Gothorum*, que também fez uma tradução dos livros V-VIII, publicado em 1506, tomado de empréstimo um manuscrito não especificado da Biblioteca do Vaticano;¹¹⁸ e, por fim, uma tradução dos livros I-IV, feitas em dois momentos diferentes: os livros I-II por Raphaellus Volaterannus, *Procopius de Bello Persico* (publicado em 1509) e os dois referentes à *Guerra Vândala*, III-IV, traduzidos por Hugo Groot, (esse últimos dois livros foram publicado em 1655, após a publicação da edição impressa de Hoeschel).¹¹⁹

Uma segunda edição foi publicada em Paris, nos anos 1661-1663, por Claudius Maltretus, intitulada *Procopii Ceasariensis Historiarum sui temporis libri VIII*. Essa obra foi reimpressa em Veneza, em 1729, com uma tradução de toda a obra. Maltretus utilizou dois manuscritos do século XIV e cópias do codd. Vat. gr. 152 (V) e 1690 (K). Essa edição de Maltretus foi adotada por G. Dindorf, na série *Corpus Scriptorum Historiae Byzantinae*, em 1833-1838. Também foram utilizadas para essa edição as traduções anteriores de Hoeschel, Volanterannus e Persona.¹²⁰

¹¹⁷ KALLI, Maria K. **The Manuscript Tradition of Procopius' Gothic Wars**; A reconstruction of family y in the light of a hitherto unknown manuscript (Athos, Lavra H-73). München, Leipzig: K. G. Saur, 2004. p. 4.

¹¹⁸ Essa informação aparece no prolegômenos da tradução. Cf. KALLI, Maria K. **The Manuscript Tradition of Procopius' Gothic Wars**; A reconstruction of family y in the light of a hitherto unknown manuscript (Athos, Lavra H-73). München, Leipzig: K. G. Saur, 2004.

¹¹⁹ KALLI, Maria K. **The Manuscript Tradition of Procopius' Gothic Wars**; A reconstruction of family y in the light of a hitherto unknown manuscript (Athos, Lavra H-73). München, Leipzig: K. G. Saur, 2004. pp.4-5.

¹²⁰ KALLI, Maria K. **The Manuscript Tradition of Procopius' Gothic Wars**; A reconstruction of family y in the light of a hitherto unknown manuscript (Athos, Lavra H-73). München, Leipzig: K. G. Saur, 2004. p. 5.

No fim do século XIX, entre 1895-1898, Domenico Comparetti editou *La Guerra de Procopio di Cesarea; texto greco emendato sui manoscritti com traduzione italiana*, na coleção *Fonti per la Storia Italiana, Scrittori del secolo VI*, volumes 23-25. Essa edição tomou como base a anterior de Dindorf, e utilizando-se dos seguintes códices: Vat. gr. 1690 (K), 152 (V) e 1301 (f), Vat. Reg. gr. 84 (r), Laur. gr. 69, 8 (L) e 9,32 (I) Ambr. 182 sup. (a) e 52-55 sup. (c), Monac. gr. 87 (n) e 513 (d). Apesar da envergadura do trabalho de Comparetti, que se debruçou sobre um variado número de códices, Maria Kalli o critica por não ter proposto nenhum tipo de relação entre eles.¹²¹

Essa lacuna teria sido preenchida pelo trabalho de Jacob Haury, numa edição crítica dos trabalhos de Procópio, intitulada *Procopii Caesariensis Opera Omnia*, publicada na série Taubner, em Leipzig, entre os anos 1905-1913.¹²² A edição de Haury foi baseada numa edição crítica ao texto de Comparetti, da relação entre os manuscritos apresentada no fim do século XIX por M. Kraseninnikov,¹²³ além de um estudo da tradição manuscrita dos livros V-VIII (ou seja, os três livros da *Guerra Gótica* e o oitavo livro, que trata de um apanhado geral da obra).

O trabalho de Jacob Haury, como dissemos, foi o que serviu de edição base para traduções da obra de Procópio em diversas línguas ao longo do século XX, apesar de este trabalho não ter dissertado sobre todas as variantes de todos manuscritos

¹²¹ Cf. KALLI, Maria K. **The Manuscript Tradition of Procopius' Gothic Wars**; A reconstruction of family y in the light of a hitherto unknown manuscript (Athos, Lavra H-73). München, Leipzig: K. G. Saur, 2004. p. 5.

¹²² Essa obra ocupava dois dos quatro volumes da série *Bibliotheca scriptorum graecorum et latinorum*, sendo o primeiro volume referente aos livros I-IV da *História das Guerras*, e o segundo cobrindo os livros V-VIII. Cf. KALLI, Maria K. **The Manuscript Tradition of Procopius' Gothic Wars**; A reconstruction of family y in the light of a hitherto unknown manuscript (Athos, Lavra H-73). München, Leipzig: K. G. Saur, 2004. p. 5.

¹²³ Estudos publicados nas obras *Comparationes Philologiae* (1897) e *The critica text of the second tetras of the Wars of Procopius of Caesarea* (1898). Cf. KALLI, Maria K. **The Manuscript Tradition of Procopius' Gothic Wars**; A reconstruction of family y in the light of a hitherto unknown manuscript (Athos, Lavra H-73). München, Leipzig: K. G. Saur, 2004. p. 5.

conhecidos da *História das Guerras*,¹²⁴ Segundo Kalli, a principal contribuição de Haury foi a elaboração de uma genealogia mais completa entre os manuscritos da *História das Guerras*, em especial, dos livros V-VIII.¹²⁵ Essa tradição manuscrita fora estruturada por Haury como mostra a reprodução abaixo:

Seguindo essa estruturação da tradição manuscrita dos livros V-VIII das *Guerras*, *x* representa o códice perdido, a partir do qual duas tradições manuscritas diferentes se desenvolveriam no século XIV: *z* e *y*. A família *z* é representada pelos manuscritos *K* e *V*, pelas cópias posteriores *A*, *b2* e *e1*, todas do século XV, além duas

¹²⁴ O próprio Haury afirma isso no *Prolegomena*, p. XXVI, citado por KALLI, Maria K. **The Manuscript Tradition of Procopius' Gothic Wars**; A reconstruction of family y in the light of a hitherto unknown manuscript (Athos, Lavra H-73). München, Leipzig: K. G. Saur, 2004. p. 6.

¹²⁵ Cf. KALLI, Maria K. **The Manuscript Tradition of Procopius' Gothic Wars**; A reconstruction of family y in the light of a hitherto unknown manuscript (Athos, Lavra H-73). München, Leipzig: K. G. Saur, 2004. p. 5.

cópias do século XVI, denominadas α e o . Já a família y é formada pelo manuscrito L e as cópias posteriores a , bl e h , do século XV, e c , k , n , r , d e γ , do século XVI.

As emendas e leituras de Haury refletem um texto composto em grego ático puro, revisado em relação a possíveis erros gramaticais e estilísticos, além de convenções linguísticas típicas do século VI. As emendas de Haury seguem estritamente as regras gramaticais e sintáticas dos autores clássicos, não se prendendo exclusivamente aos textos transmitidos pelos códices consultados.¹²⁶ Isso significa dizer que a edição da *História das Guerras* feita por J. Haury apresenta pequenas intervenções do editor, visto que o texto escrito por Procópio no século VI provavelmente não seria em grego Ático puro. Essa informação é registrada por H. B. Dewin, na Introdução ao primeiro volume da tradução publicada pela Loeb: “Mas o grego que ele [Procópio] escreve não é o grego Ático, e nós encontramos muitas evidências da língua falada contemporânea”.¹²⁷

Apesar de reconhecer a importância do trabalho de Haury, não apenas na edição dos escritos de Procópio (que incluem, além da coleção completa das *História das Guerras*, também as edições do livro *Das Construções* e *História Secreta*), mas principalmente na sua estruturação da tradição manuscrita das *Guerras*, acima apresentada, Maria K. Kalli propõe uma análise de mais um códice à genealogia proposta. Trata-se do já citado códice preservado no Mosteiro de Lavra, no Monte Athos (Grécia), denominado manuscrito *Ath*. A importância desse códice está

¹²⁶ Cf. KALLI, Maria K. **The Manuscript Tradition of Procopius' Gothic Wars**; A reconstruction of family y in the light of a hitherto unknown manuscript (Athos, Lavra H-73). München, Leipzig: K. G. Saur, 2004. p. 6.

¹²⁷ PROCOPIUS. **De Bello Persico** (ΥΠΕΡ ΤΩΝ ΠΟΛΕΜΩΝ). **History of The Wars. The Persian War**. English translate by H. B. Dewing. London: Havard University Press. Cambridge, Massachusetts, London. 1996 (1ª edição: 1914). p. xiii. “But the Greek which he writes is not the pure Attic, and we find many evidences of the influences of the contemporary spoken language.” O grego ático era o dialeto comum na Atenas da época de Tucídides, e teria permanecido assim até o século IV a.C. Ressaltamos, entretanto, que é uma forma do grego ainda bem distante do VI d.C., quando Procópio escreveu suas histórias.

principalmente na sua datação: final do século XIII. Isso significa que este pode ser o mais antigo manuscrito existente sobre os livros V-VIII da *História das Guerras*. É possível inclusive que esse códice fosse parte integrante de uma coleção, agora perdida, que contivesse o trabalho completo de Procópio de Cesareia.¹²⁸ Por sua posição cronologicamente proeminente, Maria K. Kalli sugere que o códice *Ath* deva ser inserido como base tanto para a família de manuscritos *K* quanto a *L*.¹²⁹

Na comparação entre os mais antigos manuscritos, é possível encontrar uma relação de proximidade muito maior entre o *Ath* e o manuscrito *L* (o mais antigo da família *y*) do que com os da família *z*. Maria K. Kalli, numa detalhada análise paleográfica comparativa entre os diferentes manuscritos dos livros V-VIII das *Guerras*, percebeu que existem alguns enganos na escrita de nomes próprios e erros de ordem ortográfica que são comuns aos manuscritos *Ath* e *L*, da família *y*, mas que não se repetem em outros manuscritos, como os *K* e *V*, da família *z*. Essa relação entre os manuscritos *Ath* e *L* se torna ainda mais próxima quando a análise leva em consideração variações no vocabulário, como alterações, inversões, adições e omissões na escrita, ou ainda a construção sintática, no que se refere a incorreções nas formas verbais.¹³⁰

Essa aproximação do *Ath* com o manuscrito *L* é de grande importância na tradição manuscrita da família *y*, visto que o *Ath* possui um padrão de leitura comum a outros manuscritos copiados nos séculos XV e XVI, mas que não foi transmitido nem pelos manuscritos *K* da família *z*, nem pelo *L*. Isso leva a concluir que, segundo Kalli, o

¹²⁸ Cf. KALLI, Maria K. **The Manuscript Tradition of Procopius' Gothic Wars**; A reconstruction of family *y* in the light of a hitherto unknown manuscript (Athos, Lavra H-73). München, Leipzig: K. G. Saur, 2004. p. 169.

¹²⁹ Cf. KALLI, Maria K. **The Manuscript Tradition of Procopius' Gothic Wars**; A reconstruction of family *y* in the light of a hitherto unknown manuscript (Athos, Lavra H-73). München, Leipzig: K. G. Saur, 2004. p. 21.

¹³⁰ Maria K. Kalli apresenta detalhadamente uma série de exemplos de palavras e expressões que confirmam uma proximidade muito grande entre os manuscritos *Ath* e *L*, destacando as principais diferenças em relação principalmente aos manuscritos das famílias *K* e *V*. Cf. KALLI, Maria K. **The Manuscript Tradition of Procopius' Gothic Wars**; A reconstruction of family *y* in the light of a hitherto unknown manuscript (Athos, Lavra H-73). München, Leipzig: K. G. Saur, 2004. pp. 21-25.

Ath seria o mais antigo manuscrito conhecido da tradição da família *y*, tendo sua importância na reconstrução da tradição manuscrita dessa família.¹³¹ Partindo desse estudo comparativo entre os manuscritos dos livros V-VIII, Maria K. Kalli propôs uma reordenação na relação entre os manuscritos da chamada família *y*, incorporando o *Ath* como uma das cópias basilares desse grupo de documentos. Em termos gráficos, a nova estruturação na relação entre os manuscritos poderia ser apresentada da seguinte maneira:

¹³¹ Cf. KALLI, Maria K. **The Manuscript Tradition of Procopius' Gothic Wars**; A reconstruction of family *y* in the light of a hitherto unknown manuscript (Athos, Lavra H-73). München, Leipzig: K. G. Saur, 2004. p. 131.

A definição do manuscrito *Ath* como tendo sido produzido no século XIII é baseada em estudos codicológicos e paleográficos, visto que não há um colofão ou quaisquer outras indicações internas referentes ao período de produção do manuscrito. Dessa forma, a datação do *Ath* tem como fundamento uma análise ortográfica e estilística do documento, em comparação com outros manuscritos similares.¹³²

A crítica à estruturação das relações entre os manuscritos proposta por Haury está no fato deste não ter apresentado um exame minucioso dos manuscritos da família *y*, com exceção do principal dentre eles, o *L*. Em sua edição, Haury faz apenas breves descrições dos demais manuscritos, alguns dos quais ele parece sequer ter consultado por completo.¹³³ Isso obrigou Kalli a proceder a uma análise mais detalhada dos demais manuscritos dessa família (com exceção códice *d*, do século XVI) antes de incluir o *Ath* junto ao gráfico das relações entre as distintas cópias da tradição manuscrita dos livros V-VIII da *História das Guerras*. Uma breve descrição dessa análise procedida por Kalli segue abaixo, tendo como referência o gráfico apresentado por Haury:¹³⁴

Códice *L*: produzido no século XIV, esse códice contém os livros V-VIII da *História das Guerras*. Apresenta poucos erros, a maior parte deles derivado de confusões fonéticas e mudanças de preposições. Foi considerado por J. Haury como o mais antigo manuscrito da família *y*.

¹³² Cf. KALLI, Maria K. **The Manuscript Tradition of Procopius' Gothic Wars**; A reconstruction of family *y* in the light of a hitherto unknown manuscript (Athos, Lavra H-73). München, Leipzig: K. G. Saur, 2004. p. 19.

¹³³ Cf. KALLI, Maria K. **The Manuscript Tradition of Procopius' Gothic Wars**; A reconstruction of family *y* in the light of a hitherto unknown manuscript (Athos, Lavra H-73). München, Leipzig: K. G. Saur, 2004. p. 132.

¹³⁴ As descrições das análises dos manuscritos, aqui sinteticamente apresentadas, foram minuciosamente descritas por Maria K. Kalli em KALLI, Maria K. **The Manuscript Tradition of Procopius' Gothic Wars**; A reconstruction of family *y* in the light of a hitherto unknown manuscript (Athos, Lavra H-73). München, Leipzig: K. G. Saur, 2004. pp. 132-142.

- Códice *a*: copiado entre o fim do XIV e início do XV, contendo os livros V-VIII das *Guerras*, além das obras *Das Construções* e a *História Secreta*. Fora produzido por três copistas, sendo que um deles parece ter sido o responsável pela maior parte do texto. Há breves comentários nas margens e um comentário mais extenso no livro VI (f. 89v), feitos por um mesmo copista. Muitos fólhos foram afetados por traça nas margens.

- Códice *b*: produzido no século XV, contém os livros V-VIII das *Guerras* e encontra-se em boas condições de conservação. No fólho 123v, uma pequena nota nos informa que esse manuscrito esteve, em algum momento, sob propriedade de um certo Miguel Leontário, do qual não temos notícia (τό παρον βιβλιον ὑπάρχει Μιχαηλ του λεοντουάρη). Dois copistas trabalharam nesse códice. Há breves anotações nas margens e, em três passagens, há palavras ou frases riscadas. Há uma intervenção no fólho 72v que teria sido feita por um terceiro copista posteriormente, provavelmente no século XVI.

- Códice *h*: produzido no século XV, é uma verdadeira miscelânea de manuscritos, copiados por vários copistas. É composto por cópias de fragmentos de diferentes obras, como Hesíodo, Gregório Nazianceno, Gregório de Cyprus, entre outros. Há apenas 26 linhas referentes à *História das Guerras*, presentes no fólho 408v.

- Códice *c*: produzido no século XVI, contém os livros V-VIII das *Guerras*, feito todo ele por um único copista, de escrita clara e legível. Haury não identificou o copista responsável pelo manuscrito. Entretanto, pesquisas recentes apontam para o nome de Andreas Darmarios (1540-1587), cuja produção fora extensa no período. Existem comentários do copista ao longo do texto, em especial intitulado falas e cartas. Há ainda alguns erros, muitos dos quais advindos provavelmente de uma interpretação equivocada do exemplar utilizado. Alguns destes foram sublinhados e corrigidos

interlinearmente. Não é raro encontrar nesse manuscrito partes do texto que foram omitidas pelo copista e recolocadas em formas de nota no texto.

- Códice *k*: datado de 1574, contém os livros V-VIII das *Guerras*. Haury sugere que esse manuscrito pode ter sido copiado por alguém próximo de Andreas Darmarios, mas não identifica o copista. Kalli levanta a hipótese de ter sido feito por Antonio Calosynas (1562-1598), responsável pelo manuscrito γ , concluído no mesmo ano. Uma característica desse manuscrito é a presença de letras decoradas nas margens. A caligrafia é grande e legível, com acentos e pontuações usados corretamente. Entretanto, há muitos erros ortográficos e omissões de sílabas. Há palavras onde faltam letras e, em seu lugar, foram colocados pontos. Encontram-se trechos onde sentenças inteiras foram também substituídas por pontos. Alguns desses problemas ortográficos foram corrigidos nas margens, precedidos pela abreviação $\gamma\rho$, referente a $\gamma\rho\acute{\alpha}\phi\epsilon$ (escrita), e outros interlinearmente.

- Códice γ : também datado de 1574 (o mesmo ano de produção do códice *k*), com cópias dos livros V-VIII das *Guerras*. Foi copiado por Antonios Calosynas, cuja caligrafia é clara e legível. Há apenas seis comentários nas margens desse manuscrito, embora encontrem-se muitos nas entrelinhas do texto, a maior parte para introduzir falas ou cartas. A exemplo do códice *k*, muitas correções ortográficas foram efetuadas em notas nas entrelinhas, e outras tantas nas margens, também precedidas pela abreviação $\gamma\rho$. Também nesse códice é possível encontrar algumas palavras onde pontos são encontrados no lugar das letras, possivelmente devido à dificuldade na leitura do exemplar utilizado pelo copista.

- Códice *n*: produzido no século XVI, esse códice possui manuscritos dos livros V-VIII das *Guerras*, além de algumas cartas de Sinésio (373-414).¹³⁵ O códice como um todo está em bom estado de conservação, exceto pelo fólio 70, afetado por traças. Fora produzido por um único copista (não identificado), com uma caligrafia clara e sem uso de abreviações. Encontram-se algumas letras maiúsculas nas margens do texto e as mudanças de parágrafo são indicadas por mudanças de linhas. Não há notas ou comentários, exceto por um único caso encontrado no fim do livro VI. Encontram-se correções ortográficas nas margens e nas entrelinhas do documento.

- Códice *δ*: produzido no século XVI, possui os livros V-VI da *História das Guerras*, além de textos de outros autores, como Nono de Panópolis (que viveu entre o fim do século IV e início do V), Miguel Pselo (1018-1078), Fócio (c. 810-c.893), entre outros. Foi todo ele copiado por um único copista, cuja caligrafia era clara. Pontuação e acentos são utilizados corretamente, não havendo notas, comentários ou correções. As mudanças de parágrafo são indicadas por mudança de linhas. Encontram-se letras maiúsculas nas margens do documento.

- Códice *r*: produzido no século XVI, possui os livros V-VI das *Guerras*. Apenas um copista é responsável por este trabalho. A exemplo dos códice anteriores, este também apresenta algumas letras maiúsculas nas margens. Há poucas notas nas margens do documento, as principais intitulando falas e cartas. Algumas partes repetidas do documento foram riscadas.

¹³⁵ As cartas de Sinésio encontradas nesse códice são: *Ad imperatorem Arcadium de imperio*, *Calvitii encomium*, *Aegiptii*, *Ad Paeonium de dono astrolabii*, *Concio*, *Homiliae duae*, *Hymni metrici*. Cf. KALLI, Maria K. **The Manuscript Tradition of Procopius' Gothic Wars**; A reconstruction of family y in the light of a hitherto unknown manuscript (Athos, Lavra H-73). München, Leipzig: K. G. Saur, 2004. p. 140 (nota de rodapé 177).

A inclusão do códice *Ath* como o mais antigo da família y, ocupando uma posição de proeminência na estruturação da tradição manuscrita dessa seção de documentos. Um detalhado estudo paleográfico desse códice foi minuciosamente apresentado por Kalli, do qual apresentamos abaixo algumas conclusões:

- Códice *Ath*: produzido no final do século XIII, feito por seis copistas, contendo os livros V-VIII da *História das Guerras*. A primeira e a última parte desse códice estão hoje perdidos, o que nos leva a crer, originalmente, pudesse conter os demais volumes das *Guerras*, embora este seja um dado difícil de precisar. Encontram-se muitas anotações marginais, sendo a maior parte delas encontradas nos livros V e VI, sendo que duas delas fazem referência à uma proximidade do texto com o método e estilo de Tucídides. Correções interlineares aparecem no texto. Tanto os comentários marginais quanto as correções interlineares provavelmente estariam já presentes no protótipo perdido do qual se originou essa cópia.

Ao analisarmos o mapeamento da produção de cópias dos textos dos livros V-VIII da *História das Guerras*, chama a nossa atenção o fato de os mais antigos manuscritos conhecidos serem datados do fim do século XIII e início do XIV, sendo copiados e conservados entre os principais pólos culturais bizantinos do período. Ou seja, existe uma grande lacuna, de pelo menos de seis séculos, entre os mais antigos manuscritos conhecidos atualmente e o ano de publicação da obra de Procópio de Cesareia. Nesse sentido, uma questão se coloca à nossa reflexão: qual seria o motivo para que esses textos viessem a ser não apenas copiados, mas, principalmente, por ter havido então uma preocupação com a sua conservação dentro do Império, a partir do século XIII? O que se passava em Bizâncio no período para que, de alguma maneira, se

criassem condições para essas novas reedições e o trabalho de conservação dos manuscritos, que não havia se dado com o mesmo vigor em períodos anteriores?

O que podemos observar em Bizâncio nesses séculos é um verdadeiro contraste entre, por um lado, o enfraquecimento político e a fragmentação territorial vivida pelo Império após os ataques da quarta cruzada em 1204, e por outro, o dinamismo e vivacidade da produção cultural, que ficou conhecida como “Renascimento Paleólogo” (1261-1453), caracterizada basicamente pela valorização dos antigos modelos clássicos, tanto no que diz respeito ao estudo de textos antigos quanto também em outros aspectos da produção artística.¹³⁶

Curiosamente, eram as derrotas políticas e militares decorrentes da conquista latina do início do século XIII que reforçavam o interesse no conhecimento e valorização de um passado imperial mais distante e, ao mesmo tempo, mais glorioso em relação ao presente. Ao se depararem com os desastrosos acontecimentos de um passado recente, os estudiosos e copistas bizantinos viam-se frente a perdas políticas e militares que se opunham drasticamente ao período de glórias e conquistas dos séculos anteriores, como o do governo de Justiniano. Resgatar, preservar e transmitir a memória desse passado grandioso era uma atividade à qual esses estudiosos do século XIII claramente preferiram se dedicar, em detrimento de um trabalho voltado ao momento presente ou a um passado recente a sua própria época.

Segundo Kalli, a produção dos códices *Ath*, *L*, *K* e *V* da *História das Guerras* entre os séculos XIII e XIV confirmam o interesse bizantino do período pelo conhecimento de uma historiografia elaborada sobre um passado de glórias e vitórias

¹³⁶ Cf. LEMERLE, PAUL. **História de Bizâncio**. Tradução de Marilene Pinto Machado. São Paulo: Martins Fontes, 1991. (Universidade Hoje). p. 110.

imperiais, produzidas por autores pertencentes a um estilo de escrita clássico antigo.¹³⁷ Entre tais historiadores, Procópio de Cesareia certamente é o que apresenta de maneira mais evidenciada as contradições de uma época, marcada pelo desejo de recriar uma realidade do passado clássico, agora dentro de uma estrutura política e cultural fortemente influenciada pela presença do Cristianismo.¹³⁸ Para M. R. Cataudela, essas tensões e contradições, próprias do Império no século VI, estão mais fortemente marcadas na obra de Procópio por uma série de razões, entre as quais estariam: sua formação num estilo de historiografia clássica, seu pertencimento a um grupo social de grandes proprietários e senadores, os muitos anos passados ao lado de Belisário, testemunhando suas relações (por vezes tempestuosas) com o imperador e as interferências que ambos, general e governante, sofriam de suas respectivas esposas nas decisões políticas.¹³⁹

Portanto, ressaltamos que o conhecimento e o acesso a estes verdadeiros tesouros da escrita romana em estilo clássico, como é o caso de Procópio, produzidas num período de grandes transformações, só nos é possível hoje devido ao trabalho dos copistas desse conturbado período da história imperial bizantina.¹⁴⁰

Apesar de os mosteiros do Monte Athos serem reconhecidos como os maiores centros de atividade copista do XIII,¹⁴¹ não é possível determinar com precisão

¹³⁷ Cf. KALLI, Maria K. **The Manuscript Tradition of Procopius' Gothic Wars**; A reconstruction of family y in the light of a hitherto unknown manuscript (Athos, Lavra H-73). München, Leipzig: K. G. Saur, 2004. p. 149.

¹³⁸ Cf. CATAUDELLA, M. R. *Historiography in the East*. In: MARASCO, Gabrielle. *Greek & Roman Historiography in Late Antiquity. Fourth to Sixth Century A.D.* Leiden and Boston: Brill, 2003. pp. 391-392.

¹³⁹ Cf. CATAUDELLA, M. R. *Historiography in the East*. In: MARASCO, Gabrielle. *Greek & Roman Historiography in Late Antiquity. Fourth to Sixth Century A.D.* Leiden and Boston: Brill, 2003. p. 392. As interferências de Teodora e Antonina, respectivamente esposas de Justiniano e Belisário, foram duramente criticadas por Procópio na obra *História Secreta*.

¹⁴⁰ Cf. KALLI, Maria K. **The Manuscript Tradition of Procopius' Gothic Wars**; A reconstruction of family y in the light of a hitherto unknown manuscript (Athos, Lavra H-73). München, Leipzig: K. G. Saur, 2004. Pp.167-168.

¹⁴¹ Cf. O. Oikonomides, **Mount Athos, Leves of literacy**, 1988. pp. 167-178. *Apud*. KALLI, Maria K. **The Manuscript Tradition of Procopius' Gothic Wars**; A reconstruction of family y in the light of a hitherto unknown manuscript (Athos, Lavra H-73). München, Leipzig: K. G. Saur, 2004. p. 19.

se o manuscrito *Ath* foi mesmo copiado no mosteiro de Lavra ou em algum outro mosteiro atonita, ou mesmo se a cópia foi feita por monges ou por estudiosos leigos. O estilo da escrita, análises da ortografia e questões gramaticais possibilitam indicar, com certo grau de precisão, a época em que o manuscrito fora copiado. Assim, é possível afirmar com segurança que o códice *Ath* fora produzido entre os copistas do período dos Paleólogos. Entretanto, esse tipo de estudo não permite ao pesquisador apontar com certeza qual seria o local de sua produção ou em que círculo específico de copistas ele teria sido feito. A dificuldade na precisão desses dados se deve principalmente à mobilidade dos copistas e também dos manuscritos pelas diferentes partes do Império Bizantino no período.¹⁴²

A reprodução dessas obras tinha por objetivo não apenas a preservação dos textos e o estudo sobre os acontecimentos e realizações de antigas populações helênicas e cristãs, mas também a sua preservação, para que as gerações futuras também pudessem ter acesso a toda essa fonte de conhecimento. E quando nos referimos ao conhecimento helenístico de obras escritas no período de transição entre o período Antigo e a Idade Média, não falamos do interesse bizantino exclusivamente pela história, mas também pelo uso desses textos para estudos filológicos. Dessa forma, o trabalho dos copistas desse período, fossem estes religiosos ou leigos, desempenhava a clara função de salvaguardar o conhecimento e a educação grega (παιδεία), a partir da preservação de textos antigos pelo estudo e reprodução em coleções de manuscritos.¹⁴³

¹⁴² Kalli sugere que o manuscrito poderia ter sido copiado em qualquer um dos principais centros culturais bizantinos ou de atividade copista, como o próprio Monte Athos, ou ainda Constantinopla ou Telassônica. Cf. KALLI, Maria K. **The Manuscript Tradition of Procopius' Gothic Wars**; A reconstruction of family y in the light of a hitherto unknown manuscript (Athos, Lavra H-73). München, Leipzig: K. G. Saur, 2004. p. 20.

¹⁴³ Cf. KALLI, Maria K. **The Manuscript Tradition of Procopius' Gothic Wars**; A reconstruction of family y in the light of a hitherto unknown manuscript (Athos, Lavra H-73). München, Leipzig: K. G. Saur, 2004. pp. 149-150.

A partir desses apontamentos, uma outra questão torna-se pertinente em nosso trabalho: como uma obra, cuja tradição manuscrita tem sua mais antiga cópia conhecida datada do século XIII, pode servir como testemunho fiel a questões historiográficas, colocadas hoje pelo pesquisador, a um documento originário do século VI?

A chave para se pensar numa resposta talvez esteja no propósito que motivou tanto a criação dos textos, por Procópio no século VI, quando a sua reprodução e conservação, a partir do século XIII. Apesar de se tratar de duas naturezas distintas de trabalho, um mesmo estímulo, ou até um mesmo objetivo, podem ser observados tanto no caso da criação da *História das Guerras* quanto no trabalho dos copistas bizantinos do período dos Paleólogos. Trata-se da missão de registrar os grandes acontecimentos e conquistas tidos como os mais importantes e grandiosos da história do Império, podendo servir ainda como um modelo a ser seguido por gerações futuras que se encontrassem frente a uma situação semelhante.¹⁴⁴ Em outras palavras, tanto a produção historiográfica de Procópio, no século VI, quanto a sua reprodução e conservação, a partir do século XIII, parecem atender aos mesmos interesses imperiais: o registro e conservação da memória de um passado de vitórias e triunfos romanos.

Além do mais, como dito anteriormente, a *História das Guerras* se destacava na produção historiográfica do período de Justiniano, por recorrer a um modelo clássico para narrar os acontecimentos testemunhados pelo historiador no século VI. Dessa forma, a preocupação em reproduzir e conservar esses textos a partir do século XIII foi a responsável pela preservação de uma narrativa singular, que se

¹⁴⁴ Procópio afirma isso no primeiro livro da *Guerra Persa*, em PROCOPÍUS. *De Bello Persico* I. i, 1. Sobre os objetivos dos copistas do período dos Paleólogos, cf. KALLI, Maria K. **The Manuscript Tradition of Procopius' Gothic Wars**; A reconstruction of family y in the light of a hitherto unknown manuscript (Athos, Lavra H-73). München, Leipzig: K. G. Saur, 2004. p. 149.

distingua do tipo de História Eclesiástica pela sua preocupação principal com as narrativas das guerras e dos objetivos políticos do imperador.

No período de sua produção, a *História das Guerras* parece ter se ajustado perfeitamente aos interesses imperiais, não apenas por seu conteúdo de glorificação das campanhas militares bizantinas enviadas por Justiniano, quanto também pela grande circulação que a obra parece ter experimentado quando de sua publicação. O próprio historiador afirma isso, não sem certo exagero, nas primeiras frases do livro VIII:

A narrativa que eu escrevi até este ponto tem sido composta, tanto quanto possível, no princípio de separar o material em partes nas quais relato separadamente para cada região nas quais as diferentes guerras tomaram lugar e essas partes tendo já sido publicadas têm aparecido por todos os lados do Império Romano.¹⁴⁵

O “exagero” que ressaltamos ao introduzir a fala de Procópio sobre o rápido sucesso alcançado pelos primeiros sete livros da *História das Guerras* (visto que essa introdução ao oitavo volume fora escrita, provavelmente, apenas três anos após a publicação dos anteriores), se refere ao fato, destacado por alguns historiadores, de que o público leitor de Procópio fosse restrito, entre seus contemporâneos, a apenas um grupo aristocrático destacado dentro da sociedade de Constantinopla.

Ao analisarmos a discussão sobre a recepção da *História das Guerras* entre os contemporâneos de Procópio, a partir do trabalho de três dentre os principais estudiosos da sua produção historiográfica, encontramos apontamentos diferentes. Em um livro todo dedicado a um estudo historiográfico sobre Procópio de Cesareia, Averil Cameron, partindo de análises de Robert Browning, afirma que, não apenas a *História das Guerras*, mas toda a produção de Procópio são trabalhos típicos de uma elite e,

¹⁴⁵ PROCOPIUS. *De Bello Gothico*. VIII, i, 1. “Όσα μὲν ἄχρι τοῦδε μοι δεδιήγηται, τῇδε συγγέγραπται ἥπερ δυνατὰ ἐγεγόνει ἐπὶ χωρίων ἐφ’ ᾧ δὴ ἔργα τὰ πολέμια συνηνέχθη γενέσθαι διελόντι τε καὶ ἁρμοσαμένῳ τοὺς λόγους, οἵπερ ἤδη ἐξενεχθέντες πανταχόθι δεδῆλωνται τῆς Ῥωμαίων ἀρχῆς.”

assim sendo, voltados a uma elite, compostas num estilo que seria de difícil compreensão para um leitor bizantino do século VI.¹⁴⁶

Em contrapartida, encontramos em Anthony Kaldellis diferentes apontamentos sobre a questão. Afirma o autor que as obras de Procópio seriam as “mais populares e influentes, tanto na época de sua publicação quanto posteriormente”.¹⁴⁷ Sua justificativa está na habilidade literária do historiador e no alcance de sua competência e detalhamento nas descrições de eventos, das nações estrangeiras, das guerras, da economia, escândalos da corte, arquitetura e revoltas, em especial a de Nika.¹⁴⁸

Um meio termo entre os apontamentos dos trabalhos citados pode ser encontrado com Warren Treadgold. Concordando com Cameron, Treadgold também afirma que o público leitor entre os bizantinos do século VI, não apenas de Procópio, mas da escrita em prosa formal, era pequeno. Entretanto, logo que publicados em 551, os primeiros sete dos oito livros da *História das Guerras* parecem ter alcançado um sucesso quase imediato entre esses leitores,¹⁴⁹ o que teria motivado Procópio a dizer que seu trabalho havia alcançado “todos os lados do Império”. Mas Treadgold credita o sucesso das *Guerras* tanto à detalhada e bem construída narrativa, como também às críticas ao imperador ali presentes (algumas vezes camufladas nas falas de outros indivíduos que não o historiador), muitas delas compartilhadas pelo seu grupo de leitores contemporâneos.¹⁵⁰

¹⁴⁶ Cf. CAMERON, Averil. **Procopius and the Sixth Century**. Londres: Duckworth, 1996. p. 24. Para estas conclusões, a autora cita as obras BROWNING, R. ‘The language of Byzantine literature’, In: S. Vryonis Jr., ed., **Byzantina kai Metabyzantina 1, The “Past” in Medieval and Modern Greek Culture**. Malibu: 1978. pp. 103–33, e, do mesmo autor, **Medieval and Modern Greek**, 2nd ed., Cambridge, 1983.

¹⁴⁷ Cf. KALDELLIS, Anthony. **Procopius of Caesarea: Tyranny, History, and Philosophy at the End of Antiquity**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2004. p. 2.

¹⁴⁸ Cf. KALDELLIS, Anthony. **Procopius of Caesarea: Tyranny, History, and Philosophy at the End of Antiquity**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2004. p. 2.

¹⁴⁹ Cf. TREADGOLD, Warren. **The Early Byzantine Historians**. Londres: Palgrave Macmillan, 2010. p.189.

¹⁵⁰ Cf. TREADGOLD, Warren. **The Early Byzantine Historians**. Londres: Palgrave Macmillan, 2010. p.189.

Concordamos que a circulação da obra de Procópio, em especial da *História das Guerras*, tenha se dado entre indivíduos de círculo cultural letrado e pertencente a uma elite aristocrática, o que significa dizer que sua circulação teria se dado entre um grupo muito restrito da sociedade romana do século VI. Entretanto, quando comparado com outros documentos do período (como Jordanes), Procópio se mostra um historiador muito mais versátil em sua escrita, mais minucioso em suas descrições e que suas obras, quando analisadas em conjunto, oferecem hoje ao pesquisador uma visão mais variada e crítica sobre o longo e belicoso período de governo de Justiniano.

Além disso, não nos devemos ater ao fato de as narrativas de Procópio terem circulado entre um grupo restrito de leitores no século VI. A avaliação sobre o alcance e circulação de sua obra não deve ser mensurada a partir de um percentual baixo da população bizantina do período, formada basicamente por uma elite aristocrática leitora desse gênero de escrita. Se assim for, certamente seríamos obrigados a concluir que a *História das Guerras* teria atingido apenas uma camada ínfima da sociedade contemporânea ao historiador. Ao contrário, devemos nos atentar em perceber que, entre um grupo potencial de leitores, minoritários em relação à população total de Constantinopla, as narrativas das *Guerras* tiveram uma difusão não apenas ampla, mas que se deu em curto espaço de tempo. A referência a essa difusão, feita pelo próprio historiador na abertura do oitavo volume, se não é um dado concreto, se apresenta para o pesquisador hoje como um forte indício desse fenômeno. Se nos é possível pensar num exagero do autor ao dizer que suas narrativas estivessem presentes por “todos os lados do Império”, certamente essa indicação pode ser verossímil pelo menos no que diz respeito à capital.

Em se tratando de uma obra que, uma vez mais no século XIII, atendesse aos interesses de glorificação da história e dos feitos do Império frente aos inimigos

estrangeiros, nos parece adequado considerar que os textos das transcrições da tradição manuscrita das *Guerras* mantivessem uma estreita proximidade com o conteúdo do documento original. Uma questão que fundamenta a possibilidade de trabalhar a *História das Guerras* nessa pesquisa é que não verificamos indícios claros de alterações significativas no conteúdo dos textos de Procópio, que de alguma forma pudessem indicar a supressão de trechos extensos ou alguma modificação na composição das narrativas que viesse a ser seguida pelas cópias subsequentes. As pequenas diferenças percebidas entre os manuscritos são basicamente de ordem gramaticais, anotações feitas pelos copistas ou problemas ligados ao estado de conservação dos documentos. Porém, não encontramos interferências que indiquem alterações significativas que viessem a comprometer o entendimento da obra a partir das problemáticas de pesquisa aqui propostas.

Além disso, utilizamos nessa pesquisa a edição inglesa bilíngue (grego-inglês) da *História das Guerras*, publicada pela Loeb a partir dos trabalhos de Jacob Haury. Como dito anteriormente, Haury trabalhou com um variado número de códices (embora não fossem todos os códices conhecidos) e com edições anteriores da obra, propondo inclusive um mapeamento da tradição manuscrita dos livros da *Guerra Gótica* (veja o gráfico na página 87). Em resumo, estamos diante de uma edição que, para ser elaborada, se debruçou sobre um estudo crítico da tradição manuscrita da obra em questão, lhe dando com uma gama diversificada de variantes entre os diferentes manuscritos (como diferenças ortográficas e gramaticais, omissões, rasuras ou anotações dos copistas) para a sua composição.

Além disso, foi essa edição composta por Haury e publicada pela Loeb que serviu como fonte para os estudos de grande parte da bibliografia aqui analisada. Por esse motivo, acreditamos ser pertinente uma reflexão sobre a tradição manuscrita desse

documento, visando conhecer um pouco melhor as edições que serviram como fundamento para a elaboração da edição que aqui trabalhamos e que foi também escolhida pelos principais autores que se dedicaram à obra de Procópio de Cesareia.

Portanto, podemos sugerir, com certo grau de segurança, que as cópias mais antigas hoje conhecidas da *Guerra Gótica* tenham sido produzidas sob perspectivas e objetivos semelhantes aos da produção do original por Procópio de Cesareia. Além disso, verificamos que a edição com a qual trabalhamos nos coloca em contato com um texto que não foi elaborado a partir de um manuscrito específico, mas se debruçou sobre edições anteriores da obra e ainda procurou estabelecer uma relação entre os diferentes manuscritos conhecidos. Embora consideremos a distância temporal que separa o documento original de suas mais antigas transcrições hoje conhecidas, acreditamos que o texto ao qual temos acesso da *Guerra Gótica* possa nos servir tanto como importante testemunho de questões políticas e militares do governo de Justiniano, quanto para um trabalho de reflexão sobre questões historiográficas sobre a obra, como as aqui propostas nessa pesquisa.

CAPÍTULO 3:

DEPOSIÇÃO DE RÔMULO AUGUSTO E AS GUERRAS DO SÉCULO VI: APREENSÕES DE PROCÓPIO SOBRE A “QUEDA DE ROMA” E A “RECONQUISTA” DE JUSTINIANO

As discussões historiográficas envolvendo os problemas da chamada “Queda de Roma” ou “Fim do Império no Ocidente” remetem a um antigo debate dedicado a compreender os acontecimentos que antecederam a deposição do Imperador Rômulo Augusto na Itália e a consequente ascensão de Odoacro ao poder. Tais discussões também remetem a possíveis continuidades ou rupturas em relação às antigas instituições imperiais e a formação dos novos reinos no Ocidente europeu. Trabalhos pioneiros sobre o tema surgiram no século XVIII, entre eles o famoso livro de Edward Gibbon, *Declínio e queda do Império Romano*, publicado entre 1776 e 1788, que ainda hoje é uma obra de referência sobre o tema, e *Grandeza e decadência dos romanos*, de Montesquieu.

Juntamente à imagem historiográfica da “Queda de Roma”, uma outra se constituiu, referente ao período de governo do Imperador Justiniano, no século VI: a questão da “Reconquista” ou “Restauração” do antigo Império Romano. Esta última teve, ao longo dos anos, a *História das Guerras* sempre como documento principal entre os mais diversos pesquisadores do tema. E pelo fato de iniciar o primeiro livro da *Guerra Gótica* com o tema da deposição de Rômulo Augusto na Itália, esta obra de Procópio de Cesareia também foi utilizada como documento em alguns trabalhos dedicados a questão da “Queda de Roma”, como teremos a oportunidade de conferir nesse capítulo.

No entanto, as descrições de Procópio de Cesareia sobre os acontecimentos em torno do ano 476 e, principalmente, suas consequências, não são tratadas como

significando o fim do Império em território ocidental, como sugere boa parte da historiografia. Também as guerras testemunhadas pelo historiador em território italiano contra os godos em nenhum momento foram classificadas por Procópio como sendo um conflito pela “Reconquista” ou pela “Restauração” do antigo Império no Ocidente.

Neste sentido, esse capítulo pretende discutir o que as narrativas de Procópio nos informam sobre os eventos que levaram à ascensão de Odoacro ao poder na Itália e quais os significados que essas disputas pelo poder tiveram em Constantinopla, na visão do historiador. Neste mesmo viés, dedicaremos um espaço para uma reflexão que visa reavaliar a imagem historiográfica das guerras pela “Reconquista” do Império. Nessa reflexão, além de uma leitura crítica sobre a *Guerra Gótica* e sobre uma seleção da bibliografia sobre tais questões, propomos também uma comparação dos textos das *Guerras* com as narrativas, sobre o mesmo tema, escritos por outro historiador, contemporâneo a Procópio, e que também publicou sua obra em Constantinopla em meados de 550: Jordanes.

3.1- As disputas pelo poder político na Itália do século V: historiografia e documentos

Antes de examinarmos as passagens da *História das Guerras* que tratam da deposição de Rômulo Augusto em 476, veremos como a questão da chamada “Queda de Roma” e suas consequências políticas sobre as sociedades da Europa Ocidental foram interpretadas em alguns destacados trabalhos sobre o tema. Na sequência, a proposta é compreender como esses acontecimentos, tidos por grande parte dos pesquisadores como um marco historiográfico, um divisor de dois extensos períodos na História Ocidental, foi interpretado por dois historiadores que publicaram seus trabalhos em menos de um século após os acontecimentos. São eles Procópio de Cesareia e, para um estudo comparativo, Jordanes.

3.1.1- O problema historiográfico da “Queda de Roma”

Existe um extenso debate em torno da imagem historiográfica da chamada “Queda de Roma” e das possíveis continuidades ou rupturas observadas, nos séculos seguintes, nas instituições e organizações políticas do antigo Império Romano na Europa Ocidental. Há mais de dois séculos que esse significativo momento de transformações vem sendo objeto de inúmeras discussões. Boa parte da historiografia sobre o período utilizou-se dos trabalhos de Procópio de Cesareia como uma de suas principais fontes.

Apresentaremos, nas páginas seguintes, uma breve análise dos usos feitos desta obra pelos historiadores modernos na elaboração dos estudos sobre uma imagem do fim do Império Romano no século V e suas consequências políticas no Ocidente europeu. Por sua grande importância historiográfica, inúmeros foram os estudos dedicados a essa temática, desde Gibbon e Montesquieu, no século XVIII, até as mais recentes publicações, como a de Bryan Ward Perkins. Seria demasiado pretensioso tentar, em poucas páginas, elaborar uma reflexão que visasse esgotar um tema tão amplamente debatido e cujas pesquisas, ainda hoje, não apontam para um caminho homogêneo em suas conclusões. Entretanto, não nos furtaremos aqui em apresentar, mesmo que por uma modesta seleção de trabalhos, algumas dessas diferentes abordagens sobre os acontecimentos do Império no ano 476, preocupando-nos em destacar as formas como esses historiadores se apropriaram dos textos de Procópio de Cesareia para a construção de seus argumentos.

Os primeiros trabalhos de reflexão sobre o “Fim do Império no Ocidente” surgiram na primeira metade do século XVIII, quando Montesquieu buscou uma compreensão para o que se conhece por “Queda de Roma” em sua obra *Grandeza e decadência dos romanos*. Como um dos expoentes da escola germanista, que via no ano

476 um momento de ruptura histórica, Montesquieu considerava as invasões bárbaras como motivo principal para a desestruturação do poder imperial no Ocidente. Não se refere a uma invasão em especial, mas a todas em conjunto.¹⁵¹ Montesquieu se utilizou de Procópio para analisar o fim do poder imperial no Ocidente, ressaltando como elemento de grande importância, a presença de estrangeiros entre os soldados e a aristocracia romana e suas reivindicações de posse de terras na Itália, como um golpe mortal contra o Império.¹⁵²

O livro *Declínio e queda do Império Romano*, de Edward Gibbon, publicado entre 1776 e 1788, é ainda hoje uma obra de referência sobre o tema. Nele, o autor discorda da opinião de Montesquieu para explicar o que considerava ser o fim do poder imperial sobre o Ocidente. Para Gibbon, os principais fatores para o acontecido estariam ligados a causas internas, como o aumento dos impostos, exploração por parte das camadas mais ricas e confisco de bens. Estes seriam os motivos para uma ruína “simples e óbvia” do Império.¹⁵³ Nesse sentido, o autor não toma os argumentos apresentados na *História das Guerras* para explicar o fim do poder romano sobre o Ocidente. Em seu estudo, Gibbon considera as narrativas de Procópio como coligidas “a partir de sua experiência pessoal e relatados no tom livre de um soldado, de um estadista e de um viajante.”¹⁵⁴

A busca de uma explicação para a chamada “Queda de Roma” permaneceu viva entre alguns historiadores na virada do século XIX para o XX. Ferdinand Lot, na década de 1920, afirmava que as instituições do Império estariam, no século V, à beira de um colapso. Nesse sentido, as invasões bárbaras representariam apenas o último

¹⁵¹ Cf. MONTESQUIEU. **Grandeza e decadência dos romanos**. Tradução: Gilson César de Souza. São Paulo, Germape, 2002. p. 142-146.

¹⁵² Cf. MONTESQUIEU. **Grandeza e decadência dos romanos**. Tradução: Gilson César de Souza. São Paulo, Germape, 2002. p. 142-146. Ver também em PROCOPIUS. **De Bello Gothico** I, i. 4-6.

¹⁵³ Cf. GIBBON, Edward. **Declínio e queda do Império Romano**. Tradução: Maria Emília Ferros Moura. Lisboa: Difusão Cultural, 1995. p. 107.

¹⁵⁴ Cf. GIBBON, Edward. **Declínio e queda do Império Romano**. Tradução: Maria Emília Ferros Moura. Lisboa: Difusão Cultural, 1995. p. 130.

golpe numa estrutura já enfraquecida. O que teria se observado na sequência foi a instauração de reinos onde o poder político fora tomado, no caso dos germanos, como propriedade (recuperando aqui uma ideia já apresentada por Fustel de Coulanges), embora as instituições e o Direito Romano permanecessem presentes.¹⁵⁵

Contemporâneo a Lot, Alfons Dopsch também trabalha a ideia de uma não ruptura na transição do mundo Antigo ao Medieval. Entretanto, Dopsch defende a tese de que os germanos teriam conquistado gradualmente o mundo romano, penetrando-o pacificamente e assimilando sua cultura e instituições. Os germanos não teriam, assim, varrido a cultura romana, mas a teriam preservado e desenvolvido.¹⁵⁶

Apesar dessa produção historiográfica, no início do século XX, sobre a questão do “Fim do Império no Ocidente”, Alfred R. Bellinger, num pequeno artigo publicado no fim dos anos 1920, comentando a tradução da *Guerra Gótica* do grego para o inglês, por H. B. Dewing, lamentava o fato de “um historiador tão bom quanto Procópio” ser, até então, pouco conhecido.¹⁵⁷ De fato, a *História das Guerras* não aparece como documento principal entre trabalhos destacados desse período, como os de Fustel de Coulanges e Ferdinand Lot. Apesar disso, os estudos de ambos os historiadores sobre a Antiguidade Tardia, privilegiaram a percepção de uma via de continuidade, e não de ruptura, nas instituições e no direito romano no Ocidente, mesmo após os acontecimentos de 476.¹⁵⁸

¹⁵⁵ LOT, Ferdinand. **O fim do mundo antigo e o princípio da Idade Média**. Lisboa: Edições 70, 1991.

¹⁵⁶ DOPSCH, Alfons. *Wirtschaftliche und Soziale Grundlagen der europäischen Kulturentwicklung aus der Zeit von Caesar bis auf Karl den Grossen*. P. 413. *Apud* ANDERSON, Perry. **Passagens da Antiguidade ao Feudalismo**. São Paulo; Brasiliense, 1987. pp. 123-124.

¹⁵⁷ Cf. BELLINGER, Alfred R. *Procopius, The Gothic Wars, Books VII-VIII* by H. B. Dewing. **The Classical Journal**. Vol 25, no. 5. (Fev. 1930). p. 401.

¹⁵⁸ Cf. COULANGES, Fustel de. *Histoire des Institutions Politiques de l’Ancienne France*. L’Invasion germanique et la fin de l’Empire. 6a Ed. Paris: Librairie Hachette, 1930. p. 558 e LOT, Ferdinand. **O fim do mundo antigo e o princípio da Idade Média**. Lisboa: Edições 70, 1991. p. 234. Ver também LOT, Ferdinand, PFISTER, Christian, GANSHOF, François L. **Histoire du Moyen Age**. Tome Premier. Les destines de l’empire em Occident de 395 a 888. Paris: Boulevard Saint-Michel, 1928. pp.90-100.

Após a Segunda Guerra Mundial, alguns historiadores chegaram a questionar a própria ideia do fim do poder romano sobre o Ocidente no século V. Franz Georg Maier se utilizou das obras *Anekdotia* e *De Aedificis*, de Procópio, como fontes (embora não fossem as únicas) para o estudo das transformações do mundo mediterrânico, entre os séculos III e VIII. Numa obra publicada em 1968, Maier afirmou não ser possível explicar a chamada “Queda de Roma” por fatores exclusivamente internos ou externos. Para o autor, a ascensão de Odoacro no governo da Itália estaria relacionada a um complexo processo político e social que, embora tivesse sido desencadeado pelas invasões bárbaras, não permite apontar os germânicos como responsáveis únicos da queda do poder romano ocidental. A incursão desses povos no território imperial estaria ligada a circunstâncias político-militares favoráveis, como uma maior debilidade defensiva e menor capacidade produtiva do Ocidente romano em relação ao Oriente.¹⁵⁹

Peter Brown, no início dos anos 1970, credita o fim do poder romano no Ocidente à sua fraqueza econômica e social, sendo o afastamento do Senado e da Igreja em relação ao exército o fator preponderante. E, contrariando Lot, cita a falência dos imperadores do Ocidente como a crise “mais imprevista do Estado Romano”.¹⁶⁰ Brown recorre à Procópio para o estudo das guerras do século VI, afirmando que Justiniano pretendia reconquistar no Mediterrâneo, o que considerava ainda serem “províncias perdidas do ‘seu’ Império”, que deveria ser libertado da dominação de governos bárbaros e heréticos.¹⁶¹

¹⁵⁹ Cf. MAIER, Franz Georg. **Las transformaciones del mundo mediterráneo, siglos III-VIII**. México: Siglo Veinteuno, 1986. pp. 151-152.

¹⁶⁰ BROW, Peter. **O fim do Mundo Clássico**. De Marco Aurélio a Maomé. Lisboa: Editorial Verbo, 1972. pp. 125-126.

¹⁶¹ BROW, Peter. **O fim do Mundo Clássico**. De Marco Aurélio a Maomé. Lisboa: Editorial Verbo, 1972. p. 142.

O historiador marxista Edwar A. Thompson, na obra *Romans and Barbarians*, publicada no início dos anos 1980, chegou a afirmar que Procópio seria a única autoridade antiga a discutir as causas da queda dos imperadores romanos no Ocidente.¹⁶² Utilizando-se sobretudo da *Guerra Gótica*, Thompson procurou verificar se a subida de Odoacro ao trono significaria, de fato, o fim da estrutura imperial no Ocidente. Apesar de reconhecer o poder bárbaro como tendo sido “usurpado” dos romanos¹⁶³, seguindo assim o pensamento de Procópio, o autor afirma que a deposição de Rômulo Augusto não teria significado um rompimento definitivo com o centro político do Império, Constantinopla. Prova disso seria o fato de Odoacro ter enviado ao imperador Zenão um representante, buscando legitimação para seu governo, demonstrando assim o reconhecimento de que o poder romano ainda se estenderia à Península Itálica, mesmo após o ano de 476. Apesar disso, afirma o autor, a posição imperial sobre o poder de Odoacro não aparece definida claramente em Procópio.¹⁶⁴

Na mesma época, Walter Goffart publicou um estudo com um título que tinha os mesmos termos daquele de Thompson, mas dispostos em ordem inversa: *Barbarians and Romans*. E não era apenas no título da obra que Goffart parecia se distanciar de Thompson. Ao propor que a perda do controle político imperial na Itália, no século V, tivesse se dado por uma progressiva instalação das populações bárbaras em território imperial, não considerando o fato como um golpe contra o imperador Romulus Augustulus como decisivo, Goffart toma os textos de Procópio sob uma série de questionamentos em relação à confiabilidade de seus relatos. Sobre os eventos de 476, o autor considera que as informações fornecidas por Procópio são mal documentadas,

¹⁶² THOMPSON, E. A. **Romans and Barbarians**. The Decline of the Western Empire. Londres: University of Wisconsin Press, 1982. p. 64.

¹⁶³ Cf. THOMPSON, E. A. **Romans and Barbarians**. The Decline of the Western Empire. Londres: University of Wisconsin Press, 1982. p. 69.

¹⁶⁴ Cf. THOMPSON, E. A. **Romans and Barbarians**. The Decline of the Western Empire. Londres: University of Wisconsin Press, 1982. pp. 66-67.

afirmando ainda que suas descrições, apesar de admiráveis de um ponto de vista literário, enquanto documentos para o estudo do século V apresentam narrativas “enganosas” e carregadas de anacronismo. Para Goffart, seus textos não representavam uma imagem “fidedigna” do passado e que teria “editado” os fatos narrados de acordo com seus objetivos.¹⁶⁵

Devemos salientar que não estamos em busca de uma narrativa “fidedigna” ou “verdadeira” dos acontecidos em torno do ano 476 na Itália. O historiador Roger Scott já publicou artigos nos quais compara a visão de Procópio com outros documentos do período, como os textos do cronista Malalas, nas quais pode-se encontrar novos caminhos para se pensar o período das guerras de Justiniano.¹⁶⁶ Não discordamos de Goffart no que tange à questão de um certo direcionamento nas narrativas da *História das Guerras* que seguia os objetivos não apenas do historiador, mas também de um projeto imperial de Justiniano no século VI. Por outro lado, isso não diminui a importância da obra enquanto um documento fundamental para o estudo das guerras imperiais no período. Por isso viemos salientando que, para o estudo da *História das Guerras*, é fundamental conhecermos não apenas a formação intelectual do seu autor, como também (e principalmente) suas relações com o poder imperial e militar durante os conflitos que Procópio se dispôs a registrar, pois isso nos possibilita ter uma noção mais concreta dos objetivos do historiador quando da publicação de suas narrativas.

Averil Cameron, especialista no estudo da Antiguidade Tardia, trata Procópio como o maior historiador grego.¹⁶⁷ Cameron ressalta que, mesmo em se tratando de uma importante fonte para o estudo do “Declínio e Queda” do Império no

¹⁶⁵ Cf. GOFFART, Walter. **Barbarians and Romans**. A.D. 418-584. The techniques of accommodation. New Jersey: Princeton University Press. 1980. pp. 63-66.

¹⁶⁶ Cf. SCOTT, Roger. Chronicles versus Classicizing History: Justinian’s West and East. In: _____, **Byzantine Chronicles and the Sixth Century**. Londres: Variorum/Asghate, 2012. pp. 1-25, e SCOTT, Roger. Justinian’s new age and the Second Coming. In: **Byzantine Chronicles and the Sixth Century**. Londres: Variorum/Asghate, 2012. pp. 1-22.

¹⁶⁷ Cf. CAMERON, Averil. **The Mediterranean World in Late Antiquity**. AD. Londres e Nova York: Routledge, 1996. p 9.

Ocidente, Procópio falha em não perceber a profundidade das mudanças que ocorreram no século V. Nele, a descrição da tomada do poder em Roma pelos bárbaros segue um ponto de vista oriental¹⁶⁸, podendo ter sido influenciada ainda por sua educação e experiência cultural.¹⁶⁹ Segundo Cameron, a *Guerra Gótica* exprime uma justificativa para a diplomacia imperial que, também para ela, apresentou as campanhas de Justiniano na Itália como uma cruzada religiosa contra o arianismo godo.¹⁷⁰

Em seu estudo, Cameron pensa que o ano de 476 não deve ser analisado a partir de uma separação entre Ocidente e Oriente, uma vez que muitas das antigas instituições romanas teriam permanecido nos novos reinos da Europa ocidental (concordando com o estudo de Thompson), além de ser percebido ainda uma relação destes com o imperador em termos de patronato.¹⁷¹ Para a autora, o tema do “Declínio e Queda” do Império no Ocidente deve ser estudado como um processo muito mais complexo do que a dramática visão de seus domínios submergindo sob invasores bárbaros. A inserção de elementos bárbaros já se faria perceber no Império desde o século II.¹⁷²

Num artigo do ano 2000, Charles Pazdernik recupera a ideia das guerras de Justiniano se justificarem como uma forma de “libertação” dos povos nativos em relação ao domínio bárbaro e herege. O autor toma Procópio como testemunho chave

¹⁶⁸ Cf. CAMERON, Averil. **The Mediterranean World in Late Antiquity**. AD. Londres e Nova York: Routledge, 1996. p. 41. Cameron ainda afirma que a visão de Procópio seria identificada também com aquela das famílias de maiores riqueza em Roma.

¹⁶⁹ Num artigo publicado em 1949, G. Downey trabalhava a relação de elementos pagãos e cristãos na escrita de Procópio, afirmando que, mesmo seguindo um modelo clássico de escrita, o historiador não deixava de ser cristão. Citando J. Hauri, dizia que essa relação entre pensamentos cristãos e pagãos em Procópio se devia à escola de Gaza, da qual provinha o autor – opinião essa questionada por J. B. Bury. Cf. DOWNEY, Glanville. *Paganism and Christianity in Procopius*. Church History. Vol. 18, n. 2. Washington: Dumbarton Oaks. Junho de 1949. pp. 89-102.

¹⁷⁰ Cf. CAMERON, Averil. **The Mediterranean World in Late Antiquity**. AD. Londres e Nova York: Routledge, 1996. p. 44.

¹⁷¹ Cf. CAMERON, Averil. **The Mediterranean World in Late Antiquity**. AD. Londres e Nova York: Routledge, 1996. p. 43.

¹⁷² Cf. CAMERON, Averil. **The Mediterranean World in Late Antiquity**. AD. Londres e Nova York: Routledge, 1996. p. 36.

para o estudo desse período, moldado pelas pressões e preocupações típicas do século VI. Analisando as narrativas da *Guerra Vândala* e a *Guerra Gótica*, Pazdernik afirma que a conquista da unidade romana na Península Itálica e norte da África se baseava num discurso que atrelava a liberdade dos nativos, em relação ao poder godo, à sua inclusão ao mundo romano. A fundamentação para as campanhas de Justiniano se articulava com os ideais de conquista e liberdade, apresentados em Procópio.¹⁷³ Assim, para Pazdernik, Procópio apresenta uma dupla justificativa para as expedições militares enviadas pelo Imperador ao Ocidente: a defesa da fé dita ortodoxa dos romanos contra o arianismo das populações góticas, e um discurso de libertação dos nativos em relação ao domínio político de povos bárbaros.¹⁷⁴

Como é possível perceber, os usos da obra de Procópio pela historiografia não foi homogêneo ao longo dos anos, tendo servido a diferentes visões e abordagens sobre a imagem historiográfica da “Queda de Roma”, no século V. Procópio, antes tomado como documento para o estudo das “invasões bárbaras”, vem sendo, em trabalhos mais recentes, tratado como testemunho fundamental de um período de expansão e conflitos militares do mundo mediterrânico no século VI.

O trabalho feito nos capítulos anteriores, visando conhecer os objetivos de Procópio com a escrita da *História das Guerras* e a sua formação intelectual clássica, certamente nos auxiliará neste ponto da pesquisa, onde poderemos analisar suas descrições dos godos como bárbaros a serem combatidos e sobre as disputas pelo poder imperial na Itália. Nos tópicos seguintes, buscaremos as interpretações do próprio historiador para os eventos descritos, a partir de seu ponto de vista dos fatos e dos seus

¹⁷³ Cf. PAZDERNIK, Charles F. *Procopius and Thucydides on the Labor of War: Belisarius and Brasidas in the Field. Transactions of the American Philological Association*. Vol. 130. Emory University, 2000. pp.156-157 e 171. Exemplo desse discurso que promete aos italianos a liberdade em relação ao domínio bárbaro pode ser exemplificado com a passagem da *Guerra Gótica* citada na nota 15 desse texto.

¹⁷⁴ Cf. PAZDERNIK, Charles F. *Procopius and Thucydides on the Labor of War: Belisarius and Brasidas in the Field. Transactions of the American Philological Association*. Vol. 130. Emory University, 2000. pp. 149-187.

propósitos políticos, nos posicionando criticamente diante dos trabalhos que o abordaram para a construção das imagens historiográficas acima citadas.

3.1.2- A deposição de Rômulo Augusto e ascensão de Odoacro na *Guerra Gótica*

Os registros de Procópio sobre a *Guerra Gótica*, que, como dissemos, ocupam três dos oito volumes da *História das Guerras*, se iniciam pelos relatos do historiador sobre as disputas pelo poder na Itália que culminaram com a ascensão de Odoacro, em 476. É a partir deste acontecimento que Procópio inicia uma descrição das disputas e sucessões no governo sobre a Península Itálica que desencadeariam as guerras entre romanos e godos durante o governo de Justiniano.

Assim, a perda do poder imperial sobre Roma com a deposição de Rômulo Augusto, ainda no século V, aparece na narrativa de Procópio como o ponto de partida para todo o processo de lutas dos exércitos romanos, sob comando de Belisário, pela reestruturação do domínio político do Império sobre a Itália, que culminaria com a vitória de Justiniano sobre um governo e tropas godas caracterizadas como bárbaras.

Ao tomar esses relatos, iniciados ainda nas primeiras páginas da *Guerra Gótica*, Procópio deixa clara a articulação que se desdobrará por toda a narrativa, atrelando o fim do poderio imperial nas regiões do Mediterrâneo à atuação de populações bárbaras. No trecho abaixo, o historiador exprime, pela primeira vez nesse volume, a forma depreciativa com a qual se referirá aos bárbaros ao longo de toda a sua obra.¹⁷⁵ Aqui, Procópio cita uma aliança feita pelo Império, no século V, com grupos góticos, comandados por Alarico. Segundo Procópio, a partir dessa aliança, a influência de elementos bárbaros aumentara no exército, gerando um declínio no prestígio dos soldados romanos:

¹⁷⁵ No capítulo 4 desse trabalho, as descrições de Procópio sobre as populações bárbaras, em especial os godos, serão analisados com maior detalhamento.

E na proporção que o elemento bárbaro se fortalecia entre eles, o prestígio dos soldados romanos imediatamente declinava, e sobre o nome de aliança, eles foram mais e mais *tiranizados* pelos *intrusos* e *oprimidos* por eles. Então os bárbaros *cruelmente* forçaram muitas outras medidas sobre os romanos, muitas contra sua vontade, e finalmente que deveriam dividir com eles a terra inteira da Itália (grifo meu).¹⁷⁶

É importante destacarmos aqui os adjetivos com os quais o historiador se refere aos bárbaros na passagem acima. Ao tratá-los como *tiranos*, *intrusos*, *opressores* e *cruéis*, Procópio transmite a ideia de que os romanos teriam tido seu território conquistado por uma população invasora que, estando entre os soldados romanos, teriam estabelecido ali o seu poder pelo uso da força, se sobrepondo dessa forma ao poder imperial e à população local. Segundo o historiador, a conquista da Itália pelos bárbaros não teria se dado pelo combate direto, mas pela infiltração desses elementos entre os romanos, aproveitando-se dessa situação para fazer prevalecer seus anseios sobre a população local e o governo imperial.¹⁷⁷

Seguindo a narrativa da *Guerra Gótica*, uma vez tendo penetrado entre os romanos, Procópio descreve como os bárbaros teriam chegado ao poder na Itália, através da figura de Odoacro:

E de fato eles [os bárbaros] ordenaram Orestes a dar-lhes a terça parte dela [da Itália], e como ele não iria, por meio algum, aceitar isso, eles o mataram imediatamente. Havia agora entre os romanos um certo homem chamado Odoacro, um dos guarda-costas do imperador e, naquele momento, ele concordou em conduzir seus comandados, na condição de que eles o conduzissem ao poder.¹⁷⁸

¹⁷⁶ PROCOPIUS. *De Bello Gothico* V. i. 4. “ὅσω τε τα τῶν βαρβάρων ἐν αὐτοῖς ἤκμαξε, τοσούτω το τῶν Ῥωμαίων στρατιωτῶν ἀξίωμα ἤδη ὑπέληγε, καὶ τῷ εὐπρεπεῖ τῆς ξυμμαχίας ὄνόματι πρὸς τῶν ἐπηλύδων τυραννούμενοι ἐβιάζοντο. ὥστε αὐτοὺς ἀνέδην ἄλλα τε πολλὰ οὐ τι ἐκουσίους ἠνάγκαζον καὶ τελευτῶντες ξύμπαντας πρὸς αὐτοῦς νείμασθαι τοὺς ἐπὶ τῆς Ἰταλίας ἀγροὺς ἡξίου.”

¹⁷⁷ Walter Goffart trabalha justamente com a hipótese de que os godos não teriam invadido a Itália e tomado o poder pela força, mas, ao contrário, teriam se ali instalado por um longo processo de migrações e instalação desses grupos junto às províncias romanas. Entretanto, o Goffart faz duras críticas aos relatos de Procópio sobre os acontecimentos de 476, colocando a ‘credibilidade’ das narrativas da *História das Guerras* sobre o tema. Cf. GOFFART, Walter. *Barbarians and Romans*. A.D. 418-584. The techniques of accommodation. New Jersey: Princeton University Press. 1980.

¹⁷⁸ PROCOPIUS. *De Bello Gothico* V, i. 5-6. “ὦν δὴ το τριτημόριον σφίσι διδόναι τον Ὀρέστεν ἐκέλευον, ταῦτα τε ποιήσιν αὐτον ὡς ἥκιστα ὁμολογοῦντα εὐθὺς ἐκτεῖναι. ἦν δὲ τις

Feito isso, Odoacro teria conquistado a submissão dos bárbaros e consolidado seu poder na Península por uma década: “E dando a terça parte da terra aos bárbaros, e assim ganhando mais firmemente sua submissão, ele [Odoacro] manteve o poder supremo de maneira segura por dez anos.”¹⁷⁹

Pelos excertos acima, é possível perceber que, para Procópio, a presença de elementos bárbaros entre os romanos era um fator depreciativo para estes últimos, pois diminuía a importância e o prestígio do exército imperial. Nota-se ainda que o historiador não confere a Odoacro uma posição de grande destaque entre os demais bárbaros que o conduziu ao poder na antiga capital do Império. Na citação acima, Procópio se refere a ele apenas como um “certo homem entre os romanos”, na condição de “guarda-costas” do imperador. Entretanto, o fato de Procópio, no mesmo trecho, fazer referência a seus “comandados”, confirma a existência de certo poder de liderança e supremacia de Odoacro frente a outros soldados bárbaros. Patrick Geary observou isso ao afirmar que Odoacro era um “comandante bárbaro-romano à moda antiga – um rei sem povo”, à frente de um exército formado pelos “remanescentes das tropas romanas regulares e auxiliares”.¹⁸⁰

As descrições com referências depreciativas de Procópio em relação aos godos, em especial nos relatos da perda deposição da figura do Imperador na Itália em 476, são ainda retomadas em outros trechos da obra. Numa passagem da já citada carta de Justiniano aos líderes francos para a formação de uma aliança militar, o imperador argumenta:

ἐν αὐτοῖς Ὁδοάκρος ὄνομα, ἐς τοὺς βασιλέως δορυφόρους τελῶν. ὅς αὐτοῖς τότε ποιήσειν τὰ ἐπαγγελλόμενα ὡμολόγησεν, ἥνπερ αὐτὸν ἐπὶ τῆς ἀρχῆς καταστήσονται.”

¹⁷⁹ PROCOPIUS. *De Bello Gothico* V, i. 8. “καὶ τοῖς βαρβάροις τὸ τριτημόριον τῶν ἀγρῶν παρασχόμενος τούτῳ τε τῷ τρόπῳ αὐτοὺς βεβαιότατα ἐταιρισάμενος τὴν τυραννίδα ἐς ἔτη ἐκρατύητο δέκα”.

¹⁸⁰ GEARY, Patrick. *O mito das nações*. A invenção do nacionalismo. Tradução: Fábio Pinto. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2005. p. 131.

Os Godos, tendo tomado pela violência a Itália, *que é nossa*, tem não apenas recusado absolutamente em devolvê-la, mas tendo cometido posteriormente atos de injustiça contra nós que não toleramos e ultrapassam todos os limites (grifo meu).¹⁸¹

Destaca-se nessa passagem que o imperador enfatiza o fato de a Itália ter pertencido ao Império, mas não pertencer mais (“que era nossa”) e demonstra ressentimentos pelo fato de os romanos terem perdido ali o seu poder, agora exercido pelos godos. Ressalta-se ainda que, no entendimento de Justiniano, os romanos teriam sido vítimas de injustiças provocadas por esse povo. Nesse sentido, uma intervenção do exército imperial na Itália teria por objetivo principal restabelecer ali um estado de justiça, pela instalação de um tipo de governo legitimado por questões históricas.¹⁸²

Curiosamente, há uma passagem no livro VI da *Guerra Gótica* onde Procópio, ressaltando a natureza tirânica do governo exercido por Odoacro, nega que a Itália tivesse sido tomada pelo uso da violência:

Pois os godos não obtiveram a terra da Itália tendo-a tomado dos romanos pela violência, mas Odoacro em tempos passados, destronou o imperador, mudando o governo da Itália para um tirano, e assim a controlando.¹⁸³

É possível pensar que o recurso a uma narrativa de tomada do poder pela violência (βία), Belisário estivesse tentando persuadir os líderes francos para a formação de uma aliança militar contra os godos, o que nos indica que as construções

¹⁸¹ PROCOPIUS. *De Bello Gothico* V, v. 8. “Τότθαι Ἰταλίνα την ἡμετέραν βία ἐλοντες οὐχ ὅσον αὐτην ἀποδιδόναι οὐδαμῇ ἔγνωσαν, ἀλλὰ καὶ προσηδικήκασιν ἡμᾶς οὔτε φορητὰ οὔτε μέτρια.”

¹⁸² Procópio se refere à tomada do poder em Roma pelos godos como ato de “injustiça” (οὔτε μέτρια), o que legitimava a guerra pela retomada do domínio romano sobre a Itália. Cf. PROCOPIUS. *De Bello Gothico*. V, v. 8. Averil Cameron também considera que Procópio pretendeu descrever as ações de Justiniano na Itália como um tipo de intervenção “completamente justificada”. Cf. CAMERON, Averil. *Procopius and the Sixth Century*. Londres: Duckworth, 1996. p. 200.

¹⁸³ PROCOPIUS. *De Bello Gothico* VI. vi. 15. “Τότθαι γὰρ οὐ βία Ῥωμαίους ἀφελόμενοι γῆν την Ἰταλίας ἐκτήσαντο, ἀλλ’ Ὀδόακρός ποτε τον αὐτοκράτορα καθελων ἐς τυραννίδα την τῇδε πολιτεῖνα μεταβαλων εἶχε.”

narrativas de Procópio seguissem os preceitos dos objetivos imperiais em cada momento específico das guerras.

Portanto, percebemos que, na *Guerra Gótica*, tanto no que se refere às descrições de Procópio sobre a perda do poder imperial sobre a Itália no século V, quanto às referências do historiador aos povos bárbaros, em especial os godos, são construções historiográficas que apresentam um verificável grau de comprometimento com as ambições políticas e militares do Império no século VI. O destaque dado por Procópio ao fato de a Itália ter pertencido aos domínios imperiais e, posteriormente, ter sido perdida de maneira “violenta” para uma população descrita como “tirana” e “cruel”, reforçava a ideia de que uma intervenção do exército de Justiniano nas regiões do Mediterrâneo faria prevalecer ali novamente a presença de um poder imperial legítimo, que outrora fora violentamente usurpado.

Articuladas dessa forma, as narrativas da *Guerra Gótica* sobre a ascensão de um governo não-romano na Itália e as caracterizações dos bárbaros com os quais o exército de Belisário travavam algum tipo de contato, não apenas se enquadravam nos planos políticos e militares de Justiniano, como garantia também a estes uma fundamentação ideológica historicamente constituída.

3.1.3- Comparação de relatos: a visão de Jordanes

Ao analisarmos as descrições sobre a perda do poder imperial no Mediterrâneo através das narrativas da *Guerra Gótica*, não estamos procurando a “verdade” dos acontecimentos, como o próprio Procópio de Cesareia afirma ter sido sua intenção. Ao invés disso, propomos um estudo desses relatos visando compreender qual seria o lugar historiográfico da *Guerra Gótica* em relação a outras fontes, na construção daquilo que se convencionou chamar de “Queda de Roma”. Chamamos a atenção para o

fato de que os relatos aqui analisados foram elaborados por um historiador bizantino, diretamente relacionado com a alta hierarquia política e militar do Império no período das guerras de Justiniano, que buscava retomar o controle político sobre seus antigos domínios na Península Itálica.

A imagem historiográfica do “Declínio” e “Queda” do Império não foi construída tendo como documento unicamente os textos de Procópio. Outros historiadores também nos deixaram seus relatos sobre os acontecimentos de 476. Numa comparação, que acreditamos poderá ser esclarecedora sobre as peculiaridades da escrita de Procópio, apresentaremos aqui uma breve análise, confrontando os relatos contidos na *Guerra Gótica*, expostos no sub-ítem anterior, com as descrições do mesmo acontecimento presentes na *Getica*, do historiador Jordanes.

A escolha da *Getica* como objeto comparativo se justifica pelo fato de Jordanes também ter publicado sua obra em Constantinopla e na mesma época em que Procópio publicava a *História das Guerras*, ou seja, por volta do ano 550. Além disso, Jordanes é um historiador frequentemente citado pelos estudos referentes à perda do poder imperial na Itália em 476.

Como veremos no tópico 3.2, para Procópio, a deposição de Rômulo Augusto não representou uma ruptura definitiva nas relações políticas entre Constantinopla e Roma na segunda metade do século VI. Ao contrário, os relatos da *Guerra Gótica* no remetem a uma relação de sobreposição política e proteção militar por parte do imperador em Constantinopla sobre a Itália, a ponto de a guerra contra os godos ter tido como estopim de sua eclosão o assassinato da regente goda Amalasunta, em 535.¹⁸⁴ Assim, para Procópio de Cesareia, os acontecimentos de 476 não teriam significado o “fim do Império no Ocidente” ou a “Queda de Roma”, mas apenas a

¹⁸⁴ Cf. PROCOPIUS. *De Bello Gothico*. V. v. 1. Uma análise detalhada dessas passagens, referentes ao início da Guerra Gótica, estão presentes no tópico 3.2 dessa pesquisa. Por hora, nos interessa mais especificamente as descrições de Jordanes sobre a deposição de Rômulo Augusto.

ausência, a partir de então, de um imperador romano na Itália, embora uma relação de subordinação da Península à autoridade imperial de Constantinopla pudesse ser verificável ainda no século VI.

Vejamos então como esse processo fora descrito na *Getica*. Assim como nos relatos da *Guerra Gótica*, Jordanes também interpreta a subida de Odoacro ao trono romano e a deposição de Rômulo Augusto como resultante de uma invasão e uma tomada forçada do poder:

Mas, pouco tempo depois de ter sido nomeado imperador Augustulus em Ravena por seu pai Orestes, Odoacro, rei dos turcílingos, que teria com ele os esciros, os hérulos e outras tropas auxiliares de diferentes povos, invadiu a Itália e, após matar Orestes, expulsou do trono seu filho Augustulus e o condenou ao exílio na fortaleza de Luculus em Campânia.¹⁸⁵

Além da descrição de uma “invasão”, ressaltamos aqui que, entre os diferentes grupos citados como aliados de Odoacro, não há referências aos romanos. Ou seja, trata-se de uma tomada do poder imperial executada por grupo de populações não romanas sob uma liderança também estrangeira, que se estabeleceu na Itália pelo assassinato de Orestes e imposição do exílio ao Imperador Rômulo Augusto. Trata-se, assim, de uma conquista executada pela força. Esse é um ponto no qual as narrativas da *Getica* e da *Guerra Gótica* se aproximariam.

No entanto, contrariando os relatos de Procópio, Jordanes não parece ter tido dúvidas de que a deposição de Romulus Augustulus teria representado o fim do Império Romano no Ocidente. Isso fica evidente na sequência da narração do historiador:

Desse modo, o Império Romano do Ocidente, que Otavianus Augustus, o primeiro dos Augusti, tinha começado a governar setecentos e nove anos após a fundação da cidade de Roma, chegou ao seu fim com esse Augustulus quinhentos e vinte e dois anos após o

¹⁸⁵ JORDANES, *Getica*. XLVI, 242.

início do governo de seus predecessores no Império e, desde então, Roma e a Itália foram governadas por monarcas godos.¹⁸⁶

Jordanes deixa claro nessa passagem que a deposição de Rômulo Augusto significaria o fim do Império na Itália e o início de governos não romanos na Península. É um relato que trata 476 como um momento de ruptura, representando o final de um grande ciclo de sucessões de imperadores romanos no governo da Itália que, então, se curvava agora ao poderio godo.

Na sequência, Jordanes complementa: “Entretanto, Odoacro, rei de muitos povos, subjuguou a Itália até infundir seu terror aos romanos.”¹⁸⁷ Aqui o historiador volta a concordar com Procópio, ressaltando que a presença e manutenção do poder godo se consolidava com o uso da força e, provavelmente, violência. Entretanto, a figura de Odoacro ganha maior importância com Jordanes do que com Procópio. Se na *Guerra Gótica* ele foi descrito como “um certo homem entre os romanos”,¹⁸⁸ a *Getica* refere-se a ele como “rei de muitos povos”, o que lhe justificava, de maneira mais clara, o seu poder de liderança.

Apesar das diferenças no relato da deposição de Rômulo Augusto, tanto Jordanes quanto Procópio de Cesareia publicaram suas obras quase um século após os acontecimentos. Nesse sentido, essas narrativas podem retratar muito mais as preocupações e tensões típicas do momento em que foram produzidas do que necessariamente nos informarem a respeito das questões próprias do período dos eventos descritos.¹⁸⁹

¹⁸⁶ JORDANES, *Getica*. XLVI, 242.

¹⁸⁷ JORDANES, *Getica*. XLVI, 243.

¹⁸⁸ Cf. PROCOPIUS. *De Bello Gothico* V, i., 6. Vide citação na página 67.

¹⁸⁹ Ao tratar das hagiografias da Alta Idade Média, o historiador Marc Bloch afirma que esses documentos são “incapazes de nos ensinar qualquer coisa de concreto sobre os piedosos personagens cujo destino pretendem [nos] retratar. Interrogue-mo-las, ao contrário, sobre as maneiras de viver ou de pensar particulares às épocas em que foram escritas, todas as coisas que o hagiógrafo não tinha o menor desejo de nos expor. Vamos achá-las de um valor inestimável.” BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. p. 78. O exemplo aqui exposto por Bloch para o caso das hagiografias parece ser perfeitamente cabível em nosso trabalho com a análise da *Getica* e

O fato de a *Getica* e a *Guerra Gótica* terem sido concebidas na mesma época e em Constantinopla, nos remete a um problema historiográfico. É possível que Jordanes, assim como vimos para o caso de Procópio, também tencionasse argumentar em favor das intervenções militares de Justiniano na Itália, tomando de volta o poder sobre um antigo centro do Império na região do Mediterrâneo, que havia sido perdido para os godos. Dessa forma, Jordanes também apresentaria a seus leitores contemporâneos a figura de Justiniano como o imperador responsável pela recuperação do poder imperial sobre os antigos domínios romanos no Ocidente, que havia chegado ao fim em 476 e que, desde então, não se encontrava mais sob a autoridade imperial.

Entretanto, as diferenças entre os dois trabalhos nos relatos referentes aos desdobramentos da ascensão de Odoacro ao poder na Itália são evidentes. Enquanto Procópio, em nenhum momento, se refira a deposição de Rômulo Augusto como representando o “fim do Império”, Jordanes explicita claramente essa ideia, como visto na citação acima.

Esse breve exercício comparativo nos conduz aos seguintes apontamentos. Primeiramente, lembremos que estamos diante de dois textos produzidos no mesmo período e publicados na mesma cidade, Constantinopla. Ressaltamos também que a época de publicação dos dois trabalhos remete às guerras de Justiniano na Itália. Isso nos conduz à pensar que, assim como visto no caso da *Guerra Gótica*, Jordanes pudesse ter pretendido, na *Getica*, apresentar uma justificativa histórica para as campanhas militares de Justiniano no século VI. Nesse sentido, ambos os historiadores recorrem aos relatos da deposição de Rômulo Augusto em 476, mas com interpretações antagônicas para o mesmo evento: para Procópio de Cesareia, esse acontecimento

da *História das Guerras*. Buscar uma reflexão sobre as tensões e preocupações típicas da Constantinopla do século VI, no momento em que esses textos foram concluídos, certamente nos permitirão compreender melhor as escolhas, tanto de Procópio como de Jordanes, para a composição de suas narrativas sobre os acontecimentos de 476.

representa a ascensão de um governante bárbaro num dos principais centros de poder do Império, embora não deixe claro que esse fato tenha representado, de alguma forma, a “Queda de Roma”; Jordanes, por seu turno, explicita a ideia de um “fim do Império Romano no Ocidente” como consequência política da deposição de Romulus Augustulus na Itália.

Apesar das diferentes interpretações sobre a perda do poder imperial em Roma, os dois historiadores apresentam ideias semelhantes no tocante aos desdobramentos políticos na Itália a partir da vitória de Teodorico sobre Odoacro, no fim do século V. Ambos apresentam Teodorico como um rei godo, que exerce seu poder no Ocidente sobre os romanos, cujo governo estaria politicamente submisso e militarmente protegido pela capital do Império, Constantinopla. Essa relação entre o rei godo e o imperador romano permanecera, segundo Procópio, até a regência de Amalasunta, sendo o seu assassinato, o estopim para o início da guerra contra os godos, em 535.¹⁹⁰

Apesar dos diferentes significados apresentados pelos dois historiadores para os acontecimentos de 476, ambos os textos foram utilizados por uma historiografia moderna e contemporânea para a elaboração e consolidação da imagem historiográfica do que se consagrou chamar “Queda de Roma”. E, concluindo essa breve análise, podemos afirmar que, se para Jordanes, a deposição de Rômulo Augusto significou o desaparecimento da estrutura Imperial no Ocidente europeu, para Procópio o que teria desaparecido não seria o Império especificamente, mas sim a figura do imperador. Por isso a autoridade imperial romana deveria, com as guerras de Justiniano, se fazer presente novamente sobre seu antigo centro político. O poder imperial, que emanava de

¹⁹⁰ Cf. PROCOPIUS. *De Bello Gothico*. V. v. 1.

Constantinopla, teria continuado a ser sentido na Itália, desde Teodorico até o fim da regência de Amalasunta.

Essas diferenças encontradas nas narrativas referentes ao mesmo tema teriam sua motivação não no acontecimento narrado em si, mas, o que é mais provável, no contexto de crises e disputas do período de sua produção, na formação de seus criadores e também nos objetivos pretendidos, explícita ou implicitamente, por cada um dos historiadores com a respectiva obra. Em outras palavras, tais relatos podem nos dizer muito a respeito não só do período e dos acontecimentos narrados nas obras, mas também sobre as tensões e pressões vivenciadas por seus autores no momento de sua produção.

3.2- A “Guerra de Reconquista” em Procópio de Cesareia

Ao analisarmos como o período de governo de Justiniano e, em especial, as guerras promovidas pelo imperador, foram discutidas e trabalhadas em autores respeitados sobre a temática, encontramos um problema de natureza historiográfica. Trata-se da maneira pela qual essas guerras foram tratadas e classificadas por uma consolidada historiografia do século XX. Vejamos alguns exemplos.

O bizantinista Georg Ostrogorsky, nos anos 1960, falava do período de Justiniano como representado por uma “política *restauradora*” do imperador, motivada, em grande medida, pelo que o autor considera uma “eterna nostalgia” dos romanos pela ideia de um Império universal.¹⁹¹ Para Ostrogorsky, as guerras se constituiriam numa tentativa de recuperação de um passado glorioso, não restrito apenas à questões

¹⁹¹ Cf. OSTROGORSKY, Georg. **História del Estado Bizantino**. Tradução de Javier Facci. Madri: Akal, 1984. pp. 83-84.

territoriais, mas estendido a um campo cultural romano ainda mais amplo, destacando, por exemplo, a codificação do direito e a busca por uma unidade romana cristã.¹⁹²

Peter Brown, ao descrever o governo de Justiniano, conclui falando dos significados e consequências do que teria sido a (re)conquista imperial no Ocidente.¹⁹³ J. A. S. Evans afirmou que Justiniano havia assumido o trono em 527 “ansioso” por promover a *restauração* imperial.¹⁹⁴ Averil Cameron, num estudo dedicado às obras de Procópio de Cesareia, afirmou que as pretensões de expansão das fronteiras eram apenas parte de um projeto imperial ainda mais amplo, que buscava a *restauração* de todo um passado glorioso para além da *reconquista*, que se desdobrava em questões de cunho intelectual, artístico, jurídico e religioso.¹⁹⁵ Na obra *The Mediterranean World in Late Antiquity*, da mesma historiadora, o quinto capítulo é intitulado “Justinian and *reconquest*” (grifo meu).¹⁹⁶

Charles Pazdernik afirma, em um artigo mais recente, que o objetivo de Justiniano de restabelecer o poder romano sobre suas antigas possessões era apenas parte de um ideal ainda mais amplo, que buscava não apenas a *retomada* de territórios, mas de todo um passado grandioso e uma identidade romana comum, “livre” da submissão a um governo bárbaro inimigo.¹⁹⁷

Como visto nos exemplos supracitados, é possível observarmos que grande parte da historiografia sobre o tema trabalhou com a ideia de que as campanhas de Justiniano se constituíram num grande processo de “Restauração” ou “Reconquista” das

¹⁹² Cf. OSTROGORSKY, Georg. **História del Estado Bizantino**. Tradução de Javier Facci. Madri: Akal, 1984. pp. 88-89.

¹⁹³ Cf. Brow 1971, 158-159.

¹⁹⁴ Cf. EVANS, J. A. S. **The Age of Justinian**. The circumstances of imperial power. New York: Routledge, 1996. P. 112.

¹⁹⁵ Cf. CAMERON, Averil. **Procopius and the Sixth Century**. Londres: Duckworth, 1996. pp. 18-19.

¹⁹⁶ CAMERON, Averil. **The Mediterranean World in Late Antiquity**. AD. Londres e Nova York: Routledge, 1996. pp. 104-127.

¹⁹⁷ Cf. PAZDERNIK, Charles F. Procopius and Thucydides on the Labor of War: Belisarius and Brasidas in the Field. **Transactions of the American Philological Association**. Vol. 130. Emory University, 2000. pp. 149-187.

antigas fronteiras imperiais, então sob autoridade de governantes bárbaros. É importante frisarmos que todos estes trabalhos se utilizaram dos escritos de Procópio de Cesareia como documento para seus estudos e conclusões.

Entretanto, o historiador Roger Scott argumenta que, ao confrontarmos a *História das Guerras* com textos de cronistas contemporâneos, a visão sobre as campanhas enviadas à Itália se altera profundamente. Utilizando-se do cronista Malalas para fundamentar sua argumentação, Scott afirma que as guerras de Justiniano, embora sejam um tema dominante no estudo do século VI, não parece terem sido a preocupação principal do Imperador. Scott justifica essa colocação salientando dois pontos em relação ao governo de Justiniano.

No primeiro, o historiador afirma que o interesse maior do imperador não estaria na guerra pela reconquista dos antigos domínios romanos, mas num processo de “purificação” e unidade doutrinal religiosa do Império, que buscava alcançar os favores divinos e preparar o território sob sua autoridade para a Segunda Vinda de Cristo.¹⁹⁸ Para fundamentar seu argumento, o autor cita que, antes de se preocupar com a guerra na Itália, Justiniano procedeu à reconstrução da igreja de Santa Sofia e ao fechamento da Academia de Atenas, centro de estudos filosóficos.¹⁹⁹

O segundo ponto destacado por Scott diz respeito ao fato de o autor acreditar que, no período de Justiniano, tanto para os italianos quanto para Constantinopla, os ostrogodos governavam a Itália como parte integrante do Império, não como população inimiga. Neste sentido, as tropas do general Belisário teriam sido enviadas à Península Itálica muito mais para tentar afirmar, ou reafirmar, a autoridade

¹⁹⁸ Cf. Roger Scott. *Chronicles versus Classicizing History: Justinian's West and East*. In: _____ **Byzantine Chronicles and the Sixth Century**. Londres: Variorum/Asghate, 2012. pp. 6-7; Roger Scott. *Justinian's New Age and the Second Coming*. In: _____ **Byzantine Chronicles and the Sixth Century**. Londres: Variorum/Asghate, 2012. p. 6.

¹⁹⁹ Cf. Roger Scott. *Chronicles versus Classicizing History: Justinian's West and East*. In: _____ **Byzantine Chronicles and the Sixth Century**. Londres: Variorum/Asghate, 2012. p. 7.

imperial sobre regiões dissidentes, num período conflituoso de sucessão no governo local, do que realmente reconquistar ou restaurar as fronteiras imperiais, como sugere a maior parte da historiografia.²⁰⁰

Para sustentar esse argumento, Scott destaca que não há nenhuma referência na legislação de Justiniano após a vitória em Ravena, em 540, ou mesmo após a vitória final da guerra, em 554, que faça menção a uma possível sanção referente a uma reconquista do Império Romano na Itália.²⁰¹ Além disso, o baixo número de soldados enviados à península na Guerra Gótica (cerca de sete mil e quinhentos homens) e o fato de esta só ter-se iniciado oito anos após o início do governo de Justiniano, sugerem que, definitivamente, a aclamada “Reconquista” não fazia parte dos principais objetivos do imperador ao chegar ao trono, em 527.²⁰² Scott enfatiza ainda que a imagem de Justiniano como grande conquistador e restaurador do Império se deve ao fato de a historiografia se utilizar da *História das Guerras* como fonte principal de estudos, preterindo os trabalhos dos cronistas, como Malalas, por estes escreverem num estilo de grego tido como “inferior”. Por terem sido escritas em estilo clássico, os textos das *Guerras* apresentam as campanhas militares como objeto principal de suas narrativas, em detrimento de outros tópicos, como a construção de Santa Sofia ou os trabalhos de codificação das leis. Ao se utilizar de Procópio de Cesareia, a historiografia sobre o governo de Justiniano teria assumido a visão classicista de que a guerra é o tema principal das narrativas históricas, consolidando o governo de Justiniano como o restaurador do antigo Império Romano.²⁰³

²⁰⁰ Cf. Roger Scott. *Chronicles versus Classicizing History: Justinian's West and East*. In: _____ **Byzantine Chronicles and the Sixth Century**. Londres: Variorum/Asghate, 2012. pp. 11 e 20.

²⁰¹ Cf. Roger Scott. *Chronicles versus Classicizing History: Justinian's West and East*. In: _____ **Byzantine Chronicles and the Sixth Century**. Londres: Variorum/Asghate, 2012. p. 13.

²⁰² Cf. Roger Scott. *Chronicles versus Classicizing History: Justinian's West and East*. In: _____ **Byzantine Chronicles and the Sixth Century**. Londres: Variorum/Asghate, 2012. p. 15.

²⁰³ Cf. Roger Scott. *Chronicles versus Classicizing History: Justinian's West and East*. In: _____ **Byzantine Chronicles and the Sixth Century**. Londres: Variorum/Asghate, 2012. p. 25.

Concordamos com este historiador quando afirma que a classificação das guerras comandadas por Belisário na Itália como um processo de “Reconquista” ou “Restauração” não fosse a mais condizente com o que os objetivos do imperador no período. No entanto, acreditamos ser possível pensar nessa possibilidade mesmo a partir de uma análise dos próprios textos da *Guerra Gótica*.

Apesar de estas narrativas terem sido amplamente utilizadas pela historiografia para discutir as guerras de Justiniano sob o prisma de uma “Reconquista”, não encontramos em Procópio qualquer classificação dessas campanhas militares como sendo um processo de “Reconquista”, “Restauração” ou mesmo “Recuperação” dos antigos territórios romanos. Tais expressões sequer são citadas por Procópio. Ao que nos parece, tais definições, que se mostram presentes em uma historiografia sobre essa temática, seriam frutos de uma construção historiográfica que se utiliza das *Guerras*, embora não estejam presentes nos textos procopianos.

Mas há um fator complicador em nossa análise: se, por um lado, o historiador não fala das guerras nos termos que encontramos na historiografia, por outro não encontramos em seus escritos nenhuma nomenclatura que classifique a natureza das guerras promovidas por Justiniano contra os godos na Itália. Analisando a *História das Guerras*, é possível perceber que a ideia de uma “Reconquista” seria mesmo inconcebível para seu autor. Isso porque, na *Guerra Gótica*, Procópio fala dos territórios do Mediterrâneo (e, entre eles, a Itália e o norte da África) como domínios ainda subordinado ao poder imperial central no século VI. Retomando aqui um apontamento feito no tópico anterior, se para Procópio, os acontecimentos de 476 não representaram o “Fim do Império”, não haveria motivos para que então, durante o governo de Justiniano, ele fosse “Reconquistado”.

Então, fica a questão: se os objetivos do imperador, descritos na *História das Guerras*, não eram condizentes com a ideia de uma “Restauração” ou “Reconquista” das antigas fronteiras romanas, qual seria então o significado dessas guerras que podemos extrair das próprias narrativas de Procópio?

Para tentarmos responder a essa pergunta, extraímos primeiramente uma passagem das narrativas de Procópio sobre o governo de Teodorico, rei dos godos na Itália, que havia derrotado e assassinado Odoacro em 493. Neste trecho, Procópio afirma que Teodorico havia lutado contra Odoacro e seus seguidores com o auxílio do imperador Zenão. A sugestão para tal enfrentamento teria, inclusive, sido sugerida pelo próprio autocrata, em Constantinopla:

Mas o imperador Zenão, que sabia como levar vantagem em qualquer situação na qual ele se encontrasse, aconselhou Teodorico a ir à Itália, atacar Odoacro e ganhar para ele e para os godos os domínios do Ocidente. Pois era melhor para ele, disse o imperador, especialmente porque ele tinha atingido a dignidade senatorial, forçar a saída de um tirano e governar sobre todos os romanos e italianos do que incorrer no grande risco de uma luta com o imperador.²⁰⁴

Sem entrarmos no mérito dos textos dos cronistas, como propôs Roger Scott, tomemos novamente de empréstimo as narrativas do historiador Jordanes, que na *Getica* também observava a relação de sujeição do governo de Teodorico na Itália ao imperador Zenão, em Constantinopla. Se Procópio fala que o próprio imperador havia sugerido a Teodorico a governar sobre “romanos e italianos”, Jordanes relata ainda as benesses alcançadas pelo novo governante da Itália: “O imperador Zenão recebeu com alegria a notícia que Teodorico havia sido proclamado rei por seu povo e o recebeu na capital com as honras devidas e o colocou entre os principais da corte.”²⁰⁵ Mais adiante,

²⁰⁴ PROCOPIUS. *De Bello Gótico* V, i, 10-11. “Ζήνων δὲ βασιλεύς, τὰ παρόντα εὖ τιθεσθαι ἐπιστάμενος, Θεωδερῖχῳ παρεῖναι ἐς Ἰταλίαν πορεύεσθαι καὶ Ὀδοάκρῳ ἐς χεῖρας ἰόντι τὴν ἐσπερίαν ἐπικράτησιν αὐτῷ τε καὶ Γότθοις πορίζεσθαι. ἄμεινον γάρ οἱ εἶναι, ἄλλως τε καὶ ἐπ’ ἄξιωμα βουλῆς ἦκοντι, τύραννον βιασαμένων Ῥωμαίων τε καὶ Ἰταλιωτῶν ἄρχειν ἀπάντων ἢ βασιλεῖ διαμαχομένῳ ἐς τόσον κινδύνου ἵεναι.”

²⁰⁵ JORDANES, *Getica*. LVII, 289.

Jordanes deixa claro que a citada “alegria” pelo reinado de Teodorico vem acompanhada do consentimento do imperador no exercício do poder do rei godo sobre a Itália:

E foi no terceiro ano após sua entrada na Itália que, com o consentimento do imperador Zenão, Teodorico se despiu da vestimenta de homem particular e assumiu o ilustre manto real que o identificava como rei dos godos e dos romanos.²⁰⁶

Os dois relatos veem em Teodorico um governante que, após a vitória sobre Odoacro, governaria sobre a Itália contando com o consentimento e apoio do imperador Zenão em Constantinopla. E os dois historiadores também deixam claro que o poder de Teodorico seria exercido sobre os “romanos”, ou seja, sobre a população que havia permanecido sob o julgo imperial durante os cinco séculos anteriores.

Em ambos os relatos, um ponto nos chama especial atenção: a titulação adotada por Teodorico na Itália. A partir de sua vitória sobre Odoacro, o novo governante passou a ser o rei dos godos. Jordanes apenas enuncia essa posição de poder do novo governante, como na passagem acima. Procópio, por sua vez, faz um sutil, porém elucidativo, esclarecimento sobre esse tipo de poder assumido por Teodorico na Itália. Diz o historiador de Cesareia:

E, embora ele não tenha reivindicado o direito de assumir também as vestimentas ou o nome de imperador dos Romanos, foi chamado rei [rex] até o fim de sua vida (*pois assim os bárbaros estão acostumados a chamarem seus líderes*), ainda, no governo de seus próprios negócios, ele investiu-se com todas as qualidades às quais propriamente pertencem a quem é, por nascimento, imperador (grifo meu).²⁰⁷

O título de *rex* (ῥήξ), corrente entre as populações não-romanas, e da qual Teodorico toma posse no século V, indica um tipo de poder que se situa numa posição

²⁰⁶ JORDANES, *Getica*. LVII, 295.

²⁰⁷ PROCOPIUS. *De Bello Gótico* V, I, 26. “καί βασιλέως μὲν τοῦ Ῥωμαίων οὔτε τοῦ σχήματος οὔτε τοῦ ὀνόματος ἐπιβατεῦσαι ἤξιωσεν, ἀλλὰ καί ῥήξ διεβίου καλεούμενος (οὕτω γάρ σφῶν τοὺς ἡγεμόνας καλεῖν οἱ βάρβαροι νενομίκασι), τῶν μέντοι κατηκόνων τῶν αὐτοῦ προὔστη ξύμπαντα περιβαλλόμενος ὅσα τῷ φύσει βασιλεῖ ἥρμοσται.”

hierárquica inferior ao do imperador (βασιλεύς) romano.²⁰⁸ E Procópio fez questão de esclarecer que, embora tenha agido com as qualidades de um imperador, Teodorico não o era e sequer teria demonstrado pretensão sê-lo. E o fato de o reinado godo ter se mantido num tipo de poder submisso ao governo imperial de Constantinopla fica mais evidente quando Jordanes narra que, no fim de sua vida, Teodorico implorou ao seu neto e sucessor Atalarico, sob regência de sua filha Amalasunta, que este devia “amar o Senado e o povo romano e manter a paz e a amizade com o imperador do Oriente, o primeiro depois de Deus.”²⁰⁹

Procópio também traz referências de Amalasunta, já como regente na Itália, se voltando à proteção imperial de Justiniano, no século VI, contra uma ameaça de usurpação de seu poder. Após perfazer todo o percurso de disputas pela sucessão no poder sobre a Itália, iniciando com a deposição de Rômulo Augusto em 476, e a consequente ascensão do bárbaro Odoacro, e passando pela vitória de Teodorico no fim do século V, Procópio alcança a regência de Amalasunta, em 526, que exercia o poder em favor de seu filho Atalarico, então apenas oito anos de idade:

Após sua morte [de Teodorico], o reino foi tomado por Atalarico, o filho da filha de Teodorico; ele tinha atingido a idade de oito anos e estava sendo criado sob os cuidados de sua mãe Amalasunta. Pois seu pai já tinha partido de entre os homens (...). Agora Amalasunta, como tutora de seu filho, administrava o governo, e ela provou ser dotada de sabedoria e atenção pela justiça no mais alto grau, exibindo em grande medida um temperamento masculino²¹⁰

²⁰⁸ Essa observação foi também feita por H. B. Dewing, o tradutor da versão da *Guerra Gótica* do grego para o inglês, publicado pela The Loeb Classical Library. Uma nota de rodapé explicativa sobre a diferença entre rei e imperador entre os romanos pode ser encontrada no vol. III da coleção *History of the Wars*, com a qual trabalhamos nessa pesquisa. Cf. PROCOPUIS. **Hystory of The Wars**. Vol III. Books V-VI.15. English translate by H. B. Dewing. London: Havard University Press. Cambridge, Massachusetts, London. 1993 (first published 1919). p. 11.

²⁰⁹ JORDANES, **Getica**. LIX, 304.

²¹⁰ PROCOPIUS. **De Bello Gothico**. V, ii, 1-3. “Τελευτήσαντός τε αὐτοῦ παρέλαβε τὴν βασιλείαν Ἀταλάριχος, ὁ Θεουδερῖχου θυγατριδοῦς, ὁκτώ γεγονώς. ὁ γὰρ οἱ πατή ἤδη ἐξ ἀνθρώπων ἠφάνιστο. Χρόνω τε οὐ πολλῶ ὕστερον Ἰουστινιανός ἐν Βυζαντίῳ τὴν βασιλείαν παρέλαβεν. Ἀμαλασοῦνθα δέ, ἅτε τοῦ παιδὸς ἐπιτροπος οὖας, τὴν ἀρχὴν διωκεῖτο, ξυνέσεως μὲν καὶ δικαιοσύνης ἐπὶ πλείστον ἐλθοῦας, τῆς δέ φύσειως ἐς ἄγαν τό ἄρρενωπὸν ἐνδεικνυμένη.”

Por temer que seu poder pudesse ser usurpado, Amalasunta se voltou ao imperador Justiniano, em busca de proteção. Esse recurso ao imperador Justiniano foi assim narrado por Procópio:

Enviando a Bizâncio, ela pergunta ao imperador Justiniano se era seu desejo que Amalasunta, a filha de Teodorico, se ela poderia ir até ele; pois ela desejava partir da Itália o mais rapidamente possível. E o imperador, satisfeito com a sugestão, ordenou a ela ir e enviou ordens que a melhor das casas em Epidamus deveria ser colocada em prontidão, com ordem que quando Amalasunta chegasse, ela devia se hospedar ali e passar o tempo que ela desejasse, podendo então dirigir-se a Bizâncio.²¹¹

Não apenas o fato de Amalasunta ter se voltado à proteção imperial num momento de ameaça eminente, mas a aceitação por parte de Justiniano em auxiliá-la em seu governo na Itália nos mostra que, na percepção de Procópio, e certamente também do imperador, os acontecidos do ano 476 não teriam colocado um fim definitivo nas relações políticas entre Constantinopla e a Itália. E essa relação não se resumia simplesmente à proteção militar. Contrariando a opinião dos godos na Itália, Amalasunta foi descrita como uma regente que tinha no exemplo dos governantes romanos o modelo a ser seguido pelo seu filho Atalarico:

Agora Amalasunta desejava tornar seu filho semelhante a um governante romano em seu modo de vida e foi já obrigando-o a frequentar a escola de um professor de letras. (...). Mas os godos não estavam contentes com isso.²¹²

²¹¹ PROCOPIUS. *De Bello Gothico*. V, ii, 23-24. “πέμψασα ἐς Βυζάντιον Ἰουστινιανὸν βασιλέως ἀνεπυθάνετο εἶπερ αὐτῷ βουλομένῳ εἶη Ἀμαλασοῦνταν τὴν Θεωδερίκου παρ’ αὐτόν ἦκειν· βούλεσθαι γάρ αὐτὴν ἐξ Ἰταλίας ἀπαλλάσσεσθαι ὅτι τάχιστα. Βασιλεύς δέ τῳ λόγῳ ἡσθεὶς ἐλθεῖν τε τὴν γυναῖκα ἐκέλευε καὶ τῶν Ἐπιδάμνου οἴκων τὸν κάλλιστον ἐν παρασκευῇ ἐπέστελλε γενέσθαι, ὅπως ἐπειδάν Ἀμαλασοῦνθα ἐνταῦθα ἴοι, καταλύοι τε αὐτόσε καὶ χρόνον διατρίψασα ὅσον ἂν αὐτῇ βουλομένη εἶη, οὕτω δὴ κομίζηται ἐς Βυζάντιον.”

²¹² PROCOPIUS. *De Bello Gothico*. V, ii, 7-8. “ἡ μὲν Ἀμαλασοῦνθα τὸν παῖδα ἐβούλετο τοῖς Ῥωμαίων ἄρχουσι τα ἐς τὴν δίαιταν ὁμότροπον καταστήσασθαι καὶ φοιτᾶν ἐς γραμματιστοῦ ἤδη ἡνάγκαζε. (...). Γόθοις δὲ ταῦτα οὐδαμῇ ἡρεσκε.”

Portanto, para além de uma aliança que visava uma proteção militar, as relações entre os godos na Itália e Constantinopla, no início do governo de Justiniano, estariam no nível mesmo de uma subordinação política, que podia ser percebida claramente desde o período dos governos de Teodorico e do imperador Zenão.

Em outra passagem, temendo ainda pela falta de lealdade de seu filho Atalarico e pela própria vida, ameaçada pelos godos, a governante regente buscou salvar-se mais uma vez através da proteção imperial: “Por essa razão, ela desejava entregar o poder dos godos e italianos ao imperador Justiniano, a fim de que ela mesma pudesse ser salva.”²¹³ E, reafirmando mais adiante o desejo de Amalasunta, completa o historiador: “(...) mas secretamente ela concordou em colocar toda a Itália nas suas mãos [do imperador Justiniano]”.²¹⁴

Os exemplos acima mostram que a vinculação entre os governos de Roma, tomado pelos ditos bárbaros, e Constantinopla, continuavam vivas ainda em meados do século VI. Averil Cameron afirma que a relação entre alguns dentre os novos reinos da Europa Ocidental com o imperador se daria mesmo em termos de patronato.²¹⁵ Um trecho da *Guerra Gótica* demonstra essa percepção, a partir da leitura de uma passagem na qual Teodato procurava justificar ao imperador a prisão, que fora por ele ordenada, de Amalasunta:

Mas temendo que por esse ato ele tivesse ofendido o imperador, como atualmente provou-se ser o caso, ele [Tedodato] enviou alguns homens do Senado Romano, Liberius e Opilio, e alguns outros, direcionando-os a desculpar sua conduta ao imperador com todo o seu poder, assegurando-lhe que Amalasunta não tinha encontrado um

²¹³ PROCOPIUS. *De Bello Gothico*. V, iii, 12. “διό δὴ τό Γότθων τε καί ’Ιταλιωτῶν κράτος ἐνδιδόναι ’Ιουστινιανῷ βασιλεῖ, ὅπως αὐτὴ σώζοιτο, ἠθέλεν.”

²¹⁴ PROCOPIUS. *De Bello Gothico*. V, iii, 28. “λάθρα δέ αὐτῷ ξύμπασαν ’Ιταλίαν ἐγχειριεῖν ὡμολόγησεν.”

²¹⁵ Cf. CAMERON, Averil. *The Mediterranean World in Late Antiquity*. AD. Londres e Nova York: Routledge, 1996. p. 43.

tratamento severo em suas mãos, embora ela tivesse perpetrado irreparável injúria sobre ele antes.²¹⁶

Portanto, seguindo as narrativas da *Guerra Gótica*, Procópio veria na relação entre Constantinopla e a Itália, ainda no século VI, uma relação que era de proteção militar e mesmo subordinação política, visto que, não sendo esse o caso, não haveria a necessidade de o imperador ser informado dos acontecidos na Itália, em busca de aprovação dos atos de um governo que fosse considerado totalmente autônomo. Essa breve reflexão se faz necessária, uma vez que é a partir desses acontecimentos que Procópio inicia a narrativa da guerra contra os godos propriamente dita. O ponto culminante para o início dos conflitos teria sido, segundo a leitura da *Guerra Gótica*, o assassinato de Amalasunta por godos como forma de retaliação pela morte de seus parentes, causadas pela ação da regente. O resultado dessa ação é assim narrado por Procópio:

Agora Pedro²¹⁷ protestava abertamente a Teodato e a outro godo, que por causa dessa ação que tinha sido cometida por eles, haveria uma guerra sem trégua entre o imperador e eles. Mas Teodato, tal foi sua estúpida tolice, enquanto ainda mantinha os assassinos de Amalasunta em honra e favor, continuava tentando persuadir Pedro e o imperador que esse ato terrível tinha sido cometido pelos godos não por meio de sua aprovação, mas decididamente contra sua vontade.²¹⁸

²¹⁶ PROCOPIUS. *De Bello Gothico*. V, iv, 15. “ἐνταυθα Θευδάτος τὴν Ἀμαλασοῦνθαν καθεῖρξας ἐτήρει. δείσας δέ, ὅπερ ἐγένετο, μή βασιλεῖ ἀπ’ αὐτοῦ προσκεκρουκῶς εἶη, ἄνδρας ἐκ τῆς Ῥωμαίων βουλῆς Λιβέριόν τε καὶ Ὀπιλίωνα στείλας σὺν ἑτέροις τισὶ, παραιτεῖσθαι πάσῃ δυνάμει βασιλέα ἐπήγγελλεν, ἰσχυριζομένους μηδέν πρὸς αὐτοῦ ἄχαρι τῇ Ἀμαλασοῦνθῃ ξυμβῆναι, καίπερ ἐς αὐτόν ἀνήκεστα δεινὰ εἰργασμένη τά πρότερα.”

²¹⁷ Cidadão de Tessalônica e orador retórico treinado, enviado pelo o Império Bizantino à Itália. Cf. PROCOPIUS. *De Bello Gothico*. V, iii, 30.

²¹⁸ PROCOPIUS. *De Bello Gothico*. V, iv, 30-31. “Πέτρος μὲν οὖν Θευδάτῳ ἀντικρυς ἐμαρτύρετο καὶ Γότθοις τοῖς ἄλλοις ὅτι δὴ αὐτοῖς τοῦ δεινοῦ τούτου ἐξειργασμέην ἄσπονδος βασιλεῖ τε καὶ σφίσιν ὁ πόλεμος ἔσται. Θευδάτος δέ ὑπὸ ἀβελτερίας τοῦς Ἀμαλασοῦνθης φονεῖς ἐν τιμῇ τε καὶ σπουδῇ ἔχων, Πέτρον τε καὶ βασιλέα πείθειν ἤθελεν ὥς αὐτοῦ ἐπαινοῦντος, ἀλλ’ ὥς μάλλιστα ἀκουσίῳ, Γότθοις ἐργασθεῖν τό μίᾱσμα τοῦτο.”

E, na sequência, tem-se o início a guerra propriamente dita do Império contra os godos: “E o Imperador, ao saber o que tinha acontecido com Amalasunta, imediatamente entrou na guerra, estando no nono ano de seu reinado (535).”²¹⁹

As passagens acima analisadas nos conduzem a apontar que, definitivamente, Procópio não tomou as campanhas imperiais contra os godos na Península Itálica como sendo um processo de “Restauração” ou “Reconquista” imperial, como sugere a maior parte da historiografia sobre o assunto. Sendo assim, retomamos aqui à questão levantada anteriormente: qual o significado das guerras de Justiniano na Itália podem ser extraídos das próprias narrativas de Procópio?

Embora não tenha classificado a natureza dessas campanhas de maneira clara na *História das Guerras*, acreditamos que, para o historiador, Justiniano teria enviado suas tropas à Itália para promover uma forma de reorganização do poder e punição contra aqueles que haviam assassinado uma regente, descrita como protegida, subordinada ou mesmo dependente, do governo imperial. Assim, podemos concluir que, segundo as narrativas da *Guerra Gótica*, Justiniano não teria pretendido movimentar seus exércitos para promover uma reconquista ou uma restauração territorial e política na Itália, uma vez que, na visão de Procópio, esse território não parece ter sido definitivamente perdido pelo poder imperial com a ascensão de Odoacro ao trono em 476. O que o historiador nos relata na *Guerra Gótica* se assemelharia mais a um processo de reorganização ou reestruturação das relações de poder político, ainda existentes, entre a capital do Império, Constantinopla, e uma de suas instâncias de atuação na Itália.

²¹⁹ PROCOPIUS. *De Bello Gothico*. V, v, 1. “βασιλεύς δέ τά ἀμφί ’Αμαλασούνθη ξυνενεχθέντα μαθὼν εὐθύς καθιστατο ἐς τὸν πόλεμον, ἕνατον ἔτος τήν βασιλείαν ἔχων.”

Nesse sentido, nossa conclusão sobre esse tópico concorda com aquela proposta por Roger Scott, citada anteriormente. Entretanto, ressaltamos aqui a diferença no caminho por nós percorrido. Scott, em sua análise, se utilizou de uma comparação entre os escritos das histórias de Procópio e as crônicas de Malalas. Em outras palavras, sua reflexão levou em consideração uma comparação entre informações extraídas não apenas de dois autores diferentes sobre o mesmo período, mas de dois gêneros de escrita diferenciados.

Em nossa pesquisa, ao contrário, acreditamos ser possível questionar a ideia de uma guerra de “Reconquista” entre os propósitos de Justiniano na Itália do século VI utilizando-nos para isso das próprias narrativas da *Guerra Gótica* e, em menor grau, de outro importante historiador contemporâneo de Procópio, Jordanes. Não discordamos que trabalhos como o de Scott enriqueçam e tornem o estudo do período de Justiniano ainda mais rico em possibilidades de análises e mais densos e consistentes nos seus questionamentos e conclusões. Porém, ao utilizarmos a própria *História das Guerras* para questionar uma consolidada visão da historiografia sobre o século VI, que se utilizou da mesma obra para ser constituída, pretendemos ressaltar a importância que uma reflexão mais cuidadosa sobre esse documento pode ter mesmo para o estudo de problemas historiográficos ainda mais amplos e complexos, como as discussões referentes às chamadas “Queda de Roma” ou “Fim do Império Romano no Ocidente”.

Se os objetivos de Justiniano, segundo Procópio, não se pautavam pela ideia de uma “Reconquista” das antigas fronteiras romanas, podemos afirmar que os ataques aos bárbaros na *Guerra Gótica* deveriam se fundamentar em justificativas que não se embasassem no fato de estas populações serem responsabilizadas por um não evidenciado fim na História Romana Ocidental. Entretanto, Procópio deixa claro que há a necessidade de se reorganizar as relações de poder, então estremecidas, entre a capital

e a Itália. Neste sentido, torna-se indispensável analisarmos qual seria o grau de responsabilidade concedido pelo historiador às populações bárbaras neste processo, que deixava Constantinopla politicamente mais distante da Península Itálica. Junto a esta reflexão, é possível perceber que as descrições que Procópio nos oferece dos bárbaros, em especial dos godos na *Guerra Gótica*, também são indicativos de que a construção da escrita do historiador estaria articulada às ambições de Justiniano com as campanhas. Este estudo sobre os bárbaros, suas descrições e relatos, apresentados por Procópio, são objeto de análise do quarto capítulo deste trabalho.

CAPÍTULO 4:

OS BÁRBAROS NA *GUERRA GÓTICA*

Neste capítulo, nos dedicaremos a examinar cuidadosamente as descrições feitas por Procópio sobre os bárbaros, em especial os godos, tratados na *Guerra Gótica* como os principais responsáveis tanto pela deposição de Rômulo Augusto em 476, quanto pela desarticulação nas relações de poder entre Constantinopla e a Itália no século VI. Essa análise tem por objetivo entender como o historiador articulou suas descrições dos godos enquanto bárbaros para fundamentar ideologicamente os ataques imperiais contra essas populações. Esta análise se justifica pois, como visto no capítulo anterior, não encontramos em Procópio de Cesareia uma motivação para as guerras na ideia de “Reconquista” militar imperial que teria tido lugar décadas após uma suposta “Queda de Roma”.

4.1- Os godos segundo Procópio de Cesareia

No livro *Romans and Barbarians*, ao falar da Guerra Gótica, o historiador Edward A. Thompson afirmou que as batalhas na Itália eram travadas entre, de um lado, os “bárbaros”, e de outro, “homens civilizados”. Indo além, Thompson diz ainda que, no decorrer dos conflitos, os italianos teriam escolhido seguir o lado da “civilização”, referindo-se aos exércitos imperiais.²²⁰ A. Cameron também ressalta esse caráter de uma luta dos “homens civilizados” contra os “bárbaros”, afirmando que essa seria a visão de Procópio sobre os conflitos.²²¹ É importante lembrarmos que ambos os autores citados tomam a *História das Guerras* como um dos principais documentos na elaboração dos

²²⁰ Cf. THOMPSON, E. A. **Romans and Barbarians**. The Decline of the Western Empire. Londres: University of Wisconsin Press, 1982. p. 109.

²²¹ Cf. CAMERON, Averil. **Procopius and the Sixth Century**. Londres: Duckworth, 1996. p. 202.

referidos trabalhos (Cameron talvez em uma escala ainda maior, por dedicar todo um estudo exclusivamente aos escritos de Procópio de Cesareia).

Apesar dessas afirmações, vindas de dois dentre os principais pesquisadores sobre o período de Justiniano, salientamos que Procópio não se refere ao exército imperial, ou mesmo a população bizantina, como membros componentes de uma “civilização” em oposição à ideia de barbárie. Nas suas referências ao exército ou aos súditos de Justiniano, o historiador emprega sempre o termo “romano”. As descrições de uma civilização que enfrenta a barbárie estão inseridas dentro de um campo de construção historiográfica, mas que não reflete o pensamento do historiador que tomamos como base para o estudo do tema. Em contrapartida, o termo “bárbaro” aparece ao longo de toda a narrativa de Procópio, fazendo referência não apenas aos inimigos do Império durante as batalhas, mas a todos os povos considerados não-romanos.

De um ponto de vista imperial, a bipolaridade entre os conceitos de *bárbaro* e *romano* ainda permanecia viva no período conhecido por Antiguidade Tardia, embora, como observou Walter Pohl, se encontrasse em um “nível mais baixo” que em séculos anteriores.²²² Ainda segundo Pohl, as populações bárbaras definiam-se a partir de um grau de dependência ou afastamento em relação a um estado tardo-romano de natureza poliétnica.²²³

Nesse sentido, a análise das descrições dos bárbaros na *História das Guerras* e, para o nosso caso, das descrições dos godos na Itália, será aqui desenvolvida como uma forma de construção de uma identidade étnica. Tal construção pode ser situada historiograficamente, a partir da ótica de um historiador romano em relação a

²²² POHL, Walter. El concepto de etnia en los studios de la Alta Idad Media. In: LITTLE, Lester K., e ROSENWEIN, H. **La Edad Media a debate**. Madri: Ediciones Akal, 2003. p. 40.

²²³ Cf. POHL, Walter. El concepto de etnia en los studios de la Alta Idad Media. In: LITTLE, Lester K., e ROSENWEIN, H. **La Edad Media a debate**. Madri: Ediciones Akal, 2003. p. 48.

outras *ethne*. A palavra etnicidade tem sua raiz no grego *ethnos* (ἔθνος), termo que pode ser traduzido como “nação”, ou ainda “povo”²²⁴. Para o estudo da construção de elementos de uma identidade bárbara em Procópio, seguiremos aqui a proposta de Walther Pohl. Para esse historiador, uma estrutura étnica não é algo inato, um fenômeno objetivo, formado biologicamente e determinado pela natureza, mas sim o resultado de práticas étnicas que reproduzem os laços que mantêm um grupo unido.²²⁵ Por isso, as descrições dos bárbaros na *História das Guerras* serão tomadas como resultantes de uma construção historiográfica, relacionadas a uma dinâmica política e social, produto do momento de sua criação, das experiências vividas pelo autor e da posição ocupada por este durante as guerras. Em outras palavras, essas descrições serão aqui analisadas como escritos que respondem muito mais ao contexto das guerras de Justiniano no século VI, testemunhadas por Procópio, do que necessariamente ao período da deposição de Rômulo Augusto.

É nesse processo de construção de uma narrativa diretamente inserida com um projeto político e militar de Justiniano que encontramos as referências de Procópio de Cesareia em relação às populações bárbaras com as quais os exércitos bizantinos mantinham algum tipo de contato durante as campanhas do século VI. Entretanto, o historiador não se preocupa em destacar as importantes distinções existentes entre essas diferentes populações classificadas como *bárbaras*. Nem mesmo quando trata especificamente dos godos, Procópio parece se atentar aos elementos distintivos entre cada um dos grupos que, em conjunto, eram identificados como tais. Isto parece-nos claro quando analisamos a seguinte passagem da *Guerra Vândala*:

Agora, enquanto Honório tomava o poder imperial [395] no Ocidente, os bárbaros tomavam posse de sua terra; e eu vou narrar quem eles

²²⁴ Cf. GEARY, Patrick. **O mito das nações**. A invenção do nacionalismo. Tradução: Fábio Pinto. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2005. p. 59.

²²⁵ Cf. POHL, Walter. El concepto de etnia en los estudios de la Alta Edad Media. In: LITTLE, Lester K., e ROSENWEIN, H. **La Edad Media a debate**. Madri: Ediciones Akal, 2003. p. 39.

eram e de que maneira isso aconteceu. Havia anteriormente muitas nações góticas, como também há atualmente, mas as maiores e mais importantes de todas eram os Godos, Vândalos, Visigodos e Gépidas. Antigamente, entretanto, eram chamados Sauromates e Melanclenes; e havia também alguns que chamavam àqueles de nações Géticas. Todos esses, embora fossem distinguidos uns dos outros pelos nomes, como tem sido dito, não diferiam em nada no todo. Pois todos eles tem corpos brancos e cabelos loiros, e são altos e belos de se olhar, e usam as mesmas leis e praticam uma religião comum. Pois eles são todos de fé Ariana e tem uma língua chamada Gótico; e, como parece a mim, todos eles vieram originalmente de uma tribo, e foram mais tarde distinguidos pelos nomes daqueles que conduziam cada grupo.²²⁶

Apesar de Procópio apresentar as tribos góticas como possuidoras de leis, língua, religião e até características físicas comuns, devemos ressaltar que não estamos diante de sociedades com características linguísticas, políticas, culturais ou mesmo geográficas que possam ser consideradas homogêneas. Walter Goffart cita a impossibilidade de uma narração uniforme que contemple, por exemplo, os godos do sul da Rússia com a heterogeneidade dos povos guiados por Alarico.²²⁷ Para Patrick Geary, a simplificação de toda uma diversidade cultural e étnica dos povos não romanos no conceito *bárbaro*, ou seja, aquele que “fala mal”,²²⁸ teria fundamento na política imperialista romana, seguindo uma perspectiva prática: “os imperialistas romanos achavam mais fácil lidar com os outros povos quando vistos como povos étnicos

²²⁶ PROCOPIUS. *De Bello Vandalico* III. ii. 1-5. “Ὀνωρίου δε την προς ήλίου δυσμαίς έχοντος βασιλείαν βάρβαροι την εκείνου κατέλαβον χώραν. οίτινες δε και ότω τρόπω, λελέξεται. Γοτθικά έθνη πολλά μεν και άλλα πρότερόν τε ή και τανυν έστι, τα δε δη πάντων μέγιστά τε και άξιολογώτατα Γότθοι τε εισι και Βανδίλοι και Ουισίγοτθοι και Γήπαιδες. Πάλαι μέντοι Σαυρομάται και Μελάγγλαινοι ώνομάζοντο. εισι δε οί και Γετικά έθνη ταυτ' εκάλουν. ούτοι άπαντες όνόμαισ μεν άλλήλων διαφέρουσιν, ώσπερ ειρηται, άλλω δε των πάντων ουδενι διαλλάσσουσι. λευκοί τε γαρ άπαντες τα σώματά εισι και τας κόμας ξανθοί, εύμήκεις τε και άγαθοι τας όψεις, και νόμοις, μεν τοίς αυτοίς χρώνται, όμοίως δε τα ές τον θεον αυτοίς ήσκηται. της γαρ ' Αρείου δοξης εισιν άπαντες, φωνή τε αυτοίς έστι μία, Γοτθική λεγομένη. και μοι δοκουν εξ ενος μεν ειναί άπαντες το παλαιον έθνους, όνόμασι δε ύστερον των εκάστοις ήγησαμένων διακεκρίσθαι.”

²²⁷ Cf. GOFFART, Walter. *Los Bárbaros en la Antigüedad Tardía y su Instalación en Occidente*. In: In: LITTLE, Lester K., e ROSENWEIN, H. *La Edad Media a debate*. Trad. Carolina del Olmo e César Rendueles. Madrid: Ediciones Akal, 2003. p. 53. Ver também: GOFFART, Walter. *Barbarians and Romans*. A.D. 418-584. The techniques of accommodation. New Jersey: Princeton University Press. 1980. p. 7.

²²⁸ GEARY, Patrick. *O mito das nações*. A invenção do nacionalismo. Tradução: Fábio Pinto. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2005. p. 65.

homogêneos, e não como tão complexos e fluidos quanto a população romana”.²²⁹

Ainda citando Geary:

a qualidade de romano era uma categoria constitucional, e não étnica. Já a qualidade de bárbaro era uma categoria inventada, projetada sobre uma variedade de povos com todos os preconceitos e pressuposições de séculos de etnografia clássica e imperialismo.²³⁰

Sendo assim, uma vez que Procópio apresentava os povos godos como tendo uma homogeneidade de características físicas, culturais e religiosas, era possível apresentar também uma mesma motivação que fundamentasse as campanhas de Justiniano, não sendo necessário discorrer sobre grandes variações nas justificativas dos ataques imperiais contra essas diferentes populações.

Como foi discutido no capítulo anterior, Procópio destaca a questão histórica da perda do poder imperial sobre a Itália para justificar e fundamentar ideologicamente as campanhas militares enviadas por Justiniano à Itália no século VI. E, na descrição desse processo, o historiador enfatiza que as populações bárbaras teriam sido as principais responsáveis pelo fim do domínio político sobre a antiga capital do Império, em 476. Esses relatos de Procópio foram construídos em meio a um período de crise, tensões e disputas pela reorganização das ações do poder imperial, tanto na Itália quanto no norte da África. Dessa forma, cabe-nos aqui tentar compreender melhor as especificidades das descrições de Procópio sobre os bárbaros na *Guerra Gótica*, em especial aquelas referentes aos godos, dentro desse contexto no qual o historiador estava inserido.

Essa reflexão se justifica pelo fato de as descrições de Procópio sobre os godos, caracterizados como um povo “bárbaro” inimigo que deveria ser combatido e derrotado, estar diretamente comprometida com a criação e fundamentação de um

²²⁹ GEARY, Patrick. **O mito das nações**. A invenção do nacionalismo. Tradução: Fábio Pinto. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2005. p. 75.

²³⁰ GEARY, Patrick. **O mito das nações**. A invenção do nacionalismo. Tradução: Fábio Pinto. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2005. p. 81.

campo de argumentos que justificassem e tornassem legítimas as ações militares de Justiniano na Península Itálica. Sendo assim, a análise a qual procederemos a seguir busca verificar nas caracterizações dos godos, enquanto uma população bárbara, elementos apresentados pelo historiador que os desqualificassem em relação aos romanos, especialmente no que diz respeito a questões religiosas, militares e políticas. O objetivo de tais descrições seria apresentar os ataques dos exércitos imperiais como ações justificadas e politicamente legítimas, pois seriam interpretadas como sendo um veículo para a reinstalação do controle romano sobre a Itália e a consequente retirada de um governo descrito como indigno do poder que então exercia na região.

Como visto anteriormente, a definição do projeto de Justiniano como uma “Restauração” ou “Reconquista” do Império no Ocidente, como ficou historiograficamente conhecido esse período de guerras no século VI, não se encontra presente na *História das Guerras*. Por outro lado, parece-nos claro que o objetivo principal dos exércitos imperiais no Mediterrâneo seria retirar governantes bárbaros dos antigos centros de poder imperial, governos estes que representavam um obstáculo ao objetivo de estabelecer novamente na região uma pretensa de unidade romana, sob a égide da autoridade do Imperador Justiniano em Constantinopla.

Nas narrativas das *Guerras*, são incontáveis as referências de Procópio ao tipo *bárbaro* para tratar de qualquer outra população que não fosse romana. No caso específico da *Guerra Gótica*, Procópio se utiliza dessa bipolarização entre os conceitos de *romano* e *bárbaro* não apenas justificar que os ataques imperiais estariam sendo direcionados a inimigos não-romanos do Império, como também se apoia nela para apresentar uma proposta a população italiana do período. Por esta proposta, os exércitos de Belisário ofereceriam aos nativos da Península a “libertação” em relação à sujeição ao domínio de um governo bárbaro godo. Essa proposta foi assim descrita por Procópio

no livro V da *Guerra Gótica*, reproduzindo um discurso do general Belisário endereçado aos napolitanos: “Recebam em sua cidade, por esta razão, o exército do imperador, que tem vindo para assegurar a vossa liberdade e de outros italianos, e não escolham o curso que trará sobre vós os mais graves infortúnios.”²³¹

Os “graves infortúnios” aos quais o general se referia seriam o resultado de uma possível aliança dos napolitanos com os godos, numa luta contra os exércitos do Imperador. Belisário ameaça ainda que uma negativa a essa proposta de “libertação”, seguida de uma aliança italiana contra as tropas romanas, fariam com que ambos, italianos e godos fossem tratados como inimigos do Império sendo, dessa forma, atacados como tais:

Mas quanto a esses godos que estão presentes, nós damos-lhes a escolha de porem-se em ordem de batalha daqui por diante de nosso lado, sob o grande imperador, ou ir para suas casas, completamente imunes de males. Porque se ambos, vós e eles, negligenciando todas essas considerações, ousarem levantar as armas contra nós, será necessário a nós também, se Deus assim desejar, tratar a quem quer que nós encontremos como inimigos.²³²

Na sequência, Belisário apresenta aos napolitanos a possibilidade de se libertarem de um governo, que o historiador descreve como *tirânico*, atrelando esse ideal de liberdade à sua sujeição ao governo imperial de Justiniano:

Pois ele [Belisário] declarou que nada de odioso cairá sobre eles [napolitanos], se o caso da Sicília era uma evidência suficiente para qualquer um julgar por ele, uma vez que, como ele salientou, tinha recentemente sido sua sorte, após eles terem trocado seus tiranos bárbaros pelo governo de Justiniano, serem não apenas homens livres, mas também estarem livres de todas as dificuldades.²³³

²³¹ PROCOPIUS. *De Bello Gothico*. V. viii, 13. “δέξασθε τοίνυν τῇ πόλει τον βασιλέως στρατον επι τῇ ἐλευθερίᾳ ὑμῶν τε και τῶν ἄλλων Ἰταλιωτῶν ἤκοντα, και μη τα πάντων ἀνιάρότατα ἐφ’ ὑμῖν ἔλησθε.”

²³² PROCOPIUS. *De Bello Gothico*. V. viii, 16. “Τότθιος δε τοῖσδε τοῖς παροῦσιν αἵρεσιν δίδομεν, ἡ ξυν ἡμῖν τοῦ λοιποῦ ὑπο βασιλεῖ τῷ μεγάλῳ τετάχθαι, ἡ κακῶν ἀπαθέσιν το παράπαν οἶδαδε ἵεναι.”

²³³ PROCOPIUS. *De Bello Gothico*. V. viii, 27. “ἀπαντήσιν γαρ σφίσιν αὐτοῖς ἰσχυρίζετο οὐδεν ἄχαρι, εἴ τῳ ἱκανοὶ Σικελιωτῶν τεκμηριῶσαι, οἷς δη τετύχηκεν ἐναγχος

Esse tipo de discurso de defesa da “liberdade” dos italianos em relação ao governo godo, que foi mais detalhadamente analisado por Charles Pazdernik²³⁴, estava intimamente atrelado a uma proposta de submissão dessas populações ao poder político do Império. Em outras palavras, trata-se de uma troca nas relações de sujeição dos italianos, substituindo o domínio godo bárbaro pelo romano. Dessa forma, o controle político de Justiniano estenderia o raio de atuação da autoridade imperial novamente até a Itália, fazendo com que, como em tempos anteriores, o Imperador voltasse a exercer o seu poder sobre o antigo centro do Império. É o que muitos historiadores entendem ser uma política expansionista do Império durante o governo de Justiniano.²³⁵

Devemos salientar, porém, que a ameaça militar de tratar os italianos como inimigos, caso estes se aliassem aos godos contra os exércitos imperiais, não era o argumento central de Procópio para obter o apoio das populações nativas da Península Itálica durante as guerras. Ao longo de toda a *Guerra Gótica*, o historiador prezou por tentar apresentar os godos como bárbaros que, na primeira metade do século VI, ameaçavam a um pretense ideal de unidade romana, que se estendia para além das fronteiras politicamente definidas do Império.

4.1.1- A questão religiosa

Um primeiro ponto que pesa na questão de uma unidade romana, pretendida no período das guerras, está diretamente relacionado à religião. Peter Brown afirmou

βαρβάρων τυρράνων την Ἰουστινιανού βασιλείαν ἀλλαξαμένοις, ἐλευθέροις τε εἶναι καὶ ἀπαθέσι δυσκόλων ἀπάντων.”

²³⁴ Cf. PAZDERNIK, Charles F. Procopius and Thucydides on the Labor of War: Belisarius and Brasidas in the Field. *Transactions of the American Philological Association*. Vol. 130. Emory University, 2000. pp. 155-156 e p. 171.

²³⁵ Como exemplos, podemos citar Georg Ostrogorsky, que chega a falar de uma política “universalista” de Justiniano. Cf. OSTROGORSKY, Georg. *História del Estado Bizantino*. Tradução de Javier Facci. Madri: Akal, 1984. p. 82 e EVANS, James Allan Stewart. *The Age of Justinian*. The circumstances of imperial power. New York: Routledge, 1996. pp. 93-94.

mesmo que, no século VI, os romanos do Oriente consideravam-se membros de uma comunidade totalmente cristã.²³⁶ Lembremos que o Cristianismo havia se tornado religião oficial do Império em fins do século IV, reorganizando uma hierarquia social ao redor da corte e ganhando um espaço cada vez maior entre os romanos.²³⁷ Por conta desses fatores, alguns destacados estudos sobre o período de Justiniano, como os de Pazdernik, Cameron e Ostrogorsky, afirmam que o pertencimento de uma população aos domínios imperiais romanos no século VI implicava diretamente no seu pertencimento também a uma comunidade cristã de tradição conciliar.²³⁸ Em contrapartida, formas de culto tidas como não ortodoxas, como o tipo ariano praticado pelos godos, tornavam-se cada vez mais parte integrante de uma identidade bárbara visigótica.²³⁹

Neste sentido, as guerras de Justiniano na Itália foram apresentadas por Procópio também como uma defesa do culto cristão classificado nas *Guerras* como “justo” ou “correto”²⁴⁰, frente a populações cujas crenças eram classificadas como heréticas. Este era o caso do Arianismo, praticado pelos godos no século VI. Claude Jenkins chamou a atenção para o fato de a luta do Império contra o Arianismo godo aparecer como uma preocupação constante na *Guerra Gótica*.²⁴¹ Quando passamos a

²³⁶ Cf. BROW, Peter. The Later Roman Empire. **The Economic History Review**. Vol. 20. n. 2. Agosto de 1967. p. 332.

²³⁷ Cf. BROW, Peter. The Later Roman Empire. **The Economic History Review**. Vol. 20. n. 2. Agosto de 1967. pp. 337-338.

²³⁸ Cf. PAZDERNIK, Charles F. Procopius and Thucydides on the Labor of War: Belisarius and Brasidas in the Field. **Transactions of the American Philological Association**. Vol. 130. Emory University, 2000. pp.153-154; CAMERON, Averil. **The Mediterranean World in Late Antiquity**. AD. Londres e Nova York: Routledge, 1996. p. 44; OSTROGORSKY, Georg. **História del Estado Bizantino**. Traducción de Javier Facci. Madri: Akal, 1984. pp. 90-91.

²³⁹ Cf. GEARY, Patrick. **O mito das nações**. A invenção do nacionalismo. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2005 p. 121.

²⁴⁰ A expressão grega “δοξης ὀρθῆς”, utilizada por Procópio para adjetivar os preceitos dogmáticos cristãos seguidos pela Sé de Constantinopla, foi traduzida para o inglês como “orthodoxy faith”, na versão bilíngue grego-inglês com a qual trabalhamos nessa pesquisa. Entretanto, destacamos que, com essa expressão, Procópio se refere apenas a um tipo de culto considerado por ele e pelos cristãos da capital do Império como sendo “correto” ou “justo”, utilizado em oposição à expressão Ἀρείου δοξης (fé ariana), considerado herético e, dessa forma, desviante da “δοξης ὀρθῆς”

²⁴¹ JENKINS, Claude. Procopiana. **The Journal of Roman Studies**. Vol. 37. 1947. p. 76.

uma análise da obra, é possível percebermos que grande parte dos argumentos apresentados em suas narrativas para fundamentar um ataque imperial contra a população goda na Itália se apoiava na questão da defesa do Cristianismo romano contra o Arianismo, considerado herético, dos bárbaros.

Procópio não deixa dúvidas, no livro V da *Guerra Gótica*, de que uma fé ligada aos princípios do Arianismo seria, para os romanos, uma crença de tipo herética. Tal percepção é evidenciada quando o historiador afirma que, por volta do ano 530, o rei Amalarico, por temor ao poder dos germanos, se casou com Clotilde, irmã do governante germano Teudiberto. Após o casamento, Amalarico obrigou sua esposa, de crença descrita por Procópio como ortodoxa, a se converter às práticas do Arianismo, o que não foi acatado por ela:

Enquanto sua esposa era da crença justa [ortodoxa], ele [Amalarico] seguia a *heresia de Ário*, e ele não permitiria a ela manter sua crença costumeira ou realizar os ritos da religião de acordo com a tradição dos pais dela e, além disso, porque ela não concordava em se sujeitar aos costumes dele, ele a manteve em grande desonra (grifo meu).²⁴²

Seguindo assim a lógica de pensamento traçada por Procópio, na qual as práticas arianas eram consideradas como heresia, podemos afirmar que, no século VI, os antigos domínios imperiais na Itália estariam sendo governados por populações caracterizadas como *bárbaras* e, por conta de suas práticas arianas, *heréticos*.

O que pretendemos nas páginas seguintes é verificar, não só pelo estudo da *Guerra Gótica*, mas também através de alguns excertos da *Guerra Vândala*, como Procópio de Cesareia se utilizara de um argumento de natureza religiosa para caracterizar os godos como um inimigo do Império e, por isso, um povo a ser combatido no século VI. Disso resultaria uma articulação, presente na narração de Procópio, na

²⁴² PROCOPIUS. *De Bello Gothico*. V. xiii. 10. “δοξης γάρ ὀρθῆς τὴν γυναῖκα οὖσαν, αἴρεσιν αὐτός τὴν Ἀρείου ἔχων, οὐκ εἶα νομίμοις τοῖς εἰωθόσι χρῆσθαι οὐδὲ κατὰ τὰ ἔθη τὰ πάτρια τὰ ἐς τὸ θεῖον ἐξοσιοῦσθαι, ἀλλὰ καὶ προσχωρεῖν τοῖς αὐτοῦ ἡθεσιν οὐκ ἐθέλουσαν ἐν πολλῇ ἀτιμίᾳ εἶχεν.”

qual se observa uma forte relação de aproximação entre os conceitos de *bárbaro* e *herético*. A partir dessa perspectiva, uma vitória romana frente aos godos na Itália poderia ser entendida também como uma vitória de um Império cristão sobre exércitos heréticos arianos.²⁴³

Essa aproximação entre bárbaro e herético é algo trabalhado por Procópio nas *Guerras*, mas certamente não foi uma ideia criada pelo historiador. Toda a política militar de expansão territorial e restabelecimento de uma Roma grandiosa apresentava uma estreita ligação com a defesa do culto cristão em relação a práticas consideradas heréticas. A presença e a importância que a religião cristã assumia na cultura romana eram anteriores aos trabalhos de Procópio. Esses aspectos são ressaltados, por exemplo, em trabalhos como os de Peter Brown.²⁴⁴ Por se considerarem membros de uma comunidade cristã, a concepção de “bárbaro” em Procópio de Cesareia recebe uma conotação quase direta com a de “herético”. Uma exceção é o caso dos francos, que será discutida a seguir.

Lembremos que Procópio concebera suas narrativas das guerras a partir de um posto de Conselheiro particular do general Belisário, o que nos leva a crer que seus escritos se encontrassem inseridos junto aos propósitos imperiais no período. Dessa forma, as referências às populações bárbaras na obra, em especial aos godos, se apresentavam reforçando um discurso contrário a esses povos, fornecendo às narrativas como um todo um argumento fundamental em favor de uma intervenção imperial nas regiões do Mediterrâneo: o combate a um inimigo não-romano e não-cristão.

²⁴³ Segundo Ostrogorsky, para o imperador, o universalismo romano coincidiria com o cristão, ressaltando a constante intervenção deste na estrutura eclesiástica de Constantinopla. Cf. OSTROGORSKY, Georg. **História del Estado Bizantino**. Tradução de Javier Facci. Madri: Akal, 1984. p. 90.

²⁴⁴ Cf. BROW, Peter. The Later Roman Empire. **The Economic History Review**. Vol. 20. n. 2. Agosto de 1967. p. 331-332. Ver também, do mesmo autor, **The World of Late Antiquity. AD 150-750**. New York & London: W. W. Norton & Company. p. 126.

Dentre os elementos que caracterizavam as populações bárbaras, a questão da religiosidade recebe atenção em especial do historiador. Como dito acima, Procópio afirma que os godos “(...) são todos de fé ariana (...)”²⁴⁵ Lembremos aqui que o Arianismo era tido como uma prática religiosa considerada herética pelos romanos do século VI (veja citação sobre esta questão na página 148). Ao articular, na descrição dos inimigos, uma relação de quase equivalência entre a concepção de *barbárie* e de *heresia*, Procópio concebe à guerra contra os godos na Península Itálica também um caráter de luta pela defesa de uma fé cristã “justa”, dirigida contra povos descritos como religiosamente heréticos, sem que houvesse entre estes qualquer exceção. Esse é um aspecto nas descrições dos bárbaros que fez com que Averil Cameron verificasse, através da *Guerra Gótica*, que as expedições militares imperiais na Itália pudessem ser interpretadas também como um tipo de cruzada religiosa.²⁴⁶

A atuação do poder imperial a partir de premissas religiosas não era algo estranho no mundo romano medieval, visto que a própria estrutura do poder romana reunia, em torno da figura do governante, uma autoridade cuja natureza do poder era formada tanto por elementos de uma esfera política, quanto também militar, jurídica e religiosa.²⁴⁷ Não se trata de um governo que transita por diferentes esferas do poder, mas de uma autoridade de governo cuja natureza única é composta por instâncias que, em sociedades contemporâneas ocidentais, são tidas como distintas.

A título de exemplo, citamos uma passagem da *Guerra Vândala*, onde Procópio descreve um encontro de Justiniano com um padre oriental. Nela, o historiador transparece sua percepção (e, provavelmente, de seus contemporâneos) do poder

²⁴⁵ PROCOPIUS, *De Bello Vandalico*. III. ii. 5.

²⁴⁶ Cf. CAMERON, Averil. *The Mediterranean World in Late Antiquity*. AD. Londres e Nova York: Routledge, 1996. p. 44.

²⁴⁷ Para uma discussão sobre a natureza do poder imperial bizantino, ver RUNCIMAN, Steven. *A teocracia bizantina*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, DAGRON, Gilbert. *Empereur et prêtre; étude sur le “cesaropapisme” byzantin*. Paris: Éditions Gallimard, 1996 e TAVEIRA, Celso. *O modelo político da autocracia bizantina; fundamentos ideológicos e significado histórico*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2002. Tese de doutorado.

imperial como um tipo de autoridade que, direta ou indiretamente, era guiado por uma inspiração divina:

Mas um dos sacerdotes, que eles chamam bispo, que tinha vindo do Oriente, disse que desejava ter uma palavra com o imperador. E quando se encontrou com Justiniano, disse que Deus tinha lhe visitado num sonho e o ordenou a ir até o imperador e repreende-lo porque, depois da tarefa de proteger os cristãos dos tiranos na Líbia, ele não tinha nenhuma boa razão para temer.²⁴⁸

Além de este breve relato nos remeter ao modelo constantiniano de poder imperial,²⁴⁹ destacamos ainda a proximidade do imperador com os altos cargos da hierarquia da Igreja e, também, o fato de essa hierarquia se voltar ao governante na busca de proteção dos territórios e dos próprios cristãos do Império (tidos também como súditos).²⁵⁰ Dessa forma, as descrições referentes ao imperador Justiniano na *História das Guerras* tratam de um governante que, ao ter como meta a recuperação da antiga grandiosidade romana, preocupava-se também com a proteção da crença cristã, da Igreja enquanto instituição e da população cristã, frente aos inimigos heréticos. Afinal, a estrutura autocrática do poder imperial romano medieval fazia do Cristianismo um elemento fundamental na constituição desse modelo de governo.²⁵¹

O peso que o Cristianismo possuía, tanto como elemento de distinção entre uma identidade romana em relação aos inimigos bárbaros, como nas ações do governo imperial, é facilmente verificável nas narrativas de Procópio. Como exemplo, na *Guerra Vândala*, Justiniano, fazendo-se valer das prerrogativas do poder imperial, emitiu

²⁴⁸ PROCOPIUS, *De Bello Vandálico*. III. x. 18-19. “τῶν δὲ τις ἱερέων οὗς δὴ ἐπισκόπους καλοῦσιν, ἐκ τῆς ἐφ᾽ αὐτῶν ἦκων ἔφη ἐς λόγους τῷ βασιλεῖ ἐλθεῖν βούλεσθαι. καὶ ἐπειδὴ αὐτῷ ξυνέμειξεν, ἔλεγεν οἱ τὸν θεὸν ἐπισκῆψαι ὄναρ γενέσθαι τε ὡς βασιλέα καὶ αὐτόν αἰτιάσασθαι ὅτι δὴ Χριστιανούς τοὺς ἐν Λιβύῃ ῥύεσθαι ἐκ τυράννων ὑποδεξάμενος εἶτα λόγῳ οὐδενὶ κατωρρώδησε.

²⁴⁹ Cf. RUNCIMAN, Steven. *A teocracia bizantina*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. pp. 13-14.

²⁵⁰ Sobre a relação entre o poder imperial bizantino e a Igreja cristã, ver OSTROGORSKY, Georg. *História del Estado Bizantino*. Tradução de Javier Facci. Madri: Akal, 1984. pp. 90-91, e MAIER, Franz Georg. *Bizâncio*. Vol. 13. México: Siglo Veinteuno, 1986. (História Universal Siglo Veinteuno). pp. 23-31.

²⁵¹ Sobre o modelo autocrático do poder bizantino, ver DAGRON, Gilbert. *Empereur et prêtre; étude sur le “cesaropapisme” byzantin*. Paris: Éditions Gallimard, 1996.

algumas proibições à população de culto ariano, não pertencente à fé cristã “justa” ou “correta”. Entre estas proibições, encontramos aquela que impedia esses indivíduos da participação em alguns ritos e até mesmo dos sacramentos da Igreja romana:

No exército romano havia não menos que mil soldados de fé ariana; e a maior parte deles eram bárbaros, alguns deles sendo da nação heruliana. Esses homens eram então impelidos ao motim pelos padres dos vândalos com o máximo ardor. Por isso não foi possível para eles cultuar Deus do jeito que eles estavam acostumados, mas foram excluídos tanto dos sacramentos quanto dos ritos sagrados. Pois o imperador Justiniano não permitia a nenhum cristão que não tivesse uma esposa de crença justa receber o batismo ou algum outro sacramento. Mas a maioria deles estava agitada pela festa da Páscoa, durante a qual eles não poderiam batizar seus próprios filhos com a água sagrada, ou participar de qualquer outra coisa pertencente a essa festa.²⁵²

Vemos aqui não apenas o quanto o poder imperial interferia em questões ligadas ao Cristianismo, mas também como dele se utilizava para fazer-se prevalecer sobre populações bárbaras. A decisão de excluir os soldados arianos dos ritos e sacramentos significava uma represália à instigação de motim pelos sacerdotes vândalos, além de ser uma clara demonstração de superioridade do Império cristão sobre o arianismo dos bárbaros. Destaca-se também o fato de a autoridade imperial exercer suas prerrogativas tanto sobre a Igreja, enquanto instituição e hierarquia eclesiástica, como também no controle sobre a participação dos fiéis nos ritos e sacramentos.

Sendo um dos elementos primordiais na constituição de uma identidade romana, o Cristianismo não apenas servia às justificativas dos ataques romanos aos

²⁵² PROCOPIUS, *De Bello Vandalico*. IV. xiv. 12-15. “ἐν τῷ Ῥωμαίων στρατοπέδῳ τῆς Αρείου δόξης οὐχ ἦσσαν ἢ χιλίους στρατιώτας εἶναι ξυνέπεσεν. ὧν δὴ οἱ πολλοὶ βάρβαροι ἦσαν καὶ αὐτῶν τινες ἐκ τοῦ Ῥεούλων ἔθνους. Τούτους δὴ οἱ τῶν Βανδύλων ἱερεῖς ἐς τὴν στάσιν τὰ μάλιστα ὥρμων. οὐ γὰρ σφίσιν ἦν δυνατὰ τῷ θεῷ ἐξοσιοῦσθαι τὰ εἰωθότα, ἀλλὰ ἀπεκέκλειντο καὶ μυστηρίων καὶ ἱερῶν ἀπάντων. οὐ γὰρ εἶα βασιλεὺς Ἰουστινιανὸς ἀνδρα Χριστιανόν οὐ μεταλαχόντα δόξης ὀρθῆς ἢ βαπτισματι ἢ ἄλλῳ τῷ μυστηρίῳ χρῆσθαι. Μάλιστα δὲ αὐτοὺς ἡ Πασχαλία ἑορτὴ ξυνετάξ, καθ’ ἣν οὐκ οἰοί τε ἐγίνοντο τὰ σφέτερα αὐτῶν παιδία τῷ θεῷ βαπτίζειν λουτρῷ, ἢ ἄλλο τι ἐργάζεσθαι ἐς ταύτην δὴ τὴν ἑορτὴν ἄγον.” A expressão “crença justa” tem aqui o mesmo significado daquele da nota 118, ou seja, uma forma de culto considerada a “correta” pelos romanos, em oposição à fé ariana.

exércitos bárbaros inimigos, como também fora descrito nas *Guerras* como fundamento para a formação de uma aliança militar dos romanos com outros povos. No livro VII da *Guerra Gótica* é narrada uma passagem na qual gépidas e lombardos teriam enviado mensageiros a Justiniano, visando a formação de uma aliança militar. Um dos argumentos apresentados pelos lombardos (posteriormente escolhidos pelo imperador para a formação de tal acordo), se fundamentava na fé comum existente entre estes e os romanos:

Mas te pedimos, ó Imperador, que depois cuidadosamente pesando o que nós temos dito menos adequadamente do que os fatos merecem, tome o curso da ação que redundará para o benefício de ambos, Romanos e Lombardos, chamando a atenção para isso, em adição a todas as outras considerações, que enquanto os romanos tomarão partido justamente conosco, vendo que nós estamos em acordo desde o início em relação à religião, eles estarão em oposição para nossos oponentes pela simples razão que eles são Arianos.²⁵³

Vemos assim, que, durante as guerras de Justiniano, é o pertencimento a uma fé cristã caracterizada como “justa” que legitimava tanto a formação de alianças militares para os combates, quanto o ataque a populações inimigas de culto tido como heréticos (como era o caso dos godos arianos).

Analisando as passagens aqui citadas da *História das Guerras*, é possível perceber que, no plano teórico e argumentativo, a guerra pela retomada de antigas possessões romanas junto aos povos bárbaros assumia, na escrita de Procópio, um declarado confronto entre, de um lado, um exército imperial cristão e, de outro, populações de tipos de culto considerados heréticos. Entretanto, é preciso esclarecer que a luta contra o Arianismo das populações godas e a defesa do Cristianismo representavam não as metas principais da política imperial de Justiniano, mas estavam

²⁵³ PROCOPIUS. *De Bello Gothico*. VII, xxxiv, 24. “σύ δέ, ὦ βασιλεῦ, διασκοπούμενος ὅσα ἐνδεεστέρως ἢ κατὰ τὴν χρεῖνα ἡμῖν εἴρηται, τὰ Ῥωμαίοις τε καὶ Λαγγοβάρδαις τοῖς σοῖς ξυνοῖσονται πρῶσσε, τοῦτο πρὸς τοῖς ἄλλοις ἅπασιν ἐννοῶν, ὡς ἡμῖν μὲν ἀμφὶ τῷ θεῷ ὁμογνωμονοῦσι τό ἐξ ἀρχῆς συντετάσσονται Ῥωμαῖοι δικαίως, τοῖς δέ Ἀρειανοῖς οὖσι καὶ δι’ αὐτό τοῦτο ἀπ’ ἐναντίας χωρήσουσι.”

articuladas na *Guerra Gótica* como elemento fundamental na estruturação de um argumento que justificassem as lutas pelo restabelecimento da atuação do poder de Constantinopla sobre seus antigos domínios imperiais.

Assim sendo, a caracterização do inimigo bárbaro como um elemento contrário à fé cristã do Império, acrescentava aos godos um atributo que era diretamente contrário a um princípio fundamental na constituição de uma identidade romana comum. A busca pela recuperação do controle político imperial sobre a Itália passava pelo argumento de se promover a “liberdade” das populações locais frente à dominação bárbara, tida também como herética, ou, em outras palavras, um governo que não era nem romano, nem cristão.

Nesta pesquisa, nos posicionamos no caminho trilhado por trabalhos como os de Claude Jenkins e Charles Pazdernik, no que diz respeito à importância que o Cristianismo apresentava na constituição de uma ideologia legitimadora das pretensões políticas e militares de Justiniano. Assim como esses autores, pensamos no Cristianismo como um elemento fundamental na constituição de uma identidade romana no século VI, o que o tornava também um dos pilares na construção de argumentos que justificavam o ataque dirigido contra populações bárbaras, ou seja, povos que, de alguma forma, ameaçavam a pretensa unidade do poder imperial romano na Península Itálica.

As análises aqui esboçadas abordam o Cristianismo como peça chave na constituição de uma noção de pertencimento a uma comunidade romana no período da Antiguidade Tardia, não estando restrito a relações puramente institucionais entre o Império e a Igreja, ou entre autoridade política e hierarquia eclesiástica. O fato de Procópio agregar a seus inimigos godo (no caso da *Guerra Gótica*) um atributo que se chocava diretamente com um importante pilar constituinte da identidade romana do

século VI, servia-lhe como argumento que justificava as investidas das tropas do Império na busca pela retomada do controle político da Itália.

4.1.2- A questão militar

Além da questão religiosa, Procópio se preocupou em chamar a atenção do leitor para uma outra característica dos godos que os desqualificavam frente aos romanos: a ausência de uma ordem de batalha dos exércitos bárbaros. Não foram raras as passagens nas quais o historiador compara a postura das tropas godas às romanas, ressaltando sempre a superioridade do exército imperial em vários quesitos, como a organização e coragem dos soldados, suas habilidades nos usos das armas e as estratégias mais bem executadas por seus comandantes.

Um primeiro exemplo é retirado do livro V da *Guerra Gótica*. Aqui Procópio narra que, em 536, uma tropa romana foi enviada para a região da Toscana, obtendo vitórias em algumas regiões. Ao saber dos sucessos das tropas romanas, o rei ostrogodo Vitígio enviou contra eles um exército em maior número:

Agora, enquanto Vitígio ouvia isso, enviou contra eles [romanos] um exército com Unilas e Pissas como seu comandante. E Constantino [que havia recebido de Belisário o comando de parte das tropas imperiais] confrontou essas tropas nos arredores de Perusia e lutou com eles. A batalha foi primeiramente disputada com equilíbrio, pois os bárbaros estavam em número superior, mas depois os romanos, por sua grande virtude conquistaram o controle e derrotaram o inimigo, e enquanto eles corriam em completa desordem, os romanos mataram quase todos dentre eles. E capturaram vivos os comandantes dos inimigos e os enviaram à Belisário.²⁵⁴

²⁵⁴ PROCOPIUS. *De Bello Gothico*. V. xvi. 6-7. “οἷς Κονσταντῖνος ὑπαντιάσας ἐν τῷ Περυσίας προαστείῳ ἐς χεῖρας ἦλθε. πλήθει δὲ τῶν βαρβάρων ὑπεραιρόντων ἀγχώματος μὲν τα πρῶτα ἐγγόνει ἡ μάχη, μετὰ δὲ Ῥωμαῖοι τῇ σφῶν ἀρετῇ καθυπέρτεροι γεγεννημένοι τοὺς πολεμίους ἐτρέψαντο, φεύγοντάς τε οὐδενὶ κόσμῳ σχεδόν τι ἅπαντας ἐκτείνον· καὶ ζῶντας ἐλόντες τοὺς τῶν πολεμίων ἄρχοντας παρὰ Βελισάριον ἐπεμψαι.”

A ausência de uma organização militar nas tropas godas, quando comparada aos romanos, é uma característica à qual Procópio contrapõe as virtudes dos exércitos imperiais. O fato de os adversários romanos se apresentarem com um número maior de soldados põe em evidência tanto a “desordem” das tropas “bárbaras”, quanto as “virtudes” das tropas de Constantino.

Em outro trecho, também do livro V, o historiador volta a ressaltar essas características. Trata-se de uma batalha onde os soldados romanos eram, mais uma vez, menos numerosos que os godos. Entretanto, uma multidão de homens sem armadura se misturou aos soldados, causando nos seus inimigos a impressão de estarem diante de um exército muito mais numeroso: “E apesar de seu baixo número, eles encheram os bárbaros de susto e voltaram a eles para lutarem, como tinha sido dito, pela razão da sua [dos bárbaros] falta de ordem eles perderam o dia para os romanos.”²⁵⁵

Entretanto, apesar do sucesso de tal estratégia, Procópio criticou a mescla de soldados com homens sem as armaduras adequadas ao combate:

Pois a mistura dos homens acima mencionados levou os soldados a cair em grande desordem e, apesar de Valentino permanecer constantemente gritando ordens a eles, eles não podiam ouvir seu comandante no todo.²⁵⁶

A desordem das tropas é uma característica que Procópio observava e ressaltava como característica dos exércitos bárbaros, não dos romanos, e que, como no exemplo acima, refletia em derrotas nos campos de batalha. Mesmo que, no caso romano, as tropas imperiais tenham saído vitoriosas da batalha citada, o historiador não

²⁵⁵ PROCOPIUS. *De Bello Gothico*. V. xxix, 27. “και πλήθει μεν τους βαρβάρους ἐκπλήξαντες, ὥσπερ ἐρρήθη, ἐς φυγὴν ἔτρεψαν, ἀκοσμία δὲ τα Ρωμαίων παράγματα ἔσφηλαν.”

²⁵⁶ PROCOPIUS. *De Bello Gothico*. V. xxix, 28. “ἐπιμιξία γὰρ τῇ ἐκείνων ἐς ἀταξία πολλὴν οἱ στρατιῶται ἐμπεπτωκότες, καίπερ σφίσι βαλεντίνου πολλὰ ἐγκελευομένου, τῶν παραγγελλομένων ἤκιστα ἤκουον.”

as exime de críticas em relação a essa postura desordenada, na qual as ordens do comandante não eram ouvidas.

Os números dos soldados, tanto das tropas romanas quanto das bárbaras, apresentados por Procópio na *Guerra Gótica*, tem sido alvo de análises e contestações que não apontam em uma direção única. Roger Scott, por exemplo, ao questionar o fato de as guerras na Itália não terem sido uma prioridade para o governo de Justiniano, afirma que o exército de Belisário na Itália contava, no início dos combates, com cerca de sete mil e quinhentos homens. Nas ocasiões em que recebeu reforço, o exército chegou a doze mil soldados, em 542, e dezoito mil, em 554.²⁵⁷ Warren Treadgold apresenta uma reavaliação destes números. Para o historiador, quando acrescentados a este contingente a guarda de Belisário, o número total de soldados enviados contra os godos em 535 chegaria próximo de onze mil e quinhentos homens.²⁵⁸

Por outro lado, Averil Cameron afirma que Procópio tendia a aumentar o número de soldados inimigos, valorizando assim as ações militares bizantinas. Para fundamentar sua hipótese, a historiadora se baseia na leitura da *Guerra Gótica*, onde é narrado que, somente na primeira fase dos combates (até o ano 540), os godos teriam perdido cerca de quarenta mil homens e que o Vitígio teria chegado à Roma com outros cento e cinquenta mil em 537. Entretanto, Cameron admite que o exército godo, em sua totalidade, não passava de trinta mil homens no começo da guerra.²⁵⁹ Para a historiadora, baseando-se num antigo estudo de K. Hannestad, tais distorções nos números dos soldados inimigos tivessem sido sugeridas pelo próprio general Belisário,

²⁵⁷ Cf. SCOTT, Roger. *Chronicles versus Classicizing History: Justinian's West and East*. In: _____. **Byzantine Chronicles and the Sixth Century**. Londres: Variorum/Asghate, 2012. pp. 14-15.

²⁵⁸ Cf. TREADGOLD, Warren. **The Early Byzantine Historians**. Londres: Palgrave Macmillan, 2010. p. 219. Esse número de soldados se dividia entre 4 mil homens das tropas regulares, 3 mil isáuricos, 200 hunos, 300 mouros e cerca de 4 mil da guarda de Belisário, totalizando os cerca de onze mil e quinhentos, citados por Treadgold. Cf. PROCOPIUS, **De Bello Gothico**. V. v. 2-4.

²⁵⁹ Cf. CAMERON, Averil. **Procopius and the Sixth Century**. Londres: Duckworth, 1996. p. 148.

visando exaltar e promover em mais alto grau os feitos de seus soldados.²⁶⁰ Treadgold também afirma que o historiador superestimava o número de soldados inimigos, dizendo que o efetivo dos exércitos godos estariam em torno de um quarto dos números apresentados por Procópio. Para Treadgold, não se trata de equívoco do historiador, mas uma alteração consciente, pois sua experiência militar (e poderíamos acrescentar o seu testemunho) poderia alertá-lo para o exagero das informações recebidas em relação às tropas inimigas.²⁶¹

Embora os apontamentos quanto ao número de soldados, tanto nos exércitos romanos quanto nos godos, sejam ainda hoje alvo de críticas e releituras, uma questão parece percorrer os trabalhos citados: o fato de Procópio ter construído suas narrativas com o objetivo de exaltar e defender nelas os interesses do Império. Esse é inclusive, a principal crítica de Walter Goffart à credibilidade dos textos da *História das Guerras* para o estudo do governo de Justiniano e de sua política militar no século VI.²⁶²

Mas o historiador não descreve as tropas godas sempre pontuando suas falhas e ressaltando suas características negativas. Há passagens, como a que segue abaixo, nas quais Procópio preocupou-se em ressaltar algumas virtudes das tropas godas. Aqui, encontramos os registros finais do combate entre no qual as tropas imperiais, após atravessarem o rio Pó, em 537, alcançaram a cidade de Ticinium e atacaram os exércitos godos:

E quando eles [os romanos] alcançaram a cidade de Ticinium, após cruzarem o rio Pó, os godos vieram e engajaram contra eles uma batalha. E eles [os godos] não eram apenas numerosos, mas também excelentes tropas, visto que todos os bárbaros que viviam naquela região haviam depositado o maior valor de suas possessões em

²⁶⁰ Cf. CAMERON, Averil. **Procopius and the Sixth Century**. Londres: Duckworth, 1996. p. 148. Ver também HANNESTAD, K. Les forces militaires d'après la guerre gothique de Procope. In: **Classica et Medievalia**. N. 21, 1960. pp. 161-180.

²⁶¹ TREADGOLD, Warren. **The Early Byzantine Historians**. Londres: Palgrave Macmillan, 2010. p. 220.

²⁶² Cf. GOFFART, Walter. **Barbarians and Romans**. A.D. 418-584. The techniques of accommodation. New Jersey: Princeton University Press. 1980. pp. 63-66. A opinião de Goffart em relação aos textos de Procópio estão expostas com mais detalhes nas páginas 111 e 112 (capítulo 3) deste trabalho.

Ticinium, como sendo um lugar no qual havia forte defesa e tinham deixado uma tropa considerável. Então uma batalha persistente tomou lugar, mas os romanos foram vitoriosos e, derrotando seus oponentes, mataram um grande número e em pouco tempo capturaram a cidade que ocupavam.²⁶³

O fato de Procópio salientar que o exército imperial estava diante de “excelentes tropas” não era um elogio gratuito em função de uma observação do historiador. Tal constatação teria uma função dentro da sua narrativa e, mais uma vez, seria destacar superioridade dos exércitos do Império sobre os bárbaros. Neste caso, o historiador, ao ressaltar as qualidades das tropas godas que defendiam a cidade de Ticinium, com todas as suas riquezas, assinala que os romanos, apesar das dificuldades dos combates, teriam conquistado uma importante vitória sobre um exército bem preparado para os ataques. Também nesta passagem, Procópio não deixa de conceder destaque aos méritos das tropas romanas sobre as bárbaras.

Quando se tratava do general Belisário, Procópio cuidou de ressaltar não apenas os seus méritos com as vitórias nos campos de batalha, condizentes a um grande comandante das tropas romanas nas guerras, mas também concedeu especial destaque a sua lealdade ao Império e a Justiniano. Essa característica foi cuidadosamente descrita por Procópio ao narrar as investidas godas para que o general viesse a governar a Itália, no ano 540:

Após deliberarem entre si, os mais puros²⁶⁴ entre os godos decidiram declarar Belisário Imperador do Ocidente. (...). Mas Belisário estava completamente relutante de assumir o domínio do poder contra a vontade do imperador; pois ele tinha uma grande aversão ao nome de tirano e, além disso, ele tinha sido, de fato, obrigado previamente pelo

²⁶³ PROCOPIUS. *De Bello Gothico*. VI. xii, 31-33. “ἐπει τον Πάδον διαβάντες ἐς Τικηνον πόλιν ἀφίκοντο, Γότθοι αὐτοῖς ἀπαντήσαντες ἐς χεῖρας ἦλθον. ἦσαν δε πολλοί τε και ἄριστοι, ἐπει τῶν χρημάτων τα τιμιώτατα βάρβαροι ἅπαντες οἱ ταύτη ὤκηνο ἐν Τικηνῶ καταθέμενοι ἅτε ἐν χωρίῳ ὀχύρωμα ἰσχυρον ἔχοντι, φρουραν λόγου ἀξίαν ἐλίποντο. μάχης οὖν καρτερᾶς γενομένης ἐνίκων Ῥωμαῖοι, και τους ἐναντίους τρεψάμενοι διέφθειράν τε συχνους και την πόλιν ἐν τῇ διώξει ἐλεῖν παρ ὀλίγον ἦλθον.”

²⁶⁴ O historiador se refere aqui a um tipo de pureza no sentido moral, utilizando-se para tanto da expressão καθαρον, referindo-se aos mais destacados dentre os godos.

imperador, pelo mais solene juramento, a nunca, durante sua vida, organizar uma revolução.²⁶⁵

Na sequência dos acontecimentos, Procópio descreve que o rei godo Vitígio havia enviado mensageiros até Belisário, visando obter garantias de que estes não seriam então atacados pelos romanos e, uma vez mais, tentar convencer o general a aceitar reinar na Península sobre godos e italianos. E, novamente, Procópio relata uma negativa de Belisário: “E Belisário, de sua parte, jurou por todas as coisas, como os mensageiros haviam solicitado, mas no que diz respeito à realeza, ele disse que confiaria ao próprio Vitígio e aos governantes godos.”²⁶⁶

A lealdade do general à estrutura hierárquica do governo imperial fica ainda mais evidente quando os godos, ainda em 540, enviaram outros mensageiros à Ravena, tentando impelir Belisário, uma vez mais, ao governo da Itália. Esta nova negativa do general foi assim descrita por Procópio: “Mas ele [Belisário], ao contrário de suas expectativas [dos godos], recusou por completo, dizendo que nunca, enquanto o imperador Justiniano fosse vivo, Belisário seria um usurpador do título de rei.”²⁶⁷

A primeira questão que salta aos olhos nessas passagens está no título proposto pelos godos, segundo Procópio, ao general Belisário: Imperador do Ocidente (βασιλέα τῆς ἐσπερίας). No livro V da *Guerra Gótica*, Procópio já havia esclarecido que o título de *rei* (ῥήξ) era próprio aos governantes bárbaros, enquanto que

²⁶⁵ PROCOPIUS. *De Bello Gothico*. VI. xxix, 18-20. “ἐν σφίσιν οὖν αὐτοῖς βουλευσάμενοι, εἰ τι ἐν Γότθοις καθαρὸν ἦν, βασιλέα τῆς ἐσπερίας Βελισάριον ἀνειπεῖν ἐγνώσαν. (...). Βελισάριος δὲ καταστῆναι μὲν ἐς τὴν ἀρχὴν οὐκ ἐκόντος βασιλέως ἠκιστα ἠθέλε· τῷ τε γὰρ τοῦ τυράννου ὄνοματι ὑπερφυῶς ἤχθετο καὶ ὅρκους δεινотάτοις πρὸς βασιλέως καταληφθεὶς πρότερον ἔτυχε, μήποτε αὐτοῦ περιόντος νεωτεριεῖν.

²⁶⁶ PROCOPIUS. *De Bello Gothico*. VI. xxix. 27. “Βελισάριος δὲ τα μὲν ἄλλα ὥμοσεν ἅπαντα, καθάπερ οἱ πρέσβεις ἠξίου, ὑπὲρ δὲ τῆς βασιλείας αὐτῷ Οὐιττίγιδι καὶ Γόθων τοῖς ἀρχουσιν ὁμεισθαι ἔφη.”

²⁶⁷ PROCOPIUS. *De Bello Gothico*. VI. xxx. 28. “ὁ δὲ οὐ προσδεχομένοις αὐτοῖς ἀντικρὺς ἀπεῖπεν, ὥς οὐκ ἂν ποτε ζῶντος Ἰουστινιανοῦ βασιλέως ἐπιβατεύοι τοῦ τῆς βασιλείας ὀνοματος.”

para se referir a Justiniano e os governantes romanos, o historiador utiliza o título *imperador* (βασιλεύς).²⁶⁸ Quando Procópio fala do governo do godo Teodorico sobre a Itália, o historiador deixou claro que se tratava da autoridade de um rei, não de imperador. No entanto, a proposta descrita por Procópio falava em Belisário se tornar *Imperador*. Não nos é possível afirmar, com maior segurança, se a proposta feita ao general romano pelos godos falava em termos de um poder imperial de fato, por se tratar de um general do Império, ou se Procópio assim o descreveu para, uma vez mais, marcar as diferenças entre romanos e bárbaros, salientando uma preeminência dos primeiros em relação ao últimos.

Outro ponto que chama a atenção nessas passagens é a forma como o historiador relata a interpretação de Belisário em relação a uma possível tomada do poder na Itália. Primeiro, o general afirma que, para cumprir um juramento, ele não faria uma “revolução” (νεωτεριεῖν). Após novas investidas, Belisário afirma que, caso aceitasse o poder a ele oferecido pelos godos, ele seria um “usurpador” (ἐπιβατεύοι) frente ao Imperador Justiniano. Mesmo não tendo sido literalmente transcrita por Procópio, é possível aqui estabelecer um paralelo entre a forma pela qual o historiador descreveu a ascensão de Odoacro ao poder em 476 (por nós trabalhada no capítulo 3) e aquela proposta a Belisário em 540. Em ambos os casos, a chegada ao poder na Península não se daria por uma sucessão ou uma intervenção direta poder imperial. Ao contrário, segundo Procópio, tanto no caso de Odoacro, quanto na proposta feita a Belisário, a ascensão ao poder se configuraria como o resultado da submissão de populações bárbaras ao pretenso governante, que ocuparia o governo na Itália sem o apoio ou, pelo menos, o consentimento da autoridade imperial em Constantinopla.

²⁶⁸ A utilização do título de *rei* (ῥήξ) como típica de sociedades bárbaras foi feita por Procópio em **De Bello Gótico** V, I, 26. A diferença do nível hierárquico em relação ao *imperador* (βασιλεύς) foi por nós analiada no capítulo 3 deste trabalho, nas páginas 131 e 132.

Ao traçarmos esse paralelo entre as duas narrativas, encontramos o general Belisário se negando a aceitar tal poder por cumprimento ao juramento de nunca se voltar contra Justiniano e não querer se tornar um “usurpador” do poder romano. Em outras palavras, Procópio ressalta aqui a lealdade que o general manteve ao Imperador, respondendo assim à confiança nele depositada com o comando das tropas nas guerras. Tais características contrastavam tanto com as atitudes do bárbaro Odoacro, quanto também não seriam observadas nas descrições dos francos, como analisaremos no tópico seguinte.

Apesar de todo esse destaque que Procópio confere ao general romano, o historiador Roger Scott nos chama a atenção para uma breve passagem, na qual é possível encontrarmos Belisário descumprindo uma ordem enviada pelo Imperador, no mesmo ano 540. Tal passagem encontra-se descrita na *Guerra Gótica* pouco antes dos excertos acima citados. Trata-se de um acordo de paz entre romanos e godos, enviados por Justiniano através de dois membros do senado, identificados como Domnicus e Maximinus. A proposta do Imperador foi assim descrita por Procópio:

Vitígio receberia metade do tesouro real e o governo sobre o território que está ao norte do rio Pó; mas a outra metade do dinheiro era para ficar com o Imperador, e ele faria sujeitos e tributários de si tudo o que estivesse ao sul do rio Pó. (...) E quando os godos e Vitígio souberam do propósito de sua vinda [a dos embaixadores de Justiniano], eles alegremente concordaram em fazer o tratado nesses termos.²⁶⁹

Scott afirma que Justiniano pretendia deixar a Itália porque a guerra contra os godos havia consumido muitos recursos do Império e que, naquele momento, as

²⁶⁹ PROCOPIUS. *De Bello Gothico*. VI. xxix. 2-3. “Οὐίτιγιν μὲν πλούτου το ἡμισυ τοῦ βασιλικοῦ φερεσθαι, χώρας τε ἄρχειν ἢ ἔκτος Πάδου ποταμοῦ ἐστὶ· τῶν δὲ δη χρημάτων το ἡμισυ βασιλέως εἶναι, καὶ αὐτὸν ὅσα ἐντος Πάδου ποταμοῦ ἐστὶν ὑτήκοα ἐς ἀπαγωγὴν φόρου ποιήσασθαι. (...) μαθόντες δὲ Γότθοι καὶ Οὐίτιγίς ἐφ’ ᾧ ἤκοιεν, ἄσμενοι κατὰ ταῦτα ὡμολόγησαν τὰς σπονδὰς θήσεσθαι.”

forças dos exércitos deveriam se voltar para as fronteiras orientais.²⁷⁰ Apesar das ordens imperiais, Belisário decidiu tomar a atitude contrária:

Após Belisário ouvir isso, foi tomado por uma irritação, considerando-a uma grande calamidade e que ninguém deveria impedi-lo de alcançar a vitória decisiva de toda a guerra, levando Vitígio como prisioneiro para Bizâncio.²⁷¹

Para Scott, a desobediência de Belisário em relação a ordem enviada pelo Imperador fica ofuscada pela ênfase que Procópio concede à questão da lealdade do general a Justiniano, contrapondo-a sempre a descrições de seus inimigos, identificados como indignos de confiança.²⁷² Ainda segundo Scott, as pesquisas sobre o período de Justiniano que se utilizaram da *História das Guerras* como documento não analisam a negativa de Belisário em cumprir as ordens enviadas de Constantinopla para um acordo de paz com os godos. Ao contrário, os trabalhos dedicados ao tema ressaltam sempre a questão da lealdade do general em não aceitar tomar o poder oferecido pelos godos na Península, no mesmo ano de 540, seguindo assim a proposta de Procópio sobre as descrições de lealdade do general ao Império. A proposta de Scott indica o caminho oposto, alertando que as pesquisas sobre essa temática deveriam destacar a passagem da recusa de Belisário em seguir as ordens de Justiniano na Itália, em 540..²⁷³

Em nosso trabalho, a ênfase dada às descrições elogiosas do comportamento de Belisário e seu comprometimento e fidelidade à hierarquia do poder imperial não é por nós destacada da *Guerra Gótica* para afirmar que tais fossem, de fato, características pertencentes ao general romano. Acreditamos, ao contrário, que em suas

²⁷⁰ Cf. SCOTT, Roger. *Chronicles versus Classicizing History: Justinian's West and East*. In: _____. **Byzantine Chronicles and the Sixth Century**. Londres: Variorum/Asghate, 2012. p. 14.

²⁷¹ PROCOPIUS. *De Bello Gothico*. VI. xxix. 4. “ἄπερ ἀκούσας Βελισάριος ἥσχαλλεν, ἐν ξυμφορᾷ μεγάλῃ ποιούμενος, εἰ μὴ τις αὐτον ἔωη, παρον οὐδενι πόνω, τό τε κράτος του πολέμου παντος φέρεσθαι και δορυάλωτον Οὐίτιγιν ἐς Βυζάντιον ἀγαγεῖν.”

²⁷² Cf. SCOTT, Roger. *Chronicles versus Classicizing History: Justinian's West and East*. In: _____. **Byzantine Chronicles and the Sixth Century**. Londres: Variorum/Asghate, 2012. p. 14.

²⁷³ Cf. SCOTT, Roger. *Chronicles versus Classicizing History: Justinian's West and East*. In: _____. **Byzantine Chronicles and the Sixth Century**. Londres: Variorum/Asghate, 2012. p. 13.

narrativas, Procópio descrevesse o comportamento de um general idealizado, personificado na figura de Belisário. Por esse motivo que o historiador destaca sua negativa em aceitar o governo sobre os godos e destaca manutenção dos juramentos feitos ao Império. Por isso também que apenas um pequeno espaço da obra foi dedicada à descrição de um ato de insubordinação a uma ordem de Justiniano. Em nossa leitura da *Guerra Gótica*, tal procedimento de Procópio de Cesareia pode ser interpretado como indicativo de um comprometimento do historiador com os objetivos políticos e militares de Justiniano, descrevendo os fatos testemunhados a partir de um ponto de vista que buscava exaltar os feitos do Imperador, das tropas romanas e, conseqüentemente, de seu comandante.

Tal comprometimento de Procópio de Cesareia continua a ser observado ainda no último volume da *Guerra Gótica*, quando o historiador tratou de um dos períodos onde seu trabalho ficaria marcado por seu desapontamento com a política imperial de Justiniano.²⁷⁴ Neste livro, o historiador continuou salientando a superioridade romana sobre os bárbaros nos campos de batalha. Apesar de ter acompanhado o general Belisário como Conselheiro, relatando detalhadamente suas ações nos campos de batalha italianos, Procópio não deixou de render elogios às tropas romanas quando estas foram comandadas pelo estrategista Narses, que comandou o exército imperial a partir de 552, já nos últimos anos da Guerra Gótica.

Naquele ano, os godos, então comandados por Totila, tentaram atacar os romanos de surpresa. Entretanto, Narses havia mantido seus soldados em alerta e preparados. As comparações descritas por Procópio nas estratégias e nos usos das armas pelos dois exércitos visam não deixar dúvidas em relação a uma superioridade romana no que tange à organização das tropas e preparação para os combates:

²⁷⁴ A partir dos anos 540. Sobre essa mudança no entusiasmo de Procópio na *Guerra Gótica*, veja nota de rodapé número 25 do capítulo 1 deste trabalho.

Agora ordens tinham sido dadas a todo o exército godo para que eles não usassem nem arcos nem nenhuma outra arma nessa batalha exceto suas espadas. Consequentemente, aconteceu que Totila foi superado pela sua própria imprudência; que entrando nessa batalha ele foi levado, eu não sei pelo quê, a lançar-se contra seus oponentes com sua própria tropa com equipamentos inadequados, antigos e em nenhum aspecto era páreo para seus inimigos. Pois os romanos, por um lado, fazem uso de cada arma na luta de acordo com a necessidade particular do momento, atirando com arcos, atacando com lanças ou empunhando espadas, ou usando alguma outra arma que seja conveniente e apropriada num determinado ponto, alguns deles montados a cavalo e outros entrando no combate a pé, seus números são proporcionais às necessidades da situação, de modo que em um ponto eles poderiam realizar um movimento de cerco ao redor do inimigo; por outro lado, recebem a proteção e, com seus escudos, impedem o ataque rapidamente. A cavalaria dos godos, por outro lado, leva sua infantaria atrás e confiando apenas em suas lanças, fazem sua proteção com impetuosidade impensada; e uma vez no meio da luta eles sofrem por sua própria imprudência.²⁷⁵

As comparações entre as virtudes e organização das tropas romanas frente à ausência de uma estratégia eficiente dos bárbaros continua sendo observada na sequência dos relatos dessa batalha:

Os godos não podiam mais resistir contra o violento ataque dos seus inimigos, mas começaram a ceder terreno diante desses ataques e, finalmente, voltaram precipitadamente, terrificados pelo grande número e sua perfeita ordem.²⁷⁶

E complementa:

Pois eles não voltaram num ordenado recuo, como com o propósito de recuperar seu fôlego e voltar a luta, como é costumeiro; de fato, eles

²⁷⁵ PROCOPIUS. *De Bello Gothico*. VIII. xxxii. 6-8. “Προείρητο δε Γότθοις ἅπανσι μήτε τοξεύματι μήτε ἄλλῳ ὅτῳ οὖν ἐς συμβολὴν τήνδε ὅτι μὴ τοῖς δόρασι χρῆσθαι. διὸ δὴ Τουτίλαν πρὸς τῆς ἀβουλίας καταστρατηγηθῆναι τῆς αὐτοῦ ξυνηνέχθη· ὅς γε καθιστάμενος ἐς τήνδε τὴν μάχην οὐκ οἶδα ὅτῳ ἀναπεισθεὶς παρείχετο τοῖς ἐναντίοις τὴν αὐτοῦ στρατιὰν οὔτε τῇ ὀπλίσει ἀντίξουν οὔτε τῇ τάξει ἀντίρροπον οὔτε τῷ ἄλλῳ ἀντίταλον, ἐπεὶ Ρωμαῖοι μὲν ἐκάστοις ὡς ἐπικαιρότατα ἦν ἐν τῷ ἔργῳ ἐχρῶντο, ἢ τοξεύοντες, ἢ δόρατα ὠθοῦντες, ἢ ξίφε διαχειρίζοντες, ἢ ἄλλο τι ἐνεργοῦντες τῶν σφίσι προχείρων κἂν τῷ παρόντι ἐπιτηδείων, οἱ μὲν ἵππευόμενοι, οἱ δὲ καὶ πεζῇ ἐς τὴν παράταξιν καθιστάμενοι, κατὰ τὸ τῇ χρεῖα ξυνοῖσον, καὶ τὴ μὲν κύκλωσιν τῶν πολεμίων διαπρασσόμενοι, πῇ δὲ προσιόντας δεχόμενοι καὶ ταῖς ἀσπίσιν ἀποκρουόμενοι τὴν ἐπιθεσιν. οἱ δὲ τῶν Γότθων ἵππεῖς, τῶν πεζῶν σφίσι ἀπολελειμμένων ὀπίσω, μόνοις θαρσοῦντες τοῖς δόρασιν ὁρμῇ ἀνεπισκέπτῳ ἐπῆσαν, ἐν τε τῷ πόνῳ γενόμενοι τῆς σφετέρας ἀβουλίας ἀπώναντο.”

²⁷⁶ PROCOPIUS. *De Bello Gothico*. VIII. xxxii, 14. “ὥρμημένοις γὰρ ἐς αὐτοὺς Γότθοι οὐκ ἀντεῖχον τοῖς πολεμίοις, ἀλλ’ ἐνεδίδοσαν ἐπιόντων αὐτῶν καὶ προτροπάδην ἀνέστρεφον, καταπεπληγμένοι αὐτῶν τῷ τε ὁμίλῳ καὶ τῇ εὐκοσμῷ.”

não tinham a intenção nem de lançar para trás seus perseguidores por um ataque massivo, nem empreender uma contra-perseguição, ou alguma outra manobra militar, mas eles chegaram a tal desordem que alguns dos homens eram agora destruídos pelo ataque da cavalaria.²⁷⁷

Podemos perceber que as narrativas de Procópio de Cesareia não enaltecem exclusivamente os comandantes das tropas imperiais, Belisário e, em menor grau, Narses, mas, através destas personagens, o historiador buscava exaltar as qualidades e virtudes dos exércitos romanos, descritos sempre com grande superioridade frente seus inimigos godos. Assim como no caso das descrições de lealdade e fidelidade do general ao Imperador, as narrativas das ações militares romanas também nos remetem a descrições de lutas num plano ideal em favor das tropas de Belisário, caminhando em perfeita ordem.

Registros dessa natureza nos remetem ao fato de se tratarem de narrativas criadas por um historiador diretamente envolvido com as guerras, que ocupava um cargo oficial junto ao exército imperial, como Conselheiro do general Belisário. Pela posição ocupada por Procópio nas guerras e pelo fato de sabermos, hoje, que suas críticas mais severas a Justiniano e a Belisário estariam reservadas a outros textos, a *História Secreta*, é possível pensarmos que tais narrativas estivessem estritamente comprometidas com os objetivos do imperador na Itália.²⁷⁸

Nesse sentido, podemos afirmar que as descrições de Procópio sobre os godos, enquanto populações bárbaras, estavam intimamente articuladas com as ambições imperiais de retomada do controle político de Constantinopla sobre seus

²⁷⁷ PROCOPIUS. *De Bello Gothico*. VIII. xxxii, 17. “οὐ γὰρ ἐν κόσμῳ τὴν ἀναχώρησιν ποιησάμενοι ἐς αὐτοὺς ἦλθον, ὥς ἀναπνεύσοντές τε καὶ ξυν αὐτοῖς ἀναμαχοῦμενοι, ἦλθον εἴθισται, ἢ ὠθισμῷ τοὺς διωκοντας ἀπωσόμενοι ἢ παλίῳξιν ἐγχειρίσοντες ἢ ἄλλην τινα πολέμου ἰδέαν, ἀλλ’ οὕτως ἀτάκτως ὥστε αὐτῶν τισι καὶ διεφθάρθαι τῆς ἵππου ἐπιπεσούσης ξυνέπεσε.”

²⁷⁸ Averil Cameron afirmou que a escrita da *História das Guerras* demonstrava não apenas uma aceitação da estrutura imperial vigente, mas também dos objetivos de Justiniano com as guerras pela retomada do controle romano sobre suas antigas possessões. Cf. CAMERON, Averil. **Procopius and the Sixth Century**. Londres: Duckworth, 1996. p. 143.

antigos domínios, apresentando um embasamento ideológico fundamental a tal empresa. E nessa construção argumentativa, as descrições dos godos como heréticos, militarmente mal equipados e desordenados nas batalhas, eram contrastadas com a imagem dos exércitos romanos sempre bem armados e preparados, comandados por um general leal e justo, na defesa de um Império e de um Imperador oficialmente cristãos.

Dessa forma, a caracterização dos bárbaros, como feita por Procópio, os apresentava como uma população que se chocava diretamente com um importante pilar constituinte da identidade romana no século VI: a religião cristã de tradição conciliar. Além disso, o historiador demonstra que são populações cujos governantes não teriam demonstrado a devida lealdade ao Imperador Justiniano, além de serem militarmente incapazes de defender o antigo centro do poder imperial romano. Esse tipo de construção argumentativa não era o foco das atenções de Procópio na *Guerra Gótica*. Entretanto, elas serviam como fundamentos que justificavam os ataques militares bizantinos contra os godos na Itália. A partir dessa argumentação, os pesados investimentos do Império para estas guerras eram apresentando aos leitores fundamentais no processo de recuperação do controle político romano sobre uma importante instância de atuação do poder imperial, que encontravam-se então sob domínio de uma população descrita como bárbara, herética, politicamente não confiável e militarmente mal preparada.

4.2- Os francos: um caso emblemático entre os bárbaros

Mesmo considerando que, pela leitura da *História das Guerras*, as populações não cristãs fossem caracterizadas como bárbaras, a relação inversa nem sempre se apresenta como verdadeira. Em outras palavras, se todo ariano ou herético em geral era considerado nas *Guerras* como bárbaro, nem toda população bárbara era

reconhecida necessariamente como não-cristã. Entre estas, um caso que merece destaque é o dos francos. Isso porque, na *Guerra Gótica*, as relações de aproximação e afastamento descritas por Procópio entre os exércitos imperiais e os francos se pautavam tendo sempre como base de argumentação, para uma ou outra atitude, questões relacionadas às práticas religiosas. O que torna o caso dos francos especial é que, mesmo se tratando de uma população convertida ao Cristianismo e reconhecida como cristã pelos romanos, não deixaram de ser caracterizados como bárbaros por Procópio.

Como o historiador não se preocupa em distinguir as singularidades dos grupos que, em conjunto, foram identificados como godos, também nas suas primeiras referências aos francos na *História das Guerras*, estes são identificados apenas como pertencentes ao grupo daqueles chamados “germanos”. Assim Procópio os descreve no livro V da *Guerra Gótica*: “Os Francos foram chamados ‘Germanos’ em tempos antigos”.²⁷⁹ E logo adiante na narrativa, Procópio classifica os francos como mais uma entre as populações bárbaras: “Há muitos lagos na região, onde os germanos viveram há muito tempo, uma *nação bárbara*, não de muita importância no início, que são agora chamados francos.”²⁸⁰

A exemplo dos godos, as descrições de Procópio referentes aos francos enquanto bárbaros também se inserem no campo do interesse maior do Império, qual seja, a retomada do controle político sobre a Itália. E, para que viabilizar tal projeto, além da formação de um exército bem treinado e bem armado, como descritos no tópico anterior, era necessário aos romanos o exercício de uma política diplomática eficiente,

²⁷⁹ PROCOPIUS. *De Bello Gothico*. V. xi. 29. “οἱ δὲ Φράγγοι Γερμανοὶ μὲν τὸ παλαιὸν ὠνομάζοντο.”

²⁸⁰ PROCOPIUS. *De Bello Gothico*. V. xii. 8. “λίμναι τε ἐνταῦθα πολλαί, οὗ δὴ Γερμανοὶ τὸ παλαιὸν ὤκητο, βάρβαρον ἔθνος, οὗ πολλοῦ λόγου τὸ κατ’ ἀρχὰς ἄξιον, οἱ νῦν Φράγγοι καλοῦνται.”

visando a formação de alianças para o combate a inimigos comuns. O argumento para a formação dessas alianças era pautado sempre em discursos que ressaltavam a importância de uma unidade romana na região e a liberdade das populações locais em relação ao domínio “bárbaro” inimigo.

Nessa perspectiva, a política de alianças deveria aproximar diferentes exércitos a partir de argumentos de caráter político, militar ou religioso, fortalecendo-os na luta contra adversários comuns. No caso dos francos, estes representavam uma possibilidade de fortalecimento dos exércitos imperiais na luta contra os godos na Península Itálica. E, neste caso, o fato destes serem reconhecidos como um povo convertido ao Cristianismo, fazia da religião cristã um fundamento ideológico para que tal acordo se consolidasse.

A forma como essa aliança fora articulada é descrita por Procópio na *Guerra Gótica*. Nesta passagem, o historiador reproduz uma carta do Imperador Justiniano destinada aos reis francos, apresentando a eles uma proposta para a formação desta aliança entre os dois exércitos, visando um fortalecimento militar no combate contra os godos na Itália. Os argumentos apresentados pelo Imperador para convencer os reis francos se baseavam no fato de, tanto estes quanto os romanos, comungarem de uma fé cristã comum, que não aceitava os preceitos religiosos do Arianismo praticado pelos godos. Diz o texto da carta:

Por essa razão nós temos sido obrigados a tomar o campo contra eles [godos] e é próprio que vós [francos] devessem juntar-se a nós nessa guerra, que é feita suas tanto quanto nossa, não apenas pela fé de justo louvor, que rejeita a opinião dos arianos, mas também pela inimizade que ambos sentimos pelos godos.²⁸¹

²⁸¹ PROCOPIUS. *De Bello Gothico*. V. v. 9. “διόπερ ἡμεῖς μὲν στρατεύειν ἐπ’ αὐτούς ἠναγκάσμεθα, ὑμᾶς δὲ εἶκος ξυνδιαφέρειν ἡμῖν πόλεμον τόνδε, ὃν ἡμῖν κοινον εἶναι ποιεῖ δόξα τε ὁρθή, ἀποσειομένη την ’Αρειανῶν γνώμην, καὶ το ἐς Γότθους ἀμφοτέρων ἔχθος.”

Este é mais uma passagem onde podemos perceber a importância que o Cristianismo possuía na *História das Guerras*, atuando como um elemento fundamental na apresentação de argumentos que legitimavam a tomada de decisões ao longo das campanhas. Na citação acima, é o culto cristão dito “justo” que serve de fundamento tanto para a formação de uma aliança militar do exército imperial com uma população bárbara cristianizada (no caso, os francos), como também é a partir de preceitos religiosos que os ataques a povos inimigos, considerados heréticos, eram ideologicamente justificados.

Apesar dessa possibilidade de unirem seus exércitos com o dos romanos, os francos também tinham seus interesses nas mesmas regiões pretendidas pelo Império, o que chocava seus interesses com os de Justiniano. No livro V da *Guerra Gótica*, Procópio descreve um discurso de Teodato, rei dos godos, propondo unirem-se a um inimigo na luta contra as tropas de Belisário, os francos. O objetivo de Teodato era tentar evitar uma aliança entre francos e romanos contra os godos, o que os levaria a duas derrotas. Por este auxílio militar dos francos, o rei godo prometia ceder a eles as províncias da Gália que lhes eram vizinhas e uma soma em dinheiro.²⁸²

Após deliberarem sobre essa proposta de aliança e considerando-a vantajosa, os godos enviaram mensageiros até os líderes francos. Procópio de Cesareia assim descreveu a resposta dos francos:

Naquele momento, os governantes francos eram Childeberto, Teodeberto e Clotário, e eles receberam a Gália e o dinheiro, e dividiram a terra entre eles de acordo com o território governado por cada um, e concordaram em estar absolutamente amigáveis aos godos, e secretamente enviar a eles tropas auxiliares, certamente não francas, mas soldados provenientes de nações submissas a eles. Pois eles não estavam aptos a fazer uma aliança abertamente contra os romanos, porque pouco antes, eles tinham feito um acordo para ajudar o Imperador nesta guerra.²⁸³

²⁸² Cf. PROCOPIUS. *De Bello Gothico*. V. xiii. 24.

²⁸³ PROCOPIUS. *De Bello Gothico*. V. xiii. 27-28. “Φράγγων δε τότε ἡγεμόνες ἦσαν Ἰλδιβερτός τε καὶ Θευδίβερτος καὶ Κλοαδάριος, οἱ Γαλλίας τε καὶ τὰ χρήματα

A crítica de Procópio aos francos, na sequência da narrativa, não incide somente no não cumprimento de seus acordos com o exército imperial na Itália. Além disto, o historiador relata, no livro VI, que mesmo o acordo com os godos não foi devidamente cumprido pelos francos. Neste ponto, aqueles que antes eram tratados como um possível aliado na defesa de uma fé comum, passam então a serem descritos como uma população que não era digna de confiança. Esta é uma passagem na qual Procópio discorre sobre uma oportunidade que os francos encontraram de conquistar parte da Itália, se aproveitando do desgaste provocado pela guerra entre os romanos e os godos na região:

Então, esquecendo no momento seus juramentos e tratados que tinham feito um pouco antes com os romanos e os godos (pois essa nação em matéria de confiança é a mais falsa do mundo), eles imediatamente reuniram um número de cem mil sob liderança de Teodeberto e marcharam para a Itália; eles tinham um pequeno corpo da cavalaria sob seu líder e entre estes apenas alguns estavam armados com lanças, enquanto todo o resto estava a pé não tendo nenhum arco nem lança, mas cada homem carregando uma espada, escudo e um machado.²⁸⁴

O fato de Procópio classificar os francos como a “nação mais falsa do mundo”, por não cumprirem seus juramentos, representa uma séria crítica do historiador no que diz respeito à possibilidade de aliança com uma população cuja lealdade, durante

παραλαβόντες διενείμαντο μεν κατα λόγον τῆς ἐκάστου ἀρχῆς, φίλοι δε ὡμολόγησαν Γότθοις ἐς τα μάλιστα ἔσεσθαι, και λάθρα αὐτοῖς ἐπικούρους πέμψειν, οὐ Φράγγους μέντοι, ἀλλ’ ἐκ τῶν σφίσι κατηκόων ἐθνῶν. ὁμαιχμίαν γαρ αὐτοῖς ἐκ τοῦ ἐμφανοῦς ἐπι τῷ ‘Ρωμαίων κακῷ ποιήσασθαι οὐκ οἰοί τε ἦσαν, ἐπει ὀλίγω πρότερον βασιλεῖ ἐς τόνδε τον πόλεμον ξυλλήψεσθαι ὡμολόγησαν.”

²⁸⁴ PROCOPIUS. *De Bello Gothico*. VI, xxv, 2-3. “ὄρκων τοίνυν ἐν τῷ παραυτίκα καί ξυνηκῶν ἐπιλελησμένοι, αἵπερ αὐτοῖς ὀλίγω πρότερον πρὸς τε ‘Ρωμαίους καί Γότθους ἐπεποίητό (ἔστι γάρ τό ἔθνος τοῦτο τά ἐς πίστιν σφαλερώτατον ἀνθρώπων ἀπάντων) ἐς μυριάδας δέκα εὐθύς ξυλλεγέντες, ἡγουμένου σφίσι Θεουδιβέρτου, ἐς ‘Ιταλίαν ἐστράτευσαν, ἱππέας μὲν ὀλίγους τινάς ἀμφι τόν ἡγούμενον ἔχοντες, οἱ δὴ καί μόνον δόρατα ἔφερον, οἱ λοιποὶ δὲ πεζοὶ ἅπαντες οὔτε τότε τόξα οὔτε δόρατα ἔχοντες, ἀλλὰ ξίφος τε καί ἀσπίδα φέρων ἕκαστος καί πέλεκυν ἕνα.

Para uma melhor compreensão sobre os tipos de armas utilizadas pelos romanos no século VI e os francos, ver BACHRACH, Bernard S. Procopius, Agathias and the Frankish Military. In: *Speculum*. vol. 45. no. 3. Cambridge: Medieval Academy of America, Julho de 1970. pp. 435-441.

uma batalha, era altamente questionável. Nesta mesma passagem, é possível ainda encontrarmos o historiador criticando a formação das tropas francas em combate, a sua cavalaria em pequeno número e a indicação de que as armas utilizadas não eram as mais adequadas. Aqui, Procópio aproxima as tropas francas às características descritas e contestadas dos godos, sobre às quais refletimos anteriormente.

Portanto, assim como o Imperador bizantino, também os francos lançavam mão de uma política de alianças militares para alcançar seus objetivos nas guerras do século VI. Quanto a esta política, os excertos acima reproduzidos nos apresentam uma modificação significativa no tratamento dispensado por Procópio aos francos em seus textos. Neste ponto das narrativas, quando a possibilidade de união com os francos se mostrou infrutífera ou, mais ainda, estes passaram a representar um obstáculo aos propósitos romanos na Península, Procópio alterou o tom de suas descrições, apresentando uma série de críticas que incidiam especificamente sobre a questão da lealdade desta população no que diz respeito aos acordos militares previamente firmados.

Na sequência das *Guerras*, percebendo que a possível aliança com os francos definitivamente não se concretizaria, Procópio passou a critica-los justamente no ponto que outrora serviria como pilar de uma aproximação entre os dois exércitos: o Cristianismo. No livro VI da *Guerra Gótica*, ainda discorrendo sobre a falta de lealdade dos francos, o historiador afirma que, apesar de convertidos ao Cristianismo, estes teriam mantido grande parte de suas antigas práticas religiosas, realizando inclusive sacrifícios humanos:

Esses bárbaros, embora tenham se tornado cristãos, preservaram grande parte de sua antiga religião: eles ainda fazem sacrifícios

humanos e outros sacrifícios de natureza profana e é em união com ela que eles fazem suas profecias.²⁸⁵

Num outro trecho do mesmo volume, Procópio descreve uma passagem na qual tanto os francos quanto os romanos negociavam uma possível aliança com os godos (o inimigo comum de outrora). Durante o processo de negociação com o rei godo Vitígio, o envidado de Belisário lança dúvidas sobre a possível lealdade dos francos no campo de batalha, a partir de um preceito religioso: “Nós, de nossa parte, teríamos prazer em perguntar aos francos por qual deus eles possivelmente podem jurar quando eles declaram que dariam a você a certeza de sua lealdade”.²⁸⁶

A partir dos excertos apresentados e discutidos neste tópico, uma questão deve ser colocada: qual seria a explicação para o fato de, na mesma narrativa, os francos serem representados, primeiramente como um potencial aliado ao exército dos romanos, cuja aliança seria fundamentada numa suposta identidade religiosa comum, e, num momento seguinte, o mesmo povo ser descrito pelo historiador sob acusações de manter em seu culto práticas estranhas ao Cristianismo? Ou ainda, por que os romanos empenharam-se em formar uma aliança com uma população que, apesar de convertida ao Cristianismo, foi também caracterizada por Procópio como uma “nação falsa”, cujos juramentos não eram confiáveis?

A resposta talvez não seja encontrada no caráter religioso ou militar dos francos em si mesmos, mas nas questões ligadas aos interesses da construção narrativa de Procópio de Cesareia, em diferentes momentos das guerras. Ao se apresentarem como uma possibilidade de fortalecimento do exército imperial na luta pelo domínio político sobre a Itália, os francos são descritos como uma população cristã, que

²⁸⁵ PROCOPIUS. *De Bello Gothico*. VI, xxv, 10. “οἱ γὰρ βάρβαροι οὗτοι, Χριστιανοὶ γεγονότες, τὰ πολλὰ τῆς παλαιᾶς δόξης φυλάσσουσι, θυσίαις τε χρώμενοι ἀνθρώπων καὶ ἄλλα οὐκ ὅσαι ἱερεῦντες, ταύτῃ τῇ τάς μαντείας ποιοῦμενοι.”

²⁸⁶ PROCOPIUS. *De Bello Gothico*. VI, xxviii, 18. “ὥς ἡμεῖς γε ἡδέως ἂν Φράγγους ἐροίμεθα τίνα τοπέ μέλλοντες ὁμείσθαι θεόν τό τῆς πίστεως ὑμῖν ἐχυρόν ἰσχυρίζονται δώσειν.”

comungava dos mesmos preceitos religiosos dos romanos. O Cristianismo, neste caso, se apresentava como uma característica comum de ambos os exércitos contra o culto herético, praticado pelos inimigos godos. Em outras palavras, os dois exércitos teriam, segundo as narrativas de Procópio, o interesse comum de defesa dos seus princípios religiosos frente a uma prática, por ambos, tida como herética. Somente num segundo momento da narrativa, quando tal aliança definitivamente não se concretiza e, mais do que isso, quando os francos se tornaram um obstáculo às pretensões imperiais na Península Itálica, é que estes são caracterizados como uma nação falsa e seus princípios cristãos são questionados pelo historiador.

Isso nos leva a crer que, assim como no caso dos godos, as descrições dos francos, também descritos como bárbaros em Procópio de Cesareia, estariam subordinadas, em primeiro lugar, aos objetivos políticos e militares de Justiniano. Dessa forma, é a possibilidade de se aliar militarmente a um povo não-romano ou a criação de uma base ideológica para o ataque a inimigos que guiariam as descrições do historiador em relação aos povos bárbaros, submetendo suas narrativas aos anseios imperiais de cada período dos combates. O cristianismo, utilizado por Procópio na *Guerra Gótica*, tanto para identificar um aliado em potencial, como para justificar ataques aos inimigos godos, não deve ser interpretado pelo pesquisador somente como um dos pilares do que se pretendia para uma identidade romana no século VI. Mais do que isto, a questão das práticas religiosas romanas e bárbaras representavam um importante argumento para fundamentar ideologicamente a tomada de decisões dos exércitos imperiais no campo de batalhas.

É por isso que consideramos o caso dos francos como emblemático, pois trata-se de uma população reconhecidamente cristianizada, mas que, nem por isso, deixa de ser descrita como bárbara por Procópio. Dessa forma, quando existia a possibilidade

de uma aliança militar entre romanos e francos, sempre tendo como objetivo principal o controle político de Constantinopla sobre a Itália, o caráter religioso é ressaltado para fundamentar ideologicamente um possível acordo. Por outro lado, quando os francos se mostram como um obstáculo aos objetivos imperiais na Península, os mesmos preceitos religiosos passam a ser questionados. A partir de então, o aspecto de “bárbarie” passa a ganhar maior relevância nos relatos e descrições sobre os francos. Disto resulta que as ações das tropas romanas contra essa mesma população, outrora descrita como potencial aliada, passam a ser descritas também como justificadas ideologicamente, tendo a defesa do Cristianismo como elemento central.

Pelos exemplos mostrados aqui, é possível perceber a importância que o culto cristão, de tradição conciliar seguido pelos romanos, assumia na construção de uma identidade romana no século VI e, mais ainda, servia como um dos principais fundamentos para a tomada de decisões dos exércitos imperiais durante as guerras. Não propomos aqui que o Cristianismo pudesse se confundir com uma ideia de “romano”, nem que o bárbaro fosse sempre caracterizado como um herege.

Por outro lado, acreditamos que a utilização do cristianismo como base para justificar as ações militares no Mediterrâneo não se prendia exclusivamente a preceitos religiosos. Mais do que isso, essa parece ter sido uma ferramenta argumentativa muito explorada por Procópio na *Guerra Gótica* para conceder um grau de legitimidade tanto aos ataques executados pelos exércitos de Belisário, quanto às alianças militares formadas no período. Em outras palavras, não é o Cristianismo que serviria como motor da tomada de decisões romanas no período. O objetivo central das preocupações imperiais sempre foi a recuperação do controle político sobre a Itália por parte de Constantinopla. A recorrência ao Cristianismo, assim como às características militares

dos inimigos, eram descritas por Procópio como um ponto que alicerçava os argumentos justificadores das ações dos exércitos romanos nas guerras.

Considerações finais

As três grandes obras de Procópio de Cesareia, a saber, a *História das Guerras*, *Das Construções* e a *História Secreta*, apresentam-se hoje ao pesquisador como os mais ricos documentos referentes ao período de governo de Justiniano no Império Romano do século VI, historiograficamente conhecido como Império Bizantino. Ao selecionarmos os três livros da *Guerra Gótica* como fontes principais deste trabalho, sabíamos que estávamos lidando com um dos mais destacados testemunhos do período. Para desenvolvermos uma pesquisa com essa documentação, orientamos nossos estudos a partir de uma problemática que se pautasse em revisitar uma já consolidada imagem historiográfica, concedendo aos textos procopianos, porém, uma perspectiva de análise diferenciada.

Nosso trabalho se organizou tendo como questão central a imagem historiográfica da “Queda de Roma”. Entretanto, não tomamos as narrativas de Procópio de Cesareia para acrescentar algo ao já extenso e prolongado debate sobre as possíveis causas e as inúmeras consequências da deposição de Rômulo Augusto do poder imperial em 476. O objetivo foi verificar o que Procópio, um historiador diretamente envolvido com as guerras de Justiniano na Itália, compreendia (ou, pelo menos, o que ele transmitia em seus textos) em relação aos acontecimentos envolvendo as disputas pelo poder na Península Itálica entre romanos e bárbaros, desde meados do século V até as guerras do VI.

O trabalho com a *Guerra Gótica*, mantendo o diálogo com os demais livros da *História das Guerras*, não se pautou por tentar reavaliar todas as discussões historiográficas sobre um problema há muito debatido, com uma fonte que também não era desconhecida dos pesquisadores sobre o tema. A proposta foi investigar as

possibilidades e os limites do trabalho com este documento para a um estudo sobre as disputas imperiais pelo poder na Itália, durante o período de Justiniano. Em outras palavras, tencionamos analisar aqui qual seria a apreensão que Procópio transmitiu aos seus leitores, a partir do posto de Conselheiro de Belisário, primeiro sobre a ascensão de Odoacro ao poder e, posteriormente, as implicações que este fato teria para que o Império se lançasse contra os godos numa guerra que durou cerca de vinte anos.

Como pudemos verificar ao longo da pesquisa, Procópio não tratou os acontecimentos em torno do ano 476 como representando o “Fim do Império no Ocidente” ou a “Queda de Roma”, como propuseram autores como Edward Gibbon²⁸⁷ e Montesquieu.²⁸⁸ Para o historiador de Cesareia, as ações das populações bárbaras frente aos governos romanos não teriam colocado um ponto final nas relações de poder entre o então centro do Império, Constantinopla, e a Itália. Por conseguinte, as guerras enviadas por Justiniano contra os godos no século VI não seriam interpretadas, na *Guerra Gótica*, como se tratando de batalhas pela “Reconquista” ou pela “Restauração” do Império no Ocidente, como encontramos nos trabalhos de Georg Ostrogorsky²⁸⁹, Peter Brown²⁹⁰ e James A. L. Evans.²⁹¹

Portanto, havíamos verificado um distanciamento entre o que encontrávamos nas narrativas de Procópio sobre os acontecimentos acima mencionados e o que a historiografia discutia sobre o tema (inclusive entre historiadores que se utilizaram da obra de Procópio como fonte). Por isso era necessário refletir sobre o que

²⁸⁷ GIBBON, Edward. **Declínio e queda do Império Romano**. Tradução: Maria Emília Ferros Moura. Lisboa: Difusão Cultural, 1995. (1ª edição: 1776-1788).

²⁸⁸ MONTESQUIEU. **Grandeza e decadência dos romanos**. Tradução: Gilson César de Souza. São Paulo, Gernape, 2002. (1ª edição: 1777).

²⁸⁹ OSTROGORSKY, Georg. **História del Estado Bizantino**. Tradução de Javier Facci. Madri: Akal, 1984 (1ª edição: 1964).

²⁹⁰ BROWN, Peter. **The World of Late Antiquity. AD 150-750**. New York & London: W. W. Norton & Company, 1971.

²⁹¹ EVANS, James Allan Stewart. **The Age of Justinian**. The circumstances of imperial power. New York: Routledge, 1996. Ver também, do mesmo autor: Justinian and the Historian Procopius. **Greece & Rome**. 2nd Ser., Vol. 17, No. 2 (Oct., 1970), pp. 218-223.

havia sido apreendido e registrado pelo historiador a respeito das crises e disputas pelo poder na Itália.

Para tanto, a primeira tarefa foi localizar o ponto a partir do qual historiador construiu suas narrativas, seus objetivos, sua experiência diante dos fatos narrados, seus pressupostos estilísticos. Na sequência analisamos o tipo de escrita histórica escolhido por Procópio para a composição da *História das Guerras*, além de uma reflexão sobre como estes manuscritos chegaram até o pesquisador no início do século XXI, através de um estudo da sua tradição manuscrita. O cuidado no trato com estas questões foi de fundamental importância em nossa pesquisa, pois nos possibilitou alicerçar nossos questionamentos em bases argumentativas mais sólidas. A partir desta análise, pudemos avaliar a viabilidade dos questionamentos propostos para o trabalho, tendo em consideração que o manuscrito conhecido mais antigo da obra seja do século XIII. Entre os pontos que mereceram nossa atenção, verificamos como Procópio ajustou sua escrita da História aos propósitos imperiais durante as guerras, além de buscar compreender como o historiador articulou suas descrições dos combates aos princípios estilísticos de uma historiografia em estilo clássico, que tinha como modelo as obras de Tucídides e Heródoto.

Somente após estes primeiros levantamentos é que impusemos à fonte principal os questionamentos centrais deste trabalho. O primeiro deles foi refletir sobre o que Procópio entendia, ou o que ele transmitia na *Guerra Gótica*, a respeito da sua percepção da deposição de Rômulo Augusto e a ascensão de Odoacro ao poder na Itália. Como pudemos demonstrar no capítulo 3 desta pesquisa, para o historiador de Cesareia esse acontecimento não teria representado o “Fim do Império no Ocidente”. O que verificamos pelas suas narrativas é que tanto as disputas pelo domínio político na Península Itálica em 476, quanto aquelas que envolviam a governante regente dos

ostrogodos, Amalasunta, no início do século VI, foram tratadas por Procópio como períodos de crise e instabilidade nas relações de poder entre o centro do poder imperial, Constantinopla, e uma importante instância de atuação de seu governo nas fronteiras ocidentais.

Em nossa pesquisa, tratamos esta apreensão que Procópio descreve das crises e tensões políticas do Império no século V como uma interpretação do historiador, fruto de suas experiências pessoais durante as guerras e da posição por ele ocupada junto ao exército romano, em especial junto ao general Belisário. No entanto, isto não invalida a possibilidade que se mostrava a Procópio, de pensar nesse cenário de lutas pelo controle político da Itália como representando a “Queda de Roma”. Prova disto são as descrições de Jordanes a respeito dos mesmos eventos, que foram analisadas também no capítulo 3 deste trabalho. Em sua obra intitulada *Getica*²⁹², Jordanes classifica claramente a deposição de Rômulo Augusto como representando o fim do Império Romano no Ocidente.²⁹³

Esta comparação entre os dois historiadores, que escreveram sobre uma mesma temática, numa mesma época (meados do século VI), tendo ambos publicados suas obras em Constantinopla, colocou em destaque as singularidades da escrita de Procópio e de sua apreensão dos acontecimentos narrados. A análise da *Getica* de Jordanes nos mostra que a visão da “Queda” do Império, desenvolvida e consolidada por estudos históricos ao longo dos últimos dois séculos, não era uma possibilidade de interpretação que estivesse fora do alcance do historiador de Cesareia. Por isso nos preocupamos em destacar as escolhas de Procópio para a elaboração de suas narrativas, escolhas estas advindas de suas experiências junto às tropas imperiais e do peso que o

²⁹² JORDANES. **Getica**. The Gothic History of Jordanes. In English version with a Introduction and a commentary. By Charles Christopher Mierow. Princeton: Princeton University Press; London: Humphrey Milford; Oxford University Press, 1915.

²⁹³ Cf. JORDANES, **Getica**. XLVI, 242. Os excertos nos quais Jordanes trata da deposição de Rômulo Augusto foram reproduzidos e comentados nas páginas 121 e 122 deste trabalho.

cargo de Conselheiro impunha aos registros de suas interpretações e apreensões dos fatos narrados.

Acreditamos que a visão de Procópio em termos de crises e disputas pelo controle político sobre a Itália estaria aliado aos propósitos de Justiniano, que não pretendia exatamente “Reconquistar” os antigos territórios romanos para as fronteiras imperiais, mas sim reorganizar as relações de poder que haviam sido temporariamente estremecidas.

Uma vez que não há, em Procópio, a ideia de um Império que teve seu fim no Ocidente em 476, seria óbvio também não encontrarmos na *Guerra Gótica* descrições sobre as populações bárbaras como sendo as responsáveis por uma “queda” que seu autor sequer mencionou ter acontecido. No entanto, o historiador creditou as tensões nas relações de poder entre Constantinopla e a Itália, não apenas em 476, mas também àquelas do início do século VI, às ações dos bárbaros.

Entre os bárbaros, dedicamos especial atenção aos godos, pois foi contra esta população que as tropas romanas lutaram durante maior parte do tempo e foram estas as batalhas que mereceram destaque na *Guerra Gótica*. Além disso, toda a narrativa destas campanhas é perpassada por descrições e caracterizações das populações godas, nas quais o historiador buscava justificar e tornar ideologicamente fundamentados os ataques das tropas romanas a estes bárbaros na Itália.

Se o argumento legitimador destes ataques não se pautava no fato de os godos terem sido responsáveis pelo fim do Império no Ocidente, então tornava-se indispensável refletirmos sobre que elementos argumentativos Procópio apresentava para que os ataques aos godos na Itália fossem entendidos como legítimos e ideologicamente fundamentados. Por isto dedicamos um capítulo deste trabalho para analisarmos as descrições e principais características das populações godas, destacadas

por Procópio na *Guerra Gótica*, e como tais descrições apresentavam esta população como dignas dos ataques que Justiniano enviou à Península ao longo de quase duas décadas.

Deste exercício interpretativo, pudemos extrair a visão que Procópio transmitia dos godos, como se tratando de uma comunidade que mantinha o culto ariano, considerado herético pelos romanos (o que ameaçava uma ideia de unidade cristã, pretendida pelos romanos), militarmente desorganizada, mal preparada para as batalhas e sem as armas adequadas para a defesa. Além disto, o historiador relata que os godos seriam os responsáveis pela morte de Amalasunta, regente que governava a Itália sob proteção e apoio de Justiniano em Constantinopla. Este assassinato representou, na narrativa de Procópio, o rompimento do equilíbrio de forças políticas, existentes entre o Império e a Península Itálica. Procópio descreveu este evento como sendo a motivação para o início da guerra contra os godos.²⁹⁴ São passagens como esta que nos conduziram a questionar alguns apontamentos historiográficos, como os de Georg Ostrogorsky, James A. S. Evans, ou mesmo Averil Cameron, quanto estes afirmam que as guerras de Justiniano visavam “Reconquistar” a Itália para os domínios imperiais.²⁹⁵

Portanto, para Procópio de Cesareia, os bárbaros, em especial os godos, não deveriam ser combatidos por questões ligadas a uma possível ruína e “Queda” do Império Romano no Ocidente. Sua justificativa se pautava no restabelecimento das relações de forças existentes Constantinopla e a Itália antes da morte de Amalasunta em 535. Neste contexto, os godos, enquanto uma população bárbara, eram caracterizados como responsáveis diretos por esse desequilíbrio nas relações de poder do Império.

²⁹⁴ Cf. PROCOPIUS. *De Bello Gothico*. V, v, 1.

²⁹⁵ Nos referimos aqui às obras destes autores trabalhadas no tópico 3.2, intitulado A “**Guerra de Reconquista**” em Procópio de Cesareia. As obras em questão são OSTROGORSKY, Georg. **História del Estado Bizantino**. Tradução de Javier Facci. Madri: Akal, 1984 (1ª edição: 1964); EVANS, James Allan Stewart. **The Age of Justinian**. The circumstances of imperial power. New York: Routledge, 1996; CAMERON, Averil. **Procopius and the Sixth Century**. Londres: Duckworth, 1996.

Além disto, Procópio ainda destacava nesta população algumas características que, militar e religiosamente, os colocavam em um nível de inferioridade quando comparados aos romanos, apresentados como cristãos e cujas tropas eram bem preparadas e bem armadas para as guerras.

Entretanto, destacamos em nossa pesquisa que tais descrições destas populações “bárbaras” na *Guerra Gótica* eram pautadas fundamentalmente pelos objetivos militares dos exércitos imperiais durante as batalhas. As descrições das comunidades godas apresentadas de maneira depreciativa fornecia ao leitor da obra uma justificativa que tornava politicamente legítimos e ideologicamente fundamentados os ataques das tropas romanas na Itália. Portanto, podemos afirmar que as descrições de Procópio sobre os bárbaros na *Guerra Gótica* estavam muito mais alinhados aos objetivos militares de Justiniano, haja vista o posto ocupado pelo historiador durante o período de construção de suas narrativas, do que a uma visão pessoal ou particular do autor em relação a uma população não romana.

O exemplo mais claro de que as descrições de Procópio sobre os bárbaros se pautavam pela lógica da guerra e seus objetivos, não está nas especificamente nas suas referências aos godos, mas naquelas feitas dos francos. Isto porque, entre todas as populações não romanas tratadas por Procópio na *Guerra Gótica*, os francos são os únicos convertidos ao Cristianismo e reconhecidos com tais pelos romanos. E foi exatamente sobre este ponto que o Imperador Justiniano buscou fundamentar uma proposta de aliança entre romanos e francos no combate aos godos na Itália, visto que ambos comungavam de uma mesma crença e mesmas práticas de culto.

Entretanto, num segundo momento das narrativas, quando esta aliança não se concretizou e, além disto, os francos se tornaram um obstáculo aos anseios imperiais na Península Itálica, Procópio muda o tom de suas referências. A partir de então, o

historiador passou a destacar nos francos aspectos também que os distanciavam dos romanos, reforçando seu caráter de uma população bárbara, cuja lealdade e mesmo as práticas cristãs não eram dignas de confiança.²⁹⁶

Por fim, podemos afirmar o estudo aqui proposto e desenvolvido sobre as narrativas da *Guerra Gótica* nos permitiram verificar algumas das possibilidades, e também dos limites, do trato com uma documentação largamente utilizada pela historiografia que lida com questões referentes à história bizantina do século VI e ao governo de Justiniano.

Os problemas que foram aqui propostos nos mostraram que Procópio de Cesareia, ao narrar a deposição de Rômulo Augusto, em 476, não toma o fato como representando o fim definitivo da ação do poder imperial na Itália ou, como consagrou a historiografia Contemporânea, a “Queda de Roma”. Entretanto, as relações de tensão, crises e disputas pelo controle político sobre a Península Itálica no período não estiveram ausentes destes registros. E, nestes conflitos, as descrições feitas por Procópio das populações bárbaras inimigas, em especial os godos, estavam condicionadas ao posto de Conselheiro ocupado pelo historiador durante as guerras e à suas experiências vivenciadas junto às tropas romanas e ao general Belisário.

Tendo sido produzida por um historiador que ocupava um cargo oficial junto às tropas romanas, seus registros das campanhas imperiais no século VI devem ser lidas como documentos que tinham por objetivo maior glorificar e exaltar os feitos do Imperador Justiniano e do general Belisário, e não como fruto de interpretações e entendimento pessoais e particulares do seu autor.

O questionamento aqui proposto sobre pressupostos historiograficamente consolidados desse conflituoso período da História bizantina, não tem por objetivo

²⁹⁶ Sobre os questionamentos sobre as práticas cristãs dos francos, ver PROCOPÍUS. *De Bello Gothico*. VI, xxv, 10. As dúvidas quanto à lealdade dos francos estão presentes em PROCOPÍUS. *De Bello Gothico*. VI, xxv, 2-3. Ambas as passagens foram transcritas e analisadas no capítulo 4.

determinar, de uma vez por todas, uma nova abordagem sobre o tema, o que seria aqui demasiado pretensioso para a natureza deste trabalho. Entretanto, acreditamos que o exercício de questionar o documento, relativizar o conhecimento, o ato de construir e “desconstruir”, são funções intrínsecas ao ofício do historiador, que fazem do passado um objeto de estudo dinâmico, em constante processo de elaboração.

Documentos e Bibliografia

Textos para a pesquisa

HEREDOTUS. **Historiai**. (HPOΔOTOY ΙΣΤΟΡΙΑΙ). Herodotus. English translate by A. D. Godley. London: Havard University Press. Cambridge, Massachusetts, London. 1966.

JORDANES. **Getica**. The Gothic History of Jordanes. In English version with a Introduction and a commentary. By Charles Christopher Mierow. Princeton: Princeton University Press; London: Humphrey Milford; Oxford University Press, 1915.

PROCOPIUS. **Anecdota** (ANEKΔΟΩΝ). English translate by H. B. Dewing. London: Havard University Press. Cambridge, Massachusetts, London. 2006.

PROCOPIUS. **De Bello Gothico** (ΥΠΕΡ ΤΩΝ ΠΟΛΕΜΟΝ). **History of The Wars. The Gothic War**. English translate by H. B. Dewing. London: Havard University Press. Cambridge, Massachusetts, London. 2006.

PROCOPIUS. **De Bello Persico** ΥΠΕΡ ΤΩΝ ΠΟΛΕΜΟΝ). **History of The Wars. The Persian War**. English translate by H. B. Dewing. London: Havard University Press. Cambridge, Massachusetts, London. 1996 (1ª edição: 1914).

PROCOPIUS. **De Bello Vandalico** (ΥΠΕΡ ΤΩΝ ΠΟΛΕΜΟΝ). **History of The Wars. The Vandalic War**. English translate by H. B. Dewing. London: Havard University Press. Cambridge, Massachusetts, London. 2006.

TUCIDIDES. ΘΟΥΚΥΔΙΔΟΥ ΙΣΤΟΡΙΩΝ. **History of the Poleponnesian War**. English translate by Charles Forster Smith. London: Havard University Press. Cambridge, Massachusetts, London. 1988.

Referências Bibliográficas

ADSHEAD, K. The Secret History of Procopius and its Genesis. In: **Byzantium**. Tome LXIII. Bruxelles: Boulevard de l'Empereus, 1993. pp. 5-28.

ANDERSON, Perry. **Passagens da Antiguidade ao Feudalismo**. São Paulo; Brasiliense, 1987.

BACHRACH, Bernard S. Procopius, Agathias and the Frankish Military. In: **Speculum**. vol. 45. no. 3. Cambridge: Medieval Academy of America, Julho de 1970. pp. 435-441.

BALARD, Michel. Bizâncio visto do Ocidente. In: LE GOFF, Jaques, SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário temático do Ocidente Medieval**. São Paulo: Edusc, 2002. pp. 129-137.

BALARD, Michel & DUCCELLIER, Alain. Bizâncio e o Ocidente. *In*: LE GOFF, Jaques, SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário temático do Ocidente Medieval**. São Paulo: Edusc, 2002. pp. 119-128.

BARNWELL, P. S. Emperors, Jurist and Dings: Law and Custom in the Late Roman and Early Medieval West. **Past and Present**. N. 168. New York: Oxford University Press, agosto de 2000. pp. 6-69.

BELLINGER, Alfred R. Procopius, The Gothic Wars, Books VII-VIII by H. B. Dewing. **The Classical Journal**. Vol 25, no. 5. (Fev. 1930). pp. 401-402.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BOBBIO, Norberto. Política. *In*: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. Brasília : Editora Universidade de Brasília, 1998.

BOWERSOCK, Glen W. The Vanishing Paradigm of the Fall of Rome. *Bulletin of American Academy of Arts and Sciences*. Vol. 49. n. 8. maio de 1996. pp. 29-43.

BRÉHIER, Louis. **La civilization byzantine**. Paris: Édition Albin Michel, 1970.

BROWN, Peter. **O fim do Mundo Clássico**. De Marco Aurélio a Maomé. Lisboa: Editorial Verbo, 1972.

_____. The Later Roman Empire. **The Economic History Review**. Vol. 20. n. 2. Agosto de 1967. pp. 327-343.

_____. **The World of Late Antiquity. AD 150-750**. New York & London: W. W. Norton & Company, 1971.

BROWNING, Robert. **The Byzantine Empire**. Washington D.C.: The Catholic University of America Press, 1992.

BRYCE, James & JIREEK, Constantin. Life of Justinian by Theophilus. **The English Historical Review**. Vol. 2. no. 8. (Oct. 1887). pp. 657-686.

CAMERON, Averil. Procopius and the Church of St. Sophia **The Harvard Theological Review**. Vol. 58, No. 1. (Jan., 1965), pp. 161-163.

_____. Justin I and Justinian. *In*: **The Cambridge Ancient History**. XVI. Late Antiquity Empire and Successors. A.D. 425-600. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. (1ª edição 2000). pp. 63-85.

_____. **Procopius and the Sixth Century**. Londres: Duckworth, 1996.

_____. Remaking the Past. *In*: BROWN, Peter, BOWERSOCK, G, Grabar, O. (Orgs) **Late Antiquity. A Guide to the Postclassical World**, Harvard: Harvard University Press, 1999. pp. 1-20.

_____. The “Scepticism” of Procopius. **Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte**. Vol 15. n. 4. Alemanha: Novembro de 1966. pp. 466-482.

_____. **The Mediterranean World in Late Antiquity**. AD. Londres e Nova York: Routledge, 1996.

CÂNDIDO DA SILVA, Marcelo. **A queda de Roma (04/09/476)**. São Paulo: Editora Lazuli, 2005.

_____. **A realeza cristã na Alta Idade Média**. Os fundamentos da autoridade pública no período merovíngio (séculos V-VIII). São Paulo: Alameda, 2008.

CHRYsos, Evangelos K. The Title Βασιλεὺς in Early Byzantine International Relations. **Dumbarton Oaks Papers**. Vol. 32. Washington: Dumbarton Oaks. 1978, pp. 29-75.

COSTER, Charles Henry. Procopius and Boethius, I. **Speculum**. Vol. 23, No. 2 (Apr., 1948), pp. 284-287.

COULANGES, Fustel de. **Histoire des Institutions Politiques de l’Ancienne France**. L’Invasion germanique et la fin de l’Empire. 6a Ed. Paris: Librairie Hachette, 1930. (1ª edição: 1864).

CROKE, Brian and CROW, James. Procopius and Dara. *Journal of Roman Studies*. LXXIII. London, 1983. pp. 143-159. In CROKE, Brian. **Christian and Byzantine History, 5th and 6th Centuries**. Great Britain: Variorum, 1992.

_____, EMMET, A. (Orgs). **History and Historians in Late Antiquity**. Sidney: Pergamon Press, 1983.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru: Edusc, 1999.

DAGRON, Gilbert. **Empereur et prêtre; étude sur le “cesaropapisme” byzantin**. Paris: Éditions Gallimard, 1996.

_____. Lawful Society and Legitimate Power: *Εννομος πολιτεια, εννομος αρχη*. In: LAIOU, Angeliki E., SIMON, Dieter. **Law and Society in Byzantium: Ninth-Twelfth Centuries**. Washington D.C.: Dumbarton Oaks, 1992.

DELIYANNIS, Deborah Mauskopf (Org). **Historiography in the Middle Ages**. Leiden-Boston: Brill, 2003.

DOWNEY, Glanville. Julian and Justinian and the Unity of Faith and Culture. **Church History**. Vol. 28. no. 4. Washington: Dumbarton Oaks, dezembro de 1959. pp. 339-349.

_____. Justinian as Achilles. **Transactions and Proceedings of the American Philological Association**. Vol. 71. Yale University, 1940. pp. 68-77.

_____. Paganism and Christianity in Procopius. **Church History**. Vol. 18, No. 2. Washington: Dumbarton Oaks. Junho de 1949. pp. 89-102.

_____. The Tombs of the Byzantine Emperors at the Church of the Holy Apostles in Constantinople. **The Journal of Hellenic Studies**. Vol. 79. 1959. pp. 27-51.
DUBY, Georges. **A História continua**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

DUCELLIER, Alain; KAPLAN, Michel; MARTÍN, Bernadette. **A Idade Média no Oriente; Bizâncio e o Islão, dos Bárbaros aos Otomanos**. Tradução de Luís de Barros. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1994.

DUCELLIER, Alain. **Les Byzantins**. Histoire et culture. Paris: Editions du Seuil, 1988.

DVORNIK, Francis. **Les Slavs. Histoire et Civilisation**. De l'Antiquité aux débuts de l'époque contemporaine. Traduit par Danielle Pavlevski avec la collaboration de Maroussia Chpolyansky. Paris: Éditions du Seuil, 1970.

EVANS, James Allan Stewart. Justinian and the Historian Procopius. **Greece & Rome**. 2nd Ser., Vol. 17, No. 2 (Oct., 1970), pp. 218-223.

_____. **The Age of Justinian**. The circumstances of imperial power. New York: Routledge, 1996.

_____. The Dates of the Anecdota and the de Aedificiis of Procopius **Classical Philology**, Vol. 64, No. 1. Chicago: University of Chicago Press. Janeiro de 1969. pp. 29-30.

GEARY, Patrick. **O mito das nações**. A invenção do nacionalismo. Tradução: Fábio Pinto. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2005 (1ª edição: 2002).

GIBBON, Edward. **Declínio e queda do Império Romano**. Tradução: Maria Emília Ferros Moura. Lisboa: Difusão Cultural, 1995. (1ª edição: 1776-1788).

GOFFART, Walter. **Barbarians and Romans**. A.D. 418-584. The techniques of accommodation. New Jersey: Princeton University Press. 1980.

_____. Los Bárbaros en la Antigüedad Tardía y su Instalación en Occidente. In: In: LITTLE, Lester K., e ROSENWEIN, H. **La Edad Media a debate**. Trad. Carolina del Olmo e César Rendueles. Madri: Ediciones Akal, 2003. pp. 50-79.

_____. **Rome's Fall and After**. Londres: The Hamblendon Press, 1989.

GORDON, C. D. Procopius and Justinian's Financial Policies. **Phoenix**. Vol. 13, No. 1 (Spring, 1959), pp. 23-30.

GOUBERT, Paul. **Byzance avant l'islam**. Tome second: Byzance et l'Occident. Sous les succesours de Justinien. Paris: Éditions A. et J. Picard et Cie. 1955.

GROOT, A. W. Notes on Procopius of Caesarea. **The Classical Quarterly**. Vol. 9. n. 2. abril de 1915. pp. 97-98.

HALDON, John F. **Byzantium in the seventy Century**. The Transformation of a Culture. Cambrigde University Press, 1997.

_____. **Byzantium; a History**. Londres: Tempus Publishing, 2000.

HARTOG, François. **O espelho de Heródoto**. Ensaio sobre a representação do outro. Tradução Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.

HECTOR HERRERA, C.; MARÍN RIVEROS, José. **El Imperio Bizantino**. Introducción Histórica y Selección de Documentos. Santiago: Cuadernos Bizantinos Nea Ellas, Serie Byzantiní Historia I, 1998.

HUTCHINSON, John; and SMITH, Anthony D. (orgs). **Ethnicity**. New York: Oxford University Press, 1996.

JENKINS, Claude. Procopiana. **The Journal of Roman Studies**. Vol. 37. 1947. pp. 74-81.

KAEGI JR., Walter Emil. **Byzantium and the decline of Rome**. New Jersey: Princeton University Press, 1968.

KALDELLIS, Anthony. **Procopius of Caesarea: Tyranny, History, and Philosophy at the End of Antiquity**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2004.

_____. **Hellenism in Byzantium. The Transformation of Greek Identity and the Reception of the Classical Tradition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

KALLI, Maria K. **The Manuscript Tradition of Procopius' Gothic Wars; A reconstruction of family y in the light of a hitherto unknown manuscript (Athos, Lavra H-73)**. München, Leipzig: K. G. Saur, 2004.

LADNER, Gerhart B. Justinian's theory of law and the renewal ideology of the *Leges Barbarorum*. **Proceeding of the American Philosophical Society**. Vol. 119, n. 3. (jun, 1975). Pp. 191-200.

LEE, A. D. **Procopius, Justinian and the Kataskopoi**. *The Classical Quarterly*. New Series, Vol. 39, No. 2. Cambridge: Trinity College, 1989. pp. 569-572.

LEMERLE, PAUL. **História de Bizâncio**. Tradução de Marilene Pinto Machado. São Paulo: Martins Fontes, 1991. (Universidade Hoje).

LOT, Ferdinand. **O fim do mundo antigo e o princípio da Idade Média**. Lisboa: Edições 70, 1991. (1ª edição: 1927).

LOT, Ferdinand, PFISTER, Christian, GANSHOF, François L. **Histoire du Moyen Age**. Tome Premier. Les destines de l'empire em Occident de 395 a 888. Paris: Boulevard Saint-Michel, 1928.

LOUTH, Andrew. The Eastern Empire in the sixth century. In: FOURACE, Paul. (org). **The New Cambridge Medieval History**. Vol. I. c. 500 - c.700. Cambridge University Press, 2005. pp. 93-119.

MAAS, Michael. **Age of Justinian**. Cambridge, 2005.

_____. Roman History and Christian Ideology in Justinianic Reform Legislation. **Dumbarton Oaks Papers**. Vol. 40. Washington: Dumbarton Oaks, 1986.

MACBAIN, Bruce. Odovacer the Hun? **Classical Philology**. Vol. 78. n. 4. University of Chicago Press. Outubro de 1983. pp. 323-327.

MAIER, Franz Georg. **Bizâncio**. Vol. 13. México: Siglo Veinteuno, 1986. (História Universal Siglo Veinteuno).

_____. **Las transformaciones del mundo mediterráneo, siglos III-VIII**. México: Siglo Veinteuno, 1986.

MARASCO, Gabriele. (Org.). **Greek and Roman Historiography in Late Antiquity. Fourth to Sixth Century A.D.** Leiden: Brill, 2003.

MARINCOLA, J. (Org.). **A Companion to Greek and Roman Historiography**. 2 vols., Oxford: Blackwell, 2007.

MARÍN CONESA, Rita. **Determinismo y contingencia en la obra historiográfica de Procópio Cesariense: la significación de *tyche* y *zeos*. *Lengua e historia***. Murcia, v. 9/10, p. 143-162, 1995.

MASS, Michael. **Age of Justinian**. Cambridge, 2005.

MCCAIL. Ronald. Review: Procopius of Caesarea: an Interpretation. **The Classical Review**. 1986.

MEYENDORFF, John. Justinian, the Empire and the Church. **Dumbarton Oaks Papers**. Vol. 22. Washington: Dumbarton Oaks. 1968. pp. 43-60.

MOMIGLIANO, Arnaldo. **As raízes clássicas da historiografia moderna**. Trad. Maria Beatriz Borba Florenzano. Bauro, SP: EDUSC, 2004 (1ª edição: 1962).

MONTESQUIEU. **Grandeza e decadência dos romanos**. Tradução: Gilson César de Souza. São Paulo, Germape, 2002. (1ª edição: 1777).

MOORHEAD, John. The Byzantines in the west in the six century. In: FOURACE, Paul. (org). **The New Cambridge Medieval History**. Vol. I. c. 500 - c.700. Cambridge University Press, 2005. pp. 118-139.

_____. Ostrogothic Italy and the Lombard invasions. In: FOURACE, Paul. (org). **The New Cambridge Medieval History**. Vol. I. c. 500 - c.700. Cambridge University Press, 2005. pp. 140-161.

MORRISSON, Cécile (dir). Le monde byzantin. Vol. I. L'Empire d'Orient (330-641). Paris: Press Universitaires de France, 2004.

NORWICH, John Julius. **Byzantium, the Early Centuries**. New York: Alfred A. Knopf, 2001.

OSTROGORSKY, Georg. **História del Estado Bizantino**. Tradução de Javier Facci. Madri: Akal, 1984 (1ª edição: 1964).

PAZDERNIK, Charles F. Procopius and Thucydides on the Labor of War: Belisarius and Brasidas in the Field. **Transactions of the American Philological Association**. Vol. 130. Emory University, 2000. pp. 149-187.

PIGANIOL, Andre. **L'Empire Chrétien (325-395)**. Paris: P.U.F., 1947.

PIZARRO, Joaquín Martinez. Ethnic and National History C.A. 500-1000. In: DELIYANNIS, Deborah Mauskopf. **Historiography in the Middle Ages**. Leiden/Boston: Brill, 2003. pp.43-87.

POHL, Walter. El concepto de etnia en los studios de la Alta Idad Media. In: LITTLE, Lester K., e ROSENWEIN, H. **La Edad Media a debate**. Trad. Carolina del Olmo e César Rendueles. Madri: Ediciones Akal, 2003. pp. 35-49.

_____. Frontier and Ethnic Identities: Some Final Consideration. In: CURTA, Florin (ed.). **Borders, Barriers, and Ethnogenesis: Frontier in Late Antiquity and the Middle Ages** (Studies in the Early Middle Ages). New York: Brepols Pub., 2006. pp. 255-265.

POHL, W.; REIMITZ, H. (ed.). **Strategies of Distinction. The Construction of Ethnic Communities, 300-800**, Leiden/Boston/Colônia: Brill, 1998 (**The Transformation of the Roman World**, vol. 2).

RICHÉ, Pierre. **Les invasions barbares**. 4 ed. Paris: Press Universitaires de France, 1968.

ROHRBACHER, David. **The Historians of Late Antiquity**. London and New York: Routledge, 2002.

RUNCIMAN, Steven. **A civilização bizantina**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar. 1977.

_____. **A teocracia bizantina**. Tradução de Heloísa Toller Gomes. Cambridge: Cambridge University Press, 1977 (primeira edição: 1977).

SCOTT, Roger. D. Malalas, The Secret History, and Justinian's Propaganda. **Dumbarton Oaks Paper**. Vol. 39. Washington: Dumbarton Oaks, 1985. pp. 99-109.

_____. **Byzantine Chronicles and the Sixth Century**. Londres: Variorum/Asghate, 2012.

SODINI, Jean-Pierre. La contribution de l'archéologie à la connaissance du monde byzantin (IVe-VIIe siècles). **Dumbarton Oaks Papers**. Vol. 47. Washington: Dumbarton Oaks. 1993. pp. 139-18.

TAVEIRA, Celso. **O modelo político da autocracia bizantina; fundamentos ideológicos e significado histórico**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2002. Tese de doutorado.

TEALL, John L. **The Barbarians in Justinian's Armies.** *Speculum*. Vol. 40, No. 2 (Apr., 1965), pp. 294-322.

THOMPSON, E. A. **Romans and Barbarians.** The Decline of the Western Empire. Londres: University of Wisconsin Press, 1982.

TREADGOLD, Warren. **A history of the Byzantine State and Society.** California: Stanford University Press, 1997.

_____. **The Early Byzantine Historians.** Londres: Palgrave Macmillan, 2010.

VICKERS, Michal. Where Was Procopius Therme? **The Classical Review.** New Ser., Vol. 24, No. 1. (Mar., 1974), pp. 10-11.

VRYONIS, Speros. **Bizâncio e Europa.** Lisboa: Editorial Verbo, 1969.

WHITBY, Michael. Justinian's Bridge over the Sangarius and the Date of Procopius's de Aedificiis. **The Journal of Hellenic Studies.** Vol. 105. (1985). pp. 129-148.

WOOD, Ian. Defining the Franks: Frankish Origins in Early Medieval Historiography. In: FORDE, S., JOHNSON, L., MURRAY, A. **Concepts of National Identity in the Middle Ages.** Leeds: Leeds Studies in English, 1995. Pp. 47-57.